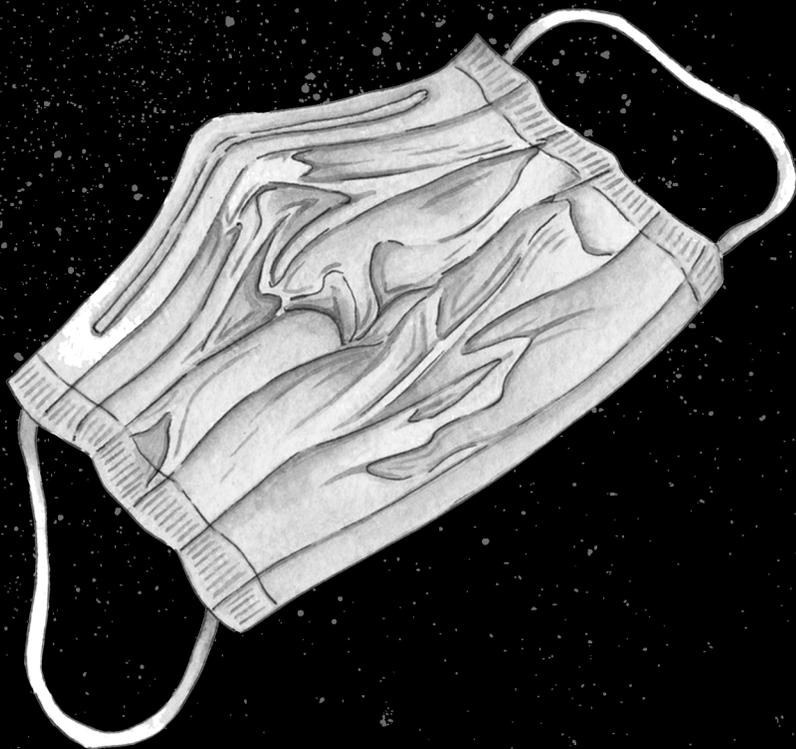


Anderson Dantas da Silva Brito
Deijanete Pereira da Silveira Santos
Rayane Catiuce Vilastro Alves
Rosimaria Barbosa de Oliveira Moura
(Orgs.)

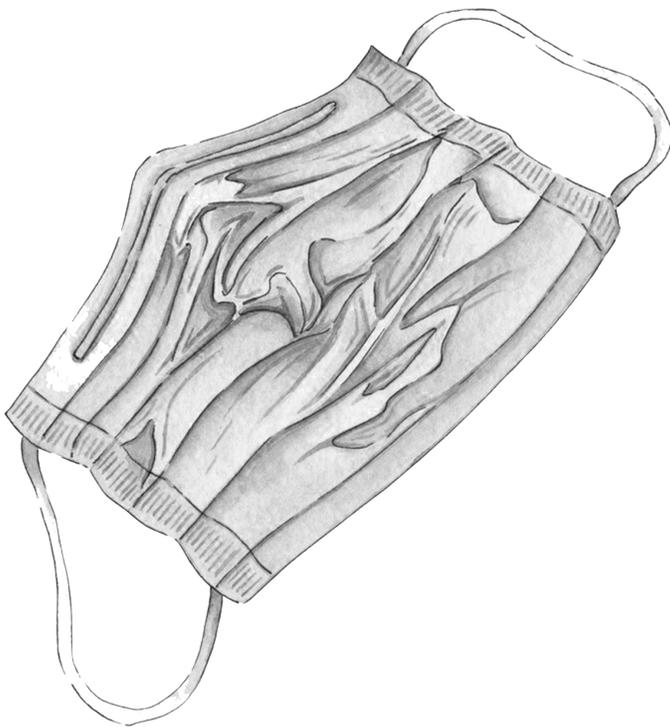
Memórias de Ensino:

Vivências educacionais
em tempo de pandemia



Memórias de Ensino:

Vivências educacionais
em tempo de pandemia



Anderson Dantas da Silva Brito
Deijanete Pereira da Silveira Santos
Rayane Catiuce Vilastro Alves
Rosimaria Barbosa de Oliveira Moura
(Orgs.)

Memórias de Ensino:

Vivências educacionais
em tempo de pandemia



Copyright © by Os organizadores
Copyright © 2025 Editora Cabana
Copyright do texto © 2025 Os autores

Todos os direitos desta edição reservados © Direitos autorais, 2025, organizadores e autores.

O conteúdo desta obra é de exclusiva responsabilidade dos autores.

Diagramação, capa e projeto gráfico: Eder Ferreira Monteiro

Edição e coordenação editorial: Ernesto Padovani Netto

Revisão ortográfica: os autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Memórias de ensino: vivências educacionais em tempo de pandemia / Organização de Anderson Dantas da Silva Brito, Deijanete Pereira da Silveira Santos, Rayane Catiuce Vilastro Alves. – Ananindeua-PA: Cabana, 2025.

Outra organizadora: Rosimaria Barbosa de Oliveira Moura.

Autores: Alessandra Oliveira Mendes de Souza, Aluiza do Nascimento Freire, Ananda Lima Silva Arruda, Anderson Dantas da Silva Brito, Anderson Pereira dos Santos, Angela Paiva de Jesus, Bety Jakeliny Mendes Álvares, Bruno Henrique Nunes da Silva, Carla Tartari Leão, Cleberson Fonseca Silva, Cristiane Alves Ferreira, Danielle Lima Almeida, Deijanete Pereira da Silveira Santos, Diego Marinho de Gois, Dilza Santos Torres, Edna Araújo Lira Lopes, Ezequiel Jairo Dos Santos Lima Pinto, Francisca Rodrigues Fernandes Neta, Gabriel Oliveira de Sousa, Gabriel Filgueiras Cintra, Givaédina Moreira de Souza, Glauber Rocha Santos, Ivy Christinni de Oliveira Moura, Jaciel Carvalho dos Santos, Jaiane Kécia Vilastro Alves, Jair Sardeiro Grinaldo, Jenilza Rodrigues dos Santos, Josiane Alves Ferreira, Jucilea Lopes da Silva Aguiar, Keila Neres Cunha, Letícia Pereira dos Santos, Lígia dos Santos Souza, Luana Oliveira de Carvalho, Lucileide Barbosa Dantas Moreira, Mailde Viana Pereira, Márcia Rasia Figueirêdo, Maria Augusta da Silva Serpa, Maria de Fátima Oliveira, Maria Eduarda Pereira dos Santos, Marilene Xavier Cerqueira, Milena Lima de Souza, Odilon Leston Júnior, Raquel de Souza Silva, Rayane Catiuce Vilastro Alves, Renata Silva Sousa, Rosenilta Barbosa de Oliveira, Rosimaria Barbosa de Oliveira Moura, Simone Nunes da Rocha Santos, Sonia Maria Escobar de Matos Ferreira, Suzana Serpa da Silva, Tatimara da Guia Medeiros.

274 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-85733-52-6

1. Ensino de história. 2. Memória. 3. Pandemia. I. Brito, Anderson Dantas da Silva (Organizador). II. Santos, Deijanete Pereira da Silveira (Organizadora). III. Alves, Rayane Catiuce Vilastro (Organizadora). IV. Moura, Rosimaria Barbosa de Oliveira. V. Título.

CDD 907

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Índice para catálogo sistemático

I. Ensino de história



[2025]
EDITORA CABANA
Trav. WE 11, N° 41 (Conj. Cidade Nova I)
67130-130 — Ananindeua — PA
Telefone: (91) 99998-2193
contato@editoracabana.com
www.editoracabana.com

CONSELHO EDITORIAL CABANA

Dr. Anderson Dantas da Silva Brito (UFOB)

Dra. Adriana Angelita da Conceição (UFSC)

Dra. Ana Zavala (Facultad de la Cultura, Instituto Universitario –
Centro Latinoamericano de Economía Humana. Montevideo, Uruguay)

Dra. Camila Mossi de Quadros (IFPR)

Dra. Carmem Zeli de Vargas Gil (UFRGS)

Dra Cláudia Mortari (UDESC)

Dra. Edilza Joana Oliveira Fontes (UFPA)

Dr. Francivaldo Alves Nunes (UFPA)

Dra. Juliana Teixeira Souza (UFRN)

Dra. Luciana Rossato (UDESC)

Dra. Luciana Oliveira Correia (UNEB)

Dr. Marcelo Luiz Bezerra da Silva (UEPA)

Dr. Márcio Couto Henrique (UFPA)

Dr. Sandor Fernando Bringmann (UFSC)

COMITÊ CIENTÍFICO CABANA

Dr. Adilson Junior Ishihara Brito (UFPA)

Dr. Elison Antonio Paim (UFSC)

Dr. Marcelo de Souza Magalhães (UNIRIO)

Dra. Mônica Martins Silva (UFSC)

Dr. Wilian Junior Bonete (UFPel)

Dra. Pirjo Kristiina Virtanen (University of Helsinki, Finland)

SUMÁRIO

Apresentação.....	12
<i>Anderson Dantas da Silva Brito, Deijanete Pereira da Silveira Santos, Rayane Catiuce Vilastro Alves, Rosimaria Barbosa de Oliveira Moura</i>	
Prefácio.....	14
<i>Diego Marinho de Gois</i>	
Covid-19: memórias sobre impactos na sala de aula.....	18
<i>Alessandra Oliveira Mendes de Souza</i>	
Memórias das consequências pandêmicas para o ensino público no período do isolamento social.....	22
<i>Aluizia do Nascimento Freire</i>	
O ensino se reinventando e professores vencendo a si mesmos.....	29
<i>Ananda Lima Silva Arruda</i>	
Memórias de ensino, inclusão digital e reconhecimento do trabalho docente: vivências educacionais em tempos de pandemia.....	34
<i>Anderson Dantas da Silva Brito</i>	
Os desafios e apreensões em meio a pandemia nas universidades e ensino EaD.....	40
<i>Anderson Pereira dos Santos</i>	
O ensino remoto e os desafios encontrados durante a pandemia do Covid-19.....	42
<i>Angela Maria Alves Paiva de Jesus</i>	
É nos momentos de crise que se deve aproveitar para crescer: memórias de um retorno à academia num período pandêmico.....	46
<i>Bety Jakeliny Mendes Álvares</i>	

Universidade e adversidade: experiências discentes na pandemia de Covid-19.....	53
<i>Bruno Henrique Nunes da Silva</i>	
Memórias docentes e o impacto da pandemia na saúde mental.....	60
<i>Carla Tartari Leão</i>	
Um olhar sobre o caso de um jovem secundarista sobre os desafios e perspectivas no contexto educacional do cenário pandêmico no município de Óbidos-PA.....	65
<i>Cléberson Fonseca Silva</i>	
A travessia do período pandêmico: Covid-19.....	71
<i>Cristiane Alves Ferreira</i>	
A experiência com Estágios Supervisionados III e IV durante a pandemia: o saber e o conhecimento em análise.....	76
<i>Danielle Lima Almeida</i>	
Memórias de uma professora e coordenadora pedagógica em tempos de pandemia do Covid-19.....	85
<i>Deijanete Pereira da Silveira Santos</i>	
Memórias de um novo normal e a vivência do hoje.....	91
<i>Dilza Santos Torres</i>	
Memórias de ensino sobre as desigualdades sociais durante a pandemia do Covid-19.....	95
<i>Edna Araujo Lira Lopes</i>	
Vivências em tempos de pandemia.....	100
<i>Ezequiel Jairo dos Santos Lima Pinto</i>	
Educação em tempos de crise: vivências universitárias durante a pandemia.....	103
<i>Francisca Rodrigues Fernandes Neta</i>	

Memórias do tempo em que a terra mudou (de novo).....	106
<i>Gabriel Oliveira de Sousa</i>	
Entre o isolamento e a memória: a pandemia e os desafios do ensino remoto.....	110
<i>Gabriel Filgueiras Cintra</i>	
Memória da formação continuada territorial: experiências de uma professora formadora.....	114
<i>Givaédina Moreira de Souza</i>	
Memórias de ingresso e permanência na universidade durante o período pandêmico.....	123
<i>Glauber Rocha Santos</i>	
Memórias sobre desafios enfrentados como estudante no IFBA Campus Barreiras-BA.....	127
<i>Ivy Christinni de Oliveira Moura</i>	
Superando fronteiras: memórias de minha jornada transformadora no ensino à distância em tempos pandêmicos (2022).....	131
<i>Jaciel Carvalho dos Santos</i>	
Resiliência em tempos de pandemia: memórias de desafios, adaptações e superações no Ensino Médio.....	136
<i>Jaiane Kécia Vilastro Alves</i>	
Vivências pedagógicas em rede: uma trajetória do pífio ao salutar... 	140
<i>Jair Sardeiro Grinaldo</i>	
Memórias da pandemia Covid-19: incertezas, desafios e esperanças.....	146
<i>Jenilza Rodrigues dos Santos</i>	
Educação em tempos de crise: vivências artísticas durante a pandemia.....	150
<i>Josiane Alves Ferreira</i>	

“Viver o mestrado”: entre pesquisas, textos e aulas em tempo de pandemia.....	154
	<i>Jucilea Lopes da Silva Aguiar</i>
Experiências educacionais durante a pandemia.....	158
	<i>Keila Neres Cunha</i>
Alfabetização em tempos de pandemia.....	162
	<i>Letícia Pereira dos Santos</i>
Memórias na pandemia: familiar, educacional e social.....	169
	<i>Lígia dos Santos Souza</i>
Reinventando a educação: desafios e aprendizados no ensino remoto em tempos de pandemia.....	172
	<i>Luana Oliveira de Carvalho</i>
Compartilhamento de memórias em tempo de isolamento pandêmico.....	180
	<i>Lucileide Barbosa Dantas Moreira</i>
Memórias de desafios no acompanhamento escolar durante a quarentena.....	183
	<i>Mailde Viana Pereira</i>
Várias lições: vários dedos de prosa.....	186
	<i>Márcia Rasia Figueiredo</i>
“Um jeito novo de aprender em tempo de Covid-19”: uma experiência vivenciada na rede municipal de Formosa do Rio Preto-BA.....	190
	<i>Maria Augusta da Silva Serpa</i>
Memórias de uma gestora escolar sobre desafios impostos pela pandemia.....	194
	<i>Maria de Fátima Oliveira</i>

Memórias de uma estudante de Direito em tempos de pandemia do Covid-19.....	198
	<i>Maria Eduarda Pereira dos Santos</i>
Uma ponte em tempos de adversidade.....	201
	<i>Marilene Xavier Cerqueira</i>
A iniciação à docência, perspectivas e indagações sobre o isolamento profundo.....	204
	<i>Milena Lima de Souza</i>
A pandemia do Covid-19, as mudanças na vida acadêmica e as perspectivas futuras.....	208
	<i>Odilon Leston Júnior</i>
O valor de uma memória.....	214
	<i>Raquel de Souza Silva</i>
Vivências de uma licencianda em História durante a pandemia: desafios e descobertas.....	219
	<i>Rayane Catiuce Vilastro Alves</i>
Minhas memórias no período da pandemia.....	224
	<i>Renata Silva Sousa</i>
Minhas memórias da pandemia Covid-19.....	229
	<i>Rosenilta Barbosa de Oliveira</i>
Minhas memórias de ensino em tempo de pandemia: o ensino remoto marcado pelo medo e incertezas.....	233
	<i>Rosimaria Barbosa de Oliveira Moura</i>
Tradução e interpretação da Língua de Sinais – LIBRAS, no período da pandemia: um tempo de limitação do campo visual e grande prejuízo para o estudante surdo.....	241
	<i>Simone Nunes da Rocha Santos</i>

Caminhos trilhados por uma gestora escolar em tempos de pandemia.....246
Sônia Maria Escobar de Matos Ferreira

Resiliência em tempos de pandemia: memórias de uma jornada de superação e aprendizado.....251
Suzana Serpa da Silva

Memórias de ensino na gestão escolar de uma escola pública do RN no período da pandemia.....256
Tatimara da Guia Medeiros

Sobre os autores.....262

APRESENTAÇÃO

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum (Halbwachs, 1990, p. 34).

Nesta obra denominada “Memórias de Ensino: Vivências educacionais em tempo de pandemia”, nos “encontramos” a partir de um ponto em comum. Nela, apresentamos 50 (cinquenta) memórias educacionais que foram compartilhadas no decorrer da segunda edição do Projeto de Extensão “Memórias de Ensino”. A atual versão que tem como subtema “Vivências educacionais em tempo de pandemia”, foi desenvolvida no ano de 2024 enquanto Estágio e Docência Universitária das mestrandas Deijanete Pereira da Silveira Santos e Rosimaria Barbosa de Oliveira Moura, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE) da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), sob a orientação do professor-pesquisador e orientador Dr. Anderson Dantas da Silva Brito.

Este Projeto de Extensão que foi desenvolvido na Linha de Pesquisa II – Ensino, Memória e Identidade, contou ainda com Rayane Catiuce Vilastro Alves, também mestranda do PPGE/UFOB como participante da equipe organizadora. Dispomos também das contribuições do Prof. Dr. Diego Marinho de Gois (UFOPA) como palestrante e de diversos sujeitos brasileiros de estados federativos, que de alguma forma dialogam com o ensino, sejam estudantes, professores ou demais profissionais da educação que foram participantes das atividades através de tão significativo encontro entre universidade(s), escola(s) e sociedade.

Ademais, objetivamos com essa obra a divulgação de uma oportunidade formativa de diálogo entre Ensino, Pesquisa e Extensão por via de memórias educacionais que foram marcadas por um dos momentos mais difíceis da humanidade, a pandemia do Covid-19 e o nosso respectivo encontro com as realidades educacionais desafiadoras e vividas sob um mesmo contexto.¹

Cordialmente,
Anderson Dantas da Silva Brito
Deijanete Pereira da Silveira Santos
Rayane Catiuce Vilastro Alves
Rosimaria Barbosa de Oliveira Moura
Organizadores

¹ HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

PREFÁCIO

Memórias de ensino e vivências educacionais em tempo de pandemia

O Projeto de Extensão universitária “Memórias de Ensino II: Vivências educacionais em tempo de pandemia”, desenvolvido na Universidade Federal do Oeste da Bahia e coordenado pelo professor Dr. Anderson Dantas da Silva Brito, cumpre mais uma etapa com a publicação do presente livro. Trata-se do registro das vivências de ensino no contexto da pandemia da Covid-19, que, de acordo com a Organização Mundial de Saúde, afetou todo o mundo, e, em particular, o Brasil. O contexto pandêmico contribuiu no recorte temporal para as memórias de aulas, classificando-se estas em individuais e coletivas. O objetivo do presente livro é compreender as experiências de ensino de professores e professoras, outros profissionais da educação e estudantes que exerceram a docência e estudaram, durante esse período, para perceber as especificidades de cada vivência. Os eixos temáticos do Projeto estão centrados nas categorias Ensino e Memórias, que possibilitam uma diversidade de experiências a serem narradas. Compreende-se o Ensino, particularmente a Educação Básica, como produtora de saberes a ensinar e não como mera reprodução de conhecimentos produzidos em outros espaços e, portanto, a busca desses saberes no tempo presente constitui-se como um dos fundamentos da presente obra.

Segundo Oliveira (2022, p. 15), o impacto da pandemia na educação foi estrondoso. Para a autora, a primeira sensação foi de estarmos perdidos. No sistema privado de ensino, de imediato, os profissionais da educação se reorganizaram e estabeleceram o ensino remoto como alternativa. Nas universidades públicas e nas redes públicas de ensino da Educação Básica, alternativas começaram a ser pensadas e construídas. Diante desse cenário, sobressaía a falta de acesso à internet ou, quando havia, surgiam as dificuldades em relação aos equipamentos ou qualidade de conexão.

Nas regiões Nordeste e Norte, as conexões de internet dificultaram ainda mais o processo, ao lado da falta de infraestrutura para comportar as

alternativas que se construía, muitas vezes pela criatividade dos próprios professores e professoras. Lembro-me de um caso que ganhou notoriedade nacional, o de um aluno de 15 anos, da cidade de Alenquer, no Pará, que precisava adaptar a “sala de aula” em cima de uma árvore, para conseguir acompanhar as aulas remotas. Em muitas realidades, o celular foi transformado em extensão da sala de aula. Em escolas indígenas do Baixo Tapajós, as aulas, no período da pandemia, eram realizadas por meio de atividades escritas que os responsáveis buscavam nas escolas e devolviam respondidas com base nos livros didáticos, conforme constamos em nossa tese de doutorado (Gois, 2022). Enquanto professores se reinventavam em suas práticas, a educação pública era negociada e negada por barras de ouro, envolvendo pastores no escândalo que ficou conhecido como “gabinete paralelo do MEC”. Demos atenção aos saberes docentes construídos na pandemia.

Compreendo que estes exercícios de recompor as memórias educacionais na temporalidade da pandemia se aproximam dos trabalhos de *ego-história*, que, de acordo com Caldas (2004, p. 02), podem ser definidos como é um dos laboratórios do historiador: onde ele se enfrenta, se defronta consigo mesmo, com sua trajetória, sua força e suas fraquezas. Deve fazer parte do processo de constituição do fazer historiográfico, do círculo hermenêutico (necessariamente ontológico) do historiador em busca da constituição do seu “objeto”, do seu campo de criação.

Os textos que compõe este livro, assim como os ensaios de *ego-história*, trazem reflexões sobre seus autores, como sujeitos históricos que viveram as experiências, construíram narrativas e demarcaram seus lugares no tempo histórico. São registros específicos de experiências coletivas, com foco no saber-fazer docente e das apropriações que os professores realizam em suas lidas de sala de aula. Trata-se, por fim, de memórias recompostas, por vezes traumáticas, assim como foi a própria experiência vivida, porém, marcadas por aprendizagens, criatividade e afetividades.

Boa leitura!

Diego Marinho de Gois

Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA

e-mail: dieguitogois@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS

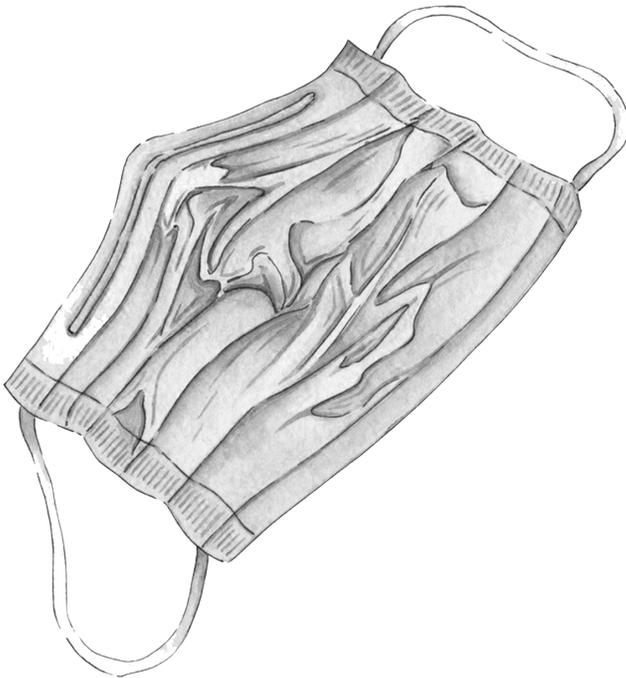
CALDAS, Alberto Lins. Ensaio de ego-história. In.: **Primeira Versão**. Universidade Federal de Rondônia – Porto Velho, 2004.

GOIS, Diego Marinho de. **Lições de história prescritas, lições de história (re)construídas**: a temática indígena e usos de livros didáticos de história em escolas indígenas do Baixo Tapajós - Amazônia Brasileira. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, 2022.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. Pós-pandemia: os desafios do ensino remoto, híbrido ou do ensino-aprendizagem. In.: SANTOS, Ane Luise Silva Mecnas; SANTOS, Magno Francisco de Jesus (org.). **Oficinas de História**: Desafios do ensino em tempos de pandemia. Aracaju-SE: Criação Editora, 2022.

Memórias de Ensino:

Vivências educacionais
em tempo de pandemia



COVID-19: MEMÓRIAS SOBRE IMPACTOS NA SALA DE AULA

Alessandra Oliveira Mendes de Souza

Quando falamos sobre pandemias mundiais, costumamos acreditar que, de fato, vivemos uma recentemente. Lembramos das dificuldades, do medo e da incerteza do futuro, onde quinze dias viraram praticamente dois anos de muitas mudanças drásticas em toda a sociedade. Nesse contexto com muitas memórias sobre vivências ocorridas num tempo da pandemia do Covid-19, são analisadas muitas perspectivas dentre milhares de óbitos, mudanças na sociedade e transformações em todos os âmbitos de nossas vidas, sendo um deles o isolamento social. Daí, perguntamos: até que ponto essa segregação afetou os seres humanos e, mais precisamente, quais foram suas consequências no espaço educacional? Para tentar responder essas perguntas, trago aqui memórias de minha experiência na concepção de uma estudante de História vinda do interior da Bahia.

Ingressei na Universidade Federal do Oeste da Bahia em 2019, aos dezoito anos. Vinda de uma cidade do interior e longe dos grandes centros urbanos, tive que me mudar para a cidade de Barreiras-BA, onde fica localizado um Campus da UFOB para começar o meu primeiro ano no Curso de Licenciatura em História, em que tinha a previsão de me formar em quatro anos e meio. Ao começar o ano de 2020 no início do semestre, recebemos a notícia de que ficaríamos 15 dias sem aula até que se normalizasse a situação, dias esses que logo virariam meses. Com a chegada do isolamento, a paralisação das aulas e o medo de estar até então numa cidade nova e desconhecida, me fez voltar para a minha cidade natal – Central-BA, onde passei toda a pandemia de Covid-19.

Passamos alguns meses sem aula, até que fosse possível utilizar estratégias de ensino que conseguissem atingir o maior número possível de

alunos e, com isso, a comunidade acadêmica da UFOB começou a utilizar o ensino remoto para retomar as atividades. A minha experiência com o Ensino à Distância (EaD) não foi agradável, pois na época eu não tinha nenhum aparelho digital além do celular para assistir as aulas, além da falta de privacidade para estudar. Isso tudo acarretou em falta de foco e de disposição para seguir com aquele semestre letivo atípico. Foi uma época que, apesar de não muito distante, não tenho muitas memórias, principalmente quando são ligadas à universidade.

Com todas as dificuldades de uma pandemia somadas às minhas dificuldades pessoais, posso dizer que não me saí nada bem durante esse período e isso trouxe consequências significativas para o meu desempenho acadêmico. Não consegui ser produtiva em muitas disciplinas que foram ofertadas, perdendo nas mesmas e ficando cada vez mais distante do fim da graduação, o que resultou não somente em problemas no Curso, mas também em danos psicológicos que tenho que conviver até os dias de hoje, onde talvez essa seja a explicação para a minha curta memória desse período. Acredito que eu não seja a única a ter passado por experiências tão ruins no âmbito educacional durante a pandemia, visto que há pesquisas que demonstram críticas acerca do ensino remoto, onde foram percebidas a intercessão na relação entre professor e aluno; precarização do ensino; dificuldades no aprendizado e do acompanhamento de atividades remotas.

Estar longe da presencialidade física de uma sala de aula e de toda uma rede de trocas de conhecimento, pode impactar significativamente na formação de um indivíduo e podemos partir para além disso, uma vez que nem todos os estudantes tinham acesso à internet ou a outros meios digitais, o que demarca as desigualdades tecnológicas, culturais, raciais e socioeconômicas do nosso país, onde ao mesmo tempo que o ensino remoto é uma estratégia para o seguimento da educação, também foi um empecilho para o mesmo, visto que apenas um grupo usufruiu do direito de aprender ao utilizar esses meios de comunicação que outras comunidades sequer tinham acesso. Acerca disso, Azevedo pontua:

Mesmo diante da distinção entre as práticas políticas e educacionais, o projeto de sociedade implantado pelo modo de

produção capitalista legou a estas uma simbiose, sendo que em cada momento histórico, esse projeto corresponde ‘[...] ao referencial normativo global de uma política’ (Azevedo, 2001, p. 60).

Embora o ensino remoto seja visto com o olhar de que veio apenas para facilitar e melhorar a qualidade do ensino, para que assim, os professores e estudantes possam continuar desenvolvendo atividades escolares e acadêmicas, esse interesse não visa as classes sociais que são de camadas populares e que, em sua maioria, integram o sistema da educação pública. É comum ouvirmos pessoas falando sobre a frustração com esse formato de ensino e como isso prejudicou a qualidade da aprendizagem em todas as modalidades de educação, gerando dificuldade no acompanhamento das necessidades dos estudantes, além de barreiras significativas, como: a falta de internet; de ambientes adequados para o estudo; a falta de saneamento básico; e a falta de alimentação. Tudo isso nos mostra como o ensino remoto fracassou em muitos sentidos, uma vez que grande parte da população, sendo ela de contextos menos favorecidos, não foi contemplada com o básico que qualquer pessoa tem direito, previsto na Constituição brasileira e nas leis educacionais.

Assim, passei dois anos da minha vida tentando me adaptar ao ensino remoto, vendo muitos colegas desistindo do Curso por falta de motivação, pela desigualdade social e por outros diversos motivos pessoais que acabaram gerando algum tipo de descontentamento. Confesso que muitas vezes senti vontade de desistir da minha graduação, mas, ao mesmo tempo, pensava quão injusto isso seria com aqueles que lutaram para que eu tivesse uma educação de qualidade, que não mediram esforços para que eu pudesse mudar de cidade para construir uma nova trajetória da minha vida e só eu sei quanto suor isso custou, mas além de tudo isso, não seria justo comigo, que também lutei para tentar mudar minha realidade, que mesmo com o psicológico abalado, tentava a todo custo continuar buscando me ajustar com as novas formas de vivenciar o ensino em uma época tão conturbada para todo o mundo.

Apenas em 2022 eu consegui retornar para Barreiras, dessa vez presenciando o ensino híbrido, onde haviam alguns encontros presenciais na

universidade, mas a maioria acontecia de forma remota. A partir disso, a vida foi se moldando, pois era impossível voltar a ser como antes e somente no segundo semestre de 2022 que as aulas voltaram de forma 100% (cem por cento) presenciais.

Depois de todo esse tempo, pude focar novamente nos meus estudos tendo tempo e espaço de qualidade para isso. Como já havia falado anteriormente, tive consequências com a pandemia e uma delas foi o atraso da minha graduação, onde tive que buscar recuperar muitas disciplinas perdidas e as novas que estavam por vir. Hoje, eu continuo no Curso de História e aos poucos vou reconstruindo minha confiança e boa relação com os estudos. Estou fazendo meus estágios e gradualmente cursando as disciplinas que faltam, correndo contra o tempo, mas sem o medo da pressa que tinha antes. Por fim, o que aprendemos com um período tão doloroso como esse é que é necessário a criação de políticas públicas que visem uma verdadeira garantia de acesso à educação das classes populares, afinal, a educação deve ser para todos e que agora devemos reconstruir o que nos foi tirado durante esse período pandêmico tão difícil.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Janete M Lins de. A educação como política pública. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2004. 75p. **Revista Educativa - Revista de Educação**, Goiânia, Brasil, v. 13, n. 1, p. 203-210, 2010. DOI: 10.18224/educ.v13i1.1256. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/1256>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MEMÓRIAS DAS CONSEQUÊNCIAS PANDÊMICAS PARA O ENSINO PÚBLICO NO PERÍODO DO ISOLAMENTO SOCIAL

Aluizia do Nascimento Freire

Diante das consequências causadas pela pandemia do coronavírus, discutimos o papel da Educação à Distância (EaD), no momento em que fomos sendo obrigados ao isolamento social. A saída dos governantes para que os alunos não perdessem o ano letivo foi o Ensino Remoto, usado em ambientes virtuais de aprendizagens precários. Nesse contexto, nós professores que já temos uma preocupação diária com a precarização do ensino público, nos deparamos diante das novas dificuldades oriundas daquela pandemia onde ficamos muitas vezes impotentes, como é o caso em que nosso país estava passando no momento, tendo como medida cautelar o isolamento social (quarentena), uma forma encontrada de não disseminar a doença. Com essa realidade, enfatizamos a precarização do Ensino à Distância a nível de Brasil e no Estado do Rio Grande do Norte e suas consequências no processo de ensino e aprendizagem, onde vários estudos aponta as fragilidades desse campo de conhecimento na EaD, implicando a modalidade ao uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC), no atual contexto da pandemia.

A partir de uma nova conjuntura que estamos vivenciando, o ensino público e privado passou por novas transformações, causadas pela pandemia do coronavírus em que os governantes e os gestores das escolas colocaram em prática o projeto de Ensino Remoto, como forma de “fazer cumprir um calendário escolar”. Ali, professores e os alunos estiveram diante de uma tela, seja de computador, tablete ou celular para acompanharem algumas aulas e atividades enviadas pela equipe docente.

Não podemos esquecer que o Governo Federal já vinha acenando com esse projeto de ensino à distância desde 2018. Assim, entendemos que a educação pública é sucateada, uma vez que, os governantes investem cada vez menos nessa área. Andreas Schleicher, relator do Pisa da OCDE (Organização para Cooperação de Desenvolvimento Econômico), responsável por medir o nível de conhecimento dos alunos de 15 anos, em 75 países em ciências e matemática, afirmou que professores terão que mudar seu jeito de ensinar depois da quarentena (EL PAÍS, Pandemia de coronavírus, 23/04/2020).

A precarização do ensino público é um dos fatores que contribui para afastar os alunos das escolas, certa vez que há um desestímulo pois, muitas vezes a escola não oferece as ferramentas adequadas ao ensino. Nesse caso, citamos a falta da tecnologia nas escolas e em casa, onde hoje, cada vez mais exige-se um ambiente antenado com as tecnologias. Os alunos e alunas que não dispõem de uma tecnologia adequada, estão em desvantagem com quem tem, pois se espera muito dos professores e professoras e muitas vezes nos responsabilizam pelo fracasso escolar (EL PAÍS, Pandemia de coronavírus, 23/04/2020).

Ainda de acordo com Schleicher (2020), “haverá alunos que voltarão a escola entusiasmados, com muita aprendizagem online, que terão enriquecido graças ao apoio das suas famílias”. Sem esquecer que esses discentes serão aqueles de escolas particulares, com condições socioeconômicas melhores e que possuem todo um aparato tecnológico à disposição. No entanto, não podemos esquecer que em sua maioria, muitos voltaram sem nenhum entusiasmo, porque não tiveram acesso às tecnologias para pôr em prática suas atividades escolares durante a quarentena. Esse fracasso se deu principalmente por causa dos gestores que não se preocuparam com os alunos que não dispunham de um celular, tablet ou computador em casa, assim como, a escola que não ofereceu qualificação e materiais para os docentes, relativos à essas ferramentas tecnológicas. Essa desmotivação é um desafio que temos enfrentado, além de que muitos pais não dispõem de tempo e não sabem ler e escrever.

De acordo com Erika Takimoto, em uma gravação no YouTube em 2020, as aulas online são uma enganação, onde cabe aos professores e pro-

fessoras ensinar e aprender com o corpo discente, como conectar tanta informação e transformar esse conjunto de dados em sabedoria. Para a mesma, a escola deve ter acima de tudo um compromisso em diminuir as desigualdades e injustiças sociais e não fortalecê-las como vem fazendo há anos. Para Takimoto, as aulas online que muitas escolas particulares promoveram e as escolas públicas resistiram em aceitar para não aumentar o abismo social, são um desserviço para a humanidade. Infelizmente algumas escolas públicas fizeram esse desserviço sem ter qualquer condição mínima.

Assim, compreendemos que o papel do professor vai muito além de uma sala de aula. Segundo Takimoto, 700 mil alunos da rede pública de ensino foram impactados, pois muitos deles foram excluídos digitalmente.

Analisando os dados do EaD se ignora que 42% das casas não tem computador, não tem tablete e nem celular. A proposta dos governos estaduais e municipais para salvar o ano letivo foi o EaD, esbarrando e aumentando do abismo da desigualdade social. Nesse sentido, dar continuidade ao ano letivo também promoveu a exclusão de grande parte dos estudantes do acesso às aulas. Os governos estaduais e municipais pretenderam criar plataformas acessíveis através de novas tecnologias com os espaços que deveriam ter conteúdos, textos, imagens e vídeo-aulas. A maioria das escolas não foram beneficiadas com esse aparato tecnológico, pois a maioria sequer dispõe de uma internet de qualidade.

Temos a compreensão que a realidade mostrada acima não existe, pois, os nossos alunos não dispõem dessa tecnologia e até mesmo ao acesso à internet para concluir as atividades. Muitas famílias não têm sequer televisão em casa, imagina uma internet que funcione sem problemas. Outra dificuldade é a falta de espaços adequados ao estudo em casa, com materiais didáticos acessíveis, muitas dessas famílias dos estudantes, vivem em casas com poucos cômodos, sem uma alimentação adequada.

Segundo Lima (2020), o sucesso do Ensino Híbrido, depende da capacidade do estudante de acessar, compreender e interagir com os conteúdos. Um aluno de educação a distância precisa no mínimo de autonomia pedagógica. Precisa ter disciplina e a faixa etária dos nossos estudantes da Educação Básica não atende a isso. Outra questão é que o Estado não ofereceu de fato uma educação pública, gratuita e de qualidade, que é a

sua obrigação constitucional. Como já vimos anteriormente, os recursos tecnológicos excluíram uma parte significativa dos nossos alunos, assim, como, perda de qualidade do ensino.

A Campanha Nacional pelo Direito à Educação também destacou uma série de motivos pelos quais o EaD não deveria ser aplicado como solução para o ano letivo de 2020.

Entre os motivos apontados pela Campanha, destaca-se, além das desigualdades já apontadas, o fato que muitas escolas, sobretudo as públicas, não possuem infraestrutura tecnológica, não dispõem de plataformas e professores com formação adequada para trabalhar com a modalidade. A organização aponta que o EaD não é adequado para o Ensino Fundamental, pois a criança ainda precisa desenvolver autonomia, capacidade de concentração e autodisciplina que a metodologia requer. E nem para o Ensino Médio, pois exigiria uma estrutura complexa de adaptação, adequação pedagógica e condições de apoio ao ensino-aprendizagem.

Ademais, a profissão de educadora vem a cada dia deixando a desejar, principalmente pela falta de infraestrutura nas escolas, condições precárias, baixos salários aos profissionais da educação, a falta de investimento por um ensino público de qualidade.

No caso do sistema de ensino público, a falta de recursos de investimento na educação é um dos fatores que mais agrava a situação do ensino, contribuindo para o sucateamento das escolas públicas. Contudo, é importante continuar enfatizando as condições dos estudantes que não tem acesso à tecnologia e à internet, onde muitas vezes funcionam em condições precárias e o único recurso é o celular (não é um dispositivo ideal para estudar). Percebemos as dificuldades dos alunos, pois poucos deles tem um celular de ponta, computador etc. Sem acesso à internet, muitas falhas no sistema público de educação ficaram mais evidentes, onde algumas pessoas tinham que ir para a rua para conseguir acessar a internet em algum espaço público ou da casa de vizinhos.

Em matéria publicada por Veruska Tenório e Erika Andreassy (05/05/2020) no portal do PSTU, vimos também as falhas do EaD. Para elas, foi nas periferias das grandes cidades que a população trabalhadora e pobre mais sofreu com seus mortos, a desassistência à saúde e a fome. Pais

e educadores também se angustiaram com a situação dos jovens e crianças que, sem poderem ir à escola, ficaram mais vulneráveis às carências alimentares e violências domésticas e sexuais, ou mesmo, de perderem o ano letivo. Apesar disso, sem dúvida, a suspensão imediata das aulas foi uma medida acertada, já que muitas crianças convivem com idosos e grande parte dos trabalhadores da educação sofrem com doenças crônicas, resultado das más condições de trabalho e baixos salários.

De acordo com Tenório e Andreassy (2020), os governos estaduais, municipais impuseram nas redes públicas e privadas de ensino o EaD que só serviu para transferir verbas públicas ao setor privado, através dos contratos milionários com plataformas e fundações que atuam no setor. Esse tipo de ensino, sobrecarregou educadores e familiares de tarefas e trabalho num momento em que a prioridade era a saúde de todos.

Ainda de acordo com as autoras acima, muitos educadores tiveram que aprender por conta própria a utilizar plataformas e ferramentas digitais para adaptarem conteúdos escolares. Isso contribuiu para a sobrecarga com pesquisa, tutoriais, vídeos, reuniões online, grupos em redes sociais, correções, e além do trabalho doméstico e cuidados com filhos que também estão sem aulas ou idosos e parentes adoentados (Tenório e Andreassy, 2020).

A preocupação diária de muitos alunos e alunas era também, perder o ano letivo. A seguir, veremos a fala de uma aluna numa reportagem na cidade de São Paulo. Numa matéria intitulada “sem celular e TV, alunos da rede pública de São Paulo temem perder o ano: ‘Não quero repetir’, escrita por Nathalia Tavoliere no dia 5 de maio de 2020.

Segundo Tavoliere (05/05/2020), os moradores de uma viela na cidade de São Paulo, relataram não terem acesso à internet para acessar o aplicativo e as aulas a distância promovidas pelo Estado. Muitos deles não têm celular ou televisão para acompanhar o conteúdo. Os alunos afirmaram que não receberam cronograma de aula. Rafaela, de 11 anos, lamenta não ter acesso às aulas e que temia perder o ano escolar. Em sua fala ela diz: “Eu tenho medo de repetir de ano”. A mãe de uma aluna tentou ajudar os filhos com o material didático, mas sem respostas ela não sabia se as crianças acertaram as questões. Ela também afirmou que não foi orientada com o cronograma e optou por começar pela aula de português.

Essa realidade não é só dos alunos do Estado de São Paulo, é também da cidade de Natal/RN, e da cidade a qual leciono, Rui Barbosa (no interior do estado).

Eu sou professora de uma escola do ensino básico, minha disciplina é História, trabalho do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, numa escola de interior em que as condições são precárias, escola sem um refeitório, sem uma biblioteca, sem sala informatizada. Eu não fui preparada para esse momento de aula online, fui apenas comunicada e não tive escolhas. Sem falar da paisagem do medo associada a pandemia. O medo de não ter condições e a pressão que sofríamos nesse período, onde muitas das vezes, ultrapassou o nosso horário de trabalho.

Diante do que já foi apresentado, percebemos as dificuldades relatadas pelos alunos, onde eles demonstraram as suas preocupações a partir do momento em que os mesmos não conseguiam abrir o dispositivo para visualizar as atividades enviadas para o celular dos mesmos. Vários deles diziam: “Professora não consegui abrir o arquivo”, pois eles não dispunham de aplicativos adequados. Foi através do dispositivo WhatsApp que enviei os conteúdos para que os discentes, desenvolvessem estudo e pesquisa em casa. Portanto, não tínhamos e ainda não temos um aparato tecnológico de qualidade, um espaço adequado para que essa “aula” online acontecesse. Ali, percebi que no contexto escolar, os alunos foram os mais prejudicados diante da situação da pandemia, infelizmente.

Assim, existia um questionamento: Como eu, uma professora do Ensino de História, deveria lidar com as exigências do momento e como deveria me comportar diante das relações oriundas das novas dinâmicas da sociedade e do que estamos vivenciando diante de uma mudança brusca de comportamentos?

Constatamos que os espaços “construídos” no decorrer do EaD, existiram em condições precárias, como já mostrados acima, fizeram e fazem parte dos fatores responsáveis por aumentar mais os índices de desigualdades sociais, afetados principalmente pela falta de tecnologias que dessem conta de diminuir a falta de presença física da figura profissional da educação e de um ensino que de fato contribua para a melhoria das condições de vida da classe menos abastada.

Concluimos, afirmando que o Ensino à Distância não é uma ferramenta que substitua a figura do docente. O mesmo, foi e é só um paliativo, não possibilitando um processo de ensino e aprendizagem com qualidade e diferente se estivéssemos presencialmente em sala de aula. Dessa maneira, é impossível pensar numa educação de qualidade diante de todas as dificuldades e sucateamento do ensino público e gratuito.

Por fim, chegamos à seguinte conclusão: se antes da pandemia a grande maioria das escolas públicas não tinha nenhuma condição de ensino ligada às tecnologias, com a pandemia não teríamos nenhum suporte desse tipo, onde muitos do corpo docente não tinham acesso ou qualificação para com a tecnologia exigida e as suas ferramentas. Nos impuseram o uso de novas tecnologias sem nos dar as condições. Assim, pensamos como a maioria dos alunos que não tinham acesso aos meios digitais de comunicação.

REFERÊNCIAS

LIMA, Rosilene Corrêa. Diretora da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação). Acesso: em 13. Abr. 2020 <https://www.cnte.org.br/index.php/menu/comunicacao/posts/cnte-na-midia/73026-ead-na-educacao-publica-ignora-que-42-das-casas-nao-tem-computador>. Acesso em: 13. Abr. 2020.

SCHLEICHER, Andreas. Relator do Pisa da OCDE (Organização para Cooperação de Desenvolvimento Econômico). **El País**. Acesso em: 23. Abr. 2020.

TAKIMOTO, Erika. <https://www.youtube.com/watch?v=WNNHhjLy380> Acesso: em 01 abr. 2020.

TAVOLIERE, Nathalia. “Sem celular e TV, alunos da rede pública de São Paulo temem perder o ano: ‘Não quero repetir’”. Acesso em: 05 Mai. 2020.

TENÓRIO, Veruska; ANDREASSY, Erika. Educação à distância na pandemia: um tormento para educadores e famílias. **Portal do PSTU**. Acesso em: 05 Maio. 2020.

O ENSINO SE REINVENTANDO E PROFESSORES VENCENDO A SI MESMOS

Ananda Lima Silva Arruda

O verão estava finalizando em março de 2020, quando fomos arrebatados pelas informações que o Coronavírus estava chegando à Bahia. Até então, víamos notícias a respeito do vírus, mas como algo distante, mais concentrado na China, parte da Ásia e Europa. Não acreditávamos que aquilo poderia nos alcançar.

Em 17 de março daquele ano, as aulas foram suspensas. Rodoviárias fechadas. Iniciava as restrições sociais. Já não podíamos ir e vir, pois o risco era grande. Era necessário o isolamento para evitar que o vírus infectasse mais pessoas.

A escola é local de movimento, de estar junto, de troca, de partilha. Foi a primeira a fechar. Professores e estudantes foram atravessados emocionalmente por tudo aquilo. Inicialmente o que parecia uma semana de descanso, uma pausa no frenesi próprio do espaço educacional, começou a ter o sentido de medo, insegurança, pânico e tédio.

Naquele ano, estava sendo professora de uma turma de 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e, atuando nos Anos Finais do Ensino Fundamental, com as disciplinas de Geografia e Arte. É comum iniciarmos o ano letivo planejando muitas coisas, buscando aprimorar aquilo que não foi tão bom no ano anterior, buscar outras práticas, inovar. Estava animada com as ideias que estavam surgindo e ansiosa para executá-las. Tinha certeza de que aquele ano seria uma professora muito melhor, mais paciente, mais criativa, mais empática, mais comprometida com o conhecimento científico.

Para além do impacto que o vírus estava nos provocando, recebi no dia 12 de março de 2020, o diagnóstico de câncer de mama. Quando che-

gou a notícia da suspensão das aulas, do fechamento das rodoviárias, estava freneticamente em busca de uma regulação para o hospital referência em câncer no estado da Bahia. Quando consegui a vaga no hospital, tinha diante de mim o desafio de como chegar até ele em razão das restrições que estavam se estabelecendo.

O drama experienciado pela coletividade em razão da pandemia, para mim, tinha o peso de ordem pessoal. Precisava iniciar o tratamento do câncer e garantir que nem eu e minha família fossemos infectados pelo vírus. O medo, a angústia eram enormes. Por vezes, me inquietava interiormente, para não preocupar ainda mais a família.

Diante desse cenário que se desenhava, não me envolvi com as atividades remotas que começavam ser direcionadas. Mas depois de um tempo, quando já havia feito a cirurgia, passei a interagir. As salas de aula foram transformadas em grupo de *WhatsApp*. Era por meio dos grupos que as atividades eram direcionadas. Também era feito blocos de atividades que um responsável pelo estudante pegava na escola.

Por vezes fiquei refletindo intimamente em que momento formativo fomos preparados para executar aulas de forma remota? Sabíamos de colegas que não tinha habilidade com tecnologias, mesmo para quem tinha, era desafiador preparar e executar uma aula para ser mediada pelo *WhatsApp* ou *Google Meet*.

Por outro lado, as pessoas se mostravam mais impacientes, mais arre-dias. Isso era a expressão emocional que todos estavam vivendo com a nova ordem social que se estabelecia a partir da pandemia. Particularmente, me sentia num caos emocional, tentando sobreviver de diversas maneiras. Entretanto, retornar ao trabalho ainda que remotamente, foi importante para o processo que vivia com o tratamento de câncer. Assim, ocupava a mente com as questões educacionais, não ficando centrada apenas no câncer e tudo que ele representava.

Certa noite, estava no hospital para fazer uma sessão de radioterapia e o grupo de *WhatsApp* se estabelecia uma discussão entre as mães. Uma delas manifestou insatisfação com a orientação que outra colega fizera sobre uma determinada atividade. A professora se manifestou brevemente, esclarecendo as dúvidas. Mas parecia ter uma ânsia pelo conflito

estabelecido em algumas pessoas. Algumas mães começaram a discutir no grupo, havia quem defendia a professora e havia quem acentuava a situação. As colegas e eu ficamos paralisadas com aquela situação. Nos sentimos impotentes, sozinhas, a deriva em meio a uma situação que não sabíamos lidar direito.

A pandemia nos encheu de desafios, principalmente no campo emocional. Precisávamos lidar com o outro, quando nós não estávamos bem, não tínhamos um norte seguro, não tínhamos nos encontrado nessa nova condição. Fiquei pensando o que pensaria Paulo Freire sobre essa nova forma de ensinar e interagir em nome da educação?

Então revisei o livro *Pedagogia da Autonomia*, e determinada parte me fez refletir.

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado (Freire, 1996, p. 53).

Essa passagem me fez lembrar do nosso inacabamento. Aquela situação vivenciada com a pandemia era o retrato do nosso inacabamento. Nem tudo estará nas formações, nem tudo estará nos livros. Porque nem tudo é previsível. Mas, sem dúvida, é preciso pensar em formações sólidas que deem aos professores, segurança para escolhas e encaminhamentos de práticas assertivas, que versem com a ética, cientificidade e emancipação humana.

Mas é oportuno suscitar: quem cuida de quem cuida?

Mesmo antes da pandemia muitos professores davam sinais de sofrimentos emocionais, com comprometimento da saúde mental. Na pandemia, isso se acentuou drasticamente. Mas quem iria se preocupar com estes profissionais?

Depois dos profissionais de saúde, que foram exigidos amplamente no campo profissional, a educação rapidamente se reinventou para não deixar as crianças, jovens e adultos abandonados e ceifados das aprendi-

zagens. Bem verdade que as iniciativas para redimensionar o trabalho não levou em consideração alguns aspectos importantes, como: condições de trabalho dos professores, condições de estudo dos estudantes, saúde emocional dos professores, saúde mental dos estudantes.

Neste contexto, os professores tiveram que responder à altura, conforme as demandas e exigências do momento. Muitas práticas inovadoras, professores vencendo a si mesmos, rompendo com o medo do novo, se dispondo a aprender e, também, buscando superar as limitações emocionais daquele período, para auxiliar os alunos. Esses movimentos, que por vezes atropelaram a subjetividade dos professores e a sua própria condição emocional, a conta tem chegado de forma diluída nos últimos anos.

Ninguém quis cuidar de quem cuida, este é um fato. Pelo contrário, os professores foram exigidos ao máximo porque era preciso garantir resultados, a manutenção do que já existia. Ninguém quis refletir sobre o que aquilo tudo estava a nos dizer.

A pandemia evidenciou a gritante desigualdade social, entre estudantes e entre professores. Colegas de profissão que não tinha computador e estudantes que não tinha nem celular, nem acesso à internet. Como garantir aulas para todos?

Evidentemente que alguns conseguiram acompanhar as aulas virtuais, alguns conseguiram realizar as atividades orientadas, outros não conseguiram, seja pela falta de condições materiais, seja pelas condições emocionais e até mesmo familiar. Muitas crianças e jovens tiveram pais que se separaram nesse período, tiveram que mudar de bairro, cidade ou estado.

Em determinado momento, fiquei pensando como envolver os estudantes dos Anos Finais (Ensino Fundamental), numa atividade um pouco mais dinâmica. Após estudarmos alguns artistas pintores, solicitei que eles fizessem a releitura de algumas obras famosas por meio de fotos. Fiquei impressionada com a criatividade dos estudantes. Buscaram compor o cenário com o que tinham em casa e fizeram registros incríveis. Fiquei muito surpresa e feliz com o envolvimento deles. No entanto, essa atividade não alcançou a todos os estudantes, pois nem todos tinham um celular, portanto, esses não conseguiram acessar as orientações e estudos anteriores.

Como professora vivemos um misto de emoções, pois nos regozijamos com aqueles que fizeram e participaram ativamente, mas deixamos alguns

estudantes para trás, excluímos. Essa constatação nos leva também para o sofrimento. Pois a educação jamais deveria deixar nenhum estudante pelo caminho. É muito antagônico a experiência vivenciada durante a pandemia.

Os dias correram, os meses e os anos também. Talvez o maior equívoco do período pandêmico tenha sido desconsiderar as realidades socioeconômicas e emocionais dos principais atores da educação: estudantes e professores. Atrelado a estas questões, outro grande equívoco, foi a promoção automática dos estudantes. Avaliar jamais deveria ter sido pautado num contexto tão adverso, quando não se garantia o mínimo a todos, o direito de participar efetivamente dos processos de ensino e aprendizagem.

Avaliar faz parte do ato pedagógico, deve evidenciar a qualidade das aprendizagens (Luckesi, 2011, 2018, 2023). Se os estudantes não participaram do processo de ensino e aprendizagem proposto pelas redes de ensino, como seriam promovidos automaticamente para o ano seguinte, se não tiveram oportunidade real de aprender e muito menos de evidenciar o que aprendeu e o que ainda necessitava de uma atenção?

Sobrevivemos ao câncer e a pandemia. Essas experiências não nos definem como mulher, professora e estudante, mas nos constitui numa trajetória histórica, nos colocando de forma resiliente. Sem dúvida, experiências desafiadoras, mas que nos oportuniza olhar para a educação de forma mais amorosa e, ao mesmo tempo, mais crítica, porque é preciso avançar frente aos novos desafios.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 29ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem** - componentes do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: passado, presente e futuro São Paulo: Cortez, 2021.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **O ato pedagógico**: planejar, executar, avaliar. São Paulo: Cortez, 2023.

MEMÓRIAS DE ENSINO, INCLUSÃO DIGITAL E RECONHECIMENTO DO TRABALHO DOCENTE: VIVÊNCIAS EDUCACIONAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Anderson Dantas da Silva Brito

“Existirá
Em todo porto tremulará
A velha bandeira da vida
Acenderá
Todo farol iluminará
Uma ponta de esperança”
Lulu Santos

De tempos em tempos, a humanidade é surpreendida com acontecimentos que questionam diretamente o modo como as pessoas se comportam individualmente, em grupo e de como tratam o meio ambiente. Assim, as memórias que compartilharei nesta oportunidade, resultam de um conjunto de lembranças que perfazem muito do que também vivemos coletivamente, sendo estas, tomadas por experiências oriundas da minha existência quando do ano de 2020, em meio ao isolamento social oriundo da pandemia da Covid-19 e, posteriormente, na retomada da minha reinserção coletiva gradual e presencial no campo de trabalho, no ano de 2021, onde:

Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos pareçam obscuras. Ora, a primeira testemunha, à qual podemos sempre apelar, é a nós próprios (Halbwachs, 1990, p. 25).

Relembro aqui que milhares de brasileiros e milhões de pessoas de outras nações perderam suas vidas, acometidas por uma doença devastadora que exigiu o afastamento físico das pessoas para evitar o contágio e

ao mesmo tempo transformou a realidade educacional, requerendo uma repentina “adaptação” às novas tecnologias. Por essa perspectiva, penso que vivemos em *Paisagens do Medo* segundo a compreensão de Yi-fu Tuan, considerando o caos como uma manifestação natural e humana:

O que são as paisagens do medo? São as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Sendo as forças que produzem caos onipresentes, as tentativas humanas para controlá-las são também onipresentes. De certa forma, toda construção humana – mental ou material – é um componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o caos (Tuan, 2005, p. 12).

Aquele singular e obscuro momento pandêmico me trouxe o desafio de colocar em prática os fundamentos que havia adquirido teoricamente sobre EaD, mas sem qualquer experiência mais profunda, passou a existir num misto de necessidade, medo e esperança de esperar melhores dias:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo (Freire, 1992, p. 110-111).

Contudo, entre as muitas maneiras em que fomos surpreendidos pela pandemia, existiu essa urgência de lidar diretamente com um ensino fomentado por uso protagonista das novas tecnologias digitais da informação e comunicação, constituindo-se assim num “componente da paisagem do medo, porque existe [também] para controlar o caos”. Ironicamente, uma pandemia contemporânea, surgiu “coerente” com as gerações mais atuais que vivem majoritariamente dialogando com o meio digital, justamente a alternativa que foi possível para mitigar o necessário isolamento social que impediu a rotina de aulas presenciais no “chão da escola”. Enfatizo aqui que a Educação à Distância não é uma novidade, porém, ela não é a regra na educação brasileira, fator este que evidenciou as nossas deficiências e faltas de investimento governamentais em inclusão digital nas nossas escolas públicas.

Nesse ínterim, reconhecendo o papel das instituições educacionais que se preocupam com o letramento digital da sociedade, destaco a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) através da oferta de excelentes cursos de extensão com temáticas voltadas para as novas tecnologias. Fui contemplado com esta realidade, quando no decorrer do ano de 2019 (ainda antes de serem constatados os primeiros casos mundiais de Covid-19), cursei “Planejamento, Avaliação e Fundamentos da EaD; e “Moodle para Professores e Tutores”, oportunidade em que adquiri competências e habilidades fundamentais para quando surgiram as necessidades relativas ao ensino remoto, oriundas da realidade educacional do contexto pandêmico. Cursos feitos sem uma pretensão/necessidade direta de uma emergência, mas que foram essenciais para o ano (2020) seguinte de minha vida.

Assim, após a inércia e a apreensão nos primeiros meses da pandemia, foi preciso que a sociedade reagisse de inúmeras maneiras até que tivéssemos condições de voltar à uma vida em coletividade. Entre essas formas de reação, o ensino remoto foi acionado por gestores políticos e da educação como a alternativa mais rápida e possível para o contexto, apesar da falta de investimento em formação digital para os profissionais da educação/estudantes e, igualmente, da ausência de recursos materiais como computadores, câmeras etc, além de salas de informática nas escolas.

Com essa realidade, “sobrou” para os próprios professores o investimento pessoal e necessário em internet, celulares e notebooks para que pudessem ter as condições mínimas de transformarem suas casas em “salas de aula”, o que me leva a reconhecer que fomos nós professores os verdadeiros agentes da inclusão digital na educação em meio à pandemia da Covid-19.

Na instituição educacional em que trabalho (Universidade Federal do Oeste da Bahia) também existiram muitas dificuldades certa vez que a instituição não ofertava e nem oferta atualmente o ensino remoto. Contudo, diante da realidade que foi preciso enfrentar no segundo semestre de 2020, sem existir uma obrigatoriedade de que os professores ofertassem componentes curriculares através do ensino remoto desde o primeiro momento, tive a coragem de ministrar as minhas primeiras disciplinas com auxílio de novas tecnologias, em que indiquei o interesse pela iniciativa

desde a consulta inicial realizada pela universidade sobre interesse e disponibilidade de condições materiais próprias como computador e internet.

Naquele atípico ano de 2020, ministrei os componentes obrigatórios Prática de Ensino de História Contemporânea; Prática de Ensino de História do Brasil; Prática de Ensino de História da América; e o componente optativo Diversidade Cultural e Ensino de História; onde pude experimentar diversos usos metodológicos com auxílio de novas tecnologias e utilização de linguagens e fontes históricas diversas, conforme entendimento de Azevedo & Lima (2011). Depois do exercício das primeiras aulas, onde fui empreendendo incentivos graduais para que os estudantes participassem mais ativamente das atividades, percebi que uma aprendizagem e uma inclusão digital estava acontecendo apesar da desigualdade que impediu que muitos estudantes participassem e influenciou diretamente no aumento da evasão. Afinal,

as novas tecnologias de informação e comunicação, caracterizadas como midiáticas, são, portanto, mais do que simples suportes. Elas interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimentos. Criam uma nova cultura e um novo modelo de sociedade (Kenski, 2010, p. 23).

Chegando ao ano de 2021, já estava mais adaptado ao ensino remoto e pude ir conduzindo as minhas pesquisas e orientações de trabalho de conclusão de curso em meio à um esforço coletivo para que a produção do conhecimento não parasse nem aumentasse ainda mais o abismo que foi aberto no início da pandemia. Igualmente, ofereci uma primeira disciplina híbrida – o componente Didática da história e a formação do professor pesquisador (com encontros remotos e presenciais) através do recém-criado Programa de Pós-Graduação em Ensino da UFOB. Pela primeira vez, senti naquele momento que começávamos de fato um retorno (apesar de limitado) à um ambiente presencial de produção de conhecimento. Não posso deixar de mencionar que no segundo semestre de 2021, a UFOB adquiriu e ofereceu em empréstimo notebooks novos à nós professores, o que contribuiu muito para diminuir a minha densidade de uso de meu computador pessoal.

Nestas memórias é também possível dizer que mesmo diante de tantas limitações, a experiência pandêmica trouxe a compreensão de que no tempo em que vivemos, precisamos trabalhar com novas tecnologias, aproximando a produção do conhecimento que está em espaços físicos mais distantes, promovendo uma acessibilidade maior e mais rápida ao conhecimento científico e um diálogo igualmente mais próximo entre as pessoas.

Assim, as memórias sobre as aulas, lives, cursos etc, que foram frequentes e exaustivas naquele contexto, também denotam uma utilidade que pode e deve ser continuada para situações e exigências diferentes no presente e no futuro. Um exemplo disso foi a oportunidade que tive após a pandemia da Covid-19, para coordenar o Projeto de Extensão “Memórias de Ensino”, edição 1 (2022-2023); edição 2 (2024), enquanto Estágio de Docência na Pós-Graduação para algumas orientandas de mestrado. Para além de minha autoria na concepção da respectiva atividade de extensão, destaco o trabalho em conjunto com as referidas estudantes quando do desenvolvimento do Projeto, objetivando que sempre existisse uma culminância através de produtos de registro como este terceiro e-book que contempla a continuidade de uma Coletânea iniciada com o primeiro e com o segundo e-book, oriundos da edição 1 do Memórias de Ensino.

Por fim, defendo que é preciso que entre as nossas memórias (principalmente as coletivas), exista também a lembrança e o registro da importância das ações dos professores na experiência pandêmica mais recente. Dessa maneira, todo o reconhecimento para os docentes e profissionais da educação que se desdoblaram para fazer o melhor e incluir mais estudantes no acesso às aulas será sempre bem-vindo.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Crislane B. & LIMA, Aline Cristina S. Leitura e compreensão do mundo na educação básica: o ensino de História e a utilização de diferentes linguagens em sala de aula. **Roteiro**, v. 36, n. 11, p. 55-80, jan./jun, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/791>. Acesso em: 11 out. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e Ensino Presencial e à Distância**. 8. ed. Campinas: Ed. Papirus, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

OS DESAFIOS E APREENSÕES EM MEIO A PANDEMIA NAS UNIVERSIDADES E ENSINO EAD

Anderson Pereira dos Santos

O processo da pandemia foi um momento bastante difícil e desafiador no contexto de ensino EaD nas universidades, principalmente no modelo metodológico. De acordo com os dados apresentados pelo Painel do Coronavírus, foram computados 38.863.345 casos confirmados de Covid-19 no Brasil e desde então, 9.270 novos casos.

O início dessa doença surgiu na China e se espalhou pelo resto do mundo gerando diversos transtornos e mudanças de comportamento do ser humano. Nesse sentido, muitas universidades da modalidade EaD com modelo semipresencial adotaram o modelo 100% a distância, devido aos riscos de alta contaminação da doença, tornando-se ainda mais desafiador e apreensivo a forma de ensino, trazendo muitas dificuldades para realizações de trabalhos acadêmicos por exemplo, pois um dia presencial é extremamente importante para o apoio no processo do Curso Superior.

Diante de um cenário de tensão sobre o aumento de casos de Covid-19 no Brasil, alunos e professores tiveram que se adaptar às novas tecnologias e ao novo modelo de ensino EaD para não ter mais prejuízos no aprendizado devido ao distanciamento por causa do risco de contaminação do coronavírus, mas em algumas unidades semipresenciais tiveram que realizar aulas remotas ao vivo um dia a cada 15 dias tornando-se mais desafiador em relação a realização das atividades acadêmicas, um exemplo disso, foi feito esse modelo de aulas na Universidade do Estado da Bahia com a utilização do AVA (ambiente virtual de aprendizagem) e o *teams*. Isso dificultou em alguns pontos na realização de algumas atividades acadêmicas, o manuseio das ferramentas do AVA para postagem dos materiais como imagens e até mesmo

PDF, foram constatadas também dificuldades dos professores em relação ao sistema de notas e manuseio do mesmo e o próprio *teams*, sendo que alguns problemas sistêmicos aconteceram ao longo dos semestres.

Diante dessa problemática, os tutores e toda a equipe pedagógica se empenharam ao máximo para resolver diversos problemas que os alunos tiveram ao longo do ensino durante a pandemia. Um outro ponto a colocar foi sobre a falta de mais aulas remotas ao vivo ou o retorno definido nos encontros presenciais após a redução de casos da Covid-19, para dar mais suporte ao discente e ao docente. Mesmo sendo dificultoso, as tecnologias e o ensino à distância da UNEB, contribuíram para a formação dos estudantes e novos desafios que ainda virão.

O modelo de ensino à distância, trouxe pontos positivos e negativos durante o período pandêmico, sendo que o primeiro trouxe mais tempo com a família, amigos e na realização das atividades de casa, flexibilidade nos estudos e mudança de hábitos alimentares, além do uso da máscara e álcool em gel para proteção pessoal e o segundo trouxe muita tensão, dor de cabeça e apreensão em relação a saúde das pessoas além de uma série de problemas como desemprego, depressão outras questões sociais e econômicos.

Contudo, o modelo de ensino EaD precisa melhorar em alguns aspectos como utilização de treinamento intensivo entre os atores sociais no processo educacional; refletir sobre o grau de importância deste modelo a lugares menos favorecidos; e volta da aula um dia presencial na UNEB e outras unidades semipresenciais que ainda estão remotas obedecendo uma lei que obriga o retorno de aula presencial no modelo semipresencial para dá suporte a alunos e professores tanto na metodologia de ensino como no aprendizado do discente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus Brasil**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 21 ago. 2024.

CAVALCANTI, L. M. R.; GUERRA, M. G. G. V. Os desafios da universidade pública pós-pandemia da Covid-19: caso brasileiro, **Ensaio: aval. pol. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 30, n.114, p.73-93, jan/mar. 2022.

O ENSINO REMOTO E OS DESAFIOS ENCONTRADOS DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

Angela Maria Alves Paiva de Jesus

O mundo passava por um burburinho muito tenso no qual não se sabia ao certo do que realmente se tratava. Havia informações desconstruídas e formas de manter a calma para evitar danos maiores. Aos poucos, ficávamos sabendo que um vírus altamente contagioso que saía de uma populosa capital da China, estava espalhando o medo e o caos para o resto do mundo.

O governo de cada país determinou medidas de proteção, como a quarentena por tempo indeterminado. O Governo Federal por exemplo, sancionou a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020 que recomendou:

Restrição de atividades ou separação de pessoas suspeitas de contaminação das pessoas que não estejam doentes, ou de bagagens, contêineres, animais, meios de transporte, ou mercadorias suspeitas de contaminação, de maneira a evitar a possível contaminação ou a propagação do coronavírus (Brasil, 2020).

Medidas como distanciamento social, quarentena e até *lockdown*, foram formas de tentar frear a propagação do temido vírus. Medidas essas que trouxeram implicações para a educação no Brasil. As escolas, universidades e outras modalidades de ensino tiveram que se reorganizar.

Essas mudanças causaram diferentes impactos na vida pessoal, profissional e acadêmica de professores, pesquisadores e estudantes. O ensino que passou a ser realizado à distância, trouxe insegurança para uns, desespero para outros e resistências para a maioria porque de um momento para outro, foram necessários aprendizados sobre como utilizar ferramentas digitais nunca antes utilizadas, proporcionando um desafio muito grande.

A modalidade de Ensino Remoto, passou a ser a forma mais adotada para se manter o mais próximo possível do aluno/criança, assim como o uso de plataformas como o *Google Meet* e o *Google Classroom*, muito utilizados em conferências e gerenciamentos de conteúdo. Dessa forma, o sistema de ensino que antes era realizado presencialmente, passou a ser de forma remota com o uso dessas ferramentas tecnológicas.

Nas aulas presenciais, o contato direto podia proporcionar a espontaneidade do diálogo, as trocas mais expansivas e divertidas, mas com essa nova modalidade de ensino as aulas passaram a ter um teor mais formal, distante, pouco dialogado, poucas inferências e interações não somente por conta do distanciamento obrigatório, mas também por causa do próprio sistema on-line que culminam muitas vezes em caos.

O fato de muitas pessoas estarem utilizando ao mesmo tempo um sistema que depende de conexão via internet, causava problemas técnicos, como queda de energia e falhas nas conexões, situações muito constrangedoras e até desestimulantes. Enquanto os professores se mantinham na expectativa de uma aula que suprisse a necessidade do aluno em termos de aprendizagem, por outro lado tinham dificuldades em se conectar. Dependendo do local onde o aluno estivesse, da forma como se interligava, o resultado poderia ser catastrófico.

Podemos acrescentar a isso, o fato de que muitos professores não estavam preparados para utilizar as ferramentas e as plataformas de ensino on-line de forma adequada, muitos tiveram que fazer adaptações e criar materiais que fossem adequados e eficazes nesse ambiente, o que desencadearia mais tempo, mais investimento.

Na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), segundo a Declaração e o Decreto Estaduais nº 19.529 e nº 19.532 de 16 e 17 de março de 2020, por meio da Resolução do Conselho Universitário (CONSU) nº 1.406/2020 publicada no D.O. de 19/03/2020, suspenderam todas as atividades presenciais por tempo indeterminado, prejudicando estudos, pesquisa e extensão ligadas à graduação.

Essa medida provocou na equipe gestora, a busca por alternativas e soluções que pudessem diminuir os impactos futuros que ocorressem. As aulas tiveram que ser reorganizadas inúmeras vezes por conta de variados

fatores, entre eles, a situação econômica e emocional de muitos alunos e com as conexões de internet. Em relação às situações de cunho econômico, aconteceram de muitos alunos não terem condições de acesso às aulas *on-line*, nem todos tinham aparelhos de celular, tablet ou computador para que a participação nas aulas fosse total, igualitária e com o máximo de aproveitamento.

A mediação tecnológica aconteceu com o uso da plataforma Microsoft Teams, disponibilizada pela própria UNEB. Porém, a falta de competências digitais tanto pelos alunos como pelos docentes trouxe desafios imensos. Sendo assim, quando do retorno às aulas, as atividades passaram a ser na modalidade remota a partir de julho de 2020, com falhas na plataforma, que ora funcionava e outras vezes não, muito desconhecimento e muita tensão, por que essa situação de “aprender fazendo” provocou o abalo emocional, e a sensação de fracasso em muitos alunos foi muito visível.

Com a crescente informação sobre as mortes causadas pelo coronavírus, a tensão só aumentava, causando desânimo e até pensamento de desistência do Curso, aliados aos problemas decorrentes das aulas, da falta de convívio e de interação. A relação professor-aluno se transformou em algo complexo se desvinculando de sua função dialógica e interativa na qual os alunos participam ativamente do processo de ensino e aprendizagem.

No contexto da pandemia percebemos que os professores passaram a trabalhar simplesmente na perspectiva de repassar informações prontas para seus alunos, muitas vezes sem o preparo adequado ou prontos para alguma eventualidade. No que diz respeito ao trabalho dos docentes com as tecnologias digitais, Munhoz nos esclarece que:

O preparo docente para o trato tecnológico sempre foi desenvolvido de maneira complementar, como um processo de educação permanente e continuado para complementar a formação, mas como muitas instituições de ensino não investem em seus professores, a falta de condições financeiras pode impedi-los de dar essa continuidade (Munhoz, 2015, p. 1.545).

O ensino remoto ocasionado pela pandemia do coronavírus deixou muito evidente a fragilidade das instituições de ensino como as escolas e universidades em momentos de crise, assim como também das autar-

quias governamentais que poderiam promover mais igualdade de acesso aos meios tecnológicos de educação, observando as especificidades de cada um para a qualidade de atendimento nessa área. As reflexões aqui trazidas não se esgotam por se tratar de uma temática que ainda hoje reverbera em nosso cotidiano como necessário à pesquisa e discussão.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº 13. 979, de 6 de fevereiro de 2020. **Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/113979.htm. Acesso em 20 de agosto de 2024.

MUNHOZ, A. S. **MOOCs**: produção de conteúdo educacionais. São Paulo-SP: Saraiva, 2015.

É NOS MOMENTOS DE CRISE QUE SE DEVE APROVEITAR PARA CRESCER: MEMÓRIAS DE UM RETORNO À ACADEMIA NUM PERÍODO PANDÊMICO

Bety Jakeliny Mendes Álvares

*“Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir
Eu nem cochilei
Os mais belos montes escalei
Nas noites escuras de frio chorei”*

A Estrada – Toni Garrido, Bino, Lazão, Da Ghama (1998)

As memórias de vida e educação que lhe(s) apresento, resultam de uma existência marcada pela realidade de minhas origens, condições de sobrevivência, privações, oportunidades, escolhas, recomeços e continuidades. Para a oportunidade, recorri às lembranças que se traduzem num reencontro pessoal, motivada pela retomada de minha formação profissional-acadêmica que ocorreu justamente em meio a pandemia da COVID-19.

Nascida no Rio Grande do Norte, no ano de 1975, às margens do Rio Potengi, numa localidade chamada Jacobina, entre os municípios de Macaíba e São Gonçalo do Amarante, onde a energia elétrica era um luxo impossível, fui alfabetizada em casa, à luz de lamparina, por minha mãe que parou de estudar aos 18 (dezoito) anos, ainda no chamado segundo ano ginásial (7^a série), quando casou com o meu pai. Destinada a fazer os três filhos terem um futuro diferente do dela, a minha mãe (Gizélia Mendes Álvares), entendia que isso só seria possível se nós (eu, irmã e

irmão) estudássemos. Saíamos de casa às 4h30 da manhã, de carona no carro que transportava leite do sítio do meu avô, local onde nasci e morávamos, e ficávamos (eu, minha mãe e minha irmã) na frente da Escola Municipal Alfredo Mesquita, no centro de Macaíba, até às 7h quando começavam as aulas.

Após o término das aulas, por volta do meio dia, seguíamos a pé de volta para casa, algo em torno de 4 km, independente de chuva ou sol. Assim, aprendemos muito cedo, dentre outras coisas que estudar não era algo fácil para quem tem poucos recursos. Mas, aprendemos também que ao longo da vida sempre nos deparamos com pessoas dispostas a ajudar. Minha bisavó (vovó Maria Emília), sensibilizada com a situação pediu a um dos seus filhos (tio do meu pai) que cedesse uma casa (na granja, em Macaíba) para morarmos e assim podermos estudar com menos sacrifício. Algum tempo depois, a mesma bisavó doou uma quantia em dinheiro para que meu pai comprasse uma casa em Natal. Com essa oportunidade, tivemos a nossa primeira casa própria (embrião – composta de um cômodo com banheiro), situada na Zona Norte de Natal, tempo em que eu já tinha oito anos, e pude estudar com mais tranquilidade na Escola Municipal Professora Adelina Fernandes, sem prejuízo das demais dificuldades enfrentadas. No percurso enquanto estudante, ainda estudei na Escola Municipal Vereador José Sotero (também naquela Zona periférica da capital) e de lá tive a felicidade e o privilégio de continuar os meus estudos ao me tornar aluna da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte – ETFRN (atual IFRN). No meu Ensino Médio, fui aluna do Curso Técnico de Eletrotécnica, entre os anos de 1989 e 1994. A escola foi um divisor de águas na minha vida, formei-me uma profissional e consegui transpor muitas dificuldades, inclusive as financeiras.

Iniciei a minha vida profissional e segui trabalhando, ainda pensava em estudar, cursar uma universidade, mas as demandas de uma vida adulta cheia de limitações, adiaram os planos que ficaram temporariamente adormecidos. Até que em 1999 tomei a difícil, porém acertada decisão de largar tudo para recomeçar do zero e estudar para entrar na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Tempos difíceis, um pai deficiente em virtude de um atentado sofrido, muitos dias de hospital, horas infindáveis

de estudo na busca de recuperar o “tempo perdido” – expressão que suscita ressalvas uma vez que trabalhar quando se precisa não pode ser considerado tempo perdido.

Porém, o resultado chega para quem se dedica e ele chegou para mim quando fui aprovada no Curso de Turismo da UFRN, para ingresso na turma de 2000, último ano do século XX, outro divisor de águas na minha vida. Estava naquele momento, ocupando um espaço que ninguém da minha família havia ocupado até então. Isso me impunha uma responsabilidade, precisava fazer jus à todas as expectativas e, especialmente, todos os sacrifícios feitos (por mim e por tantos outros). A menina nascida numa localidade rural chamada Jacobina, à luz de lamparina, alfabetizada em casa, em pleno século XX, havia chegado à universidade pública e gratuita brasileira, lugar de privilégios, uma vez que nem todos tinham a mesma oportunidade num país de tantas desigualdades sociais.

Conclui o curso de Bacharelado em Turismo pela UFRN em 2004, já atuando enquanto profissional, agora de uma área completamente distinta daquela que havia me mantido durante anos anteriores. Novamente, as demandas de uma vida dura, impuseram-me a necessidade de deixar os estudos sobrestados e o desejo de seguir adiante na carreira acadêmica foram suplantados temporariamente pelas determinações financeiras. Em 2007, já com uma filha pequena e tantas outras demandas impostas à mulher, retomei os estudos agora cursando uma especialização em Gestão Ambiental Urbana, no Departamento de Geografia da UFRN, em parte para atender a minha vontade de seguir estudando, parte para atender às exigências da nova carreira profissional que havia iniciado há pouco. De 2009 (ano após a conclusão da especialização) até 2021 (ano em que busquei retomar a continuidade dos estudos e pesquisas em torno de minha formação profissional), seguiram-se anos de trabalho e aprendizados técnicos e práticos.

Nesse ínterim, a partir do final de 2019, o mundo viveu, possivelmente, a maior crise sanitária dos tempos modernos, em que a pandemia da COVID-19 dizimou por volta de quinze milhões de pessoas no mundo inteiro. A crise mundial expôs as fragilidades humanas de forma inconteste e tudo passou a ser superlativo (número de mortos; urgência na busca

pela cura; solidariedade; cansaço; medo; isolamento social; adiamentos de planos e sonhos; problemas psicológicos; dores; e perdas). Especificamente a necessidade de isolamento, requereu das pessoas, seres sociáveis por natureza, um esforço sem precedentes para tentar frear o contágio; a criação de novas formas de trabalho; maneiras de manter-se próximo, mesmo diante do isolamento, como alternativas para seguir estudando. As sociedades tiveram que se reinventar frente à compreensão de que somos tão pequenos diante do poder avassalador das consequências das nossas próprias ações: “A atual crise ambiental tem como uma característica marcante o fato de que as sociedades humanas desenvolveram práticas de produção e consumo, cujos efeitos agora demandam uma ação coletiva entre as nações” (Bursztyn, M. & Bursztyn, M. A., 2012, p. 281). Concordo, porque uma pandemia nada mais é do que a prova de que a humanidade está agindo de forma muito equivocada.

Fazito e Marques (2022) mencionando Santos (2020) afirmam que “a pandemia do COVID-19, além de gerar um medo generalizado e caótico, revelou alternativas possíveis e o poder de adaptação das sociedades ‘a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum’”. Na mesma perspectiva de compreensão do reinventar-se humano, Lacerda et al. (2020) defende que “a crise humanitária gerada pelo Coronavírus prova que podemos viver de outra forma. Toda crise tem lições a nos ensinar. O isolamento social forçado nos obrigou a desacelerar o ritmo de vida”. Assim, a pandemia da COVID-19 tornou-se um marco na vida da civilização atual. Para Araújo:

De modo complementar, face ao cenário da Pandemia de Covid-19 e das informações nos meios de comunicação de massa e científicos, a corrida por comunicação via internet se presentificou cada vez mais, já que em decorrência dessa doença foram impostas uma série de limitações impeditivas (Araújo, 2024, p. 527).

Nesse cenário de adaptações, as universidades se viram na obrigação de flexibilizar alguns processos seletivos, de forma a garantir a manutenção do quadro de alunos e profissionais. O Programa de Pós-Graduação em Turismo da UFRN, por exemplo, eliminou temporariamente a prova

escrita da seleção para ingresso nos cursos de mestrado e doutorado, sendo este um dos fatores que contribuiu para que enfrentasse os meus medos de estar distante do mundo acadêmico. Assim, após mais de dez anos fora da academia, a ousadia de me candidatar a uma vaga para voltar aos meus estudos e pesquisas foi aumentando como um brilho de uma luz boa que se aproxima naquele momento de escuridão coletiva que estávamos vivendo. Ousadia, sinônimo de coragem, intrepidez, petulância..., afinal, disputar uma vaga num Programa de Pós-Graduação, em uma universidade pública, avaliado com nota 5 pela CAPES/MEC, e por esse mesmo motivo muito concorrido, buscado por candidatos do Brasil inteiro, após tanto tempo fora da academia, só mesmo com um muito de afoiteza, ânimo e apoio. Nesse momento eu contei com o apoio do meu irmão e do seu companheiro (meu cunhado), ambos intitulados Doutores, em áreas completamente distintas da minha. Mas, o apoio se concretiza de formas tão múltiplas. E assim se deu, eles me prepararam para a entrevista, ajudaram-me a organizar as ideias colocadas no papel/projeto, incentivaram-me, encorajaram-me...

Conseqüentemente, após todo um processo seletivo virtual, ainda em virtude da COVID-19, com apoio, ousadia e um projeto que carregava em seu escopo anos de conhecimentos práticos acumulados e um amor imenso pelo que faço, consegui retornar à academia, para cursar o mestrado em Turismo. As aulas tiveram início em março de 2022, momento em que a vida estava voltando ao normal ou “novo normal” como a mídia passou a denominar os primeiros tempos pós-pandêmicos.

Naquele início de 2022, eu, uma mulher com 47 anos, fora do ambiente acadêmico há praticamente 20 anos, uma profissional consolidada naquilo que escolheu ou foi escolhida para fazer durante todos os últimos anos, após a conclusão da graduação, via-se insegura com a nova realidade devido a muitas questões: como seria recebida; como seria vista pelos colegas; se conseguiria acompanhar os diálogos epistemológicos, teóricos e metodológicos; se já não estava velha e obsoleta para voltar aos bancos da universidade; se teria um bom ritmo de pesquisa nessa retomada/continuação de minha formação. Esses e muitos outros questionamentos povoavam uma mente extremamente ativa e barulhenta. Além disso, o tempo era

dividido entre o mestrado, um cargo importante numa instituição pública estadual, uma casa, uma filha em fase escolar, um marido morando fora do estado e todas as outras demandas que a vida moderna impõe a uma mulher, especialmente aquela que não nasceu para ser recatada e do lar. Um mérito que não é só meu; sobre isso, Barreto (2014) afirma que:

É importante lembrar que as mulheres que são maioria nos cursos de graduação do país, em proporção distinta entre os cursos, são também mulheres trabalhadoras e, segundo a tradição persistente no Brasil, são ainda as maiores responsáveis pelo trabalho doméstico, como tem sido revelado pelas pesquisas da NAD. Não há, portanto, nenhum heroísmo a ser comemorado, mas o esforço imenso a ser reconhecido: as mulheres, não raro, desempenham a tripla jornada: estudam, trabalham, assumem as responsabilidades domésticas (Barreto, 2014, p. 4).

Tantas obrigações e cobranças não tornaram a minha vida fácil. Em um dado momento, após adoecer em virtude do cansaço físico e mental, para os quais contribuíram o trabalho presencial e a tensão decorrente disso, durante todo o período pandêmico, fui levada a tomar uma difícil decisão, novamente, conforme o fiz lá no final da década de 1990, quando eu ainda só tinha vinte e poucos anos. Dessa vez, precisei escolher entre seguir no mestrado e pedir exoneração ou desistir do mestrado e seguir num emprego que pagava as minhas contas, mas me cobrava um preço muito alto por isso. A diferença entre esse momento e aquele ocorrido nos idos da última década do século XX é que agora entram outras questões como por exemplo o fato social de uma pessoa, especialmente a mulher, já ser considerada “velha” para o mercado de trabalho. Apesar disso, não hesitei, solicitei a minha exoneração em meio a muitas críticas e também muitas incertezas. Mas, a vida requer coragem e eu não vim para esse mundo a passeio. Parafraseando Maria Bethânia: “Não mexe comigo que eu não ando só” e como interpretado por Toni Garrido: “Você não sabe o quanto eu caminhei pra chegar até aqui”.

Assim, aos 48 anos de vida, mais uma vez me peguei ousando e recomeçando, permitindo-me viver aquilo que adiei durante tantos anos. Em fevereiro de 2024, antes do prazo limite de 24 (vinte e quatro) meses, de-

fendi a minha dissertação para então poder assumir uma vaga no doutorado, conquistada após um processo seletivo presencial, dessa vez composto por prova escrita; apresentação de projeto de pesquisa; entrevista; e análise curricular, no mesmo Programa de Pós-Graduação em Turismo da UFRN. De minha parte, acrescento algumas doses de segurança pessoal em acreditar no meu potencial, encontradas num mestrado cursado com êxito em todas as suas etapas fomentadoras, inclusive, contando com um processo gradual de aperfeiçoamento e atualização de minha escrita acadêmica, consistindo num dos fatores que também me encorajaram a enfrentar a seleção de um doutorado que começava logo por uma prova escrita. Por fim, estas memórias do ontem, da pandemia e do hoje, permitem-me dizer que a mulher que não tem medo de ousar, mais uma vez surpreendeu e foi positivamente surpreendida. Agora ela é doutoranda e continua estudando para concretizar outros sonhos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. de N. F. de. **Turismo de base comunitária na Pan-Amazônia**: tecnologias sociais do Brasil, Bolívia e Peru. NAEA. 2024. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefndmkaj/https://naea.website/editora-naea/Livros/isbn/978-85-7143-235-2.pdf>

BARRETO, A. A mulher no Ensino Superior distribuição e representatividade. **CADERNOS DO GEA**, 6, julho-dezembro/2014, p. 1-52.

BURSZTYN, M., & BURSZTYN, M. A. **Fundamentos de política e gestão ambiental**: caminhos para a sustentabilidade. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2012.

FAZITO, M., & MARQUES, N. Análise de discursos aplicada a conflitos socioambientais em contextos de desenvolvimento turístico. In: BRASILEIRO, Iara; BOUÇAS, David; COSTA, Helena; ALVARES, Daniela (Org.). **Turismo, Sustentabilidade e COVID-19**: entre incertezas e esperanças. 1 ed. Brasília: Lets, 2022, v. 1, p. 292-308. Disponível em: <https://lets.etc.br/content/files/2022/07/An-lise-de-discursos-aplicada-a-conflitos-socioambientais-em-contextos-de-desenvolvimento-tur-stico.pdf>

LACERDA, L. F. (Org.). **Direitos da Natureza**: marcos para a construção de uma teoria geral. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020. Disponível em: <https://olma.org.br/wp-content/uploads/2020/11/direitosdanatureza.pdf>

UNIVERSIDADE E ADVERSIDADE: EXPERIÊNCIAS DISCENTES NA PANDEMIA DE COVID-19

Bruno Henrique Nunes da Silva

A partir do ano de 2020, o mundo foi acometido pela pandemia de Covid-19, que ceifou milhares de vidas. Com isto, muitos setores e ambientes públicos e privados foram afetados, assim como as pessoas. No cenário político, econômico, religioso, na vida cotidiana, tudo foi levado a uma nova configuração de vivência de “nova normalidade”. Espaços e ambientes como escolas, universidades, institutos federais, creches, as situações particulares das próprias casas, foram reconfiguradas ao “novo normal” imposto pela pandemia.

No ambiente universitário, especificamente na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), com a experiência discente no Curso de Licenciatura plena em História nos primeiros semestres do curso, em 2021 a 2022, inúmeros desafios quase intransponíveis foram experienciados por muitos discentes. Desafios estes que não ficaram restritos somente ao campo da ausência e manuseio das tecnologias digitais, mas também no campo da seguridade socioeconômica e política dos discentes minoritários; quilombolas, indígenas, estudantes que residem em lugares distantes da universidade.

Na implementação de políticas públicas para as superações destes e muitos outros desafios que são até impossíveis de serem listados aqui, a UFOPA procurou sanar muitas adversidades dos discentes – o público discente desta instituição é de alunos matriculados regularmente e de alunos que ingressam por meio de outros processos de seleção discente, haja vista que a Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) tem três maneiras de ingresso no ensino superior: pode ser por meio do PSEQ

(Processo Seletivo Especial Quilombola), PSEI (Processo Seletivo Especial Indígena) e/ou PSR (Processo Seletivo Regular). Processos estes que democratizam o acesso ao ensino superior público. Para além disso, cabe uma outra enriquecedora e grande discussão e pesquisa sobre a permanência desses discentes, especialmente os indígenas e quilombolas na universidade e na continuidade de seus estudos. A distribuição de chips com internet para os discentes, a gratuidade de refeições no restaurante universitário, testagem de Covid-19, distribuição de álcool em gel e entre outras ações promovidas pela instituição. Com isto, “[...] a atuação da UFOPA ocorreu de forma colaborativa durante a pandemia, com ações que contribuíram para o fortalecimento do papel da universidade pública para com o meio social” (Vasconcelos; Colares, 2022, p. 560). Assim, esta instituição teve uma importância fundamental durante o período pandêmico.

Como procedimentos metodológicos deste trabalho, foram realizadas duas entrevistas com duas discentes quilombolas do curso de história – discentes da mesma turma do autor – que compartilharam as adversidades enfrentadas para a permanência e continuidade em suas formações na UFOPA. Tal trabalho, a caráter de experiência pessoal durante a pandemia de Covid-19, trará, além das contribuições autorais e pessoais, a complementação com outras experiências discentes no âmbito universitário no mesmo período.

Além da permanência e (re)existência do público discente da instituição, o processo de inserção no mundo digital e tecnológico para os alunos que logo saíram do Ensino Médio – ou tem pouco manuseio – em contexto pandêmico, e com normas de biossegurança que não permitia o contato com os seus pares na academia, comprometeu a formação desses discentes, assim como revelou a situação vulnerável de muito que se quer sabiam ou até mesmo tinha os aparelhos e meios necessários para acompanharem as aulas. Para tal experiência, foi feita entrevista semiestruturada com a discente Orlenice Ferreira Braga, discente quilombola – do quilombo Bom Jardim, situado no planalto de Santarém, na rodovia PA – 370, a cerca de 29 km da cidade – do curso de Licenciatura em História sobre os seus desafios enfrentados no período de aulas síncronas e assíncronas na universidade.

Ao ser entrevistada, a discente supracitada pontua dois pontos de relevância no período pandêmico: um negativo e outro positivo. Com isto, ressaltou-se em sua fala, as suas experiências e adversidades enquanto estudante e quilombola e o seu próprio ingresso pelo Processo seletivo especial quilombola (PSEQ) e sobre a pandemia: “[...] Através do Processo Seletivo Quilombola, né, que foi um período que foi positivo, mas também negativo”. Além disso, cabe fazer uma adição que no período da pandemia, o aparato que a universidade disponibilizou foi essencial para os discentes, principalmente aqueles em situação de vulnerabilidade social, mas não soubou todas as necessidades dos alunos (compreende-se como necessidades não apenas ter aparelhos tecnológicos para os estudos, mas como cada situação de discente se configurou durante a pandemia de Covid-19? Quem era esse discente? Era do sexo masculino ou feminino? Era negro? Era indígena? Era quilombola?). Portanto, a partir de suas experiências pessoais, o que foi proveitoso nesse período e quais foram as limitações a entrevistada Orlenice Braga ressalta:

Primeiro eu vou começar pela parte negativa, foi por causa que era difícil de internet no interior, é, teve; a UFOPA forneceu o chip, né, [...] mas ele só prestava quando a gente estava na cidade, por que lá no meu quilombo não servia, só quando tinha área mesmo, de dados das redes, mas a gente emprestava, é, internet de outras pessoas, porque, como começou, muito recente, aí, depois com a bolsa permanência a gente começou a colocar internet, e aí melhorou, melhorou um pouco, né!?

No entanto, partindo da fala da discente entrevistada, enfatiza-se neste trabalho e a partir dos relatos, a quão dificultosa foi a permanência e a integridade pessoal durante a pandemia, por sinal, a vida. Não somente sobre como as pessoas se reinventavam e tentavam sobreviver, mas as entrelinhas das nossas vidas e histórias durante o distanciamento social por conta do vírus. Ou seja, não somente a partir do que a própria universidade disponibilizou aos discentes – em especial a situação dos discentes quilombolas e/ou indígenas que não moravam na cidade e/ou próximo à instituição de ensino –, mas em que medida a situação pessoal e cotidiana de cada discente para o acompanhamento das aulas foi de fato efetivado e

produtivo? Fica então esta indagação e reflexão. Assim, “tais ações visam intensificar a luta por uma educação de qualidade, pública e referenciada socialmente diante de retrocessos e desmontes constantes no setor público” (Vasconcelos; Colares, 2022, p. 569), garantindo a sua essência de compromisso político, social e econômico.

Além disso, a realidade e o distanciamento entre moradia e a universidade também comprometeram essa estabilidade dos discentes, como é o caso do quilombo em que a discente relata acima: a falta de internet por conta do distanciamento. Já nos pontos positivos, Orlenice Braga pontua que:

E a parte positiva, foi que, [...] pela forma que as redes sociais entrou na vida de muitos quilombos, de indígenas; também, né, porque, muitos talvez não tinha computador, não tinha celular. Inclusive, eu não tinha, né, só comprei por causa que eu tinha que estudar. Eu estudava, a dificuldade era quando eu estudava que eu não tinha celular, era que eu estudava no celular de alguns amigos, do meu esposo também, e depois fui comprar um celular, coloquei internet, aí foi um ponto positivo. [...] foi a forma que eu aprendi a mexer na internet.

Para além da primeira fala da discente entrevistada, na complementação dos pontos positivos, a mesma ressalta a sua maneira de aprendizagem com as tecnologias, que em sua fala ela pontua como “redes sociais”. No entanto, é de praxe que toda e qualquer pessoa inserida no ambiente acadêmico a partir de meados de 2020, tenha se adaptado de diversas maneiras para a continuidade e manutenção da sua vida e dos estudos – os estudantes, trabalhadores, pesquisadores, etc. Digo vida, pois em muitos casos, houve desistências; particularmente, a dúvida e o medo do estavam postos cotidianamente a todos, consequências estas de causar sentimentos e tomadas de decisões de acordo com a proporção do que estava ao nosso redor.

Já na fala da discente Raimunda Castro dos Santos, é enfatizado também as dificuldades de manuseio das tecnologias no desempenho do curso de Licenciatura em História, na UFOPA. Ademais, a segunda entrevistada, pelo fato também de ser quilombola, apresenta a seleção do PSEQ, assim, que de maneira fundamental tem diferencial de inclusão dos povos

tradicionais na universidade, corroborando para a sua diversidade étnica e protagonismo no ensino superior e a partir dele. Dessa forma, Raimunda Castro dos Santos pontua:

[...] sou do interior do quilombo de Oriximiná, eu ingressei pra universidade, é, através do Processo seletivo especial quilombola (PSEQ). E, bom, foi um período muito difícil, é, primeiro porque a gente ter que lidar com novas tecnologias de cara não é uma coisa muito fácil, ainda mais quando a gente precisa ter conhecimento disso só a gente mesmo, precisa ir pesquisar como é que funciona, como por exemplo, é, ter contato com o *google Meet*; por exemplo, que as aulas eram através dele; é, encarar, por exemplo, o SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas da UFOPA.), que é o sistema. Pra mim foi muito mais difícil também porque, é, não teve uma aula presencial, de conversar com alguém, ensinar como é que funciona e tal. Então, foi muito complicado nas partes tecnológicas, conhecer as partes tecnológicas pra conseguir, é, ficar estudando durante a pandemia.

Contudo, cabe a outras pesquisas a investigação para entender melhor, como a pandemia afetou os povos tradicionais. Neste caso, foram entrevistadas apenas duas discentes quilombolas de comunidades distintas. Além disso, em se tratando das particularidades do autor, colocar-se-á a partir de então a sua experiência enquanto discente também do curso de história.

No cenário pandêmico, pessoas próximas que tiveram as suas vidas ceifadas pelo vírus que pairava sobre o mundo; o Brasil com um governo ultraconservador constituído por muitos militares, que em certa medida o campo político se acirrou – em se tratando da eficácia das vacinas, a eficácia da ciência, as ciências humanas condenadas e indiciadas pelo marxismo; as igrejas neopentecostais – por terem as suas ideologias alinhadas as do governo – nas periferias e onde mais podiam chegar e atuar congregavam os seus fiéis.

Em uma de minhas participações em uma igreja neopentecostal na cidade de Santarém-PA, ouvi falas que eram proferidas a respeito da vacina contra o vírus, falas estas que reverberavam de maneira coadjuvante com o chefe do governo federal: descrente na ciência – produção da vacina. De acordo com Boaventura Sousa (2020, p.10), “o sentido literal da pandemia

do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível. Mas o que ela exprime está muito, além disso.” Assim, nas entrelinhas dos grandes acontecimentos que eram comunicados pelas redes de informações, apoiadores negacionistas agiam nas periferias, nas favelas, nos mais distantes e longevos lugares onde a informação e a educação eram de difícil acesso. Enfatizo isto também por meio de outra experiência enquanto visitei uma unidade de conservação na Amazônia, na região Oeste do Pará, que pertence ao município de Belterra – lugar este que congregam igrejas neopentecostais, povos tradicionais, povos indígenas e entre outros moradores.

Partindo de todos estes pressupostos, a pandemia de Covid-19 teve em sua dimensão linear e unilateral uma das mais grotescas formas de divulgação política e de permanência e reafirmação dos estudos e da educação. Enquanto aluno de escola pública e aluno de nível superior também da mesma esfera, me vejo no compromisso de (re)afirmar o que é previsto na Constituição Federal: educação pública, gratuita e de qualidade. Com todas as problemáticas que os discentes sofreram ao longo da pandemia e do governo que perdurou de 2019 a 2022, a classe estudantil, os povos tradicionais, a classe trabalhadora e entre outros muitos setores que tiveram ou tenham o mínimo de consciência histórica do papel social da educação e até mesmo da própria política institucional, percebem o quão prejudicial à pandemia foi.

No entanto, as diferenças sociais puderam ser muito bem percebidas a partir da experiência da pandemia – daqueles que minimamente e criticamente conseguem perceber as diferenças sociais. Particularmente, uma das maiores dificuldades enquanto estudante negro, da periferia de uma cidade no interior da Amazônia, é em relação à defesa contínua do meu lugar de origem e enfatizo o quão importante e o diferencial que a universidade fez e faz na vida de quem é socialmente e historicamente visto em lugares e formas de dominado.

A partir de minhas experiências enquanto discente do curso de história da UFOPA no período pandêmico, posso elencar algumas limitações que tive no início de minha formação: a falta de internet em casa, a falta de aparelhos tecnológico para os estudos, lugar desconfortável para estudar

e entre outras. Assim, com o retorno presencial das atividades da universidade em meados de 2022 e já com o fim do governo ora vigente no país, conseguimos dar avanços muito significativos, como, por exemplo – mesmo sem os aparelhos tecnológicos como computar e internet –, a universidade, dispõem de laboratórios com computadores e internet grátis para aqueles discentes que não tem. Com isto, o medo caótico que persistia na pandemia foi sendo combatido com as vacinas, a reafirmação da eficácia da vacina e da ciência, os movimentos sociais unificados e a volta do que nós tínhamos em nossas vivências: o “antigo normal”

REFERÊNCIAS

SANTOS, Boaventura de Sousa. A trágica transparência do vírus. *In. A cruel pedagogia do vírus*. 2020, 10-14.

UFOPA. **Portal da Pró reitoria de graduação**, 2024. Disponível em: <https://www.ufopa.edu.br/proen/processos-seletivos/>. Acesso: 15 jul. 20224.

VASCONCELOS, Lucas Soares de; COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa. **A universidade pública no interior da Amazônia frente aos desafios educacionais do contexto pandêmico**. Colóquio do Museu Pedagógico – ISSN 2175 – 5493, 2022.

MEMÓRIAS DOCENTES E O IMPACTO DA PANDEMIA NA SAÚDE MENTAL

Carla Tartari Leão

Sabemos que, nos anos de 2019 a 2020, fomos surpreendidos com uma grande pandemia global que acometeu o Brasil e o mundo, vitimando muitas vidas repentinamente e trazendo uma nova configuração socioeconômica. Com a disseminação de Covid-19, passamos a viver momentos de muita insegurança, isolamento social e medo de morrer ou perder pessoas queridas próximas. Em meio a tudo isso, tivemos que, aos poucos, ir nos adaptando ao contexto da pandemia, mas, também, aos poucos, voltar à nossa rotina, ao trabalho e aos meios de convivência social, mesmo que com algumas restrições.

Diante desta nova realidade, de enfrentamento coletivo do contexto pandêmico, as escolas foram temporariamente fechadas e as aulas suspensas. Porém, para não obter prejuízos significativos no processo educacional dos estudantes, que estavam sem poder ir às escolas, o Ministério de Educação (2020) homologou um novo formato de ensino para a educação brasileira. E desta forma, foram implementadas as aulas remotas, para que cada estudante pudesse ter o “direito à educação” garantido, embora isso tenha se dado em condições variadas e muitas vezes adversas.

Os professores, dentro deste novo contexto de ensino, tiveram que reconfigurar sua forma de exercer a docência, agora não mais na escola, mas num ambiente distante do aluno e virtual, passando a fazer uso de novas tecnologias para desenvolver suas aulas. Inicialmente, toda essa organização, de acordo com Souza (2021), ficou sob a exclusiva responsabilidade dos docentes, com o apoio e ajuda de colegas ou familiares.

Esse nosso formato de trabalho, Home Office, afetou significativamente o professor, despertando-lhe muitos sentimentos e sensações como ansiedade, medo e insegurança.

Enquanto profissional da educação, atuante na rede pública de ensino, em uma escola de ensino fundamental, pude sentir na pele as mesmas angústias e sentimentos vividos pelos colegas professores, visto que, toda a orientação da organização do trabalho docente perpassava os serviços da coordenação pedagógica, a qual era de minha responsabilidade. Isto me motivou, para além do meu trabalho, enquanto estudante do curso de psicologia, a buscar compreender os impactos do contexto pandêmico na saúde mental dos docentes da educação pública do município onde exerço a função de especialista em educação.

Assim, foi idealizada e realizada uma pesquisa com 25 professores, do ensino fundamental – Anos Finais (6º ao 9º ano), aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFOB (CAAE 63434122.7.0000.8060), com o objetivo de investigar se houve processo de adoecimento psíquico entre os docentes que atuaram no período da pandemia, bem como identificar as principais manifestações desse sofrimento psíquico e quais demandas acarretaram desgaste emocional ou mental.

A pesquisa, ora apresentada, demonstrou que algumas variantes foram significativas para impactar na saúde mental destes profissionais. Inicialmente, houve as perspectivas e consequências psicológicas advindas do próprio contexto pandêmico, causador de estresse, incerteza e medo a todos, situação esta que também envolveu os professores e seus familiares. Alguns professores relataram que tiveram dificuldades de concentração, lapsos de memória, insônia, descontrole emocional, angústia e tristeza. Outros ficaram abalados com as perdas de familiares e amigos próximos. E alguns tiveram muito medo de contrair o vírus ou de algum familiar próximo morrer vítima da Covid-19.

Outro fator estressante, que já não teve a ver com o contexto pandêmico diretamente, foi a necessidade de adequar-se ao novo contexto educacional com o ensino remoto e a organização de todo esse novo formato de trabalho. Havia professores que não tinham contato com o uso de tecnologias para atuar na docência e que ficaram muito inseguros. Não foi

ofertada nenhum tipo de formação pela Secretaria de Educação ou pela Prefeitura do município a estes profissionais, tendo os mesmos que ir em busca de aprender a desenvolver novas metodologias e fazer uso das ferramentas digitais por seus próprios meios.

Além disso, todo aparato tecnológico que precisaram utilizar para dar suas aulas veio com investimento pessoal, ou seja, os professores tiveram que providenciar seus recursos de trabalho (celular, *tablete*, *notebook*, internet) para exercer sua profissão no momento da pandemia. A maioria dos professores declara ter alguma ou muita dificuldade em fazer o uso das ferramentas digitais para desenvolver suas aulas, sendo este um motivo de grande estresse e desgaste emocional para muitos.

Algumas circunstâncias relatadas pelos professores que ocasionaram um maior desgaste para eles foram: a falta de apoio da gestão escolar, de tempo adequado para o descanso (desconectar), as cobranças com o desempenho e a qualidade do ensino, o desinteresse dos alunos pelas aulas remotas, as relações interpessoais insatisfatórias com a equipe gestora. Segundo Silva (2020), durante a pandemia, os professores, por não conseguirem atingir os objetivos propostos pela instituição devido às diversas pressões relacionadas ao manuseio das tecnologias, gravações de aulas, etc., acabaram adoecendo e alguns até solicitaram afastamento do trabalho.

Muitas situações, segundo os docentes, contribuíram significativamente para o estresse e o processo de adoecimento psíquico de alguns colegas. A falta de condições adequadas para desenvolver seu trabalho, junto com a perda de sua privacidade, já que o ambiente doméstico se tornou seu local de dar aulas, associada a outras dificuldades, se tornaram extenuantes. Para Menezes (2017), condições desfavoráveis para o bem-estar são fatores de risco capazes de causar sofrimento psíquico.

No decorrer da pesquisa, pudemos constatar que o desafio do novo e o medo gerado pelo novo formato de trabalho estiveram o tempo todo relacionados às condições de estresse e desgaste emocional dos professores durante a pandemia. Souza (2021) ressalta que o formato de trabalho remoto apresentou indícios de agravamento da saúde mental dos docentes. Mas, outros fatores, também, como

o isolamento social, especialmente o afastamento da sala de aula e dos alunos, juntamente com as dificuldades enfrentadas pelo próprio contexto de uma pandemia, também estiveram associados a esse processo de adoecimento mental docente.

Porém, é importante salientar que nem todos os professores se sentiram nessa mesma condição de estresse e esgotamento em função de todo esse contexto pandêmico. Alguns docentes relataram aspectos positivos como ter mais tempo com a família, ficar mais em casa, maior tempo para a maternidade, dentre outros. Para estes professores, lidar com as novas tecnologias para desenvolver o ensino remoto não se configurou um problema para eles, pois os mesmos já tinham alguma habilidade com esses dispositivos e se sentiram bem à vontade para acessá-los.

Ao final da pesquisa, alguns docentes relataram que, apesar de todos os fatores negativos vividos e sentidos durante o período da pandemia, enquanto atuavam com o ensino remoto, mesmo sendo estes momentos difíceis de serem enfrentados, muitas foram as lições que absorveram para suas vidas a partir de então, tais como: não viver só para o trabalho, ter momentos de lazer e mais tempo com a família e os amigos.

Alguns professores também buscaram estratégias de enfrentamento para minimizar os possíveis danos causados à sua saúde mental durante a pandemia, como autocuidado pessoal e espiritual, atividade física, meditação e terapias alternativas, lazer com amigos e parentes próximos, entre outros. Outros pontuaram a importância de ressignificar valores, pensamentos e modos de viver.

Desta forma, com a presente pesquisa e os resultados aqui apresentados, esperamos contribuir, a partir dos dados coletados, com o projeto de extensão do PPGÉ “Memórias de Ensino II: Vivências Educacionais em Tempo de Pandemia”, para uma melhor compreensão acerca das vivências e memórias docentes nesse contexto vivido por todos nós da educação, a qual foi a pandemia de Covid-19.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação. **Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020**. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 15 out. 2022.
- LEÃO, C. T.; OLIVEIRA, M. A. F. (2022). **Impactos da pandemia do Covid-19 na saúde mental dos docentes da educação básica de escolas públicas do município de Barreiras**. Ano: 2022. Trabalho de Conclusão do Curso (Bacharelado em Psicologia) - Centro Universitário São Francisco de Barreiras-BA/Instituto Avançado de Ensino Superior de Barreiras (UNINASSAU/UNIFASB), 48f. 2022.
- MENEZES, M. C. P.; ALVES, E.S.R.C., NETO, S. A. A.; DAVIM, R. M. B; GUARÉ, R.O. (2017). Síndrome de Burnout: uma análise reflexiva. **Revista de Enfermagem online**. UFPE, v. 11, n. 12, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/25086>. Acesso em: 15 out. 2022.
- SILVA, P. F. T.; BATISTA, A. A. R.; TROTTA, L. M. (2020). Impactos na saúde socioemocional dos educadores durante a pandemia de covid-19. **Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação (online)**. v.5, n. especial, p. 80-82, 2020. Disponível em: <https://recite.unicarioca.edu.br/rccte/index.php/rccte/article/view/134>. Acesso em: 3 ago. 2024.
- SOUZA, K. R. *et al.* Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, p. e00309141, jan. 2021. Disponível em: <https://www.tes.epsjv.fiocruz.br/index.php/tes/article/view/510/1>. Acesso em: 15 out. 2022.

UM OLHAR SOBRE O CASO DE UM JOVEM SECUNDARISTA SOBRE OS DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL DO CENÁRIO PANDÊMICO NO MUNICÍPIO DE ÓBIDOS-PA

Cléberon Fonseca Silva

Para iniciar esse breve relato sobre minhas Memórias de Ensino que se remetem ao tempo da pandemia do Covid-19, faz-se necessário primeiramente, que eu me apresente e situe-os dentro do contexto político, econômico e social que vivemos de maneiras distintas, mas compartilhada entre todos os brasileiros e demais indivíduos de outras localidades geográficas. Meu nome é Cléberon Fonseca Silva, hoje tenho 22 anos, moro em Óbidos-PA, uma cidade pequena de aproximadamente 52.000 habitantes e diversa em muitos aspectos, sejam eles culturais, políticos ou religiosos. Situo esses aspectos, pois considero importante para compreendermos o processo de negacionismo pelo qual, em termos de Brasil, todos passamos e que estreitando para uma análise local se reproduziu de diferentes maneiras.

A pandemia do COVID-19 no Brasil teve como marco inicial o primeiro caso confirmado em 26 de fevereiro de 2020, logo mais, em pouco menos de um mês o vírus SARS-CoV-2 já havia se espalhado por diversas regiões do país. No estado do Pará, o primeiro caso de propagação do vírus foi registrado em 18 de março de 2020 e assim progressivamente para as demais localidades interioranas como a cidade de Óbidos. Antes dessa chegada inesperada, muito se falava sobre a impossibilidade de o vírus chegar e se adaptar às condições termostática de nossa cidade, falavam que o vírus não resistia a localidades cujas condições de aumento da temperatura eram bastantes variáveis, mais constantes, como é o caso de Óbidos onde a sensação térmica por vezes chega a ser de 40°C.

Falas com o conteúdo embasado nesse argumento, na sua grande maioria dentro da cidade e no bairro onde moro, eram proferidas por pessoas, membros, por vezes líderes, de instituições religiosas de denominação “evangélica”. Alguns até chegaram a afirmar que a pandemia seria uma forma de castigo divino. Eram pessoas que em suas falas, demonstravam não haver qualquer domínio de informações fundamentadas cientificamente. Se pautavam apenas em uma justificativa “inventada”, podemos assim dizer, e, baseadas em suas próprias interpretações acerca de passagens bíblicas que falam sobre as pestes lançadas por Deus ao Antigo Egito. Devido à grande influência que tais pessoas ou grupos de pessoas tinham entre praticamente todos ou a grande maioria dos indivíduos que compunham seu ciclo sociocultural e religioso, os seus posicionamento e falas carregadas em larga escala de um negacionismo fervoro, ganhava cada vez mais aceitação entre os membros das comunidades evangélicas locais.

Durante o período de início de propagação do vírus, o Ministério da Saúde já orientava o uso de máscaras em ambientes fechados e correlativamente do uso de álcool em gel 70° após o contato com ambientes propícios à contaminação. No entanto, ainda sim, dentro da cidade de Óbidos havia uma forte resistência em relação ao cumprimento de tais recomendações sanitárias emitidas pelo Ministério da Saúde, por parte da população como um todo, mas principalmente pelas camadas ditas “evangélicas” ou protestantes.

Tá, mas o que isso tem a ver com o contexto educacional? De que forma tais fatos se relacionam com o contexto de pandemia nos ambientes escolares? O quê que religião ou entidades religiosas tem a ver com ensino? Para responder a esses questionamentos é preciso inicialmente levarmos em conta a seguinte questão, apesar de o Brasil ser um país “laico” de maioria católica, em Óbidos-PA, os números de indivíduos de denominação “evangélica” são superiores ou proporcionais aos números de indivíduos de denominação religiosa católica. Não quero aqui com isso, dizer ou levar a imaginar que a expressão negacionista estava estreita e exclusivamente ligada às entidades religiosas de matriz evangélica. Havia entre os católicos também, aqueles que aceitavam e aderiram a essa expressão, como também aqueles que buscavam ser mais coerentes em entender que as orientações médicas eram respaldadas por uma série de estudos científicos comprovados.

Muitos desses indivíduos que assumem e defendem um posicionamento negacionista em relação às orientações eram pais e mães de alunos(as) que durante esse período de pandemia, logo após anunciarem situação de alerta na cidade, assim como eu, tiveram seus estudos interrompidos de maneira inesperada. Muitos pais ficaram revoltados, pois não aceitavam tal situação, queriam que de uma forma ou de outra seus filhos permanecessem na escola, principalmente os que estavam prestes a concluir os anos finais do Ensino Fundamental ou o Ensino Médio. Durante esse período, eu tinha 18 anos e ainda estava cursando o 3º ano do Ensino Médio em uma escola da rede pública estadual.

A pandemia de COVID-19 trouxe mudanças drásticas para a minha vida e para a de muitos outros estudantes. Nossos estudos foram interrompidos por quatro meses, e durante esse período, para não ficar parado, comecei a trabalhar em uma padaria ao lado de minha casa, que fica localizada em um bairro considerado periférico por parte da população. Assim como muitos outros jovens da minha idade, buscaram alternativas para ocuparem seu tempo em meio a esse cenário de paralisação do sistema de ensino.

Após o período de aproximadamente quatro meses sem contato algum com a escola, recebi uma mensagem de um amigo. Nessa mensagem ele me perguntava se eu estava sabendo que a escola havia organizado grupos de *WhatsApp* e as aulas passariam a ser de forma remota através desse aplicativo. Eu fiquei surpreso, pois não estava sabendo de nada. Perguntei a ele desde quando as aulas tinham começado, ele prontamente me respondeu dizendo que já fazia uma semana que as aulas neste formato teriam iniciado. Fiquei perplexo, pois já havia perdido uma semana inteira de aula e pensava que isso resultaria em minha reprovação. Então pedi a ele que passasse a direção da escola o contato do celular de minha mãe para adicionar aos grupos da escola, pois era o meio pelo qual eu mantinha contato com ele e demais pessoas.

Quando voltei a estudar, pedi um tempo ao dono da padaria onde eu estava trabalhando para que pudesse recuperar o tempo perdido e realizar alguns dos trabalhos escolares que os(as) professores(as) haviam repassado para fazermos. Nesse mesmo período, soube da triste notícia do falecimento da professora de História devido algumas complicações de saúde agravadas pela COVID-19. Foi uma perda lamentável, pois essa professora era sem igual

no que diz respeito ao Ensino de História. Nunca havia tido um apreço tão grande pela história da maneira que tive ao ter tido a oportunidade de tê-la como professora, mesmo que em um breve intervalo de tempo.

Durante duas semanas, me dediquei inteiramente aos estudos, porém, não foi fácil. Não conseguia sentir um estímulo através do ensino remoto. Por vezes me senti frustrado em não conseguir lidar com questões que antes pareciam simples de serem solucionadas, mas que no atual momento havia se tornado algo complexo demais para mim.

Diante dessa situação, poderia listar uma série de desafios que me acometeram durante o período da pandemia. No entanto, me restringirei em apenas três que considero possuírem impacto mais amplo, que não foram sentidos apenas por mim, mas pela sociedade como um todo. O primeiro deles foi justamente a interrupção imediata dos estudos. A interrupção das aulas presenciais foi um dos maiores desafios. Sem acesso imediato a recursos digitais, muitos de nós ficamos sem orientação adequada.

A falta de estrutura em casa, como um espaço adequado para estudar e a ausência de internet de qualidade, dificultou ainda mais a continuidade dos estudos. Outro fator, foi conciliar trabalho e estudo, algo que durante esse período a maioria dos jovens vivenciou de maneira compartilhada, muitos até conseguiram lidar com essa situação, mas outros infelizmente vieram a desistir pelo caminho. No meu caso, trabalhar na padaria foi uma necessidade para ajudar minha família, mas conciliar o trabalho com os estudos foi extremamente desafiador. As longas horas de trabalho deixavam pouco tempo e energia para me dedicar às tarefas escolares.

Por último, é algo que todos, sejam jovens, crianças, adultos ou idosos, trabalhando ou não, compartilharam mutuamente dessa mesma experiência, ou melhor, desse mesmo sentimento. A incerteza e o isolamento social afetaram não só a minha saúde mental, mas a de grande maioria, senão todas, as pessoas. A falta de interação com amigos e professores aumentou a sensação de solidão e ansiedade. A escola que antes teria a função de ser um espaço da coletividade, de compartilhamento de experiências, ideias e emoções, agora já “não existe”, ou, encontra-se de portões fechados. A pressão para continuar estudando, apesar das dificuldades, também foi um fator estressante. Foi extremamente desafiador, mas vencemos!

Em meio a esse novo cenário que estávamos inseridos, tivemos sempre que nos reinventar. É fato que algo extremamente desafiador para todos, mas que também de alguma nos levou a modernizar nosso viver, ser e fazer, principalmente nos que diz respeito ao ambiente educacional. Muitas inovações surgiram, a escola ganhou novo sentido e concomitante a isso a complexidade de saber lidar com essa nova realidade também. Com o tempo, a escola implementou aulas online.

Embora a adaptação tenha sido difícil, essa mudança trouxe algumas vantagens. Pude acessar materiais de estudo a qualquer hora e revisar as aulas conforme necessário. No entanto, a falta de interação presencial permanecia ainda sendo um grande obstáculo. O uso de plataformas digitais como Google Classroom e Zoom tornou-se comum. Essas ferramentas permitiram uma comunicação mais eficiente com os professores e colegas.

Além disso, muitos professores começaram a gravar aulas e disponibilizá-las online, o que ajudou a compensar a falta de aulas presenciais. A pandemia também acelerou a adoção de recursos educacionais abertos (REA). Muitos sites e plataformas disponibilizam conteúdos gratuitos, como vídeos, exercícios e livros digitais, que foram essenciais para continuar aprendendo durante o isolamento. Mas isso de qualquer forma, não substitui o contato face a face entre professor(a) e aluno(a).

A pandemia de COVID-19 foi um período de grandes desafios, muitos deles, como disse inicialmente, presenciou um grande número de posicionamentos negacionistas por parte de uma parcela da sociedade, mas é inegável também que o mesmo acabou tornando-se de alguma maneira um período de aprendizado e inovação, e, em meio ao contexto de separação por diversos outros fatores além da próprio cenário pandêmico, tornou-se sob alguns olhares mais atentos uma oportunidade de aproximação, de quebras de barreiras sociais, de conflitos históricos, pela necessidade e aflição ao mesmo tempo, de sobrevivência.

Podemos dizer por alto, pelo menos em minha concepção, que chegamos muito perto da concretização da ideia de “comunidade holística” ou “comunidade integral”. Essas comunidades buscam integrar aspectos físicos, emocionais, mentais e espirituais da vida, promovendo um senso de conexão e bem-estar coletivo, mesmo possuindo concepções de mundo

distintas umas das outras. Essas comunidades valorizam a interdependência e a conexão profunda entre os membros, reconhecendo que o bem-estar de cada indivíduo está intimamente ligado ao bem-estar do grupo como um todo. Além disso, para encerrar esse breve relato, a experiência de trabalhar na padaria enquanto tentava continuar meus estudos me ensinou a importância da resiliência e da adaptação e as inovações no ambiente educacional, embora imperfeitas, abriram novas possibilidades para o futuro da educação.

A TRAVESSIA DO PERÍODO PANDÊMICO: COVID 19

Cristiane Alves Ferreira

Em um dia consideravelmente tranquilo, dentro da normalidade esperada no ambiente escolar, final de tarde do dia 18 de março de 2020 o que era rotineiro se transformou em um cenário avassalador, de incerteza, insegurança e anormalidade. Um decreto municipal anuncia que haverá alterações na rotina escolar. Assim, deu-se início ao que posteriormente denominamos de período pandêmico. Era o Covid-19, uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global infiltrando em nosso cotidiano, transformando vidas, destruindo sonhos, planos e histórias.

Nas escolas, a ordem veio para fechar as portas, as atividades letivas precisavam ser repensadas de que forma o aluno iria realizar. Hora de redimensionar a tarefa sistêmica do cotidiano de estudantes, professores, gestores, colaboradores da limpeza, lanche, segurança, secretaria e famílias, as aulas foram interrompidas bruscamente. E eis que surge o momento de repensar as novas configurações do labor da sala de aula. Diante da pressão da realidade fatídica, do aumento do número de casos da doença, perdas de vidas precoces e tentativas para encontrar soluções eficazes, os dias se tornavam mais tensos e imprevisíveis.

No caos instalado, arregaçamos as mangas literalmente e apropriamos do conhecimento peculiar da nossa profissão para organizar o processo. A palavra de ordem era planejar, utilizar tudo que estivesse ao nosso alcance para reduzir os prejuízos que se apresentavam com a realidade evidente. Reinventamos com tudo que tínhamos a nosso favor. Iniciamos produzindo grandes atividades extraclasse, colocando-as em envelopes

para que as famílias levassem para casa e os estudantes não perdessem o ritmo e o hábito do estudo diário. Solução viável no começo, mas que não produziu efeito por muito tempo, visto que as explicações dos conteúdos, o contato com os professores e a escola estavam ficando cada vez mais distante, o Covid se alastrou drasticamente.

Nessa perspectiva, urgia a prática de movimentos pontuais e assertivos para oferecer aos estudantes, mesmo sem frequentar o ambiente escolar, mecanismos de aproximação com o dia a dia de estudos, tendo em vista a demonstração dos primeiros sinais de insatisfação por estarem em casa, impedidos de usufruir a rotina própria do discente. Diante de tal sistemática, a tecnologia se torna aliada fundamental no planejamento do professor, que dela se apropria para integrar qualidade e eficácia no processo de ensino e aprendizagem na situação vigente.

Entretanto, alguns entraves ainda sobressaiam como barreiras para a utilização das tecnologias, entendendo que nem todos tinham acesso a essa ferramenta que ora se apresentava essencial, tanto para estudantes, como para professores. Forçosamente, fomos instruídos a iniciar o processo de aulas on-line, gravadas e disponibilizadas aos estudantes, ou em tempo real. Essa estratégia foi fundamental para atendermos aos alunos no período pandêmico, porém ela também não ofereceu eficácia no quesito durabilidade, pois se tornou cansativa por conta da ausência de interação professor/aluno, em tempo real.

Os discentes expressavam a necessidade da troca, como existia em caráter presencial. É importante ressaltar, que mesmo com desafios que permeavam o uso das tecnologias, ela foi com certeza a saída mais eficaz para evitar o distanciamento total. Além de promover a busca do domínio dessa ferramenta por parte dos docentes e assim investir na qualidade da aula e transmissão de conhecimento.

De posse de todos os elementos possíveis que nos aproximavam dos estudantes, vivenciamos muitas descobertas e possibilidades para ensinar e aprender. Das diversas estratégias utilizadas, atingimos eficazmente uma boa parte do nosso público-alvo, contudo, vivenciamos o contrário também, resultados insatisfatórios que apontavam falta de adaptação do aluno à ferramenta disponível. Foi um misto de resultados, presenciamos alunos

se tornando mais corajosos e arrojados quando se apresentavam diante da tela, como também, de maneira contrária, demonstrando timidez, crises de ansiedade que promoveram o afastamento do estudante desse modelo de aula. Contudo, todas as experiências foram válidas, elas possibilitaram ao professor a compreensão de que é possível ir além dos obstáculos.

Os resultados da travessia em tempos de pandemia afetaram de maneira específica, diretamente ao professor, que muitas vezes, em seu processo solitário de criação, produção e planejamento transpôs fragilidades e inseguranças próprias da sua individualidade. Para uns surtiu o efeito libertador do autoconhecimento e, para outros, funcionou como uma invasão forçada ao que pertencia apenas ao seu mundo particular. Tal dinâmica, gerou problemas como depressão, síndrome do pânico e ansiedade, obrigando esses profissionais buscarem auxílio médico e psicológico. Não foi fácil para ninguém, certamente um crescimento cheio de altos e baixos, desafiador.

Entendemos que a pandemia afetou gravemente todos os segmentos da sociedade. A escola, enquanto instituição formadora, certamente foi o ambiente que impreterivelmente sofreu modificações inesperadas. A família por sua vez, por meio de uma mudança abrupta também foi forçada a resignificar o cotidiano escolar dos seus filhos. É imperioso lembrar que o contexto familiar também foi alvo de transformações pontuais e significativas.

Dessa forma, se fez necessária a busca constante do trabalho em parceria, escola/família, unidas para atenuar os reflexos negativos da situação do momento. Ainda assim, essa caminhada se configurou por meio de situações diversas, visto que a família se manifestou ora companheira da escola, ora revelando a insatisfação através da discordância das estratégias e ações disponibilizadas pela instituição escolar. De todas as situações pontuadas anteriormente, é imprescindível discorrer as diversas demandas no que se refere à labor do professor nesse emaranhado de surpresas e de decisões que se faziam presentes diariamente no período pandêmico.

Tentativas frustradas, resultados positivos diante das mudanças, transformação de posturas que não mais faziam parte das necessidades prementes, assim se estruturou a vivência dos professores, especialmente a minha. Diante disso, alguns relatos ficaram cristalizados em minha memória, a saber: a expectativa da primeira aula on-line em tempo real, o reencontro

com os alunos após dias de tentativas para oferecer o melhor, com direito a frio na barriga e tudo, afinal de contas, era um teste “*drive*” para a professora acostumada ao dia a dia de interação em sala de aula, de repente uma tela nos separa.

Foi emocionante, a troca por meio de câmeras abertas, recadinhos carinhosos no chat e principalmente a expressão por meio da fala com microfone aberto dizendo: “como estava com saudades, professora”. Assim, os dias e as práticas nos ensinaram a fazer adaptações necessárias, intervenções não somente pedagógica, como também emocional. A sala de aula ganhou aos poucos uma identidade diferente da que comumente utilizamos antes da pandemia.

O referido período, nos ensinou bastante, nos fez chorar, sorrir, correr contra o tempo e principalmente estudar muito para qualificar o trabalho oferecido. O início das minhas aulas on-line não era o mesmo. Passei a receber meus alunos na sala virtual com um poema escrito por mim, inserido nos poemas os nomes de todos para acolhê-los com o coração. Da mesma forma, apresentou fotos da escola como plano de fundo dos slides, para que eles matassem a saudade do ambiente escolar em que eles continuavam inseridos.

Em todas as atividades estavam impressas as nossas novas convicções e o zelo para proporcionar aos estudantes o melhor daquela nova configuração. No decorrer dos dias, as aulas foram ganhando um peso expressivo, muito tempo de tela, cada um deles em espaço diferente promovia a solidão, o desânimo e nós começamos a sofrer com a falta de interesse. Para os professores, como ocorreu para mim, era sinal de que precisávamos mudar as estratégias, buscar metodologias que inovaram dentro das aulas. E dessa forma, parecia que estávamos sempre em um novo recomeço, isso aconteceu repetidamente durante o período pandêmico.

Ainda com tantos desafios, interrupções no trabalho que não fluía, mudança de material que não resultava em aprendizagens significativas, internet sem a qualidade esperada, estudantes que não tinham acesso à tecnologia, realizamos com afinho o que nos propomos a fazer. Vale ressaltar que tivemos resultados exitosos e bastante relevantes para a consolidação das aprendizagens, bem como para o estreitamento dos laços entre professor e aluno.

Para finalizar, deixarei um registro que está marcado em minhas experiências. Em dias mais enfadonhos para os alunos, eles se recusaram abrir às câmeras e eu sempre questionava e expressava para eles que me sentia só quando não visualizava os rostos deles. Revelava constantemente essa minha sensação, aproveitava para tentar tocá-los e quem sabe assim obter um retorno positivo. Eis que um dia eles me surpreenderam, durante a despedida, no encerramento da aula, eles pediram para eu fechar o olho e só abrir ao sinal que dado. Assim fiz! Ao comando para abrir os olhos, me deparo com as câmeras todas abertas e todos os meus alunos com o símbolo de coração feito com as mãos para mim. Neste dia, em meio a emoção ficou nítido para mim que estava tudo certo e que a caminhada estava valendo a pena.

A EXPERIÊNCIA COM ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS III e IV DURANTE A PANDEMIA: O SABER E O CONHECIMENTO EM ANÁLISE

Danielle Lima Almeida

Durante os Estágios Supervisionados como estudante de licenciatura e futura professora de História no período pandêmico, as reflexões iniciais do curso vieram à tona, pois foi um momento muito difícil para iniciar e exercer a docência, com tantas adversidades que perpassavam o social, o econômico, o histórico e múltiplos outros aspectos.

Ao aprender, durante o estudo de História, percebemos que o seu ofício trata de relações e construções do passado interligadas ao tempo presente. O que lutamos, acreditamos, somos e defendemos é algo que se estende não apenas ao agora, mas sim às raízes da ancestralidade.

Assim, segundo Rüsen (1992; 2001), a consciência histórica relaciona “ser” (identidade) e “dever” (ação) em uma narrativa significativa que toma os acontecimentos do passado com o objetivo de dar identidade aos sujeitos a partir de suas experiências individuais e coletivas e de tornar inegável o seu presente, conferindo uma expectativa futura a essa atividade atual. “Portanto, a consciência histórica tem uma “função prática” de dar identidade aos sujeitos e fornecer à realidade em que eles vivem uma dimensão temporal, uma orientação que pode guiar a ação, intencionalmente, por meio da mediação da memória histórica” (Schmidt; Garcia, 2005, p. 301).

Dessa forma, é importante para o desenvolvimento da consciência histórica, percorrer vários caminhos, dentre eles a educação formal que, pelas leis 10.639/2003 (que tornou obrigatório o Ensino da História e cultura africana e afro-brasileira) e 11.645/2008 (que complementa a lei ante-

rior na obrigatoriedade do Ensino da História e cultura indígena) deve ser diversa, atendendo ao diálogo não apenas com uma história eurocêntrica e única, em que a branquitude atua como o núcleo de saber e organização mundial. O ensino é uma prática para a liberdade e fuga da colonialidade, a velha receita de dominação e subjugação de povos a partir de estereótipos raciais de inferioridade e superioridade racial e cultural. A mudança das formas de ensinar é algo muito difícil, mesmo com o desejo da inovação. Assim, ao recordar do Estágio Supervisionado IV, que se deu de modo remoto, percebo que a inovação veio, se fez presente, se impôs presente. Porém, como toda transformação, ela é gradual a modos vagarosos.

O surto pandêmico da Covid-19, iniciado no ano de 2020 no Brasil, trouxe, além de muita dor, lágrimas, percas e despedidas, também obrigou professores e estudantes a se adaptarem ao uso das tecnologias digitais como meio de prosseguir com o ensino formal. No entanto, o mesmo também escancarou e aumentou os índices de desigualdade social em diversos meios, entre eles no ambiente escolar.

No processo de formação docente, o Estágio Supervisionado é uma experiência importante para os discentes de licenciatura terem contato prévio/experiência com a sala de aula enquanto regentes, porém as novas adaptações a serem feitas mostraram carências tanto na área de formação quanto das escolas para oferecer apoio e suporte aos professores e principalmente aos estudantes. Deste modo, mesmo com a experiência em outros estágios sem muitas reflexões, o Estágio IV pode ser apontado como o mais complexo a ter sido realizado por mim, não apenas pelo fato que foi online, pois em conjunto também cursei remotamente o Estágio III, mas a dificuldade principal que surge ao lembrar o percurso de formação da disciplina, foram os ruídos de diálogo e união de interesses entre Universidade, escola e estado, onde o que mais sentia era que eram órgãos totalmente separados agindo de acordo aos seus interesses, e que a educação de qualidade e responsável aos estudantes eram apenas detalhes a se pensar em um “outro momento”.

Sobre a minha atuação no Estágio Supervisionado III, que foi desenvolvido em uma escola pública de Barreiras-BA, com as turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º e 7º anos) do turno matutino, um fato

me chamou a atenção, em relação à organização e lotação dos docentes nas áreas em que atuavam, pois muitos deles não tinham formação específica, visto que é uma problemática que se repete há anos, não sendo uma novidade do modo remoto. As queixas sobre a atuação em outra área que não a de formação, vem dos próprios professores, de colegas universitários e principalmente dos estudantes (a observação crítica aqui não é para o/a professor/a, esta se fundamenta na normalização de desvio de atuação da área de formação para outras). Pois um ensino de qualidade exige o pensar sobre a estrutura, organização, recursos e saúde física e psicológica dos alunos e professores. O reforço da romantização do “professor herói”, sobrecarregado de trabalho e afazeres burocráticos, precariza as condições de trabalho docente e reflete diretamente no ensino de qualidade. Com a pandemia, foram postas lupas sobre a educação, que nos permitiu enxergar que, para esta ser um instrumento de transformação e chave para mudanças reais e sociais, precisa ser (re)pensada por todos coletivamente (pela equipe escolar, sociedade, estudantes e, sobretudo, pelos governantes).

Durante a realização dos Estágios Supervisionados III e IV foi possível sentir os efeitos do desalinhamento entre o que logo acima apontei, como pilares para uma educação preocupada em despertar as aptidões dos estudantes, pois a carência em readaptação foi muito grande.

Muitas escolas, de acordo com relatos de colegas durante as reuniões de nossas orientações que também eram online, apontavam que era necessário ir à unidade escolar para a aplicação da aula, mesmo que isso significasse um risco a saúde, devido às medidas de isolamento e proliferação do vírus, vejo essa situação como uma falta de estratégia para repensar os estágios, tendo em vista que vivíamos em tempos de pandemia, e que a própria universidade interrompeu às aulas presenciais, cujas atividades acadêmicas foram realizadas em semestres com período reduzido, de forma remota, que se mesclavam entre síncronas e assíncronas.

Outra questão problema e que mostrou a desarmonia do sistema durante o período foi a impossibilidade de estagiar nas cidades que estávamos residindo, visto que o ensino remoto não foi apenas para os estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio com quem trabalhamos na cidade de Barreiras, muitos estagiários, inclusive eu estávamos fora da

cidade do Campus de nossa universidade, pois as aulas presenciais foram canceladas. Assim, dialogar com as escolas onde os estagiários residiam, seria uma troca vantajosa para todos, pois se forma professores não apenas para trabalhar na cidade do Campus, mas em diversas localidades.

Dessa maneira, realizar o Estágio IV foi uma verdadeira luta e superação de obstáculos, mesmo antes da concretização de que seria uma disciplina ofertada neste semestre de 2020.2. Após a confirmação de que o componente curricular iria ser disponibilizado, a outra batalha travada foi o estabelecimento de contato com as escolas, pois elas se encontravam no início da adoção de aulas remotas e outras se recusavam a implementar as aulas no *Meet*, somando-se a falta de internet e acesso de muitos estudantes, sendo assim muitas escolas optavam apenas pelo envio da atividade em grupos do *WhatsApp* ou deixando-as disponíveis nas escolas.

Após muita procura e tentativas foi possível iniciar o Estágio em escola da rede estadual de Barreiras, com três turmas do Ensino Médio, sendo elas 1º ano A, 2º ano A e 2º ano B. Durante a reunião com a professora/supervisora, a pauta se concentrou em falar do novo coronavírus e do novo formato de ensino, isso foi algo que gerou um grande pesar, uma dor apenas só por imaginar o quanto isso afetaria o desenvolvimento e aprendizagem de muitos estudantes, que em sua maior parte, são jovens pobres, cujas oportunidades já lhe chegam de formas minguadas e com o sistema de ensino se estabelecendo de maneira desorientada, em minha percepção, seria ainda mais precário e os discentes prejudicados (em muitos momentos quis chorar ao pensar sobre o nível de desigualdade econômica e a falta de oportunidades existentes no Brasil. Ao pensar que a realidade de não poder estudar agora era coletiva, e que existia/ existe uma parte da população, de crianças e jovens, que, independentemente de ser período pandêmico ou não, não tem acesso ao ensino formal de educação escolar).

Durante a primeira aula de observação a insegurança se fez presente em mim, devido ao tamanho da responsabilidade e pouco contato com a regência em sala, para além da inexperiência de ensinar remotamente, “presos” ou ligados apenas por uma pequena telinha com uma letra ou imagem de um desenho comum entre eles. A sala de aula era fria, sem vida, apenas letras no monitor, onde o eco da própria voz solitária doía,

machucava. Após a semana dedicada às observações das turmas, veio o compromisso com a primeira aula, a preparação para fazer algo de clara compreensão, a dúvida sobre transmitir slide ou apenas dialogar com os estudantes para assim suprir o desejo de estar próximo a eles, e tudo isso enquanto no íntimo a grande incerteza se irão gostar da gente e de nossa aula ou não, foi algo aterrorizante não poder ver os rostos e suas expressões.

As primeiras aulas foram ótimas, o tempo passou voando que mal percebemos o fim do horário. Nas aulas seguintes, a frequência foi pouca devido ao retorno híbrido, chegando a ministrar a aula, apenas para uma estudante em sala. Mas, como apontado no início do texto, o estágio foi de lutas e superação de obstáculos, e o primeiro imprevisto surge com o decreto do governador da Bahia Rui Costa, que tornava obrigatório o retorno híbrido em todas as escolas de nível médio públicas da Bahia.

No contexto acadêmico, a Universidade Federal do Oeste da Bahia através de sua reitoria não permitiu a volta imediata de seus estudantes para os estágios supervisionados presenciais nas salas das escolas estaduais, então o diálogo com a supervisora foi essencial para a continuação do modo remoto com os estudantes que ficariam em casa. O sistema adotado de início foi positivo, e como já estávamos receosos que a qualquer momento poderiam querer nos afastar, já que a direção não parecia muito satisfeita com os encontros pelo *Meet*, apontando que isto seria prejudicial à escola, pois os alunos deixariam de ir às aulas presenciais já que poderiam assistir no *Meet*. O que não deixava de ser uma meia verdade, pois muitos que optavam em entrar nas aulas online bem sabiam que não estavam realmente ali, muitas das vezes eram apenas as letras.

Com tudo o que estava acontecendo, me preparar para algo negativo pareceu o mais sensato, então optei por trabalhar pelo *Meet* e com atividades, aula extra e atividade assíncrona sempre que fosse possível, e como já era previsto o desligamento da escola das aulas remotas ocorreu, mesmo com todas as tentativas de acordos e propostas da supervisora que foi sempre prestativa, acolhedora e presente não houve argumentos para que o estágio continuasse remoto.

Novamente se retomou a busca por uma escola que aceitasse estagiários e de modo remoto, o que não foi fácil já que a maior parte das escolas

estavam trabalhando de modo híbrido, de forma virtual para estudantes com comorbidades, e presencial para os professores que sempre precisava estar em sala para atender ao estudante que fosse definido pela direção para assistir às aulas de forma presencial.

Após várias buscas e procuras outra escola estadual em Barreiras-BA, aceitou que o estágio fosse realizado em suas aulas, sem interferência da direção, nesta nova escola, trabalhei com quatro turmas do segundo ano do Ensino Médio Técnico, o que permitiu comparar as diferentes realidades. Os estudantes desta nova escola, entravam na aula em maior número, mas as participações ainda eram muito pequenas, com os estudantes que estavam online e quase nulas com os que se encontravam em sala, pois corriqueiramente nas observações enquanto assistiam de câmeras ligadas percebia o quanto estavam dispersos.

Por diversas vezes, tentei e consegui fazer contato com a escola da cidade onde resido. Lá, existe apenas uma unidade escolar para as turmas do Ensino Fundamental (Anos Finais), porém, a escola é de grande porte e, conforme a direção da unidade, seria, sim, possível a realização do estágio. Com tudo preparado, horários estabelecidos, supervisor definido, surge a notícia de que era inviável prestar estágio em escolas que não apresentavam convênio com a universidade, e as únicas cidades que tinham este convênio eram Barreiras e Santa Maria da Vitória, na Bahia. Problema este que poderia ser resolvido, seguindo os trâmites burocráticos e acordos, já que a unidade escolar estava disposta a receber e contribuir para o desenvolvimento do estagiário, e principalmente, porque se tratava de um período de grave pandemia e adaptações.

Foi muito frustrante pensar em ser obrigados a se deslocar para a cidade de Barreiras, em um momento tão difícil, onde se aumentavam os números de mortos e contaminados diários em comparação à pequena cidade de Candiba-BA, onde passei o período pandêmico. Em muito, diante da dúvida do retorno ao Campus e ficar onde me sentia segura, refleti até onde e a que ponto devemos estar dispostos a arriscar e nos doar para a universidade e conclusão de um Curso Superior? Para mim, naquele momento, estava disposta a cumprir com toda força e dedicação à o que viesse a ser definido, não por uma loucura cega para sobressair sobre os colegas,

mas devido ao que já citei, a pandemia ressaltou desigualdades, carências e muito mais e o fato de concluir o estágio supervisionado foi visto por mim, como uma janela a mais de oportunidade para a conclusão da graduação e alcance de um bom emprego, onde tornaria possível uma melhor condição de vida para ajudar e atender as necessidades de minha família.

A preparação ao retorno dos estágios supervisionados foi mal abordada, não pelos docentes responsáveis pelas disciplinas, mas pela universidade em si, que não contabilizou todas as mudanças no cenário, onde muitas escolas estavam ministrando apenas atividades assíncronas, (o que representa uma carga horária menor ao ser contabilizada), e muitas outras unidades optaram por unir as turmas nas salas virtuais, devido ao baixo número de participações, o cálculo contabilizado seria apenas um hora/aula por turma, independentemente da quantidade de turmas que foram reunidas, dado este que nos prejudicou, pois não foi sequer pensado na pequena duração semestral.

Após diversas tentativas de contato com as escolas realizada pelo professor, finalmente pareceu que iria dar tudo certo, e que o estágio começaria a fluir normalmente, mas não foi o que ocorreu, mesmo conseguindo realizar as observações obrigatórias em uma escola da rede municipal de Barreiras no Oeste baiano, não foi possível dá continuidade, já que nas mesmas turmas se encontrava um estudante do Estágio I, e este não poderia observar as aulas de outra estagiária.

Dessa forma, fui realocada novamente para outra escola, esse processo foi tenso e desgastante devido à necessidade de cumprimento da carga-horária. Registro uma memória positiva do Estágio, em relação à professora e a turma, ali me senti acolhida, pois a educadora sempre muito dedicada, atenciosa, disposta a ensinar e ajudar, sem colocar qualquer empecilho, reorganizou os horários para me receber, diferente do que houve em várias outras tentativas com outras escolas.

As turmas de sétimo ano (A e B) do Ensino Fundamental (isso no Estágio Supervisionado III) apresentavam pouca participação para assistir às aulas, o que muito me preocupava, pois eram as primeiras regências em sala, situação atípica. Fiz um grande esforço para atrair os estudantes a acessar a plataforma e para participarem das aulas. Já

as turmas de sexto ano (A e B) eram incrivelmente participativas, expondo dúvidas, complementos e interagindo. Durante a realização das aulas online, especificidades do ambiente virtual nos pegavam de surpresa, aconteciam situações incomuns, como uma aparição ou interferência dos membros familiares nas aulas, a exemplo disso, destaco uma vivência relacionada a interrupção de mãe de um aluno, que começou a questionar a aula que era sobre mitologia grega, segundo ela era algo desnecessário, já que existe apenas um Deus, isso baseado em sua crença religiosa que era evangélica.

Tentei contornar e prosseguir mantendo a calma, o que não foi algo fácil, já que a mãe fez questão de ligar a câmera e acompanhar o restante da aula. O episódio me fez repensar como trabalhar com a turma do horário seguinte, devido ao nervosismo em que me encontrava, e justamente naquele dia, teria observação do professor orientador Anderson Dantas (de Estágio Supervisionado III). Então, em vez de trabalhar mitologia grega e indígena brasileira optei sobre falar de educação em Esparta e Atenas, para não gerar problemas principalmente para supervisora que foi tão acolhedora. Acabei apresentando uma paródia que havia composto como plano B para o 6º ano A. Algo que me deixou muito satisfeita e desencadeou um pesar em como agir durante essas situações. Sobre a situação mencionada, um dos estudantes me procurou via *WhatsApp* pedindo para não deixar de trabalhar o objeto de conhecimento “mitologia grega” devido ao ocorrido, pois era um conteúdo legal e importante.

Concluo estas memórias refletindo que assumir a sala de aula é algo que apesar das dificuldades foi uma experiência sem explicação, um misto de medo, desejo e raiva das desigualdades, falta de suporte e organização governamental em diversas instâncias que tratam os problemas de ensino e aprendizagem como um constante “deixar para outro momento”, “coisa para pensar depois”, raiva que serviu de impulso para a confirmação de que o caminho da docência é realmente a área que desejo atuar, que a educação é um dos mais potentes caminhos para mudar e melhorar o espaço em que vivemos, e mudar potencialmente o mundo, não hoje, não agora, mas devagarinho.

REFERÊNCIAS

RÜSEN, J. **El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico**: una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. Trad. Silvia Finocchio. Propuesta Educativa, Argentina, n 7. out. 1992.

RÜSEN, J. **Razão histórica**: teoria da história; os fundamentos da ciência histórica. Brasília, DF: UNB, 2001.

SCHMIDT, M. A. M. DOS S.; GARCIA, T. M. F. B. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Cadernos CEDES**, v. 25, n. 67, p. 297–308, set. 2005.

MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA E COORDENADORA PEDAGÓGICA EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19

Deijanete Pereira da Silveira Santos

A memória do primeiro semestre de 2020 foi marcada por uma nova era na Educação quando o modelo de escola teve que ser substituído, passando a existir nas próprias residências dos alunos e professores por conta da necessidade do distanciamento social, sendo um fator que exigiu de forma rápida e imediata uma ressignificação dos métodos de sala de aula/ensino e as tecnologias (o computador, o celular e a internet). Naquele momento, o computador passou a ser uma ferramenta imprescindível para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem na abordagem do cotidiano em sala de aula.

A instituição escolar, enquanto um lugar de produção e socialização dos saberes, não deve preparar o aluno só para dar continuidade aos estudos ou atuar no mercado de trabalho, mas, igualmente para responder aos anseios da sociedade em qualquer tempo quando for exigida, respeitando os princípios constitucionais e as Diretrizes de cada componente curricular. Nesse sentido, Selva Guimarães Fonseca salienta que:

A escola é um espaço pedagógico de formação de atitudes diante do conhecimento formal, pela ação que a mesma exerce no processo de aprendizagem por meio do coletivo. Portanto, cabe ao professor, particularmente aqui o de História, construir suas propostas pedagógicas com base nessa concepção de escola, objetivando o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos (Fonseca, 2009, p. 142).

Percebe-se que, desde o século XX, a sociedade vem exigindo da escola mudanças nos seus métodos de ensinar, no sentido de introduzir

o uso de tecnologias e metodologias ativas no processo educativo das novas gerações. Conforme Selva Fonseca (2009), se a escola é formadora do conhecimento, ela precisa acompanhar as transformações sociais, pois o conhecimento vem sendo processado de forma rápida e os envolvidos no processo (professores e alunos) precisam estar adaptados.

Ocorre que essa adaptação não foi possível no contexto da pandemia, haja vista a forma imediata em que o vírus Covid-19 se propagou, demandando a adoção de medidas sanitárias imediatas, em especial, o afastamento social e desse modo, não foi possível nenhum avanço e sim uma instituição com dificuldades em dar uma resposta imediata e satisfatória nas suas ações. Porém, nessa pandemia, os professores entraram em contato direto com novas ferramentas educacionais, experimentando a internet como alternativa.

Tal contexto traz à baila aquilo que Vani Kenski já lecionava, ou seja, a necessidade de inovação do modo de aprender e ensinar:

Desde que as tecnologias de comunicação e informação começaram a se expandir pela sociedade, aconteceram muitas mudanças nas maneiras de ensinar e aprender. Independentemente do uso mais ou menos intensivo de equipamentos midiáticos nas salas de aula, professores e alunos têm contato durante todo o dia com as mais diversas mídias. Guardam em suas memórias informações e vivências que foram incorporadas das interações com filmes, programas de rádio e televisão, atividades em computadores e na internet. Informações que se tornam referências, ideias que são capturadas e servem de âncora para novas descobertas e aprendizagens, que vão acontecer de modo mais sistemático nas escolas, nas salas de aula (Kenski, 2009, p. 85).

Na mesma linha, a autora também aborda que desde que as tecnologias se expandiram, aconteceram muitas mudanças nas maneiras de ensinar e aprender. Tanto professores quanto alunos, estão de alguma maneira em constante contato com as tecnologias sobretudo nesta era pós-contemporânea.

Diante do exposto, a escola em tempos de pandemia não se encontrava preparada para lidar com tamanha complexidade, pelo contrário, houve um despreparo tanto das instituições quanto dos profissionais, tendo que se reinventar de forma rápida, sem planejamento, sem recurso,

sem tecnologias, visando minimizar os prejuízos, cada uma com um ritmo diferente, fazendo com que o aluno não se distanciasse do processo de ensino-aprendizagem e não perdesse o vínculo com a escola.

Uma dessas situações, por exemplo, foi o uso desenfreado das plataformas digitais: classroom, meet, zoom, hangout etc, em que na maioria das instituições os profissionais não tinham acesso e muito menos sabiam usá-las, talvez porque não tiveram uma carga-horária que tratasse da temática na sua formação inicial e/ou também por não ter formação continuada nesse sentido e ainda tais ferramentas não estarem presentes nas práticas diárias, sendo necessária a presença de um profissional capacitado para orientá-los.

Nesse período, eu enquanto professora de História dos anos finais do Ensino Fundamental, 6º e 7º anos, passei por momentos de muito desgaste emocional pois a escola exigia que continuássemos ministrando aulas on-line através do google meet e do e-mail enova. No entanto, o governo não aceitou as aulas ministradas como carga-horária dada, desconsiderando a luta e o esforço de uma parte dos professores que buscaram inovar por conta própria para atender a realidade. Além disso, os alunos entravam nas aulas, deixavam as câmeras desligadas e iam fazer outras coisas, pois uma boa parte dos mesmos não dava importância nenhuma àquele esforço para que existisse a oferta do conhecimento. Ao final a aula era encerrada e eles permaneciam sem sair porque não estavam acompanhando com responsabilidade.

No entanto, por outro lado, estava também na função de Coordenadora Pedagógica na Rede Privada de Ensino, onde as demandas foram muito maiores que aquelas exigidas na condição de professora da Rede Pública. Tínhamos turmas desde Educação Infantil (G4) até Anos Finais do Ensino Fundamental. Foi necessário investir em tecnologias dentro de 3 dias, comprar novos equipamentos como: câmeras para os computadores que não tinha, suporte para celular, internet, notebooks, caixa de som, fone, microfone de capela, placas de sinalização, álcool, máscaras, luvas descartáveis, pias, etc. Além de promover formação para professores com pessoas capacitadas, entre outras ações.

Diante disso, foi reelaborado o horário com 10 minutos a menos em cada aula e seguido mais ou menos parecido com a rotina das aulas normais antes da pandemia do Covid-19. Ocorre que, um dos maiores

desafios, foram os pais principalmente da Educação Infantil, que a todo momento chegava na Escola ou ligava, solicitando o cancelamento da matrícula para não pagar a mensalidade. Ou seja, a escola investindo, buscando alternativas para a criança/aluno continuar estudando de forma remota e os pais para não pagar desconsiderava o trabalho da escola pedindo o cancelamento.

Portanto, além disso, é possível afirmar que nesse momento deve ser levado em consideração não somente as competências e habilidades de cada componente curricular, mas as competências gerais de aprendizagem, numa perspectiva de pensar uma nova escola pós-pandemia aliada às tecnologias, uma nova forma de acolhimento, realizar um planejamento diferenciado a partir de uma avaliação diagnóstica da aprendizagem de acordo com cada realidade institucional, evitar a evasão escolar, uma vez que durante esse período de ausência de aulas presenciais, muitos alunos vão conseguir avançar mais, outros um pouco menos e é preciso fixar metas para que os prejuízos sejam menores.

Em 2013, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional sofreu uma alteração, por meio da Lei nº 12.796 que tornou obrigatória a matrícula de crianças com 4 anos na Educação Básica. Desta forma a pré-escola, que é a etapa anterior ao Ensino Fundamental e compreende a faixa etária dos 4 aos 5 anos de idade, tornou-se obrigatória a ser realizada por todas as crianças em território nacional. Porém, mesmo diante dessa obrigatoriedade que inclusive era explicado aos pais, a maioria tirou da escola, só retornando depois da liberação do poder público municipal para a volta às aulas presenciais.

Vale ressaltar que, a maioria das famílias dos alunos, principalmente da rede pública, não tinham cultura escolar, horário nem lugar de fazer tarefas, não tinha estrutura material para que o ensino de fato acontecesse, algumas famílias, por exemplo, viviam em assentamentos, outras em comunidades ribeirinhas, quilombolas, zona rural etc., sem nenhum tipo de acesso às tecnologias (celular, computador, internet...).

Por outro lado, muitas crianças viviam traumatizadas (inclusive algumas choravam em frente do computador para não assistir), com medo das modificações das práticas de convívio, das mudanças nas formas de comuni-

cação, de cumprimentos uns aos outros e por isso a importância mais uma vez de repensar uma forma de acolhimento para todos, tanto uma pequena elite de escolas particulares que tinha os recursos materiais e acompanhamentos nas aulas remotas como a maioria com diferentes situações.

Assim, como as tecnologias digitais nesse período de pandemia provocaram mudanças na sociedade/escola de modo geral, há que se considerar que a escola precisa ser redimensionada/reestruturada para atender as demandas atuais e futuras. Todavia, essas mudanças requerem a reavaliação do papel do professor, do gestor e consequentemente perpassa pela formação inicial docente, necessitando prepará-los para o uso eficaz das tecnologias no sentido de contribuir com o aluno no desenvolvimento da aprendizagem.

A memória também registrou que a pandemia de Covid-19, trouxe desafios sem precedentes para o sistema educacional em todo o mundo. Esse período foi marcado por uma rápida adaptação, inovação, e um compromisso inabalável com o ensino e o bem-estar de seus alunos. Quando a pandemia forçou o fechamento das escolas e a migração para o ensino remoto, todos nós professores e gestores fomos confrontados com a necessidade urgente de adaptar nossas metodologias de ensino. A transição abrupta do ensino presencial para o virtual trouxe inúmeros desafios, desde questões técnicas até a necessidade de manter o engajamento dos alunos em um ambiente totalmente novo.

No entanto, os desafios foram enfrentados com determinação e criatividade. Sem experiência prévia em ensino a distância, muitos professores rapidamente se familiarizaram com as plataformas digitais, dedicando horas extras para planejar e adaptar seu conteúdo para ser eficaz em um formato online. Essa transição não se limitou apenas a transferir o conteúdo das aulas presenciais para os meios digitais, mas envolveu uma reestruturação completa do processo de ensino-aprendizagem, utilizando ferramentas interativas, vídeos explicativos e recursos digitais para garantir que os alunos continuassem a aprender de forma significativa.

Assim, a inovação foi uma característica marcante durante a pandemia. Reconhecendo que o ensino remoto exigia novas abordagens pedagógicas, a importância de manter os alunos motivados e conectados emocionalmente durante um período de isolamento social. Para isso, foi

necessário promover atividades colaborativas, e incentivar a participação ativa dos alunos nas aulas. Ao mesmo tempo, criar estratégias para acompanhar o progresso individual de cada estudante, oferecendo suporte personalizado quando necessário.

Outro aspecto notável durante a pandemia foi o cuidado com o bem-estar, a saúde mental e emocional dos estudantes, certa vez que foi encarado como tão importante quanto o objeto do conhecimento. Além disso, preocupou em manter uma comunicação constante com os pais, entendendo que o envolvimento familiar era crucial para o sucesso do ensino remoto. Foram organizadas reuniões virtuais regulares, onde discutia o progresso dos alunos e oferecia orientações sobre como os pais poderiam apoiar a aprendizagem em casa. Essa comunicação aberta ajudou a criar uma rede de apoio, fundamental para a continuidade do aprendizado em tempos de incerteza.

Na nossa memória também ficou registrada que a atuação dos professores e gestores escolares durante a pandemia de Covid-19, deixou um legado duradouro na vida de seus alunos e na comunidade escolar. A capacidade de adaptação, inovação pedagógica e cuidado com o bem-estar dos estudantes são exemplos de como o compromisso e a dedicação dessas pessoas podem fazer a diferença, mesmo nas circunstâncias mais desafiadoras.

Assim, a grande maioria dos profissionais da Educação não apenas superou os obstáculos apresentados pela pandemia, mas também utilizou esse período para crescer profissionalmente, aprendendo novas habilidades e desenvolvendo práticas pedagógicas que continuarão a beneficiar seus alunos no futuro. Portanto, a pandemia de Covid-19 foi marcada por uma dedicação incansável, uma vontade de inovar e um profundo compromisso com o bem-estar e a aprendizagem discente.

REFERÊNCIAS

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**. Campinas: São Paulo, 6. ed, Papirus Editora, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. São Paulo: Papirus, 2009.

MEMÓRIAS DE UM NOVO NORMAL E A VIVÊNCIA DO HOJE

Dilza Santos Torres

Uma das memórias que tenho do período da pandemia do Covid-19 e do Ensino Remoto foi das primeiras semanas, onde as escolas e os professores precisaram se adaptar, onde a incerteza e o imprevisto foi marcas do momento. Ninguém sabia o que fazer ou se o que fazia estava certo, mas, por outro lado, ninguém sabia afirmar ou negar isto, afinal quem seria a melhor pessoa para dizer o que fazer num cenário tão caótico?

Na segunda metade de 2020, a Pandemia de Covid-19 tinha tomado uma proporção muito grande com os casos só aumentando e milhares de mortes anunciadas todos os dias através dos meios de comunicação. Quase sempre no mesmo horário, tínhamos o anúncio do número de vítimas no país. O isolamento social era uma realidade naquele cenário e era necessário enfrentar o que constantemente chamavam de “Novo normal”. O cômico talvez, seja que uma realidade onde diariamente milhares de pessoas perdem a vida para um vírus misterioso e onde precisamos nos esconder em casa evitando contato com qualquer outro ser humano me parece tudo, menos normal.

As primeiras aulas que tive no modelo remoto eu já estava na graduação, era meu primeiro semestre como aluna de Licenciatura em História numa universidade pública. Acontecia toda quinta-feira, às 19h da noite, a disciplina era História Antiga I e muito pouco me recordo dos textos que li, verdade seja dita, nunca fui uma aluna brilhante nessa disciplina. Toda quinta-feira estava eu na frente do meu velho computador, num quarto quente, numa mesa improvisada usando um fone de péssima qualidade tentando ver sentido em estudar algo, que naquele momento me parecia quase uma amenidade já que o mundo naquele período era catastrófico.

Hoje percebi o quanto estava enganada, eu não tinha certeza de ter feito a melhor escolha ao cursar História e ainda menos certeza sobre a licenciatura. Hoje, acredito que não exista outra coisa que faça mais sentido para mim que a ideia de estar em sala de aula e do ponto de vista de alguém que estuda História, percebo que na época o meu problema era não enxergar aquele recorte da disciplina dentro de um contexto maior, afinal nada acontece de forma isolada no tempo e espaço. Os seres humanos e suas relações sociais mudam seu tempo e o seu espaço de todas as formas a todos os instantes de jeitos completamente diferentes, a História é mais que algo cronológico, mas acima disso é conectada.

Sendo uma pessoa relativamente tímida e passando a vida inteira escutando frases como “Como você é calada” ou “Como você é quieta”, a simples ideia de ligar a câmera nas videochamadas era algo angustiante. Quando o professor lançava uma pergunta em que eu precisava ligar o microfone para falar, tinha a sensação de que existia algo de errado com a minha voz, as palavras se atropelavam ou talvez fosse somente a ansiedade de estar vivendo algo novo. É engraçado pensar nisso porque o fato de estar pela primeira vez numa aula de História na faculdade por si só já me causaria ansiedade, uma coisa que seria totalmente normal já que um ambiente novo traz esse certo medo.

Com isso, acredito que esse período de adaptação me roubou esse medo bom, aquele medo que te faz ficar curioso que te faz se preparar e imaginar as possibilidades mais diversas, aquele medo que impulsiona o crescimento. O medo que sentia naquele momento era outro e ofuscava qualquer outro sentimento, era o medo de ficar doente, era o medo de perder alguém, era acima de tudo o medo de que aquele realmente fosse o novo normal.

Me recordo dos pequenos intervalos na aula, em que geralmente usava para fazer café e o cheiro dele se impregnou em todas as minhas memórias relacionadas às aulas do período remoto. Costumava tomar café durante as chamadas e fazia isso primeiro por ser completamente apaixonada pela bebida, apesar de saber o que isso fazia com a minha ansiedade, mas fazia também porque me mantinha acordada e concentrada por um período de tempo maior. Conforme o horário da aula ia se arrastando al-

gumas pessoas iam saindo das chamadas, outras que gostavam de comentar e participar iam se calando e podíamos sentir que o cansaço ia tomando conta aos poucos.

Além disso, foi necessário nesse período, usar óculos, pois, olhar para aqueles círculos embaçados por tanto tempo ia se tornando cada vez mais complicado, quase nunca conseguia ler as mensagens no chat da turma o que de alguma maneira era o mais próximo das conversas de sala de aula presenciais. Eram comentários sobre os textos, piadinhas e até relatos daqueles que ou não tinham como utilizar o recurso do microfone ou assim como eu se sentiam um pouco mais acanhados.

Muito estranho pensar em como tudo aquilo estava acontecendo, alguns meses antes tinha recebido a aprovação, tinha ido à universidade e tinha feito minha matrícula, tinha participado da semana de integração. Algumas semanas se passaram e um e-mail mudou completamente minha rotina como estudante. O que seriam apenas alguns dias acabou por se tornar semanas e depois meses e eu só voltaria a estar novamente de forma presencial naquelas salas dois anos depois.

Muito mais estranho é pensar que outros colegas, que entraram depois nem sequer haviam pisado naquelas salas e tamanho meu espanto quando escutei de uma colega o fato de que não sabia nem onde ficava localizada a universidade, já que morava em uma outra cidade. Mas não menos estranho teria sido para aqueles colegas acostumados ao chão da universidade que partilhavam uma experiência conjunta naquele espaço e encontravam-se isolados e afastados de seu cotidiano.

Naquele contexto, tive muita dificuldade para acostumar-se com esse novo modelo de ensino. Me recorro de perder a concentração rapidamente, de sentir desmotivada para a leitura do material, de não acreditar que aquilo pudesse funcionar. Que foi um período difícil e que exigiu muito de nós é fato, mas, não posso deixar de mencionar que, naquele momento aprendi algo importante sobre o papel do professor e da educação. Muito se falou sobre o trabalho de profissionais da saúde e todo mérito a eles, mas não podemos deixar de valorizar tantos outros profissionais que vestiram seus uniformes, guardaram seus medos e continuaram seus trabalhos para tentar dar ao restante das pessoas um pouco da normalidade que tanto buscavam.

O professor, é um desses, que tiveram suas casas completamente invadidas pela sala de aula. Precisaram se readaptar a novos recursos e possibilidades, garantindo que o conhecimento fosse ensinado e aprendido da melhor forma possível. Para o ensino esse foi o momento de se reinventar, o que hoje como licencianda considero fundamental. As salas de aulas já mostraram que podem mudar, alunos mudam o tempo inteiro, mas, o compromisso com a educação precisa ser repensado. O ensino remoto serviu para deixar a mostra cicatrizes das diversas violências causadas pelas desigualdades sociais.

Minha experiência durante o período de ensino remoto foi de estudante, que não possuía grandes recursos, mas possuía o suficiente para acompanhar as aulas, para iniciar minha formação e para conseguir perceber o impacto que a Covid-19 trazia naquele momento para a educação. Por outro lado, muitos colegas não tiveram as mesmas possibilidades, já que apesar de estarmos na mesma tempestade não estávamos no mesmo barco. O medo e a incerteza poderiam ser comuns a todos, mas pensando naqueles que estiveram longe das famílias a sensação de solidão muitas vezes era tão adoecedora quanto o vírus, por isso me sinto grata por ter estado perto da minha família. Assim, minha vivência como estudante na pandemia se constituiu numa jornada de adaptação, comprometimento e questionamento.

Todas aquelas quintas-feiras estarão marcadas em minha trajetória de vida acadêmica e pessoal, seja pelas aulas de História Antiga I, seja pelo contexto ali compartilhado com colegas e professor. Hoje, também tenho aula nas quintas-feiras, de outras disciplinas é claro. Meus colegas não estão mais em telinhas do meu monitor e não preciso mais de chat para falar com nenhum deles, ainda tenho a mania de desenhar pequenas florezinhas em meu caderno durante a explicação e ainda uso meus intervalos para tomar café, mas hoje partilho presencialmente o chão da universidade, o que considero o verdadeiro normal.

MEMÓRIAS DE ENSINO SOBRE AS DESIGUALDADES SOCIAIS DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

Edna Araujo Lira Lopes

A pandemia de COVID-19 foi um verdadeiro transtorno para toda a humanidade, pois ela veio corroendo e levando os humanos, tanto no sentido figurado quanto real da palavra, visto que levou também o direito de ir e vir. Em particular, prejudicou o ensino presencial no qual escolhemos estudar:

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020) declarou o surto de coronavírus COVID-19, uma pandemia global. Esta situação atingiu a população humana, de tal forma, que acirrou significativamente as desigualdades sociais, nas esferas econômica, política, social, de saúde e educacional. Após um ano, houve mais de 77 milhões de casos de COVID-19 em todo o mundo, incluindo 89 milhões nos Estados Unidos e 35 milhões no Brasil. (Dantas *et al*, 2024, p. 4).

Em 2019, realizei minha matrícula na Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB, esperava que tudo ocorresse como previsto, no entanto, no final desse mesmo ano, a Covid-19 veio e escancarou a desigualdade social, bem como a nossa fragilidade psicológica. Como afirma Érika Dias a respeito dessa doença em seu artigo “O coronavírus é um espelho que reflete e agrava as crises da nossa sociedade, os sintomas das doenças que sofríamos antes da pandemia – depressão, ansiedade, problemas de sono – se destacam com mais força, e um desses sintomas é o cansaço” (Barros *et al*, 2020 *apud* Dias, 2021, p. 565). Essa situação se agravou ainda mais com o isolamento social que a pandemia nos impôs, que, por outro lado, foi a principal forma de resguardar a todos. Esse isolamento também incluiu as redes de ensino, cuja única alternativa foi adotar o Ensino Remoto.

As aulas neste novo formato em que a tecnologia foi essencial para o andamento escolar, apoiou-se na utilização de aplicativos como *Google Meet*, *Zoom*, *Google Classroom*, *Teams*, onde essas plataformas foram e ainda são meios que auxiliam a comunicação entre as pessoas que contribuem para a formação educacional e demais segmentos que necessitam desses recursos.

Minha rotina acadêmica foi bastante alterada, mesmo com a implementação desses recursos tecnológicos, de início eu não tinha acesso à internet na minha residência, e a Universidade não foi tão rápida quanto a aderir às plataformas digitais de ensino. Dessa forma, por um semestre durante a pandemia de Covid-19, por não ter acesso à internet não estudei, e no outro semestre, por não dominar ainda o sistema e ter receio de não conseguir me adequar ao novo modelo de ensino, cursei somente três disciplinas, então, foram praticamente dois semestres paralisados.

Posteriormente, fui me adequando pois não poderia ficar sem estudar e deixar meu sonho de ter meu diploma para trás. Fui aprendendo a usar as tecnologias e conseguir estudar melhor. A universidade forneceu editais que custeavam chips com internet, no qual fui contemplada. Também houve editais com recursos para aquisição de computadores, porém não fui contemplada, pois, como “rezava” o edital, nem todos os estudantes seriam contemplados devido aos recursos serem limitados, ou ainda, a situação de estudantes não se enquadrarem nas regras do mesmo.

Em relação à Educação Básica na cidade em que resido – Catolândia-BA, nem todos os estudantes tinham possibilidade de estudar remotamente, especialmente os estudantes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, pois nem toda comunidade tinha o acesso à internet e muitos não tinham dispositivos eletrônicos avançados, que suportassem os programas de ensino. Desse modo, as unidades escolares disponibilizaram para cada estudante as atividades impressas para serem resolvidas suas residências. Essa transição do ensino presencial para o remoto alterou a vida dos professores significativamente. Penso nessa situação e me pergunto: será que eles também teriam a formação ou saberiam manusear essas ferramentas tecnológicas? Creio que boa parte não conseguiria. Na Educação Superior não foi diferente, muitos professores também en-

contaram dificuldades tecnológicas para implementar o Ensino Remoto. Neste sentido, Pereira & Barros (2020) descrevem que:

A estrutura e o desenvolvimento curricular das licenciaturas incluído os cursos de pedagogia, não têm mostrado inovações e avanços que permitam alicenciando enfrentar o início de uma carreira docente com uma base consistente de conhecimentos, sejam os disciplinares, sejam os de contextos sócio educacionais, sejam os das práticas possíveis, em seus fundamentos e técnicas. As poucas iniciativas inovadoras não alcançaram expansão ficando restritas às poucas instituições que as propuseram (Pereira; Barros, 2020, p. 2).

No entanto, os novos aparelhos telefônicos, internet com mais potência e tecnologias que vinham complementar o ensino, embora sejam ferramentas para auxiliar nas aulas, não podem substituir o ensino presencial, pois é no convívio social, na interação entre professores e estudantes que os saberes são trocados e a aprendizagem se edifica. Essa minha preocupação é semelhante a de Pereira & Barros (2020) que dizem: “Alguns pessimistas já assinalam a perda de qualidade do ensino ministrado virtualmente, já apontam o risco de se transformar a educação presencial em ensino a distância, demonstrando preocupação quanto à reposição presencial das aulas perdidas”. Portanto, ficou evidente a importância da Educação escolar em seu formato presencial.

A minha principal preocupação durante a pandemia de Covid-19, foi de não conseguir realizar meus sonhos em relação aos estudos, assim como várias pessoas que tiveram os sonhos de ensino interrompido, ou de certa forma adiados, seja por motivos pessoais, socioeconômicos, psicológicos ou pela falta de capacitação, ou até mesmo com a familiaridade com as novas plataformas de ensino virtuais. No entanto, o ensino e o aprendizado são diários e estão interligados à educação. Érika Dias (2022), descreve desta forma:

Já a aprendizagem pode ser entendida como um processo de mudança de comportamento através da experiência, o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente. É também o resultado direto de como o sujeito interpreta e responde ao que aprendeu, por meio de sua própria reflexão e experimentação. Tais conceitos nos ajudam

a compreender e a analisar a aprendizagem dos alunos, no ambiente formal da escola, como podemos interpretar os números dos sistemas que avaliam esta aprendizagem no Brasil e quais os desafios a serem conquistados neste novo normal (Cruz, 2008 *apud* Dias, 2022, p. 860).

Os autores Érika Dias & Mozart Ramos, neste trabalho seguem falando sobre as desigualdades sociais serem fatores prejudiciais ao ensino e aprendizagem, durante a pandemia de Covid-19, que embasam minha fala anterior:

Outro aspecto preocupante é o maior impacto da pandemia nos estudantes historicamente vulneráveis e marginalizados, que, portanto, correm o risco de ficar ainda mais para trás. A relação entre o nível socioeconômico dos alunos e o sucesso escolar é tema recorrente na sociologia da Educação, porque a origem social tem um peso no desempenho dos alunos em comparação com os fatores escolares. Estudos indicam que a força da relação entre o nível sócio econômico e o sucesso escolar apresenta grande variação entre países e sistemas educacionais (Kolinski *et al.*, 2022 *apud* Dias; Ramos, 2022, p. 862).

Mesmo com apoio familiar, e os recursos destinados à Educação por parte do governo, que não foram suficientes, é nítido perceber que o Brasil foi um dos que mais sofreram com a desigualdade social, e eu sou a prova disso. Porém, essa preocupação foi deixada em segundo plano, pois, aos poucos, e com foco fui conseguindo me adequar, assim como os meus professores e a universidade. E ao retomar os estudos, tinha outras percepções, outros olhares e novos aprendizados obtidos, o que me fez retomar o meu sonho inicial de concluir a minha graduação para ser professora de História.

REFERÊNCIAS

DANTAS, O. M. A. da N. A.; ALMEIDA, P. D. de; CABRAL, E. R. de O. Impactos da pandemia da COVID-19 na educação: Da Educação Básica ao Ensino Superior no Distrito Federal – Brasil. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 19, n. 00, p. e024002, 2024. DOI: 10.21723/riace.v19i00.18084. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/18084>. Acesso em: 17 ago. 2024.

DIAS, Érika. A Educação, a pandemia e a sociedade do cansaço. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 29, n. 112, p. 565–573, jul. 2021.

DIAS, Érika; RAMOS, Mozart Neves. A Educação e os impactos da Covid-19 nas aprendizagens escolares. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 30, n. 117, p. 859–870, out. 2022.

PEREIRA, Marcio Donizeti; BARROS, Edjane Angelo. A educação e a escola em tempos de Corona Vírus. **Scientia Vitae**, v.9, n.28, p. 1-7, abr./jun. 2020.

VIVÊNCIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Ezequiel Jairo dos Santos Lima Pinto

Durante a pandemia, muitas coisas aconteceram na minha vida, principalmente na escolha de um Curso Superior, já que eu estava no Ensino Médio (2019-2021) e que por conta disso eu teria que tomar uma decisão rápida e de preferência nítida quanto à escolha. Quando começou o surgimento dos primeiros casos de Covid, várias vezes eu e meus colegas não dávamos muito a mínima, achávamos que não seria grave e que isso iria passar brevemente. Eu estudei no CPM (Colégio da Polícia Militar) de Barreiras-BA, muitas das vezes tínhamos o imaginário de que tudo iria voltar a qualquer instante, pois até mesmo o Estado da Bahia não sabia se posicionar, mostrando uma instabilidade nos comandos, principalmente na educação.

A pandemia na qual teve o seu primeiro auge entre julho e outubro de 2020 foi algo imensurável, onde muitas pessoas queridas se foram com os seus sonhos, deixando familiares e amigos. Felizmente eu não tive esse desprazer de ter algo do tipo, mas querendo ou não, senti a dor de cada pessoa próxima que conhecia.

Nessa realidade, eu acabei tendo Covid em abril de 2021, logo depois de sair do hospital por decorrência de dores no abdômen e que com isso, passei para minha família paterna (pai, madrasta, avó, primos e irmãos). Me senti inválido e principalmente com medo, pois vi de perto como o Covid poderia destruir a vida das pessoas, não só fisicamente, mas também emocionalmente, já que muitas das vezes a mídia retratava o quão terrível e devastador era para uma família que teve contato direto. Felizmente passamos por essa fase, cumprimos com todos os protocolos solicitados pelos médicos e graças à Deus nos curamos e ficamos livres para voltar a nossa vida.

Logo depois de todo o ocorrido, surgiu a necessidade de repensar a minha vida, pois concluí o Ensino Médio e precisava pensar em estudar num Curso Superior. A minha maior vivência no meio disso tudo foi o apoio de professores da área de humanidades, na qual mostraram firmeza e que ensinar é um ponto positivo, tanto é que quando terminei o Ensino médio e entrei em um ano sabático por questões pessoais e decidi que cursar licenciatura na área de humanidades (em especial História) seria uma realização.

Enquanto eu estava tendo aulas remotas, tive o prazer de ser escolhido como monitor na área de Geografia, que com isso fui me sentindo mais abraçado pelo sentimento de escolher cursar licenciatura, e quem sabe me tornar um futuro professor.

Durante a experiência como monitor (um dos motivos de querer ser professor) foi um processo um pouco caótico no início, pois ocorreu no final de 2020 e início de 2021, momento em que as escolas do estado começaram a funcionar em modo remoto, e nisso, tive que me habituar ao mundo tecnológico de forma rápida. Esse processo foi como se fosse um desafio, pois ser monitor no Ensino Médio e estudar para o ENEM e vestibulares não era fácil, sem contar que tinha que manter os meus estudos totalmente em pleno funcionamento para que pudesse passar de ano.

Um dos desafios como monitor na pandemia, foi a questão da ausência dos alunos na sala de aula virtual. Talvez esse tenha sido o tipo de impulso na qual me fez querer ser professor, repensar as práticas e contribuir para motivar os alunos a quererem aprender. Assim, a minha maior vivência pandêmica, foi a escolha de uma graduação voltada para o ensino. Então, hoje me sinto realizado por isso, pelas questões que tive, mesmo estando confinado em casa, escolher o meu Curso Superior motivado dos exemplos que tive.

Um desses exemplos durante esse período, foi a professora de Língua Portuguesa. Ela nos motivou a estudar, visto que, durante a pandemia, o índice de pessoas que não concluíram o Ensino Médio foi altíssimo. Na minha turma de 26 alunos, 4 saíram do Colégio e foram cursar a EJA, pois queriam terminar o Ensino Médio mais rapidamente para ingressar no mercado de trabalho, e outros abandonaram, pois não tinha acesso à Internet ou computadores.

Outro exemplo que vale ser mencionado, foi o prazer das aulas de Sociologia com uma professora na qual se tinha um embasamento teórico educativo, algo que me fez ter a certeza de querer seguir carreira no ensino. Ela foi uma das figuras mais importantes para mim, ela era uma senhora gentil, simplesmente doce em suas palavras e que assim como a professora de Língua Portuguesa, ela nos fez acreditar que iríamos vencer todas as dificuldades, que nós estaríamos juntos novamente (algo que só veio acontecer em meados de julho por meio do ensino remoto), ela foi uma figura essencial para que pudesse seguir com uma ideia fixa.

A forma na qual ela dava aula, não era mecanicista: escrever no quadro, explicar o que escreveu, passar atividade e fim. Ela incentivava a participação e o diálogo, mostrava uma interação entre o conteúdo e a realidade de cada um (algo muito presente em ensinamentos de Filosofia e Sociologia). Ela com o sotaque da Paraíba, a simplicidade no olhar, os mais belos looks e principalmente sua didática em tempos remotos, nos cativava, nos fazia sentir amados e queridos pela intuição e principalmente por ela.

É notório que os tempos da pandemia foram os piores. Foi uma época na qual tivemos que nos definir como pessoas, nossos hábitos, a forma de se comunicar, o distanciamento social, o uso de máscaras.

No meu caso, percebi que uma idade não define quem terá mais chance de viver, que nada é por acaso e que tudo sempre irá ficar bem depois de uma tempestade. Durante a pandemia, tive essa sensação de ser uma pessoa mais legal comigo mesmo, seguir os meus desejos e sonhos, de ser uma pessoa determinada e corajosa independente do momento ruim que esteja ocorrendo. Obviamente, não sei do futuro, mas sei que a época da pandemia, mudou a minha mente e a minha realidade, assim como de muitas outras pessoas e que hoje, iniciei algo que pensei em 2020 e que me alegro fazendo o que planejei, o Curso de Licenciatura em História.

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE CRISE: VIVÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS DURANTE A PANDEMIA

Francisca Rodrigues Fernandes Neta

Durante a epidemia do Covid-19, um vírus altamente contagioso que surgiu na China, foram tomadas medidas emergenciais de distanciamento social que visavam evitar a propagação da doença. Enquanto não se desenvolvia um método seguro de imunização, foi necessário prosseguir com o ensino e o trabalho mesmo diante do lockdown e a partir dessa necessidade foi adaptado o sistema de ensino à distância para que as atividades escolares não fossem completamente prejudicadas.

Essa súbita substituição no método de ensino acarretou inúmeros desafios e percalços que transformaram a educação em uma missão quase impossível. Como o prazo para a normalização das atividades foi inicialmente de uma semana, que se tornaram meses e por fim anos, a transição para o ensino à distância foi caótica e abrupta. Uma mudança que alterou não só a forma de ensinar, mas também a forma de aprender, sendo um desafio muito grande para os estudantes.

Após um longo período, retornou-se para o ano letivo no meio do ano, porém, longe do calor humano dos colegas e professores, apenas telas frias e conexões instáveis (para algumas realidades inexistentes) e pouco conhecimento sobre uma área pouco conhecida. Desbravar novas tecnologias, descobrir empecilhos inimagináveis como a falta de aparelhos para assistir às aulas e, por fim, que antigas metodologias não funcionavam mais.

No entanto, houve muita resistência à nova forma de ensino, metodologias confusas e as pessoas que não tinham acesso aos meios tecnológicos para acompanhar as aulas acabaram sendo muito lesadas com isso. As maiores dificuldades enfrentadas, entretanto, foram as internas, as mudanças psicológicas no período de isolamento e o maior foco dado

a essas questões são fatores importantes de análise. O sentimento de liberdade exacerbado, a falta de foco e disciplina, a “frieza” na relação professor/aluno são alguns destes fatores. Para a manutenção do ensino e a instauração do novo normal foram adotadas algumas ferramentas digitais com a finalidade de se fazer possível e acessível a educação EaD. Entre essas plataformas de interação estavam o SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas); o Google Meet e o Google Classroom. A plataforma SIGAA que já era utilizada no meio acadêmico para o compartilhamento de informações e acompanhamento acadêmico dos discentes e docentes, passou a ser utilizada de maneira mais efetiva durante a pandemia. O Google Meet e o Google Classroom são, respectivamente, uma plataforma de chamadas de videoconferência e um sistema de gerenciamento de conteúdo. Essas plataformas foram as mais utilizadas e que mais se destacaram no ensino a distância.

Com a utilização dessas inovações digitais, o sistema de ensino tradicional teve de ser readaptado para a realidade do ensino tecnológico. As aulas antes dialogadas, ganharam agora um teor mais explicativo, onde o professor trazia as informações e os estudantes apenas ouviam. As avaliações passaram a ser mais flexibilizadas, isso quando existiam. Rech & Pescador (2022) afirmam que “Quem encaminha tudo pronto é o professor. O estudante é apenas um mero receptor e reproduzidor da informação dada”. Não era incomum ver professores aprovarem alunos que não entregavam os trabalhos pedidos ou facilitando a escrita das avaliações.

Agora os rostos dos colegas estavam substituídos por círculos com iniciais e boa parte de toda a interação se dava por meio de chats de texto. Uma reclamação recorrente entre os professores era a falta de comunicação entre os envolvidos na aula. A ausência de troca foi um fator de baixo rendimento na aprendizagem e o isolamento foi um fator de sensibilização dos psicológicos, que interferem diretamente no aproveitamento destas participações. Vale lembrar que, segundo Freire (1996, p. 69):

A prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de

métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais.

Boa parte dessa nova fase de experimentação foi ineficiente no quesito aprendizado, tendo em vista que um considerável número de estudantes, visava apenas reduzir a carga-horária obrigatória do Curso e, em não raros relatos, não se liam nem um texto. Um modelo de ensino que prova que a interação presencial é de fundamental importância tanto para troca de conhecimento quanto para a saúde mental dos envolvidos, outra área que foi bastante afetada e influenciou nas perdas de aprendizagem.

Mesmo no ambiente universitário, estar sem a supervisão de um professor e ter prazos extremamente flexíveis torna o estudo algo tremendamente tedioso, principalmente devido ao fenômeno que Charlot (2012) vai chamar de *comunicação ping-pong*, a relação entre professor e estudante de receber e enviar informações. Muitos prazos foram perdidos e muitas notas foram entregues, o que aliviou o stress da punição por falhar nas atividades.

Os abalos emocionais desencadeados durante o período de isolamento, acarretaram inúmeras perdas na vida acadêmica. Os níveis de ansiedade sempre altos e os diagnósticos de neuro divergências aumentaram de forma exponencial, os fatores causadores de maior procura por especialistas em saúde mental foram a insônia e o sentimento angustiante de inquietude. Esta inquietação exagerada refletiu nas baixas notas e baixo desempenho.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, B. A mobilização no exercício da profissão docente. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, jan./jul. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1655/1504>. Acesso em: 11 ago. 2024

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RECH, G. Z.; PESCADOR, C. M. Ensino remoto em tempos de pandemia: COVID-19 suas implicações na interação professor-estudante - uma perspectiva freireana. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. esp.2, p. 1264–1278, 2022. DOI: 10.21723/riaee.v17iesp.2.16075. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16075>. Acesso em: 11 ago. 2024

MEMÓRIAS DO TEMPO EM QUE A TERRA MUDOU (DE NOVO)

Gabriel Oliveira de Sousa

Já no início do mês de março de 2020 as coisas começaram a apresentar situações inimagináveis para aqueles que mantinham a rotina intacta. As pessoas possuíam hábitos que hoje são vistos como um descaso e um descuidado consigo e com o próximo, um desses hábitos era ato de usar máscaras; algo que naquele contexto parecia indicado e um símbolo de boa-fé e respeito com aqueles ao seu lado. Entretanto, nosso mundo está sempre mudando e nem sempre muda para melhor.

Inserido em um cenário pandêmico, eu, assim como muitos, longe de todos os bons modos de preservação da saúde, vivia esse momento de calma antes da tormenta a espera do meu primeiro dia de aula no Ensino Superior. Era nesse estado em que eu me encontrava, estático numa programação de recepção de alunos calouros que acontece regularmente todos os anos, mas naquele momento era a minha vez. Logo começaram as aulas, os professores se organizavam com o período letivo que se repetia mais uma vez e os novos alunos sentiam o friozinho na barriga que todos experimentam ao chegar na vida adulta. Só que o meu ano inicial na graduação não foi como o de muitos havia sido, pois na minha vez o surto pandêmico do Coronavírus parou o mundo e a partir daí, passei por novas e diversas experiências.

Inicialmente, as aulas foram suspensas e todos os alunos ficaram alguns dias na espera de que tudo fosse voltar ao normal em algumas semanas, já que a impressão era ainda minimizadora, pois entendíamos tudo com pouca informação sobre aquele caso de pandemia. Porém, descobrimos em menos de um mês depois da paralisação das atividades que aquela situação incômoda seria o novo normal de todos os que permaneciam vivos.

O impacto disso na minha vivência acadêmica foi imensurável, pois desde que uma estrutura virtual foi se fortalecendo em busca de manter as atividades educacionais funcionando apesar da Covid-19, muito do contato humano existente nesse ambiente foi perdido. Desse modo, o que tivemos nesse cenário pandêmico foi uma maneira de parecer que estávamos mais próximos uns dos outros apesar da distância, mas, essa foi apenas uma falsa sensação de socialização.

Nesse ambiente de aulas online, minha rotina era uma espécie de “zumbificação” em frente ao computador. Eram aulas que pareciam limitar-se ao mero procedimento metódico de ensino sem aquela parte que humaniza o processo com a participação dos envolvidos. Sendo assim, por mais que eu estivesse presente ali em corpo (ou virtualmente), ainda parecia que minha vontade genuína de existir ou de contribuir com a atividade era completamente anulada pelas circunstâncias geradas pela pandemia.

Entretanto, a maneira como todo esse processo ocorreu foi de certo modo benéfico para o meu processo de aprendizado, pois na maioria das situações de dúvida sobre o que deveria ser feito em relação às atividades acadêmicas eu precisava ser autônomo, algo que acontecia com muita frequência na hora de elaborar algum trabalho; o que me fez não ficar dependente da presença de um professor a todo o momento. Toda via, compreendo a dificuldade que isso gerou sob mim, já que com o suporte de alguém apto a me auxiliar as coisas poderiam ser mais fáceis, pois é bem melhor enfrentar a tempestade se houver quem se molhe junto contigo, ajudando a enfrentá-la.

Recordo-me agora de situações de total estresse durante o período de isolamento social. Numa dessas situações, eu deveria apresentar um trabalho em grupo que discutia argumentos favoráveis e contrários sobre o nível de dependência química em determinadas realidades. Tínhamos que argumentar para elucidar esses pontos de vista, já que o objetivo da matéria era exercitar nossa capacidade de discutir e organizar uma linha de pensamento que defendesse e embasasse nossa opinião. Após meu grupo começar nossa discussão, cada um fez sua sustentação conforme o posicionamento da equipe, no entanto, no momento em que comecei minha apresentação, tudo o que havia programado e organizado para apresentar, simplesmente desapareceu da minha fala, como se uma amnésia viesse de rompante e me

tomasse o saber. A boca secou, as mãos suaram e o coração não parava de saltar, como se quisesse pular para longe do peito. Para minha sorte, tive problemas com a câmera do computador e os outros participantes não perceberam o que eu passava, mas naquele momento, percebi que algo não estava como de costume, eu havia me acostumado a estar sozinho e sem me colocar a exposição há algum tempo. Meu corpo não tinha postura e condições de suportar uma simples apresentação feita via internet sentado na cadeira do quarto. Nesse momento, considerei comigo mesmo, jamais deixar isso ocorrer novamente e busquei praticar mais esse tipo de atividade para não sentir tamanho desconforto novamente.

O cenário externo não foi algo que contribuiu para que toda essa mudança ocorresse de forma menos impactante. Toda mudança causa algum efeito, é algo inevitável, entretanto, existe uma grande diferença quando escolhemos mudar e quando a estrutura externa escolhe mudar de repente. Nossa forma de agir, pensar e o meio pelo qual nos comunicamos, sofreram essa pressão causada pela nova conjectura social, política e educacional. Assim, esse novo formato de aprendizagem, nunca usado por mim antes, teve que ser incorporado a minha rotina e alterou forçosamente a maneira como eu organizava meu tempo e programação para os estudos, do mesmo modo que muitas outras pessoas tiveram sua rotina alterada nesse contexto pandêmico.

Me lembro que nessa ocasião as salas de aula virtuais me lembravam uma espécie de consulta em grupo e o professor era como se fosse um tipo de médico ou psicólogo que se reunia conosco em busca de compreender nossas agonias e angústias no horário marcado, já que nas “reuniões com o terapeuta” muitos iam no intuito de serem ouvidos ou de expressar algum sentimento que na maioria dos casos eram negativos. Nesses encontros, todos discutiam o tema da aula de acordo com a matéria apenas por mera formalidade e ao final eram debatidas as frustrações e angústias de cada um ali presente. Essas situações não eram fixas para todos os encontros, mas em boa parte deles elas ocorriam; alunos e professores juntos em suas perplexidades do novo mundo em que estavam inseridos, buscavam afagar uns nos outros os sentimentos transtornados, todos em busca de suportarem a situação atípica que tinham de vivenciar.

E assim, finalizo essas lembranças a pensar e reviver essas memórias de ensino que se perpetuaram nos anos escabrosos de 2020 e 2021, estes que não foram fáceis e que ainda deixam uma sensação de pêsames ao serem lembrados por aqueles que sobreviveram. Resta agora para os que ficaram, organizar e pensar o novo cenário que temos, assim como, planejar o que faremos com esse espaço reservado para nós, pois cabe aos que estão aqui e agora, construir o caminho para os que virão em seguida e por pensarmos em educação, sabemos que todo esforço realizado e conquistado no presente é de grande ajuda para os novos alunos e professores do futuro.

ENTRE O ISOLAMENTO E A MEMÓRIA: A PANDEMIA E OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO

Gabriel Filgueiras Cintra

Durante a pandemia de Covid-19, instituições de ensino ao redor do mundo enfrentaram desafios sem precedentes, e no Brasil, as universidades públicas, especialmente as federais, precisaram adaptar rapidamente suas práticas ao Ensino Remoto (ER). Esse novo modelo expôs e agravou desigualdades socioeconômicas já existentes, tornando evidente as dificuldades enfrentadas por muitos estudantes.

Na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), onde estudo, o Ensino Remoto trouxe desafios consideráveis. A qualidade do acesso à internet, a falta de infraestrutura tecnológica adequada e a ausência de um ambiente de estudo tranquilo eram realidades distantes para muitos. A pandemia destacou as condições precárias de vida de diversos estudantes, especialmente daqueles oriundos de regiões vulneráveis, que não tinham os recursos necessários para acompanhar as aulas online de forma eficaz.

Apesar de minha situação não ter sido das mais críticas, enfrentei problemas com quedas de energia, interrupções na internet e, sobretudo, um aumento significativo na conta de luz. Com minha esposa, também aluna da UFOB, em casa durante todo o dia, o uso contínuo de computadores e ventiladores tornou-se uma necessidade, dado o clima extremamente quente da região. O aumento nos custos com eletricidade foi uma consequência direta dessas novas demandas impostas pelo Ensino Remoto.

Os desafios, no entanto, não se limitaram à infraestrutura. Professores e funcionários da universidade precisaram se reinventar rapidamente, enfrentando dificuldades para adaptar conteúdos ao formato digital, enquanto os estudantes, muitas vezes sem familiaridade com o ambiente online, lutavam para acompanhar o ritmo das aulas. A falta de capacitação inicial,

somada à sobrecarga de tarefas e à necessidade de conciliar o estudo com responsabilidades domésticas, transformou o ensino em um verdadeiro caos.

Outro aspecto crucial foi o impacto psicológico desse período. Estar isolado em casa, longe da família e dos amigos, tornou-se um grande desafio para a saúde mental. No meu caso, a distância de quase 2 mil quilômetros dos meus familiares no Rio de Janeiro, somada à preocupação constante com a saúde da minha mãe que, como médica, atuava na linha de frente do combate à Covid-19, aumentou ainda mais o estresse e a ansiedade. A ausência do convívio social, parte essencial da experiência universitária, resultou em sentimentos constantes de solidão, agravados pela exposição incessante a notícias alarmantes sobre a pandemia.

Com o passar do tempo, a pandemia começou a afetar minha percepção temporal e a memória relacionada ao período. As mudanças abruptas na rotina, combinadas com a esperança de que tudo voltaria ao normal em breve, criaram uma sensação enganosa de transitoriedade. No entanto, à medida que o isolamento persistia e as incertezas se prolongavam, minha capacidade de concentração e foco se deterioraram, prejudicando ainda mais meu desempenho acadêmico.

Ao refletir sobre esse período enquanto escrevo um texto sobre memórias da pandemia, percebo ironicamente que as memórias da pandemia são quase inexistentes. A pandemia alterou nossa percepção de tempo e o tempo, no contexto educacional, é extremamente importante, pois a solidificação do conhecimento exige a construção de uma memória constante. Como disse Catherine Loveday, professora de neurociência cognitiva da Universidade de Westminster, em reportagem da BBC News Brasil: “Tentar lembrar o que aconteceu com você quando há pouca distinção entre os diferentes dias, é como tentar tocar um piano em que não há teclas pretas para ajudá-lo a se encontrar”. Quando há um movimento, uma necessidade de sair para ir à faculdade, há uma mudança de cenários, essencial para que nos dê uma sensação de familiaridade temporal. Porém, com o contexto da pandemia, toda aula parecia a mesma, pois o meu dia a dia era sempre o mesmo.

Essa percepção de que o tempo foi “perdido” durante a pandemia é abordada por Ferreira (2022), que explora como a sensação de improdutividade pode ser uma armadilha psíquica. A autora afirma:

Ao cairmos na armadilha de não colocar na conta o período de restrição e o alocarmos em um passado distante, algo retorna como cobrança superegoica e ideia fantasiosa de que aquele momento teria sido “improdutivo”. Digo isso, na medida em que a sensação de “atraso”, de que “ficou parado”, “como se tivesse perdido um tempo” e que agora era para estar “em outro momento” aparece no divã, seja em referência ao trabalho, seja em planos afetivos, amorosos.

A autora sugere que essa sensação de atraso e improdutividade reflete uma lógica capitalista que tenta apagar o período pandêmico e nos empurra de volta à normalidade produtiva. Ela chama isso de “empuxo ao familiar”, um mecanismo psíquico que nos leva a esquecer e apagar o período traumático, alinhado com as pressões sociais para retomar a produtividade. Essa combinação entre o trauma e a pressão social cria uma tentativa coletiva de apagar os rastros dos dias pandêmicos, como se o retorno à “normalidade” exigisse que esquecêssemos tudo o que vivemos.

No entanto, é fundamental que registremos essas memórias — ou até a falta delas — porque elas revelam a complexidade das nossas experiências em tempos de crise. As memórias não são apenas o que lembramos, mas também o que deixamos de registrar. A ausência de marcos claros, de interações significativas, e de momentos que distinguem um dia do outro torna a tarefa de recordar um exercício árido. Porém, essa falta de lembranças marcantes também nos revela algo poderoso: a memória da pandemia não é apenas sobre o que aconteceu, mas sobre o que se perdeu no silêncio, na monotonia dos dias iguais, na suspensão do cotidiano.

A autora se utiliza da passagem de Heráclito de Éfeso, que diz que não se pode banhar no mesmo rio duas vezes, para evocar a ideia de que a realidade pós-pandemia nunca será iguala nossa realidade anterior. Portanto, o retorno à faculdade não terá ar de familiaridade. As mudanças na ordem social, as ausências daqueles que não estão mais entre nós, e as ações que perderam ou ganharam novos significados transformaram essa experiência de maneira irrevogável. Em meio a essa reflexão, surge a pergunta trazida por Fuks (*apud* Ferreira, 2022):

Haverá uma história para contar quando tudo isso acabar?
Haverá razão para ouvir essa história, e paciência para acom-

panhar as minúcias de tantas vidas interrompidas, tantas vidas paralisadas em destempo? Será narrável a magnitude dessa experiência, tão absoluta e insistente, que de um momento para o outro se apoderou do mundo inteiro e não nos abandona tão cedo? Ou preferiremos não narrar nada, nos render ao desejo de seguir em frente, de deixar tudo para trás, de esquecer, recalcar, ocultando de nós mesmos uma vivência desoladora e agônica, sem redenção possível? (Fuks *apud* Ferreira, 2022).

A resposta talvez resida em reconhecer que, mesmo na ausência de uma narrativa clara, o que vivemos durante a pandemia nos deixou marcas. Essas marcas, embora difíceis de recordar, fazem parte da nossa história coletiva, e é nosso desafio assegurar que, ao seguirmos em frente, não apagremos o que essas memórias — ou a falta delas — nos ensinaram sobre a fragilidade e a resiliência da vida.

REFERÊNCIAS

BBC News Brasil. **Como o isolamento na pandemia pode estar afetando nossa memória.** BBC News Brasil, 22 dez. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-55174033>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

FERREIRA, Patrícia do Prado. Lembrar e esquecer: rastros e restos da pandemia. *In: Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. 13, p. 02, 2022. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2022/08/10/n-13-02/>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

MEMÓRIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA TERRITORIAL: EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA FORMADORA

Givaédina Moreira de Souza

“Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática”.

Paulo Freire

Este texto, em forma de memória, apresenta uma experiência vivenciada por uma professora formadora, sendo aprendiz e educadora, no âmbito das ações vinculadas ao Plano de Formação Continuada (PFC), promovido pelo Instituto Anísio Teixeira, órgão vinculado à Secretaria de Educação do Estado da Bahia (IAT/SEC-BA), no período de 2020 e 2021, trabalhava com uma turma composta por oitenta (80) educadores (diretores escolares e coordenadores pedagógicos) dos municípios de Angical e Barreiras.

O objetivo desta ação foi implementar ações para melhoria dos indicadores de aprendizagem e o fortalecimento das aprendizagens dos estudantes em toda rede pública do Estado da Bahia, dos anos finais do ensino fundamental e do Ensino Médio, tendo como finalidade o “avizinhamento entre redes, dentro de um mesmo município, entre municípios, dentro de um mesmo território e entre os territórios de identidade do estado da Bahia” (IAT/SEC-BA, 2020, p.7).

Nesse conjunto emblemático de experiências, senti-me provocada a fazer um registro em forma de memória para que possamos revisitar o

processo de formação continuada territorial, vivido durante o tempo da pandemia da Covid-19. Lembro-me que planejamos a formação para o dia 30 de março de 2020. Assim, tudo estava preparado para iniciar o PFC quando, de repente, em função do período pandêmico imposto pela Covid-19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, o Governo do Estado suspendeu as aulas da rede estadual e particular, o funcionamento do transporte intermunicipal e, conseqüentemente, as atividades formativas presenciais programadas pelo PFC/IAT/SEC-BA também foram suspensas, em virtude das medidas tomadas para enfrentamento do Coronavírus que entraram em vigor a partir de março de 2020. Nesse contexto, foi imprescindível fazer as adequações necessárias do plano de formação em função do contexto pandêmico.

Durante o período pandêmico, o IAT, em parceria com o Itaú Social, assegurou a realização do processo formativo de formadores/as e diretores escolares e coordenadores pedagógicos, através de Plataforma Virtual¹. A dinâmica do trabalho constituiu-se em uma rede de formação, no espaço virtual da qual fizeram parte quatro salas, para atender todos os profissionais envolvidos no PFC: formadores de equipe pedagógica IAT, equipe de apoio pedagógico; formadores de diretores escolares e coordenadores pedagógicos das redes estadual e municipal, formadores de equipe técnica das secretarias municipais e Núcleos Territoriais de Educação.

Para 2021, houve a mudança para a plataforma Moodle, por ser o AVA mais conhecido de todo o público que atua na formação. O AVA foi estruturado com 125 salas para gestão e formação, sendo: 16 salas de Educadores Técnicos, 107 salas de Diretores Escolares e Coordenadores Pedagógicos, a sala Instituto Vera Cruz – IVC (Empresa de Consultoria contratada para formar a equipe pedagógica do Instituto Anísio Teixeira) e a sala IAT, essa última um ambiente de gestão e compartilhamento de informações, orientações, reuniões técnicas, dentre outras demandas de ordem administrativo- pedagógicas.

As plataformas continham uma estrutura pedagógica baseada nos objetivos, princípios e no currículo da formação, ofertando atividades formativas síncronas e assíncronas e proporcionando a conservação dos

¹ Plataforma virtual- formacao.educacao.ba.gov.br

princípios centrais de uma formação autônoma, colaborativa, interativa, que garanta a produção de conhecimentos em contexto profissional, considerando cada vez mais sua necessidade e capacidade real e exequível de inovação. Os formadores participaram de processos formativos sob gestão do IAT, a equipe discutiu sobre o currículo centrada na *Profissionalização dos sujeitos, em suas identidades funcionais, nas suas funções, rotinas e práticas profissionais*. Sobretudo, refletimos e aprofundamos sobre a gestão de processos educacionais, no âmbito da gestão pública e dos espaços de aprendizagem.

Em 2020, os formadores do (PFC), participaram das formações ofertadas em parceria com o Instituto Vera Cruz – IVC, que tange ao desenvolvimento dos conhecimentos didáticos nas áreas do conhecimento de matemática e língua portuguesa. Sendo mediada por consultores/as especialistas nos respectivos componentes e docentes com experiência na educação básica, a consultoria debateu importantes conteúdos e metodologias a serem implementadas, que teve como finalidade, planejar ações de melhoria a serem difundidas com Coordenadores/as Pedagógicos/as.

O Instituto Vera Cruz vem contribuindo e oportunizando a apropriação das concepções de ensino e de aprendizagem da Matemática e de Língua Portuguesa. Também, vem utilizando diversas estratégias didáticas ao longo da formação: a tematização da prática e a dupla conceitualização, como critérios para organização dos grupos, gestão do tempo, organização das atividades, proposições e devolutivas, dentre outras, contribuindo, assim, para a consolidação das concepções e premissas da formação.

Nessa tessitura, devemos “promover a melhoria da aprendizagem dos estudantes da Rede Pública de Educação da Bahia e a superação dos baixos indicadores educacionais do Estado da Bahia” (Bahia, 2019, p. 1). No decorrer do processo formativo, fomos entrelaçando saberes e nos apropriando sobre o saber e o fazer do conjunto de atividades profissionais específicas do diretor escolar e do coordenador pedagógico. Conforme o significado da palavra: “*Entrelaçar*; prender organizadamente, entrelaçando, juntando uma coisa à outra ou entre si”. A partir do processo formativo vamos aprendendo e entrelaçando os fios nessa tessitura de rede de conhecimento.

Diante do contexto que vivenciamos na pandemia, foi necessário ter um olhar mais acolhedor e cuidadoso com os diretores escolares e os coordenadores pedagógicos. Para isso, tivemos que reinventar a nossa prática pedagógica e implementar algumas estratégias que promovessem o bem-estar social e as práticas que se constituíssem um processo de formação continuada mais humanizado dos participantes da formação de modo que eles se apropriassem dos conhecimentos teóricos e metodológicos para que, de fato, pudessem acompanhar as mudanças sociais, tecnológicas, políticas, econômicas e culturais no mundo contemporâneo, que requerem profissionais de educação atuantes para inovar, criar, (re)criar, e (re)fletir outras formas de aprender e ensinar.

Nessa perspectiva, é importante instituir uma cultura de formação continuada em contexto profissional nas escolas, voltada, especificamente, para a formação de dirigentes escolares, coordenadores pedagógicos, indicando que a participação desses profissionais lhes dará condições, durante e depois da formação, para qualificar suas práticas na atuação profissional no contexto da escola, com vistas, sobretudo, à progressão das aprendizagens das pessoas envolvidas.

Seguimos tecendo, refletindo e registrando os conhecimentos construídos e reconstruídos, ao longo dos estudos realizados. Assim sendo, a formação continuada precisa se reinventar, acontecer de forma colaborativa e integrada com a dinâmica de trabalho da escola e seus profissionais. Percebo que cada momento da formação continuada é um aprendizado, que se constituiu em minha experiência docente como ponto de encontro profissional de valorização e ressignificação dos saberes da experiência. Em se tratando dos saberes apropriados na função de professora formadora, tive a oportunidade de reconhecer que cada nova experiência produz importantes momentos de reflexão e estudos sobre a nossa atuação profissional.

Nesse tecer, costuramos algumas ideias sobre os conceitos fundamentais para uma concepção de formação continuada, a partir dos eixos temáticos: gestão educacional, avaliação, acompanhamento pedagógico, apoio pedagógico, currículo e formação. Cada encontro virtual com os cursistas tinha uma pauta formativa diferente, cuja intencionalidade era atender à solicitação dos participantes.

Nessa rede de conhecimento, aprofundi mais os saberes sobre a concepção de currículo como ato de emancipação, realizei a reflexão sobre currículos e suas adequações contextuais. Todo encontro síncrono *on-line* foi desenvolvido na plataforma de videoconferência Google Meet; iniciava com a Formação Leitora. Em seguida, revisitava o Plano de Formação Continuada EaD (Premissas, Princípios, Concepção da Formação Continuada, Arranjo Territorial, Currículo da Formação); realizávamos discussões sobre a Formação Continuada em contexto profissional - O que fazer? Como fazer? E Revisão do Ambiente Virtual do percurso formativo na plataforma digital.

Mais encontros possibilitavam reflexões sobre a gestão das aprendizagens - por uma escola centrada na aprendizagem; o papel do Diretor Escolar e do Coordenador Pedagógico; contextualizava a formação: discutia *a priori* sua importância, legitimidade como desenvolvimento profissional, considerando o “novo normal”. Os diretores escolares e coordenadores pedagógicos apontavam que a formação deve basear-se na participação, na reflexão das demandas de cada realidade. Evidenciaram a apropriação e a produção de novos saberes que dinamizaram a organização do trabalho pedagógico e o administrativo, ou seja, o desenvolvimento profissional.

Algo relevante, que não poderia deixar de registrar, é o momento de escuta que, durante o processo formativo, os participantes tiveram a oportunidade de expor opiniões e participar do diálogo formativo virtual. Outro momento importante foi a Rede de experiências: “Olhares sobre as ações pedagógicas e de gestão realizadas pelas escolas municipais e estaduais durante a Pandemia: Aprendizagens dos (as) alunos (as) em foco”. E teve como objetivo apresentar experiências pedagógicas e de gestão realizadas pelas escolas municipais e estaduais durante a Pandemia com foco nas aprendizagens da/o(s) aluna/o(s).

Nessa interação entre pares, produziu-se um movimento coletivo, com troca dialógica de valorização da escola como espaço coletivo e de comunicação aberta que, em uma ação de continuidade, poderá fortalecer a iniciativa de se ter uma rede colaborativa entre as escolas no território. A formação trouxe não apenas mais conhecimento, mas, sobretudo, a satisfação de participar e de continuar aperfeiçoando, de modo a tornar

o ensino mais eficiente e mais prazeroso. Dessa forma, a formação continuada em contexto profissional desenvolve uma atitude investigativa e reflexiva, tendo em vista que a atividade profissional é um campo de produção do conhecimento, envolvendo aprendizagens que vão além da formação continuada.

Ademais, um momento bastante significativo foi o diálogo sobre o Plano de Ação da dupla gestora e os seus respectivos elementos: validade da elaboração pela equipe gestora – ambos devem ocupar lugar de profissional desde o início da formação; clima organizacional (relação de pertencimento dos pares da escola); discussões sobre Planejar para Heloíza Luck, “Dimensões que devem ser contempladas no plano de ação da escola”? em que consiste o plano de ação da escola? Elementos do planejamento; explicando a estrutura; dinâmica da formação no formato EAD e, como as redes, municipal e estadual podem implementar as ações propostas pela formação continuada. No final de cada encontro, eram dirimidas todas as dúvidas e, em seguida, passávamos para os encaminhamentos. A cada encontro virtual, havia o momento da Avaliação da formação e interação na plataforma. Além disso, aconteciam os seminários territoriais *online*.

Mas, nesse período, tivemos algumas dificuldades para a formação continuada acontecer remotamente, tendo em vista que alguns cursistas tinham o problema com a conectividade, a precariedade no uso de tecnologias, a necessidade de aprimorar ou mesmo aprender a manusear as ferramentas digitais para permanente interação entre o cursista e o formador. Outro desafio foi o manuseio da plataforma *AVA Modlle* e de alguns *sites*, em seus ambientes virtuais por parte dos cursistas. Mas, para amenizar a dificuldade, implementei algumas oficinas com a temática Ferramentas digitais para ensinar e aprender/aprendizagem colaborativa.

Durante esse período formativo, trabalhamos com metodologias/estratégias diversificadas e que foram condizentes com os objetivos e com os conteúdos propostos, sempre com o cuidado de trabalhar com metodologias inovadoras e com as ferramentas gratuitas *online*, do Google Drive (*google* formulário, *google docs*, *google* apresentação), o *Canva*, o *Padlet*, o *Mentimeter*. Essas ferramentas auxiliaram a formação continuada territorial, tanto nos momentos síncronos quanto assíncronos.

Na plataforma do PFC, customizamos alguns fóruns temáticos: Boas-Vindas, Apresentação; Escolha do “Nome da Turma; Tira Dúvidas; [Encontro I] Pauta; Plano de Ação; Paradigmas Educacionais; Papel do Coordenador; [O ato de coordenar] e Reflexões sobre a vida durante a pandemia. E agora? Percebe-se que estes fóruns proporcionaram conhecimento de realidades distintas; oportunidade de trocar saberes e fazeres por meio das tecnologias. Além disso, realizamos algumas ações de acompanhamento, tais como: criação de grupos de WhatsApp, para que tivessem melhor interação entre os participantes; mobilização dos educadores para participar da Formação Continuada virtual, acessar o ambiente, efetivar as atividades do espaço formativo da sala Makota Valdina e participar dos tópicos dos fóruns.

Nesse período de formação continuada, buscamos realizar o adensamento teórico com alguns autores: Nóvoa, Lück, Silva, Gatti, Freire, Schön, Vasconcellos, Sacristán, Santos, Barros, Lerner, Libâneo, Luckesi, Paro, Solé, Morin, Ramalho, dentre outros, no sentido de qualificar o trabalho pedagógico e administrativo da escola, de modo a envolver e gerar aprendizagens significativas entre os profissionais e, por sua vez, entre os estudantes.

Os aspectos mais significativos dos encontros, conforme os cursistas, foram: reflexão do processo de aprendizagem no novo porvir - Planejamento - aprendizagem - avaliação a base da educação - Novo normal; acredito que toda palestra foi enriquecedora, principalmente quando nos possibilitou uma reflexão sobre os velhos desafios e os novos surgidos com a pandemia, como também no novo papel que a escola precisa promover no que diz respeito ao ato de educar. A troca de experiências com formadores qualificados, que têm propriedade sobre as questões em debate; as palestras que possibilitaram a reflexão sobre os desafios para os educadores na atualidade, o ato pedagógico e o fazer metodológico; articular velhos desafios aos novos surgidos com a pandemia; a palestra e a participação dos colegas; reflexão sobre a educação no contexto de crise; acerca da tarefa desafiadora do atual momento e do papel da escola sendo resgatada para atuar nesse processo de mudança. Além disso, a abordagem do direito de aprender, construindo uma rede de relacionamentos, de afetividade, de significados a curto e longo prazo na vida dos profissionais e dos estudantes.

Nesse percurso formativo, realizamos algumas estratégias de acompanhamento para evitar a evasão dos cursistas: a criação de grupos de *WhatsApp*, para que tivessem melhor interação, e o “avizinhamento” proposto pelo IAT; criação de grupos de *WhatsApp* de cada município, somente com os técnicos das secretarias municipais, para que tivessem um maior conhecimento das ações dos/as gestores/ as e coordenadores/as, através do encaminhamento dos relatórios diários dos avanços de seus colegas. Uso do aplicativo *chat* para envio de mensagens; ligação telefônica para tirar dúvidas (alguns); elaboração de uma planilha para monitorar a participação de cada educador, preenchendo cada atividade e tópico do fórum realizado; envio de relatório da turma e planilha para os técnicos do Núcleo Territorial de Educação (NTE) e da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), separado por rede e por município. Realizamos, também, a construção quinzenal de relatórios de acompanhamentos individuais, nos quais identificamos a porcentagem de progressão do curso.

Com relação ao acompanhamento das postagens e devolutivas individuais no espaço Makota Valdina e nos tópicos dos fóruns da turma, realizamos: a emissão de pareceres dos planos de ação e agendas dos coordenadores, o envio de avisos pelo *AVA*, *e-mail* e *WhatsApp* com alguns encaminhamentos e orientações, individualmente ou em grupo; a produção de documento orientador para participar dos encontros virtuais, como: sugestões de Boas Práticas para a formação em EAD: antes e durante o momento formativo; como instalar o Google Meet para participar da reunião por celular; elaboração do Tutorial do Google Meet;

A cada encontro realizava-se os encaminhamentos dos documentos no mural de avisos, *e-mail* e no grupo de *WhatsApp*; instalação do aplicativo *Meet Attendance* para gerar a planilha com a frequência dos participantes; agendar o dia, o horário da reunião, adicionar convidados e encaminhar o link; elaboração da pauta, dos *slides* e da avaliação do diálogo formativo no Google Formulário; Elaboração do convite e encaminhamento no mural de avisos, *e-mail* e no grupo de *WhatsApp*.

Apesar de todos os desafios com a Pandemia, nossas formações foram importantes e possibilitaram a ampliação de meus conhecimentos e, segundo os cursistas, os movimentos do processo formativo que mais en-

riqueceram suas práticas profissionais foram as aprendizagens em contexto remoto; ensino híbrido: conceitos, modelos e possibilidades pedagógicas. Segundo uma coordenadora pedagógica, “Os encontros permitiram, sobretudo, nesse período pandêmico, o encontro da gente fazer nossos desabafos, nossos compartilhamentos entre os pares”. Percebe-se que as experiências mais significativas da formação continuada tenham sido as trocas e partilhas sobre vivências em situações de enfrentamentos na organização do trabalho pedagógico da escola em tempos da pandemia da Covid-19.

Assim sendo, vamos continuar a nossa caminhada nesse processo formativo, que vai permitindo fazer a costura com mais saberes e fazeres, ou seja, que vai além da ação com o diretor escolar, que precisa dialogar constantemente com o coordenador pedagógico em busca de soluções para o fazer da escola. No entanto, as relações estabelecidas entre os gestores escolares têm mobilizado a produção de experiências exitosas nas escolas e esse processo não se faz isoladamente, mas no coletivo da organização escolar, construindo laços e trocas de conhecimentos entre os pares, de forma colaborativa e integrada, com o foco no fortalecimento das aprendizagens dos estudantes.

Portanto, cada momento formativo nos proporciona um novo olhar sobre nossa prática profissional. Cada diálogo, cada troca de experiência e opiniões distintas nos fazem perceber o quanto ainda precisamos aprender. Nesse caminhar, fui aprendendo com os diretores escolares e com os coordenadores pedagógicos o que é ser uma professora formadora. Nesse percurso formativo, compartilhei conhecimentos e experiências tanto com os meus colegas formadores, quanto com os colegas da rede estadual de ensino. Mesmo diante do isolamento social enfrentado, o período da pandemia possibilitou a ampliação de meus conhecimentos e dos diretores escolares e coordenadores pedagógicos.

REFERÊNCIAS

BAHIA inicia formação continuada para 6,7 mil profissionais da educação. **Itaú Social**, 27 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/bahia-inicia-formacao-continuada-para-67-mil-profissionais-da-educacao/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MEMÓRIAS DE INGRESSO E PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO

Glauber Rocha Santos

A pandemia da Covid-19 causou mudanças drásticas na organização e funcionamento da sociedade como um todo. Diversos setores foram afetados pelas medidas protetivas e dispersão rápida do vírus, assombrados por uma ameaça invisível que causou o adoecimento e morte de parentes e conhecidos. A educação, já sucateada, viu-se em um estado deteriorado, perdendo estudantes e verbas para a manutenção e funcionamento adequado das instituições que promovem o ensino.

Durante meus anos de formação, principalmente no terceiro ano do Ensino Médio, em 2019, comecei a planejar meu ingresso no Ensino Superior, estudando e realizando a escolha de curso e universidade. Após a tomada de decisão, participação no processo seletivo e posterior inscrição no SISU, pude selecionar o Curso que queria fazer e tive a felicidade de ser aprovado na primeira chamada. Como recém-egresso do Ensino Médio, o ano de 2020 era para mim um ano de grandes expectativas, pois seria meu primeiro momento fora da sala de aula do ensino básico, a qual tinha passado a maior parte da minha vida.

No mesmo mês de ingresso na universidade, foi anunciada a pandemia da Covid-19 e iniciaram as medidas restritivas, sendo assim, tive que abdicar da minha mudança para a cidade que pretendia fazer o meu curso e cancelar posteriormente a matrícula na universidade, pois sabia que não teria como me manter distante de casa no momento em que estávamos vivendo. Em 2020, me inscrevi novamente no ENEM, o qual acabou sendo adiado para o início de 2021 devido ao aumento de casos de pessoas infectadas. Sendo assim, o ingresso e início das aulas ocorreram de forma tardia, fazendo com que houvesse apenas um semestre letivo em todo o ano.

O contato inicial com a universidade ocorreu por meio da semana de integração, realizada de forma virtual devido a impossibilidade da aglomeração de pessoas durante esse período instável. Apesar da atenção à organização e da qualidade dos debates trazidos, o evento careceu de uma parte essencial: o contato estudantil com o chão da universidade. Sabe-se que o processo de ensino-aprendizagem não ocorre apenas dentro da sala de aula, as trocas entre estudantes e professores e o compartilhamento de ideias e espaços também são uma parte essencial para o funcionamento do ambiente acadêmico.

O primeiro semestre letivo foi conturbado porque nem os professores, nem os estudantes estavam habituados ao formato online de aula. Alguns docentes optaram por manter as mesmas práticas pedagógicas utilizadas antes do período pandêmico, continuando com as aulas expositivas e as formas mais tradicionais de avaliação, como os seminários e provas. Ocorreu também a tentativa de adoção de novas práticas pedagógicas, adaptando os conteúdos às necessidades dos estudantes, tendo em vista que estes enfrentavam dificuldades para conciliar o horário das aulas e a produção de atividades.

Nesse contexto, senti que houve uma certa ‘coisificação’ dos estudantes, no qual deixamos de ser sujeitos singulares e passamos a ser apenas um ícone sem rosto na tela dos professores. Este distanciamento, dificultou o desenvolvimento das relações interpessoais entre os próprios estudantes e entre os estudantes e docentes. Tal processo também empatahou os professores de enxergarem as particularidades de cada discente, impossibilitando que os mesmos percebessem certas brechas deixadas no processo educativo.

A experiência virtual e as dificuldades de permanência (falta de programas de extensão e incentivos financeiros) fez com que muitos colegas optassem pela desistência do Curso. Outro problema enfrentado durante este período foi o acesso à internet, que devido ao grande número de pessoas conectadas simultaneamente costumava cair frequentemente, episódio que presenciei inúmeras vezes. Por morar em área rural, a conexão costumava sofrer quedas e perda de qualidade constantes, o que atrapalhava no curso da aula, tendo em vista que por ser algo ao vivo não havia a

possibilidade de dar replay para ouvir novamente a explicação do professor, além da dificuldade e demora do serviço de manutenção devido à distância em relação à cidade.

Como estudante do Curso de Licenciatura em História, tive que passar por disciplinas voltadas para a área de educação e desenvolvimento da prática pedagógica. As matérias de prática de ensino tiveram que se adaptar às condições que estávamos vivendo, sendo assim, nos restringimos às discussões teóricas e a produção de materiais que não tiveram a chance de serem aplicados em sala de aula. Considero isso, uma grande perda no nosso processo formativo como futuros docentes, pois não houve um contato inicial com a prática docente, restringindo a mesma ao mundo das ideias.

A falta de experiência em sala de aula e de diálogo com a comunidade cívica deu a sensação de esvaziamento da minha formação acadêmica, me fazendo questionar se realmente valeria a pena continuar o curso. O sentimento de não pertencimento permeou o meio acadêmico, tornando os estudantes suscetíveis ao sofrimento emocional, que alinhadas à precariedade do apoio médico e psicólogo resultaram no desgaste mental dos discentes.

As lacunas deixadas pela pandemia foram evidenciadas quando houve o início do retorno às aulas presenciais, ainda híbridas, em 2022. O acesso limitado à instituição devido à escassez de transporte público, junto a ansiedade generalizada em entrar em contato com outros discentes após muito tempo estudando isolado, tornou a experiência em algo negativo. Apesar de frequentar as aulas e realizar a leitura da bibliografia recomendada, constantemente me sentia deixado para trás, como se não tivesse conseguido acompanhar meus outros colegas de Curso. Durante este período, tive grandes dificuldades em me socializar e participar das aulas com medo de sofrer algum tipo de desaprovação, o que me fez trancar todas as disciplinas presenciais, ficando com as matérias remotas.

Todas essas questões, alinhadas à falta de interesse do governo no controle real da pandemia e no investimento na educação como todo, levaram a momentos difíceis para todos que estavam em torno desta área, frequentemente desvalorizada. O processo de sucateamento das universi-

dades públicas e os constantes “cortes de gastos” não são novidades, mas estes se intensificaram durante a pandemia, piorando a situação que já estava ruim, me levando a questionar se haveria o fechamento destes institutos devido à falta de verba para cobrir as despesas básicas.

Em suma, a pandemia pôs em debate uma série de questões que haviam sido deixadas por baixo do tapete. A mesma evidenciou os privilégios de determinados estudantes em detrimento de outros que tentavam, por variados motivos, não conseguiram obter um desempenho satisfatório dentro do Curso ou mesmo se manter na universidade. Os desafios referentes aos Cursos de licenciatura foram ainda maiores, pois estávamos tanto na posição de discente como na de docente em formação, nos fazendo refletir sobre a fragilidade das práticas pedagógicas e do ensino remoto.

MEMÓRIAS SOBRE DESAFIOS ENFRENTADOS COMO ESTUDANTE NO IFBA CAMPUS BARREIRAS-BA

Ivy Christinni de Oliveira Moura

Conforme levantamento realizado pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), 99,3% das escolas brasileiras suspenderam as atividades pedagógicas presenciais durante o ano de 2020, devido à pandemia da COVID-19. O Instituto Federal da Bahia (IFBA), no qual estudei todo o Ensino Médio também fez parte desse percentual, e pela falta de preparo do Estabelecimento de ensino, o ano letivo nem foi ofertado. Em setembro do ano 2020, ofereceram às turmas de 1º ano as AENPEs (Atividades Educacionais Não Presenciais Emergenciais), que consistiam em uma espécie de cursos de matérias diversas e de grupos extracurriculares do campus, realizadas de forma assíncrona. Elas serviram tanto para acostumar os professores (e alunos) a utilizarem as tecnologias necessárias às aulas, quanto para demonstrar que a sede educacional ainda estava ativa.

Evidentemente, a ausência do ano letivo no Instituto gerou um índice de evasão escolar alarmante. Os dados expostos no Relatório de Gestão Institucional de 2020, por ele realizado, constataram um aumento de 10,57% de abandono por parte dos alunos dos cursos técnicos integrados no Campus Barreiras, se comparado aos índices de 2019. Além disso, estudantes optaram por cancelar suas matrículas migrando para outros ambientes educativos.

Desse modo, percebemos a deficiência na organização e a falta de competência para administrar tal emergência, fato observado com desconfiança, já que se trata de uma autarquia. Ou seja, sendo uma instituição autônoma, criada por lei específica, com personalidade jurídica

de direito público interno, patrimônio próprio e atribuições estatais específicas, espera-se que seja capaz de tomar suas próprias decisões. No entanto, é fácil analisarmos essa situação de maneira superficial e empregar todas as responsabilidades à entidade, sem ter conhecimento do contexto anterior.

Em 29 de março de 2019, foi lançado o Decreto de nº 9.741 que altera o Decreto nº 9.711 – lançado no referido ano, que dispõe sobre a programação orçamentária e financeira, contingenciando R\$ 29,582 bilhões do Orçamento Federal de 2019. Desses, 5,839 bilhões foram retirados da Educação o que correspondia cerca de 25% do previsto no primeiro decreto. De forma similar ao contexto educacional, houve reduções de 42,27% das despesas de investimento do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), desencadeando o maior desastre financeiro e institucional no campo científico, tecnológico e da inovação produtiva em quase 70 anos. Desse modo, o padrão de sucateamento dos órgãos governamentais reflete na realidade das academias e instituições, o qual contribuiu para a suspensão do calendário acadêmico.

Em 2021, as atividades letivas no IFBA voltaram a funcionar, constando como período de 2020/1. Na época, foi consensual entre docentes e discentes a visão de que o ano vago trouxe consigo uma mudança positiva, o “concerto” do atraso que o cronograma acadêmico havia sofrido devido a greves anteriores.

Para facilitar a adaptação da alteração de atmosferas, dividiram-se a grade curricular em dois grandes blocos contendo disciplinas diversas, sendo obrigatória a realização de, no mínimo, três avaliações acadêmicas para a formação do boletim. No entanto, dentre as 14 (catorze) matérias previstas no Projeto Pedagógico do Curso Técnico de Nível Médio em Informática, apenas 10 (dez) foram ofertadas, devido à escassez de professores que a instituição vinha experienciando por certo tempo, ficando pendentes para o ano seguinte os componentes Arquitetura de Computadores, Informática Básica, Inglês e Sociologia.

A insuficiência de docentes causou grande importuno durante minha estadia na Unidade. No 2º ano, das 15 (quinze) disciplinas obrigatórias foram lecionadas 14 (catorze) porque houve a retirada do compo-

nente Instalação e Manutenção de Computadores (IMC), e adicionadas as que estavam pendentes do ano anterior. No total, cursei 18 (dezoito) componentes curriculares diferentes durante o 2º ano do Ensino Médio, o que acarretou um estresse inigualável não só em mim, mas em todos os meus companheiros de sala. Eventualmente, houve também a reposição de ICM no 3º ano.

Ainda discutindo minhas experiências como estudante na pandemia, foi explícita a evasão escolar no curso de Informática, tanto que as três turmas formadas no 1º ano foram reduzidas para apenas duas no 2º ano, com menos de 20 (vinte) alunos cada. Dos 24 (vinte e quatro) discentes matriculados na turma 712, cerca de 12 (doze) compareciam às aulas, e pouquíssimos participavam ativamente. Além disso, presenciamos a grande dificuldade de adequação dos professores para com as tecnologias digitais, sobretudo os mais velhos, visto que nunca haviam lecionado nesse modelo metodológico e tinham sido instruídos em curto tempo.

É evidente a desvalorização da educação brasileira nos últimos tempos. Portanto, diante de tantos desafios faz-se necessário repensar sua atuação, função social, objetivos, resultados, etc. na tentativa de renová-la, visto que a sociedade mudou. A sala de aula não pode ser considerada um ambiente favorável à aprendizagem apenas com a presença do docente e dos estudantes, uma mesa, algumas carteiras e um quadro alojados dentro de quatro paredes.

Dentre as diversas transformações experienciadas na pandemia, o certo é que a digitalização do mundo veio para ficar. Os órgãos governamentais ligados à educação precisam seguir esse padrão, para evitar o crescente abandono escolar e garantir uma aprendizagem aprofundada, que prenda a atenção de seus alunos e os motivem a produzir conhecimento.

Inegavelmente, essa alteração no sistema não será realizada sem a revisão dos poderes governamentais, tampouco sem a implementação de políticas públicas adequadas ao atendimento das exigências sociais deste século. Cabe então a nós, cidadãos, reivindicarmos nossos direitos em vista de sua garantia para suprimimento de nossas necessidades.

REFERÊNCIAS

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO INEP. **Divulgados dados sobre impacto da pandemia na educação.** Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/divulgados-dados-sobre-impacto-da-pandemia-na-educacao>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BRASIL. **Decreto Nº 9.711, de 15 de fevereiro de 2019.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9711.htm#:~:text=D9711&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20programa%C3%A7%C3%A3o%20or%C3%A7ament%C3%A1ria,que%20lhe%20confere%20o%20art.>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BRASIL **Decreto Nº 9.741 de 29 de março de 2019.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9741.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%209.741%20DE%2029,2019%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SINDICATO NACIONAL DOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR. **Orçamento da Educação sofre corte de R\$ 5,83 bilhões.** Disponível em: <<https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/orcamento-da-educacao-sofre-corte-de-r-5-83-bilhoes1>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS FÍSICAS - CBPF. **Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CBPF.** Disponível em: <<https://www.gov.br/cbpf/pt-br/assuntos/noticias/cortes-que-ameacam-a-pesquisa-brasileira-repercutem-na-midia>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

ABRASCO. **Diretoria da Abrasco estimula debate sobre o corte orçamentário no MCTIC.** Disponível em: <<https://abrasco.org.br/diretoria-da-abrasco-estimula-debate-sobre-o-corte-orcamentario-no-mctic/>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA. Departamento de Planejamento - DEPLAN. **Relatório de Gestão Institucional 2020.** / Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Salvador, BA: IFBA, 2021.

SUPERANDO FRONTEIRAS: MEMÓRIAS DE MINHA JORNADA TRANSFORMADORA NO ENSINO À DISTÂNCIA EM TEMPOS PANDÊMICOS (2022)

Jaciel Carvalho dos Santos

No ano de 2022, tive a oportunidade de participar do Programa Residência Pedagógica e de cursar um Estágio Supervisionado através do Ensino Remoto, que se revelaram uma das experiências mais importantes para o meu desenvolvimento profissional como futuro professor. Um dos momentos mais marcantes dessa jornada foi quando tive que ministrar aulas na modalidade de Ensino à Distância (EaD), um cenário amplamente influenciado pela pandemia do Covid-19. Aqui, convidarei a todos a reviver esse momento por meio da minha memória com relatos dos desafios enfrentados, os pontos positivos observados e a importância dessa vivência para o meu processo de formação profissional, com um foco especial no desenvolvimento das habilidades tecnológicas.

A pandemia de Covid-19 trouxe uma série de desafios para a educação, principalmente no que diz respeito ao ensino remoto. Ministrar aulas em EaD foi uma experiência desafiadora que exigiu uma adaptação rápida e nem sempre eficaz às novas circunstâncias, o que não foi uma tarefa fácil.

Ainda me lembro de ter que desenvolver a necessidade de adaptação ao ambiente virtual. Diferente do ensino presencial, onde o contato direto com os alunos permite ajustes imediatos na metodologia, o EaD exigiu que eu desenvolvesse estratégias para manter a atenção e o engajamento dos alunos à distância, onde existia a ausência de interações físicas e sinais não verbais, o que tornou desafios a avaliação do entendimento dos alunos e a identificação das dificuldades em tempo real.

Além disso, a pandemia evidenciou desigualdades no acesso à tecnologia. Muitos alunos enfrentaram dificuldades para participar das aulas devido à falta de dispositivos adequados ou de uma conexão de internet estável. Isso impactou diretamente na qualidade do ensino e na equidade entre os alunos. Essa situação me fez refletir sobre a importância de estratégias inclusivas e adaptativas para atender às necessidades de todos os estudantes, independentemente das suas condições de acesso. Lembro-me de um momento em que um estudante não conectou a aula e no momento da “chamada” e alguém naquele momento falou que a falta do mesmo era porque ele acessava através do celular de sua mãe e ela não estava em casa.

Outro desafio significativo foi a gestão da participação e do engajamento dos alunos. Em um ambiente virtual, é mais fácil para os alunos se distraírem ou se desconectarem, o que pode levar a uma menor participação nas atividades e discussões propostas. Manter o engajamento dos alunos exigiu uma abordagem mais criativa e dinâmica, como o uso de fóruns, quiz interativo e atividades colaborativas para incentivar a interação e a participação ativa, mas nem sempre era atrativo para os estudantes.

Apesar dos desafios, a experiência de ministrar aulas em EaD trouxe diversos benefícios que foram fundamentais para o meu desenvolvimento profissional. Primeiramente, a utilização de tecnologias educacionais ampliou minha compreensão sobre os recursos disponíveis para o ensino. Ferramentas como plataformas de videoconferência, sistemas de gestão de aprendizado e aplicativos de colaboração permitiram a criação de atividades interativas e o aprimoramento da comunicação com os alunos.

Além disso, o EaD ofereceu flexibilidade tanto para os alunos quanto para os professores. A possibilidade de acessar o conteúdo a qualquer momento e de participar das aulas de forma assíncrona permitiu uma adaptação mais personalizada ao ritmo de aprendizado de cada aluno. Essa flexibilidade também me deu a oportunidade de elaborar atividades e materiais didáticos de forma mais adaptada, considerando as necessidades e os interesses dos alunos.

Outro ponto positivo foi o desenvolvimento das minhas habilidades tecnológicas. O uso de diversas ferramentas digitais me desafiou a aprender e a aplicar novas tecnologias na prática pedagógica. Esse processo não só

aprimorou minhas competências tecnológicas, mas também me preparou para utilizar esses recursos de maneira eficaz em futuras situações educacionais. A capacidade de integrar tecnologia ao ensino é uma habilidade cada vez mais valorizada e essencial no cenário educacional atual. Até hoje ainda reutilizo alguns materiais que foram elaborados nesses programas e aulas de disciplinas de ensino que por mais que seja presencial sempre dá certo.

Assim, a experiência de ministrar aulas em EaD foi fundamental para o meu processo de formação profissional por várias razões. Primeiramente, ela me proporcionou uma visão mais abrangente dos desafios e oportunidades do ensino à distância, uma modalidade que se tornou cada vez mais relevante em um mundo em constante mudança. Compreender essas nuances me preparou para enfrentar as demandas do ensino moderno e para adotar abordagens pedagógicas que atendam às necessidades dos alunos.

Além disso, a experiência destacou a importância da adaptabilidade e da inovação na educação, onde a capacidade de se ajustar rapidamente às mudanças e de utilizar novas tecnologias de forma criativa é essencial para qualquer educador. O ensino de forma remota me desafiou a pensar de maneira diferente e a explorar novas estratégias para manter o engajamento dos alunos, o que contribuiu para meu crescimento como profissional e para o aprimoramento da minha prática pedagógica.

A experiência também evidenciou a importância da formação contínua e da atualização constante sobre as tendências educacionais. A tecnologia está em constante evolução, e a habilidade de se adaptar e aprender sobre novas ferramentas é crucial para oferecer um ensino de qualidade e relevante. O Ensino Remoto, com suas especificidades e desafios, foi uma oportunidade valiosa para o desenvolvimento dessas habilidades e para a construção de uma base sólida para minha carreira.

A vivência no Programa Residência Pedagógica em 2022 e a experiência de ministrar aulas online foram momentos significativos e transformadores em minha trajetória profissional. Embora os desafios tenham sido consideráveis, a oportunidade de desenvolver habilidades tecnológicas, adaptar estratégias pedagógicas e compreender melhor as demandas do ensino à distância foram fundamentais para meu crescimento como professor. Levo comigo as lições aprendidas e as competências adquiridas,

pronto para enfrentar as demandas do ensino moderno com uma perspectiva enriquecida e inovadora. A experiência com esse novo formato de ensinar, não apenas contribuiu para minha formação profissional, mas também reforçou a importância da adaptabilidade e da inovação na educação, preparando-me para oferecer um ensino de qualidade e relevante para meus futuros alunos. Embora tenha agregado de forma intensificada no meu profissionalismo, penso que diante de todos os desafios e com base nas minhas memórias com esse ensino, EaD não seja algo positivo, pois, hoje como educador com graduação em licenciatura eu consigo vi(ver) as diferenças de um ensino distante para um presencial.

É nítido como o contato humano, o olhar aprofundado em tempo e espaço real é importante, pois lidamos com seres humanos que tem dificuldades, níveis e classes sociais diferentes que só a presença do mestre no chão da sala pode auxiliar no processo de mediar as aulas de tal maneira que alcance todos com equidade. Vale ressaltar que isso não era possível em um ensino remoto, pois, na verdade, você só enxergava telas e nomes, não era capaz de identificar a essência participativa dos estudantes.

Outra memória que carrego comigo entre os momentos mais marcantes de minha graduação, foi quando do exercício da docência e aplicação de atividades desenvolvidas no Estágio Supervisionado II do Curso de História, sob a orientação do professor Anderson Dantas. O cuidado para com a orientação e o planejamento da experiência docente para ser realizada em um ambiente remoto, revelou-se extremamente gratificante não apenas pela sua execução bem-sucedida, mas também pelo impacto positivo que teve nos alunos.

Embora o formato virtual pudesse sugerir uma certa distância entre alunos e professor, as atividades propostas elaboradas sob o incentivo da criatividade se destacaram pela participação entusiástica e pelo envolvimento dos estudantes. Cada um deles se engajou de maneira ativa, expressando interesse e entusiasmo pelos conteúdos abordados. Ver a interação e o carinho dos alunos, mesmo através de uma tela, foi uma experiência enriquecedora e demonstrou que, apesar das limitações do EaD, é possível criar momentos significativos e impactantes no processo de ensino-aprendizagem.

A satisfação se ampliou ainda mais quando posteriormente tive a oportunidade de visitar a escola onde aquele estágio supervisionado remoto havia sido realizado. Foi emocionante e memorável encontrar alguns dos alunos que participaram da atividade. O reconhecimento deles e as conversas que tivemos sobre a experiência foram extremamente recompensadoras pois era um retorno presencial do que eu havia desenvolvido remotamente. Esses momentos de conexão humana, mesmo após a interação virtual, ressaltam a importância do vínculo professor-aluno e a capacidade das atividades educativas de transcender as barreiras físicas.

Esse episódio se tornou uma lembrança inesquecível para mim. A satisfação de saber que a atividade desenvolvida teve um impacto positivo e foi bem recebida pelos alunos, e o reconhecimento deles durante a visita à escola, e eles saberem meu nome e quem eu sou, foram marcos que contribuíram para minha formação profissional e pessoal. Essa experiência confirmou o poder da educação em criar conexões duradouras e significativas, mesmo em um cenário de ensino remoto.

Em resumo, a vivência do EaD durante o Programa Residência Pedagógica e Estágio Supervisionado em História II não apenas me desafiou a aprimorar minhas habilidades pedagógicas e tecnológicas, mas também me proporcionou momentos valiosos de interação e (re)conhecimento com os alunos. Esses momentos, especialmente o feedback positivo e o reconhecimento posterior, são um testemunho do impacto profundo e positivo que a educação pode ter, independentemente do formato em que é oferecida. Levo comigo essas memórias como um lembrete constante da importância de criar experiências educacionais significativas e do poder da educação em conectar pessoas e construir pontes entre professores e alunos.

RESILIÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: MEMÓRIAS DE DESAFIOS, ADAPTAÇÕES E SUPERAÇÕES NO ENSINO MÉDIO

Jaiane Kécia Vilastro Alves

Em 2020, o mundo inteiro foi surpreendido por uma pandemia que mudou drasticamente o cotidiano de todos os indivíduos. Para mim, essa transformação foi mais impactante, pois coincidiu com o início de uma nova fase na minha vida estudantil: o primeiro ano do ensino médio. Estava ansiosa para essa nova etapa, que marcaria o fim do ensino básico e a preparação para o futuro acadêmico e profissional. No entanto, logo no início do ano letivo, as aulas foram suspensas devido à ascensão de casos de COVID-19. Naquele momento, imaginava que essa interrupção seria breve, talvez apenas algumas semanas, e que em breve tudo voltaria ao normal. Mas a realidade foi muito mais complexa e desafiadora do que eu podia imaginar.

A pandemia não só trouxe um surto de uma doença desconhecida e assustadora, que a cada dia ceifou milhares de vidas, mas também transformou completamente a maneira como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. As notícias transmitidas incessantemente nos meios de comunicação mostravam um cenário de caos global, onde ninguém estava a salvo, independentemente de idade, condição social ou localização geográfica. Esse sentimento de vulnerabilidade era agravado pela incerteza sobre o futuro, tanto em termos de saúde quanto de educação. Em poucos meses, o que parecia uma pausa temporária nas aulas se transformou em um período prolongado de incertezas e adaptações.

O impacto na minha educação foi profundo, tendo como principal desafio a total ausência de acesso ao ensino durante o primeiro ano da pan-

demia. A escola onde eu estudava, localizada em Cotegipe, uma pequena cidade do interior da Bahia, enfrentava uma série de dificuldades para implementar qualquer tipo de ensino remoto, expondo a fragilidade de um sistema despreparado para lidar com tamanha transformação. A precarização do acesso à tecnologia tanto por parte dos docentes quanto para os discentes fez com que a adaptação ao novo cenário fosse extremamente lenta.

Pela ausência de atividades no primeiro ano de Ensino Médio, foi decretado pelo governo estadual, a obrigatoriedade de aprovar todos os estudantes. Nesse sentido, o meu primeiro ano de ensino médio foi totalmente comprometido pela pandemia. Nesse período em que permanecemos sem aula, comecei a trabalhar informalmente em uma casa de família, mesmo tendo apenas quinze anos de idade. O retorno às aulas finalmente aconteceu no início de 2021. Foi extremamente desafiador conciliar o trabalho com a vida estudantil. Eu trabalhava das sete às dezessete horas, com uma rotina que muitas vezes se estendia para além desse horário e até mesmo para os finais de semana, já que era preciso cuidar da casa, dos filhos e as vezes do atendimento da funerária dos meus patrões, me vi sobrecarregada.

As aulas remotas, embora necessárias, estavam longe de ser ideais. A falta de preparo técnico dos docentes, somada à ausência de recursos didáticos adaptados para o ensino remoto, compromete a qualidade do ensino. Os professores, embora esforçados, se viram diante de um desafio para o qual não foram treinados, e isso impactou diretamente no meu desempenho e dos demais colegas. Ademais, por muitas vezes aulas com áudio e imagens de péssima qualidade, com a ausência de grande parte dos colegas que não tinha acesso à internet.

A falta de interação presencial com professores e colegas, o trabalho somado às dificuldades técnicas com as plataformas utilizadas, resultou em um primeiro trimestre de notas muito baixas. Essa foi uma experiência profundamente frustrante para mim, pois sempre fui uma aluna dedicada, com um histórico de boas notas. Com o tempo, percebi que era impossível continuar nessa trajetória de conciliar estudos com o trabalho. Estava com um alto déficit de aprendizado e minhas notas continuavam a despencar. Tomei então a decisão de deixar o trabalho para focar nos estudos, voltando a morar na zona rural com os meus pais, um

ambiente mais agradável e que me permitia ter um tempo apenas para os estudos, mesmo assim, o ensino remoto não supria as lacunas deixadas pela ausência do ensino presencial.

Durante a pandemia a nossa grade curricular, além de contar com as disciplinas bases do Ensino Fundamental II no Brasil, trazia também disciplinas que só encontramos no Ensino Médio como Química e Física e Itinerários que surgiram com o Novo Ensino Médio. A escrita dessa memória me fez revisitar algumas atividades desse período de ensino remoto, que ficaram registradas no Google Classroom, conhecido como Google Sala de Aula.

Em um dos murais a professora solicitava um trabalho a turma, referente ao itinerário denominado de iniciação científica, onde deveríamos fazer uma pesquisa sobre as pandemias que deixaram cicatrizes na história da humanidade e a partir disso produzir um texto crítico-reflexivo com as informações adquiridas, a partir disso vemos que aquele período estava sendo tão marcante na sociedade, que passou a ser assuntos escolares.

O respectivo trabalho deveria ser postado no Classroom. Pelo fato de ter uma irmã que já estava no ensino superior, realizei meu trabalho no word e os demais colegas fizeram seus textos no caderno e encaminharam fotos para a professora, mostrando o quanto certas ferramentas eram desconhecidas por eles e o quanto trabalhoso foi a atividade docente durante esse período. Esse componente curricular deveria ser de grande valia para os estudantes que tinham como objetivo adentrar o ensino superior, como é o meu caso. Mas, o aproveitamento não foi como desejado. Além da falta de formação que os professores tinham para trabalhar com esses itinerários, eles não tiveram formação nenhuma para enfrentar as dificuldades de um ensino remoto.

Muitas vezes me vi com o celular em mãos para assistir a aula, e os professores tentando captar nossa atenção por trás das câmeras desligadas, e eu ali perdida em meus próprios pensamentos, sem foco algum naquelas aulas que para mim havia se tornado monótonas, compostas por professores que objetivava transmitir conhecimentos mesmo a distância e alunos que viviam em completo silêncio. Até mesmo quando os professores perguntavam: “Alguma dúvida?” seguíamos calados, chegava a ser constrange-

dor, no meu caso as dúvidas eram muitas, tinha compreendido quase nada da explanação feita na sala virtual. No fundo, havia um sentimento de solidão, saudades dos momentos compartilhados, que agora eram apenas lembranças e incertezas de que vivenciaram aquilo novamente.

Depois de uma corrida incessante em busca de uma vacina eficaz contra a covid-19, finalmente ela chegou. Em agosto de 2021, com o avanço das campanhas de vacinação e uma tentativa de retorno à normalidade, as aulas passaram a ser híbridas, combinando momentos presenciais com atividades remotas. O retorno à escola, embora aguardado por todos, foi marcado por uma série de restrições: o uso obrigatório de máscaras, a necessidade de distanciamento social e o uso constante de álcool em gel.

Essas medidas, embora essenciais para a segurança de todos, tornaram a experiência escolar estranha e desconfortável. Além disso, o impacto do longo período de afastamento das salas de aula era visível. Eu sentia dificuldades em me concentrar, minha capacidade de raciocínio parecia diminuída, e a sensação de desconexão com o ambiente escolar era constante. O que confortava era os sorrisos tímidos dos colegas, trazendo o pensamento de que aquele processo também iria acabar, ainda havia uma luz no “fim do túnel”.

Com o passar dos meses houve a retomada das atividades escolares aos modos anteriores à pandemia, mas a ausência de aulas e as dificuldades enfrentadas durante o período de ensino remoto e híbrido impactaram significativamente no meu aprendizado. Apesar de todos os esforços aplicados na minha readaptação, a volta ao ambiente escolar tradicional, embora necessária, não foi suficiente para superar as lacunas significativas no aprendizado e todos os desafios impostos pela pandemia, deixando sequelas que ainda afetam minha trajetória acadêmica.

VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM REDE: UMA TRAJETÓRIA DO PÍFIO AO SALUTAR

Jair Sardeiro Grinaldo

As experiências educacionais vividas no contexto da pandemia de Covid-19, trouxeram para a educação brasileira, e de modo peculiar para a educação cotegipana, possibilidades para que pudéssemos repensar por vários ângulos, alternativas para mitigar nossas fragilidades, sem deixar de validar, aspectos dos quais nos orgulhamos.

Aqui, compartilharei com você leitor, uma das experiências que mais me impactou ao longo da carreira docente, desta feita, no exercício da Coordenação Pedagógica da Rede de Ensino, durante o período pandêmico.

Se bem me lembro, assim que a Covid-19 foi considerada como pandemia, vários decretos e leis foram publicadas no sentido de coibir as aglomerações e conseqüentemente a proliferação do vírus. Um destes decretos suspendeu as aulas presenciais. O que fazer diante de uma situação atípica como a relatada? Que experiências tínhamos enquanto Rede de Ensino, para conduzir com sabedoria os processos educacionais, que mesmo não podendo ser presenciais, deveriam acontecer de forma remota?

As dúvidas estavam postas para todos e as aprendizagens deveriam ser construídas no diálogo, nas buscas de alternativas viáveis, para garantir aos estudantes e aos professores as soluções mais acertadas possíveis. Frente a esta situação, como a Secretaria de Educação de Cotegipe se comportou?

Em um levantamento rápido que fizemos, apuramos que boa parte dos nossos docentes não tinha computadores em casa, que muitos não sabiam operar o aparelho a contento e ainda, que muitas escolas, especialmente as localizadas no campo, não possuíam o sinal de internet.

Com base na realidade posta, tivemos que criar um documento, tomando como referência a legislação vigente no país, que dispunha de algumas orientações a serem adotadas nas escolas durante o estado de calamidade na saúde.

A estratégia mais viável para o momento foi a do envio de blocos de atividades aos estudantes, com uma explicação dos conteúdos e/ou orientações sobre as formas de resolução das questões propostas em forma de texto.

Estes blocos de atividades deveriam ser entregues inicialmente aos diretores para que pudessem fazer a reprodução e somente na data agendada, os pais deveriam fazer a retirada na escola. As atividades seguiam com um cronograma que também previa as datas para a realização e para as devoluções, na Unidade de Ensino.

Com o uso dessa estratégia, não logramos o êxito almejado. Alguns professores se recusaram a tocar nas atividades que vinham da casa dos estudantes, sob alegação do risco de contrair o coronavírus. Nestes casos, as correções não aconteciam ou só ocorriam muito tempo depois.

Nas escolas do campo, a secretaria teve que pagar um *office boy* para realizar as entregas e recolher os blocos de atividades. Muitas atividades vinham em branco. Nem os estudantes, nem os pais tinham as habilidades necessárias para resolver as situações propostas. As lacunas nas aprendizagens, que deveriam ser construídas pelos estudantes em colaboração com os docentes, só cresciam.

Não bastassem as dificuldades já relatadas, tivemos denúncias por parte dos estudantes, junto à Secretaria Municipal de Educação. A alegação de muitos deles era a de que boa parte das atividades estavam sendo extraídas da internet, sem que o professor tivesse o cuidado de retirar informações contidas no cabeçalho, que evidenciavam o nome de outras instituições de ensino, situadas em outros Estados da Federação. As atividades não eram pensadas pelos conhecedores da realidade. Este era mais um dos comportamentos pífios, que caminhavam no sentido contrário às proposições da Secretaria de Educação.

A denúncia supracitada veio acrescida das seguintes: o envio de atividades aos estudantes era feito, em muitos casos, sem as orientações

necessárias para que as questões pudessem ser resolvidas, e nem todos os professores estavam enviando as atividades respectivas a seus componentes curriculares. Qual seria a motivação para tanta negligência? Por que boicotar o próprio trabalho e prejudicar os estudantes, motivação da existência da profissão docente?

Em resposta, a Secretaria de Educação, através da coordenação pedagógica, fez várias lives com os professores. Os momentos foram tensos. Eles tinham dificuldades para assumir as fragilidades e, em contrapartida, exigiam celulares institucionais para encaminharem atividades e vídeos; alegavam que a secretaria deveria trazer orientações mais consistentes (mesmo de posse de um documento orientador com um leque de possibilidades à disposição), solicitavam o melhoramento no sinal de internet (neste último aspecto, foram prontamente atendidos). As escolas que não tinham internet acabaram sendo contempladas.

Quando a lei não permitia a reprovação dos estudantes no primeiro ano da pandemia, houve quem relutasse para não cumprir, sem êxito, óbvio. Existia e ainda persiste em nossa rede, um fetiche pela reprovação. A culpa pelo fracasso é atribuída em parcelas generosas aos próprios estudantes.

O outro lado dessa situação é salutar! Tivemos professores em um número reduzido, que seguiram as orientações postas pela secretaria e até inovaram com práticas advindas das buscas pelas próprias redes sociais, de experiências exitosas, vividas em outras realidades. Estas, sim, valem a pena rememorar.

Para me reportar a uma dessas práticas específicas, tratarei a professora pelo pseudônimo “Flor de Lótus”.

Flor de Lótus é o tipo de professora que faz tudo com esmero. Ela luta, reivindica direitos, mas não se abstém de cumprir com maestria seu papel docente.

Durante a pandemia, a preocupação com a aprendizagem de seus estudantes foi muito grande. Ela elaborou as atividades com um cronograma para encaminhar para casa. Não satisfeita com esta situação inicial, ela resolveu transcender. Pediu permissão à diretora da Unidade de Ensino, para fazer uso da lousa na própria escola.

Uma vez autorizada, ela o fez. Posicionou uma câmera com foco voltado para a lousa, e como cotidianamente fazia, punha-se a explicar o conteúdo tido como base para a resolução das atividades encaminhadas. Feito isso, ela dirigia-se ao lar, onde dava continuidade com o trabalho de edição e recorte dos vídeos, para em seguida encaminhar aos pais nos grupos de WhatsApp.

Ela também ficava na escola no horário de expediente, elaborando atividades, realizando pesquisas na internet, fazendo correções e dando as devolutivas necessárias aos pais dos estudantes. O zelo com que ela tratara seus estudantes, mesmo em tempos de pandemia foi extremamente louvável!

Como é de praxe, sempre temos turmas onde alguns estudantes apresentam mais dificuldades em relação à compreensão dos conteúdos. No caso de Flor de Lótus, não foi diferente. Esta situação, ela resolveu de outra forma: em comunicação com os pais, criou horários específicos para receber os estudantes em pequenos grupos (no máximo 04). Estes ficavam dispostos nas extremidades da sala, usando máscara e álcool em gel, para a higienização das mãos.

As janelas da escola, bem como as portas, ficavam abertas para garantir uma boa circulação do ar. Se algum dos estudantes apresentasse qualquer sinal de gripe, a vinda à escola era veementemente proibida, para garantir a condição de saúde dos demais. Os protocolos da rede foram seguidos à risca.

A professora conseguiu vencer as barreiras do isolamento impostas pela Covid-19, com sabedoria, cautela, compromisso e acima de tudo, amor pelo que faz. Seu bom exemplo circulou pelos lares cotegipanos e o reconhecimento a seu trabalho se fortaleceu ainda mais após o período pandêmico.

Ela passou a ser referência nas reuniões virtuais com os colegas professores. Contudo, o que a sociedade aplaudia, seus colegas, em quantidade significativa repudiavam. Ela chegou a ser pressionada para agir conforme os demais, contudo seguiu firme em seu propósito de educar por e com amor!

Nas alegações dos supramencionados colegas, ouvíamos que ela estava colocando em risco a própria vida, bem como a vida de seus estudantes. Fato é que não tivemos relato de que seus estudantes tenham contraído o coronavírus.

Em 2021, ano da avaliação externa do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), sua turma de 5º ano participou e sua escola pontuou com a maior nota do IDEB no município: 5,4. A escola foi premiada pela Secretaria Municipal de Educação pelo bom desempenho apresentado.

Já os demais dados da Rede de Ensino, tanto de IDEB quanto os resultantes das denúncias acolhidas (muitos já conhecidos, outros revelados durante a pandemia), renderam bastante preocupação aos gestores da Educação Municipal, que não mediram esforços no sentido de mitigá-los.

A princípio, foi oferecida formação para os professores com dificuldades para usar o computador e operar o Word. Receberam instruções para o uso do Google sala de aula. O formador organizou pequenos grupos e passou por todas as escolas realizando este trabalho. Não tivemos a adesão de todos os professores.

O uso de plataformas como Google sala de aula não se adequou à nossa realidade. Nossos estudantes que possuíam celular com acesso à internet era uma parcela insignificante e os pais não estavam dispostos a deixar os próprios celulares com os filhos. Ainda é pertinente ressaltar que nem todos os pais, na época, possuíam um aparelho celular.

Outro aspecto de grande relevância foi a busca de um diálogo com a Universidade Federal do Oeste da Bahia. Lá, expusemos toda a situação da nossa educação. A fragilidade de não termos documentos tais como: Regimento Unificado, Diretrizes de Planejamento, Diretrizes de Avaliação e Currículo, impediam nossa equipe de desenhar processos de formação mais estruturados a partir das necessidades reais e orientados pelo aparato legal.

Com nossos esforços e argumentos, conseguimos a celebração de um convênio Tripartite entre a Fundação de Apoio à Pesquisa (FAPEX), a Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e a Prefeitura Municipal de Cotegipe. A partir de então, começamos a organizar a casa.

Com a aplicação de vários instrumentos de pesquisa, a realidade educacional do município foi mapeada e, por meio de um processo respeitoso de escuta e construção coletiva, nossos documentos foram ganhando forma. Com exceção do Currículo que tramita no Conselho de Educação, com indicativos de que será aprovado até vinte e cinco de agosto do ano em curso, os demais mencionados já foram aprovados e estão em vigor no município.

Estamos certos de que a partir da implementação dos documentos produzidos, (que dar-se-á por processos de formação continuada), o trabalho pedagógico da Rede de Ensino de Cotegipe será potencializado e os frutos serão colhidos paulatinamente, pois em educação as coisas acontecem nos ritmos dos sujeitos partícipes dos processos e não nos ritmos que gostaríamos que pudessem ocorrer.

MEMÓRIAS DA PANDEMIA COVID-19: INCERTEZAS, DESAFIOS E ESPERANÇAS

Jenilza Rodrigues dos Santos

A partir da leitura de Larrosa (2016), entendi que as experiências pelas quais passamos nos proporcionaram situações, trazendo sentido para nossas vivências, e conseqüentemente, para nossas ações futuras. O ano de 2020 marcou o nosso país e principalmente o cenário educacional com a pandemia. Ela surgiu na China, em virtude do novo coronavírus (SARS-Cov-2), no final de 2019 e a contaminação foi se alastrando para outros países. Este vírus se propaga facilmente entre seres humanos, possui alto grau de letalidade e contaminação.

Ninguém imaginava o que estava para acontecer!

Quem imaginava, o que estava para acontecer?

Não havia previsão, do que iríamos enfrentar!

Sendo coordenadora pedagógica de uma escola pública, localizada no município de Barreiras-BA, iniciei o ano letivo de 2020 com muitas expectativas, sem sabermos o que nos esperava. No mês de março de 2020, foi decretado estado de calamidade pública no Brasil em decorrência da pandemia do coronavírus. Adotando medidas de prevenção à população, diversos setores (não essenciais). Por ser considerada um local com alto grau de transmissão do vírus, a escola teve suas aulas suspensas e os professores passaram a dar aulas remotas (Arruda; Santos, 2021).

Para tanto, o Parecer nº 05/20, trouxe “orientações com vistas à reorganização do calendário escolar e à possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia” (Brasil, 2020). A partir deste parecer, o Ministério da Educação publicou inúmeras portarias para regulamentar a Educação Básica e Superior.

Vivenciar tantas mudanças em consequência do novo coronavírus, nos trouxe a necessidade de buscar meios que favorecem o protagonismo docente, como essencial para uma práxis que surgia em nosso meio que chegou com desafios permanentes, penso que (re)inventar-se, buscando adaptações às mudanças necessárias com dinâmicas diferenciadas para viver e sobreviver frente ao Coronavírus que impôs sua presença contaminando e matando milhares de pessoas no Brasil e no mundo.

Atualmente, observamos os efeitos da pandemia em diversas situações, principalmente na sala de aula com o aumento das dificuldades de aprendizagem dos alunos. Como dizia Freire, ensinar exige comprometimento e portanto, “não posso ser professor sem me pôr diante dos meus alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente” (Freire, 2006, p. 37).

Em atendimento aos diversos decretos, pareceres, e, sob as orientações da Secretaria Municipal de Educação de Barreiras-BA, passamos a utilizar as aulas remotas como alternativa para dar continuidade ao processo educativo, com uso das tecnologias digitais, garantindo aos discentes o atendimento de seus direitos à educação, além de estar minimizando atrasos e perdas no calendário escolar e na aprendizagem dos alunos que iriam perdurar por anos (Santos, 2021).

Com o ensino remoto, vivenciamos muitos desafios, dentre os quais destacamos como principais, a resistência dos professores em relação ao uso das plataformas digitais e a falta de recursos tecnológicos para os estudantes. Mesmo sabendo que o papel da escola, professores e coordenação pedagógica é a garantia dos direitos de aprendizagem e inclusão dos alunos, o acesso à internet, celular ou computador para acompanhar as aulas remotas em tempo real, não lhes foram oferecidos pelos entes federados.

A escola onde trabalhava, neste período, atende alunos da zona rural e urbana. E, algumas frases não saem da minha memória:

Tia, eu não tenho como assistir as aulas, porque para pegar o sinal da internet, eu preciso subir em uma árvore. (Aluno da zona rural).

Aqui em casa só tem o celular de minha mãe e ela trabalha o dia todo e só chega de noite. (Aluno da zona urbana).

Professora... aqui em casa são três crianças e temos apenas

um celular. Não dá para eles assistirem as aulas.
Colega... Me ajuda! Não sei utilizar essas plataformas.

Envoltos de tantos desafios, incertezas e lacunas, minha atuação como coordenadora pedagógica foi crucial no acompanhamento do processo ensino-aprendizagem. (Soares; Lima, 2021). Para tanto, o meio de comunicação com a comunidade escolar: professores, alunos e gestores, passaram a ser virtual. Foram momentos em que a comunidade escolar se uniu, e juntos, compartilhamos erros e acertos, aprendemos e ensinamos os professores como utilizar ferramentas e aplicativos digitais e discutimos como iríamos avaliar e fazer a frequência, além de refletir sobre a exclusão dos alunos que não estavam tendo a oportunidade de assistir as aulas remotas.

Nesse sentido, minha atuação como coordenadora pedagógica foi crucial para direcionar as atividades docentes na instituição de ensino em que trabalhava, por meio do diálogo e orientação dos professores. Assim, as angústias e inquietações foram sendo reduzidas, a partir das oportunidades viáveis que iam surgindo em meio ao desejo de fazer o melhor que podíamos, diante de sujeitos que tinham dor pela perda de entes queridos e o medo, por não sabermos até quando isso iria perdurar. Do mesmo modo, o professor também exerceu um papel importante, buscou recursos e metodologias de trabalho para atender as demandas oriundas da pandemia. (Mesquita, Araújo, 2020; Santos, 2021).

Diante do exposto, podemos afirmar que essa nova conjuntura social e econômica, a qual presenciamos, nos revelou a falta de políticas públicas voltadas para as tecnologias da informação e comunicação (TICs). Em contrapartida, professores, gestores e coordenadores se mostraram solícitos com a situação a qual estávamos vivenciando e passaram a se reinventar para direcionar os fazeres docentes em prol de uma aprendizagem mais significativa, mesmo em meio a uma pandemia.

Diante das situações que vivenciamos, imaginei que tudo seria diferente, com o fim da pandemia. Imaginei por várias vezes que as escolas não seriam mais as mesmas e que na escola, tudo também iria mudar. Sonhei com um retorno às aulas presenciais, onde as novas tecnologias deveriam ser consideradas um instrumento de trabalho para a prática pedagógica do

professor. No entanto, tudo passou e o que ficou foram vidas sequeladas com a ampliação das dificuldades de aprendizagem e problemas psicológicos, ocasionados por diversas situações que só o tempo pode dizer se serão minimizadas. Penso que nossa vida não tem nenhum sentido, se não acreditarmos na ESPERANÇA, de que aos poucos iremos superar nossos obstáculos, mesmo que sejam desviando das pedras que encontramos em nosso caminho.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE nº 05/20, de 28 de abril de 2020**. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/legislacao/parecer-cne-cp-no-5-2020/>. Acesso em: 13 ago 2024.

ARRUDA, E. P. Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede - Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 15 maio 2020. Disponível em: <https://www.auniredo.org.br/revista/index.php/emrede/%20article/view/621>. Acesso em: 20 de julho de 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 18ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016. 175 p. (Coleção educação: experiência e sentido).

MESQUITA, A. R. da S; ARAÚJO, B. P. Relatos do papel do coordenador pedagógico na Educação Infantil no contexto nas políticas públicas em fase de pandemia - COVID-19. **CONEDU – VII Congresso Nacional de Educação**. Maceió: 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA21_ID4904_01102020114846.pdf. Acesso em: 20 de julho de 2021.

SANTOS, J. F. dos. Coordenador pedagógico e o ensino remoto: práticas e desafios frente à pandemia. **Pesquisa e Debate em Educação**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 1–14, e32806, 2021. DOI: 10.34019/2237-9444.2021.v11.32806. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/RPDE/article/view/32806>. Acesso em: 4 ago. 2024.

SOARES, J. A. G; LIMA, G. **O coordenador pedagógico e seu acompanhamento aos professores no período da pandemia**. Disponível em: <https://www.ced.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/82/2021/02/229-Anexo-05761055384-.pdf>. Acesso em: 04 out. 2024.

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE CRISE: VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS DURANTE A PANDEMIA

Josiane Alves Ferreira

No período da pandemia da Covid-19 em nosso país, o sistema educacional brasileiro vivenciou uma das suas maiores crises. Mediante o caos instaurado em nosso país, a educação “parou” para refletir uma forma de conduzir o ensino sem que prejudicasse tanto os nossos educandos. Em resposta educacional à pandemia de Covid-19 no Brasil, principalmente nas escolas públicas, foi montado um calendário letivo com aulas com o ensino remoto, em que foi mobilizada toda a classe de professores que se encontrava despreparada para vivenciar uma modalidade de ensino até então desconhecida/vivenciada pela dos educadores, com as dificuldades oriundas do ensino remoto e ainda com problemas emocionais mediante um problema de saúde tão desolador e triste, pois estava levando muitas pessoas a óbito, assustando toda a população brasileira.

Mas, graças aos estudos da medicina em vários países, logo no segundo semestre de 2021, a população escolar começou a receber a vacinação da Covid-19. Com o avanço da vacinação no país, retomando as aulas presenciais, ocorreu um incentivo para os alunos voltarem ao ambiente escolar. Porém, um dos sintomas que atingiram em cheio a educação na pandemia foi a evasão escolar, o medo de retornar à escola após não ter certeza da melhoria da vacina contra o vírus. Além do negacionismo de muitas pessoas que não acreditavam nas vacinas e não permitiam que seus filhos se vacinassem.

A Arte no decorrer do período pandêmico foi criando, tentando e se adaptando, transformando a sociedade e cada cultura, pois um dos fatores que podemos compreender, apreciar e observar o mundo é através da

imaginação, transformação e criação desenvolvida pelo educando através da arte, donde a partir desta, o homem consegue (re)aprender a conviver com seus semelhantes e respeitar as diferenças. Na Educação, a Arte oferece aos estudantes a forma de potencializar essas ideias, enxergar a sua identidade e portanto, as suas origens e abrindo caminhos à novos mundos e universos.

Desde modo, é preciso enxergar a Arte como objeto de estudo e não como simples atividade escolar, como era vista desde a década de 1970 em que predominava o ensino de Educação Artística nas escolas brasileiras, em que destaca Fusari e Ferraz (2001), a tendência tecnicista apareceu no exato momento em que a educação foi considerada insuficiente no preparo profissional, tanto no nível médio, quanto no superior, objetivando a preparação de indivíduos competentes e produtivos conforme a solicitação do mercado de trabalho.

Assim, percebe-se a forma de mecanização do ensino de arte, pois a Educação/Arte não é um aprisionamento - onde só colocar ideias e informações na qual deixa-se pressas - mas uma liberdade - e um devenir de ideias e transformação, ou seja, neste ponto a Educação/Artes deve concentrar a atenção às coisas, em vez de só fomentar conhecimento para que os educandos absorvam. Em outras palavras, o papel do educador em Arte, então, não é clarificar o conhecimento, mas prover ideia, interesse e análise na pesquisa modelar da verdade (Ingold, 2020). Contudo, como fazer este olhar em tempo de pandemia de Coronavírus?

Desse modo, foi desenvolvido o Projeto – “Lendo e relendo os mestres da Arte Afro-brasileira” na escola Sagrado Coração de Jesus da Rede municipal de Barreiras-BA, no Ensino de Arte com turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, mediante o plano anual de educação do município da área de Arte e o material e o suporte que tínhamos que era o celular e os grupos de whatsapp para enviar as atividades e informações até estarmos prontos para iniciarmos as aulas virtuais.

O Projeto “Lendo e relendo os mestres da Arte Afro-brasileira,” objetivou tornar compreensível aos educandos à herança cultural afro-brasileira, a partir de estudos e da Leitura e releitura de algumas obras dos artistas afros: Rubem Valentim, Carybé, Di Cavalcanti, Djanira, Heitor dos Prazeres, entre outros, valorizando assim a Lei 10.639/2003.

Assim, o projeto propõe desmistificar a visão da África apenas como um continente pobre e valorizar mais a linguagem artística: Artes Visuais (pintura e escultura). Sendo assim, foi feita uma mostra de imagens e obras de artes antigas e contemporâneas sobre a cultura africana, e depois foi trabalhada a leitura e releitura de algumas obras afros da história desse povo que contribuiu para a formação cultural do povo brasileiro, tirando do anonimato a História da Arte da África.

Portanto, em decorrência da falta de conhecimento e pelo momento pandêmico e também pela própria desvalorização da cultura negra, que originou este projeto que teve como desafio e lema, o conhecer a cultura afro que descende da miscigenação de vários povos, ou seja, da contribuição do indígena, europeu, entre outros, além, do aprender a respeitar a cultura africana, bem como, valorizar a arte Afro-brasileira, que é uma cultura nossa... Através de filmes e vídeos sobre a cultura negra, além das obras de arte.

Sendo assim, este Projeto sobre a Arte Afro-brasileira que está em cada um de nós e que passeia por toda arte produzida no Brasil foi ministrado pela professora de Arte, em que foi utilizado em sua teoria e prática artística a Abordagem Triangular da arte/educadora Ana Mae Barbosa, e o processo de leitura e releitura de obras da arte afro-brasileira seguido das três vertentes: o Conhecer, Apreciar e Contextualizar a História da Arte de alguns mestres da pintura afro que estiveram presentes na Oficina de Desenho e Pintura que teve como objetivo proporcionar aos educandos conhecer o saber e o fazer artístico da arte Afro-brasileira.

Nesse momento, para o desenvolvimento das atividades propostas nesse Projeto foram utilizadas as seguintes estratégias: Apresentação da história da arte afro-brasileira através da mostra de imagens e de obras artísticas antigas e contemporâneas; realização do processo de criação de algumas obras selecionadas para leitura e releitura; produção de slides com a história da vida e obras de alguns artistas afro-brasileiros; para a culminância do projeto pandêmico foi feita a Mostra das produções criativas no grupo de *WhatsApp* das turmas.

Destarte, quero destacar que as manifestações artísticas no Ensino de Arte, de todos os gêneros foram/são alívio, escape e entretenimento em qual-

quer tempo. Durante o isolamento social livros, filmes, lives de música, peças de teatro pelo computador ou visitas virtuais a museus ganharam nova importância. Embora não substituam as vivências do mundo real, mas o universo digital ganhou uma nova configuração após esse período pandêmico e vem nos ajudando muito nas vivências artísticas práticas cotidianas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) afirma que é preciso assegurar aos alunos a ampliação de suas interações com manifestações artísticas e culturais de diferentes épocas e contextos. Diz, ainda, que essas práticas podem ocupar os mais diversos espaços da escola, espraiando-se para o seu entorno e favorecendo as relações com a comunidade. Mas como promover essa aprendizagem tendo como recurso apenas a tela do computador ou do celular? E como usar a arte para acolher as emoções, a matéria-prima da expressão, num cenário de medo e incertezas? Sendo assim, como avaliar esses alunos no período pandêmico, principalmente os projetos desenvolvidos?

Assim, a avaliação foi cumulativa e processual, com base nos seguintes critérios: criatividade, comprometimento, assiduidade, estética etc, que quando se trata da Arte, o contato com os materiais artísticos expressivos e o fazer artístico principalmente e de forma contextualizada são desafios particulares que compõem o entorno do educando. Isso pode ser transformado em registros variados e compartilhados oralmente ou por meios digitais.

REFERÊNCIAS

- FUSARI, M. F. de & FERRAZ, M. H. C. de T. **Arte na Educação Escolar**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- GUIA DO ESTUDANTE. **Atualidades**. Abril, 2011.
- OLIVEIRA, Jô. **Explicando a Arte brasileira**. Rio de Janeiro, Ediouro, 2001.
- STRICKLAND, Carol. **Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

“VIVER O MESTRADO”: ENTRE PESQUISAS, TEXTOS E AULAS EM TEMPO DE PANDEMIA

Jucilea Lopes da Silva Aguiar

Em tempos obscuros e de outros adjetivos contraproducentes, devido à pandemia pelo novo coronavírus, testemunhei o surgimento do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE) da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), tal como um raio de sol que emergiu no oeste baiano e nos trouxe esperança de dias melhores por meio da educação. Dele me constitui filha, passando a compor a turma primogênita, e juntos caminhamos rumo ao sonho de nos formar professores mestres, com a missão de “viver o mestrado” entre pesquisas, textos e aulas em telas.

O ano era 2021, mais precisamente dia 29 de abril, e nos encontrávamos, mais uma vez, via *Google Meet*, agora para celebrar o primeiro mês de vida do PPGE. Nomeamos o encontro de “Outros diálogos: café, vinho e conversa fiada”. Nele brindamos a nossa felicidade em fazer parte daquele seletivo grupo, recordamos as etapas do processo seletivo, falamos das nossas expectativas e dos desafios de cursar um programa de formação continuada em tempos pandêmicos. Discutimos nossas áreas de pesquisa e temas de interesse, sonhando com possibilidades de impacto nas escolas e nas vidas dos nossos alunos. As conversas fluíram, alternando entre o leve e o profundo, enquanto as paredes virtuais se tornavam menos opressivas. E assim, naquele encontro, fortalecemos nossas vozes e nossos compromissos, estreitamos os laços e estabelecemos conexões.

Seguimos conectados, cada um em um quadrado na tela. O *Meet* era a nossa sala de aula e virtualmente as aulas, as organizações e apresentações de trabalhos, leituras e discussões de textos, os encontros de orientações, as atividades de pesquisa e tudo mais acontecia. Ao tempo que tínhamos

a missão (Maria Augusta e eu), dada por nosso orientador, o professor Anderson Dantas, de “viver o mestrado”, mesmo diante de todas as adversidades. E ele, sutilmente, foi nos dando condições para tal.

“Viver o mestrado” significava aproveitar todas as etapas, experienciar todas as possibilidades: o ensino, a extensão e a pesquisa. Essa experiência enfatizava a importância da jornada acadêmica, onde cada pesquisa, texto e aula, mesmo online, deveria nos proporcionar oportunidades únicas de resiliência, inovação, adaptação e, sobretudo, aprendizagens significativas.

Estávamos imbuídas dessa missão. E fomos estabelecendo conexões que se estendiam além das telas dos computadores e celulares. Vivenciamos e marcamos a história do Programa com uma responsabilidade especial, não apenas em relação ao nosso próprio crescimento acadêmico, mas também em ajudar a moldar a identidade e o futuro do programa.

Foram muitas as experiências vivenciadas. Passo a rememorar algumas que, especialmente, tenho guardadas em meu coração. No ensino, já com o relaxamento das medidas de proteção, recordo dos quatro encontros presenciais que realizamos, cada um em um lugar diferente: Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, Riachão das Neves e em Formosa do Rio Preto. Cada encontro foi marcante, vivemos experiências inesquecíveis: nos abraçamos pela primeira vez, criamos a cápsula do tempo, visitamos, no topo da Serra dos Tapuias/Sarapó/Pajeú, as pinturas rupestres e deixamos a aprendizagem fluir tal como as águas correntes do rio preto.

Na extensão, com o objetivo de alcançarmos a comunidade da região oeste da Bahia, desenvolvemos o Projeto de Extensão, “Memórias de Ensino: identificações e experiências com o lugar de fala docente” e culminamos com a escrita de dois *e-books*. Revivemos memórias individuais e coletivas, perpassamos sobre a nossa personalidade, na profissionalidade docente, sobre os percursos educacionais e sociais.

Na pesquisa, momento de “escrita solitária”, não me fiz só. Gestava a filha, a dissertação, e no ventre o meu menino, Caleb. Ele nasceu primeiro e, entre um embalo e outro, entre uma mamada e outra, ia embalando e nutrindo, também, a filha. Confesso que foram dias desafiadores. Lembro das noites em claro, das lágrimas que derramei, dos esforços que fiz. E assim, como costume dizer, em meio a suor, lágrimas e leite de peito, ela nasceu, eu de encanto sorri.

E para apresentá-la ao público, tomei por empréstimo os versos poéticos de Conceição Evaristo (2017): “Uma gota de leite me escorre entre os seios. Uma mancha de sangue me enfeita entre as pernas. Meia palavra mordida me foge a boca. Vagos desejos insinuam esperanças. Eu-mulher em rios vermelhos inauguro a vida. Em baixa voz violento os tímpanos do mundo [...]” (Evaristo, Conceição. 2017). As palavras se fizeram metáforas da minha trajetória e traduziram/traduzem o desejo, insinuaram/insinuam esperanças, de fazer a diferença na educação por meio da pesquisa.

Hoje, um ano depois de concluir o curso de pós-graduação, neste processo de revisitar essa vivência educacional, posso dizer que a missão dada foi cumprida. Tivemos a oportunidade de explorar novas metodologias, questionar práticas estabelecidas e, principalmente, nos redescobrir como educadores em um mundo em constante transformação. As trocas de ideias com colegas e professores foram fundamentais, revelando um potencial colaborativo que ultrapassou as barreiras físicas. Juntos, formamos uma comunidade de aprendizado que se fortaleceu nas adversidades e encontrou na tecnologia uma aliada para realizar a formação, concretizar o sonho.

Logo, ao revisitarmos essas vivências educacionais, somos convidados a celebrar não apenas os desafios superados, mas também as conexões estabelecidas, as lições aprendidas e as novas narrativas de um ensino que, mesmo em tempos de pandemia, encontrou formas de se reinventar e florescer.

Ao olharmos para o futuro, carregamos em nós a essência dessa jornada, que vai além do título que receberemos ao final do mestrado. Somos professores mestres que não apenas reproduzem o conhecimento, mas que também o transformam, que trabalham incansavelmente para criar ambientes educacionais mais justos e inclusivos. O Programa de Pós-Graduação em Ensino, especialmente o meu professor orientador, me ensinou que, mesmo em tempos obscuros, o compromisso com a educação pode iluminar o caminho para a mudança. E é essa luz que levaremos conosco, prontos para enfrentar os desafios que ainda estão por vir, sempre guiados pela esperança de dias melhores.

REFERÊNCIA

EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos.**
Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS DURANTE A PANDEMIA

Keila Neres Cunha

Refletir sobre a prática docente durante a pandemia da Covid-19 é pensar sobre as descobertas realizadas, os inúmeros desafios enfrentados, mas, acima de tudo, é ressignificar o que ocorreu. Neste intuito, passo a descrever as minhas experiências, enquanto professora da Educação Básica da rede pública de ensino na cidade de Luís Eduardo Magalhães (LEM), situada na região Oeste da Bahia, durante o período pandêmico.

Antes, faz-se necessário mencionar que as aulas presenciais no município foram suspensas no dia 17 de março de 2020, a partir da publicação de um decreto municipal, que previa a suspensão das atividades escolares até o dia 08 de abril daquele mesmo ano. No entanto, contrariando as previsões, o prazo foi estendido, perdurando por um longo período. Estávamos todos preocupados, inseguros e impotentes, pois havia um crescimento significativo dos casos confirmados da doença e, especialmente, quando, no dia 03 de junho de 2020, foi noticiado o primeiro registro de morte por Covid em LEM.

Nesse cenário de crise, novos decretos foram publicados e as aulas permaneceram suspensas. Durante seis meses, os professores ficaram em casa, sem nenhum contato direto com os alunos, o cenário era de incertezas. Não havia orientação nenhuma por parte da Secretaria Municipal de Educação, contudo, a instituição onde eu lecionava, visando manter a conexão com os alunos, decidiu disponibilizar materiais impressos para retirada pelos familiares na escola em dias programados e, esporadicamente, alguns professores ministravam aulas por meio do *Google Meet*, especificamente com alunos dos 9^{os} anos, do Ensino Fundamental.

Em 22 de setembro de 2020, com a flexibilização dos protocolos de isolamento, foi publicada uma portaria convocando todos os servidores dos setores pedagógicos e administrativos de todas as Unidades Escolares do município para darmos continuidade às atividades letivas, só que por meio da modalidade de aulas remotas. Os docentes deveriam cumprir 50% da carga horária no ambiente escolar, seguindo todos os protocolos de prevenção estabelecidos pelas autoridades competentes. Os outros 50% eram cumpridos em *home office*.

Com a retomada das atividades pelos professores nas instituições escolares, foi solicitado um novo planejamento para o desenvolvimento das atividades remotas, também foi estabelecido um cronograma de aulas semanais. As videoaulas eram gravadas pelos professores e disponibilizadas por meio do grupo de *WhatsApp* das turmas, as atividades eram *on-line*, e para os alunos sem acesso à internet eram oferecidas apostilas impressas, com os conteúdos programados e exercícios.

Nesse contexto, sabemos que as tecnologias digitais revolucionaram o mundo, elas modificaram a comunicação e a interação entre as pessoas, mas, considerando o âmbito educacional, não podemos negar que a educação brasileira apresenta, ainda hoje, muitas fragilidades no que tange a inclusão digital, algo que ficou evidente durante o período de aulas não presenciais: dificuldades de acesso à internet, falta de celulares, necessidade de formação direcionada ao uso das TD, entre outras.

Vivemos essa realidade na prática: nos momentos de planejamento e preparação das atividades pedagógicas, nas formas de alcançar os alunos e seus familiares. O ensino remoto exigia dos professores a incorporação das estratégias midiáticas de ensino, algo desafiador, uma vez que a prática em sala de aula, antes da pandemia, demandava apenas habilidades básicas, como uso do datashow, caixa de som e os programas básicos de computação. Para os autores do artigo, “Educar na Incerteza e na urgência: implicações do ensino remoto ao fazer docente e à reinvenção da sala de aula”, publicado em 2020:

O professor foi chamado a lidar com essas múltiplas linguagens e com a complexidade de criar metodologias que demandam o uso das TD adaptado ao ensino remoto. Vê-se

nessa contingência de lidar com uma nova temporalidade, com outras linguagens e com a certeza de que mesmo empreendendo todo o esforço possível, ainda lhe falta condições de propiciar a todos os alunos uma educação pautada nos princípios da inclusão e do respeito às diferenças (Oliveira; Silva; Silva, 2020, p. 33).

Mesmo diante das dificuldades, sem capacitação, fomos à luta para garantir o direito à aprendizagem, ainda que todos os alunos não fossem alcançados. Foi necessário requerer novos saberes. Os professores que tinham mais experiência com os ambientes virtuais de aprendizagem orientavam os demais e logo fomos conhecendo e aprendendo a utilizar as diversas plataformas digitais disponíveis.

As primeiras semanas de aulas foram trabalhosas e desafiadoras, os alunos precisaram se adaptar ao novo formato de aula e foi difícil estabelecer uma nova rotina de estudos, havia também um desinteresse por parte da maioria dos discentes, outros não tinham acesso à internet, para motivá-los eram usadas diferentes ferramentas digitais como o *padlet*, jogos educativos *on-line*, *Google forms*, vídeos no *TikTok* e outras, buscando envolver os alunos nas atividades propostas.

As salas de aula estavam vazias, não havia risadas ou gritos nos corredores, o silêncio que antes era tão apreciado passou a ser ensurdecedor, a escola estava sem vida. A pandemia transformou radicalmente a rotina escolar, substituindo o ensino tradicional por novas metodologias e o celular, que antes era proibido, ganhou protagonismo como uma ferramenta essencial na educação.

É importante mencionar que a escola não possuía um ambiente propício para a gravação das aulas, nem internet adequada ou equipamentos suficientes para atender a todos os professores, dessa forma, para nos adequar ao ensino remoto, foi necessário investir recursos próprios na aquisição de celulares com maior capacidade de armazenamento e computadores, a fim de atender às demandas solicitadas.

Mas, apesar de todos os obstáculos enfrentados, posso dizer que fomos descobrindo novos caminhos e contornando “as pedras no meu caminho”, parafraseando Drummond. No início, eu não sabia como dar aulas

on-line e enfrentei dificuldades para gravar. A exposição às câmeras não era algo habitual para mim. Para gravar uma aula de 20 minutos, cheguei a gastar cerca de 4 horas. No entanto, não deixei que esses desafios me paralisassem; busquei sempre fazer o meu melhor, dentro das minhas possibilidades, ressignificando sempre a minha prática pedagógica, a cada aula concluída, cada aluno alcançando era motivo de muita alegria e aprendizado.

Com a transição para o ambiente digital, o meu celular estava sempre cheio de mensagens de alunos, o que antes eram interações face a face agora eram por meio das redes sociais. Não obstante, nunca deixei de respondê-las, mesmo fora do meu horário de trabalho, para que o aluno se sentisse mais acolhido, mesmo que à distância. Essa comunicação constante não só me permitiu conhecer melhor meus alunos, mas também a compreender a realidade social em que estão inseridos, promovendo, assim, solidariedade e empatia.

Hoje, após refletir sobre tudo o que aconteceu e registrar essas experiências neste relato, percebo que nós, professores, somos eternos aprendizes. A formação docente é um processo contínuo e multifacetado, repleto de diferentes formas de ensinar e aprender. A pandemia deixou à vista inúmeras lacunas que ainda não foram totalmente preenchidas, mesmo no período pós-crise. No entanto, é possível notar que, apesar das dificuldades enfrentadas, esse período foi também um momento de significativo crescimento, tanto pessoal quanto profissional.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, S. S; SILVA, O. S. F; SILVA, M. J. O. Educar na incerteza e na urgência: implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula. **Interfaces Científicas - Educação**, v. 10, n.1, p. 25–40, 6 set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p25-40>. Acesso em 20 ago. 2024.

ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Leticia Pereira dos Santos

O dia começou como todos os outros, muito trabalhoso, muito cansaço, expediente de 40 horas, uma turma de Anos Iniciais do Ensino Fundamental, salas superlotadas, um dia típico e comum. Nesse dia, ao final do expediente, eu e uma amiga resolvemos sentar na escada de uma igreja para falarmos sobre o quanto estávamos cansadas e ainda era o início do ano letivo, segunda semana do mês de março. Compramos um salgado e um refrigerante, pois a ansiedade e o cansaço sempre se aliviavam com algo que gostávamos muito de comer. Nesse dia, especialmente falávamos que precisávamos de uma pausa na rotina exaustiva, da falta de tempo, do cansaço psicológico, da ansiedade que recaía sobre nós naqueles momentos e, mais incrível que parecia, era apenas um mês de março. Não demorou muito nessa mesma semana, tudo que parecia igual parou, paramos, nossa escola, nossa cidade, nosso estado, nosso país, o mundo parou.

Naquele primeiro momento, fiquei feliz, pois eu pensei que era algo passageiro, uma ou duas semanas estaríamos de volta, era o tempo necessário que eu precisava para descansar. A semana se passou, meses se passaram, e nós estávamos todos presos em nossas casas, ainda sem entender exatamente o que estava acontecendo, e com mais tempo livre, foi possível acompanhar os noticiários. Aí tudo ficou muito claro, pois era muito grave, ninguém sabia o que fazer, como resolver, a escola parada, as crianças em casa, os pais, todos perdidos. Logo começaram as cobranças, e as crianças como ficaram, e o ano letivo, e as atividades como iremos fazer. Nesse momento, fui pensando em algumas estratégias de ensino, conhecida hoje como atividade remota, em que cada escola

definiu como seria feito esse trabalho. Dependeria muito das condições que a escola tinha naquele momento, precisaríamos de materiais e de equipamentos eletrônicos.

A primeira atitude da escola foi se organizar, com a coordenação e a direção, para a organização de módulos, onde cada professor fazia seu módulo, enviava para a escola, o pessoal de apoio realizava a impressão das atividades, e na sequência os pais iam buscar. Toda a comunicação era feita através de grupo de *WhatsApp*, parecia uma solução favorável, porém, era difícil alfabetizar estudantes, no formato remoto, sem contato presencial do professor e do aluno, não consegue tirar as dúvidas e também os professores não tinham como ter certeza de que as atividades eram realmente realizadas pelos alunos.

O meu psicológico ficou realmente abalado, eu estava em casa com meus filhos e meu marido trabalhando, e todos os dias o medo dessa doença chegada, nós não tínhamos forças para superar, eu me sentia como se estivesse presa, em liberdade provisória, sem poder fazer nada, eu olhava para um lado, olhava para o outro e não podia fazer muita coisa.

Em relação ao meu trabalho no formato remoto, iniciava com o planejamento dos módulos, sua confecção pela unidade escolar, e na sequência, esses eram enviados aos pais/responsáveis. Posteriormente, os alunos devolviam as atividades realizadas, e corrigimos ainda com medo de sermos contaminados pelo vírus através do material recebido. Depois de um certo tempo, percebi que não estava tendo retorno como eu esperava, um dado relevante é que as atividades que chegavam eram muito bem-feitas, letras bem definidas para alunos de primeiro ano, que não tiveram aula, era claro e evidente que aquelas atividades não eram feitas pelas crianças, e sim por algum outro adulto ou criança mais velha que ficava em casa. Foi exatamente neste momento que montei o grupo de *WhatsApp* para explicar aos pais como eles poderiam ajudar as crianças nas realizações das atividades de uma forma mais didática, explicava passo a passo como cada pai, mãe ou responsável poderia ajudar o seu filho em casa, como deveria explicar as atividades e pedia para eles deixarem as crianças fazerem as atividades sozinhas e que isso era realmente muito importante.

Após essas experiências não muito proveitosas, usamos como uma das estratégias enviar a coleção de livros (destinados para os estudantes) para suas residências, para que os mesmos pudessem acompanhar as aulas gravadas por mim, contendo a explicação do conteúdo, direcionando as páginas do livro e outras orientações, todas disponibilizadas no grupo de *WhatsApp*. Como resultado desse processo, as crianças faziam as atividades e enviavam as páginas fotografadas. Porém, faltava algo, aquilo me fazia pensar como eu, professora de alfabetização, vou ter certeza de que o meu educando está sendo alfabetizado. Sabemos que alfabetização e letramento é a parte essencial dos Anos Iniciais, pois constitui a primeira etapa do Ensino Fundamental, e é preciso usufruir uma base bem sólida no processo de aquisição da escrita e leitura. A falta desses requisitos pode interferir gravemente no processo de aprendizagem, sem estes, como os estudantes podem ter firmeza e segurança para seguir adiante em outros segmentos.

Nessa fase de alfabetização e letramento, é preciso ter objetividade, sistematização, rotina de leituras, os educandos precisavam entender aquilo que estão lendo. Mas no período pandêmico, como eu, que estava do outro lado daquele aparelho, poderia ter essa certeza de que a aprendizagem estava acontecendo? Somente as imagens enviadas, não eram suficientes para identificar as dificuldades que aquelas crianças tinham, onde estavam os problemas, as falhas, como eu poderia resolver? A partir dessas angústias, pensei em mais uma metodologia onde eu enviava uma lista de palavras através do *WhatsApp* e alunos passavam alguns dias lendo aquelas palavras, na sequência enviava-lhes vídeos semanalmente com: explicação dos conteúdos, leitura de histórias com questões norteadoras, em que solicitava a opinião deles, do que eles achavam e posteriormente eles me retornavam com áudio e, nessa altura eu fui fazendo todo o processo de alfabetização possível naquele momento.

Mesmo com esse desdobramento de uso de estratégias diferenciadas, sentia que precisava ser feito algo a mais. Foi nesse momento que pensei em realizar atividades através de videochamadas, as crianças estudavam, faziam a leitura dessas palavras através dos vídeos, ainda assim havia as interferências dos pais, era possível ouvir os pais do fundo falando as palavras, falando o som, atrapalhando esse processo fundamental da alfabetização.

Nesse meio-termo, fui vendo a necessidade de me aperfeiçoar mediante a tecnologia. Fazer videochamada não eram suficientes para alcançar todas as crianças de uma forma mais clara, objetiva e direta, porque o processo de alfabetização é processual e contínuo, e precisa ser feito diariamente. Então, adotei a possibilidade de dar aulas pelo *Google Meet*, essas aulas eram ministradas três vezes na semana com curto tempo, em torno de duas uma hora e meia, era o suficiente, eu fazia todo aquele processo de alfabetização, lendo história, perguntando a opinião deles, lendo o texto-base, e fazendo a interpretação oral, lendo e analisando frases, observando as pontuações, trabalhar com palavras, sílabas e sons as letras, tudo através do Google, em um determinado tempo, percebemos que as crianças estavam evoluindo, é claro de uma forma mais lenta do que seria se fosse presencial, porém houve uma grande necessidade de melhorar as metodologias, só os módulos ou os vídeos em *WhatsApp*, as aulas no *Google Meet*, ainda era pouco, porque não alcançava todas as crianças, algumas não tinham um aparelho, outros não tinham ninguém na família que sabia usar essas ferramentas, outras não tinham internet, então assim houve um grande prejuízo nesse tempo de aprendizagem.

Tudo isso me instigou a pensar nas atividades lúdicas, algo que as crianças pudessem fazer com aparelho, mas que fosse motivador, interessante, engraçado. Destinei um tempo para pesquisar e aprender como fazer jogos de alfabetização online. Como resultado, consegui realizar alguns jogos em que as crianças respondiam e eu recebia o *feedback*. Dessa forma, pude compreender e avaliar como andava o aprendizado daquela turma, quais estavam aprendendo, quantos precisavam melhorar algum dia. Para minha satisfação, eles avançaram e aprenderam com as atividades lúdicas, tudo isso porque envolviam jogos e brincadeiras, e as crianças se sentiam motivadas.

Lembro-me ainda, que precisei ainda criar um método de avaliação, em que eu pudesse verificar o nível de leitura escrita dos aprendizes, principalmente a fluência desses leitores iniciantes, para isso me aventurei em novas pesquisas e descobri ser possível fazer atividades avaliativas através do *Google Forms*, fiquei encantada com a possibilidade de ter imagens, sons, sílabas, textos tudo em um único instrumento, em que a criança apenas clicava e lá estava a resposta certa. Foi fascinante usar esse recurso em minhas aulas

remotas, me apaixonei pelas novas tecnologias e tivemos bons resultados. Apesar da turma ser bem diversa, e com todas as dificuldades e necessidades existentes, foi possível fazer um bom trabalho, em meio à pandemia.

Contudo, compreendo que essa foi a minha realidade naquele momento, pois eu tinha acesso à internet, ao computador, podia comprar um celular de qualidade, tudo isso me possibilitou um trabalho de êxito. Entendo também, que essa não foi a realidade da maioria dos professores, muitos não sabiam nem utilizar o próprio aparelho celular, veja lá a internet, muito menos o computador. Muitos deles, utilizavam apenas os módulos, esses eram os recursos que tinham para trabalhar naquele período, alguns nem isso, pois as escolas não tinham materiais suficientes para atender à demanda, que era tão grande. Passado todo esse período de experiência de utilização de diversas ferramentas de ensino, de me descobrir e de me reinventar como professora alfabetizadora, percebi a minha paixão pela tecnologia e compreendi o processo de alfabetização de outro ponto de vista, em que o professor não estava presente em sala de aula nem um aluno, mas com interesse e entusiasmo, foi possível fazer um trabalho de qualidade, na medida do “impossível”.

Com a retomada gradualmente para a sala de aula presencial, em que o trabalho era feito por meio de rodízio de aluno, funcionava assim: a turma era dividida em dois grupos, uma parte da turma assistia aulas três vezes na semana e outra metade assistia em dois dias, na semana seguinte havia o revezamento. Ainda tudo muito confuso, as crianças ainda se perdiam, por mais clara que fosse a orientação, porém, o que mais nos assombrava era o medo da doença, o medo do contágio, o medo de como ficaria o nosso psicológico e se ia abalar o nosso trabalho, as nossas metodologias, o nosso relacionamento afetivo com as crianças, bem como os colegas de profissão. E a cada dia era uma nova experiência, fomos superando as dificuldades, enfrentando as barreiras existentes, percebemos então, que era hora de voltar com a quantidade total de alunos, essa foi uma parte bem difícil, as coisas já não eram mais as mesmas, os professores já não eram mais os mesmos, foi então que percebi que mesmo com todo o esforço, trabalho, dedicação, feito durante esse período, parecia termos parado no tempo, parado em um ponto e ter que retornar de outro, as crianças estavam in-

seguras, os pais com medo, os professores psicologicamente abalados, eu me sentia abandonada pela minha instituição de ensino, abandonada pela Secretaria Municipal de Educação, abandonada pelo Estado, não foi nada pensado para o retorno dos professores, não foi pensado em algo em que pudesse nos dar suporte, eu vi muitos colegas adoecerem, eu cheguei ao nível de obesidade onde por pouco não fui afastada da minha sala de aula, mal voltei, eles já queriam me afastar, desenvolvi a ansiedade e descontava tudo na alimentação, adoeci, por pouco não enlouqueci.

Hoje, depois de tudo que passou, me vejo como uma nova professora de alfabetização, capaz de ultrapassar limites, barreiras, dificuldades e conseguir ver em cada criança um indivíduo único, aprendizagem única, um desenvolvimento único, de uma forma diferente, porque no mesmo momento em que eu era professora, era também uma aluna. Tive que aprender e me refazer, me recriar, me renovar, superar as dificuldades de ansiedades, encarar e voltar para a sala de aula com muito medo e insegurança. No primeiro momento, os pais não compreendiam a necessidade de as escolas ficarem fechadas, fomos chamadas de preguiçosas, estávamos ganhando sem fazer nada, que não queriam dar aula, mas, na verdade, todos nós sabemos que não gostaríamos de estar em casa, preferiríamos, sim, estar trabalhando, mas não era possível, era nossa vida e a vida das crianças que estava em jogo, e com o tempo os pais compreenderam, viram ser uma questão de saúde pública, não tinha nada a ser feito. A frequência dos alunos na participação das aulas das videoaulas era uma, não por desinteresse, mas por falta de condições. O mais impressionante é que os professores, foram cobrados para fazer um excelente trabalho, mas não foi nos dado nenhum apoio, nenhuma informação e nem um equipamento que pudesse facilitar o seu trabalho. Porém, havia muitas cobranças pelo resultado significativo.

O processo de alfabetização nesse período de pandemia me fez refletir acerca de quanto é necessário, estarmos sempre estudando, atualizando, pesquisando, buscando. Eu me tornei uma professora pesquisadora, porque foi necessário, eu precisei aprender, fazer diferente, eu precisei fazer algo para que eu não parasse, para que minha turma não parasse, para que meus alunos não parassem, já estava tudo parado. Um grande aliado no

processo de alfabetização, para mim, foi a tecnologia. Eu tive muita sorte e pude usar as ferramentas a meu favor. Foi possível utilizar diversas ferramentas além do *Google Forms*, das aulas do *WhatsApp*, utilizamos também o *CANVA*, que possibilitou o desenvolvimento de várias ferramentas de ensino e aprendizagem. Foi incrível, desafiador e terrível simultaneamente, mas foi uma aprendizagem que eu poderia passar horas escrevendo sobre ela, mas me faltam detalhes importantes. Nesse momento, só consigo me lembrar do desafio, das dificuldades e de alguns pontos positivos. As crianças, todas em casa, ao retornarem, tiveram muito trabalho de socializar na sala. Para o retorno, os estudantes apresentaram-se agressivos, desinteressados, parecia que eles estavam isolados sem contato com ninguém, com nada, só o relacionamento em casa, com a família, não foi o suficiente para que cada criança se desenvolvesse, integralmente, e o retorno das aulas presenciais foi complicado e conturbado. Foi uma nova adaptação, parecia estar iniciando naquele momento o meu trabalho enquanto alfabetizadora, mesmo com os mais de 15 anos de carreira, na educação pública, a sensação que eu tinha era que tudo era mais difícil e complicado, no entanto era preciso dar continuidade à vida, e assim seguimos.

MEMÓRIAS NA PANDEMIA: FAMILIAR, EDUCACIONAL E SOCIAL

Lígia dos Santos Souza

Em março de 2019 saí da minha cidade natal (Formosa do Rio Preto-BA) e migrei para Barreiras-BA, com o objetivo de cursar uma universidade pública, por ter sido contemplada com uma vaga no Curso de História (bacharelado) na Universidade Federal Oeste da Bahia (UFOB). Foi difícil se deslocar de uma cidade pequena com 25.899 habitantes (Censo IBGE 2022) para outra com 159.734 habitantes sem conhecer ninguém, sem emprego, acabando de sair do Ensino Médio com dezessete anos, sem amigos, apenas um tio o qual não conversávamos frequentemente, mas residia em Barreiras, no início morei com ele.

No antepenúltimo mês daquele decorrente ano, a mulher do meu tio arrumou um emprego para mim como monitora na Educação Infantil, onde atuei poucos meses na função pois estava no final do ano e em março de 2020 a OMS decretou a Covid-19 como pandemia. Foram lançados decretos que determinaram o fechamento das escolas. Sendo assim, houveram altos índices de desemprego, pois as aulas presenciais estavam suspensas, a universidade parou de funcionar e a Creche onde iniciei o trabalho fechou. Retornei para Formosa do Rio Preto e fiquei acompanhando o Diário Oficial da prefeitura de Barreiras na esperança da determinação da volta às aulas na Educação Infantil, e com ela a esperança de voltar a trabalhar. Nessa incerteza, precisei retornar a Barreiras gastando passagens e o desespero de continuar sem trabalho.

Em 2021, consegui um emprego para olhar uma criança em Barreiras, mas a minha tia que morava em Brasília foi diagnosticada com câncer. Em poucos meses fui buscar os filhos dela para trazer até Formosa. Elas chegaram no período da manhã em Formosa, no período da tarde a minha

tia passou mal e fomos ao Hospital Dr. Altino Lemos Santiago. À noite não deixaram a minha avó ficar como acompanhante, por ela ser idosa e estava no tempo da ‘quarentena/pandemia’. Aquele Hospital estava com insuficiência de bolsas de sangue, na cidade não havia Hemoba para doação de sangue sendo necessário se deslocar para Barreiras para resolver a situação. Como a distância era grande (150 km) e o quadro de saúde dela era grave, a minha tia não resistiu, vindo a óbito.

Assim, uma tristeza ainda maior, pois um dos decretos sinalizava que não podia fazer velório independente do que seria a causa da morte, daí não ocorreu nenhuma cerimônia. Cidade do interior com hábito/costume de velar os falecidos, e ainda em razão da situação da minha avó não poder ficar no Hospital e não como se despedir da própria filha, porque eu que presenciei a cena da minha tia falecendo e tentando dizer-me algo, mas com sua fala bem arrastada, o quadro piorou e vi todo o procedimento, pois ninguém me tirou da sala. Ela presenciou o início do meu ciclo de vida em 2001 e em 2021 presenciei o fim do ciclo dela.

Nesse mesmo ano, uma outra perda na família, o irmão da minha avó faleceu em Brasília vítima da COVID-19. O médico relatou na certidão de óbito, depois enrolaram o corpo em um saco preto, colocaram dentro do caixão, não podia abri-lo e nem velar, sendo essa a realidade de várias famílias enlutadas que tiveram que enterrar seus entes queridos sem conseguir fazer o funeral. O Presidente da República na época, Jair Messias Bolsonaro, ressaltava nas coletivas de imprensa que não era coveiro, não precisava de desespero, pois era somente uma gripezinha, o histórico de atleta dele não o permitia pegar e o uso da máscara sempre ocorria de maneira errada. Os negacionistas são um “vírus” para nossa sociedade, por exemplo, o guru do bolsonarismo Olavo de Carvalho que era contra o fechamento dos comércios, uso de máscaras e do isolamento social. Por causa deles, houve demora na distribuição de vacinas no Brasil, ocasionando diretamente no grandioso número de mortes por Covid-19.

Em 2022, residindo novamente em Formosa consegui um emprego como recepcionista em uma ótica seguindo todas as normas que foram recomendados para a reabertura do comércio. A Educação ganhou um cenário para ensinar: *apps*, *drive thru*, plataforma *meet*. Algumas discipli-

nas do Ensino Superior foram ofertadas através do google *meet*, mas alguns discentes não conseguiam acessar, pois a internet oscilava, e outros não possuíam computador ou internet em casa. O Curso o qual ingressei funciona no turno noturno, mas a maioria das matérias foram ofertadas durante o dia, mas eu trabalhava o dia todo, como conseguiria estudar? As realidades são totalmente diferentes, ou trabalhava ou estudava, arrisquei em ainda cursar uma disciplina.

Algumas crianças atrasaram o estudo porque os pais não sabiam ensinar a atividade, muitos sem o entendimento tecnológico, pois o mundo está avançado, a internet está como uma esteira ou se adequa a esse meio ou ela te derruba. Alguns pais esgotados sem ter dinheiro para colocar alimento dentro de casa, mães solo sem trabalhar e carregando o fardo de arcar com todas as despesas, o desespero tomava conta de uma população, não importava a faixa etária, cor, sexo, classe social.

E quando o lar não é estruturado? Não há o silêncio para concentrar, muitos tendem a cuidar dos irmãos caçulas ou realizar algum serviço doméstico para alguém não ficar brigando o tempo todo. Os meios tecnológicos são de difícil acesso e compreensão, trazendo para um contexto de quem mora na zona rural em que alguns não possuem a leitura e não havia o hábito desse mundo novo, muitos desistiram de estudar, o ensino remoto surgiu para não prejudicar a educação, mas seria o meio mais viável pensando em um todo? Assim, a desigualdade social é enorme, principalmente porque são gerações diferentes e não adequadas a esse sistema tecnológico.

Ao finalizar essa experiência de relatar sobre a memória de Ensino ou Educação vivida no período do Covid-19 percebeu-se o sofrimento coletivo que uma doença proporcionou no mundo todo. O neurocientista Ivan Izquierdo em sua contribuição para demonstrar as divisões da memória, retrata sobre a curta e a longa duração, ele aborda sobre a memória importante cujo aquela que tem um conteúdo emocional forte, o cérebro nunca apaga a memória do medo, pois é necessário para sobrevivência. Não pode simular o medo, mas lembrar dos traumas.

REINVENTANDO A EDUCAÇÃO: DESAFIOS E APRENDIZADOS NO ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Luana Oliveira de Carvalho

Entre os anos de 2020 e 2022, o mundo enfrentou uma das maiores crises sanitárias da história recente, um período marcado por incertezas e transformações, frente a uma realidade atípica e inesperada, a qual exigiu uma rápida adaptação das instituições, e assim como em muitas outras áreas, a Educação sofreu impactos profundos que trouxeram consigo um chamado para repensar a realidade educacional. Esta produção, trata-se de um relato de experiência, que tem como objetivo compartilhar e socializar reflexões a respeito das dificuldades estruturais e pedagógicas enfrentadas durante esse período desafiador, assim como os benefícios pedagógicos alcançados, e as lições aprendidas, tanto profissionais como pessoais.

Como professora de Filosofia no Ensino Médio em uma Escola Pública Estadual na cidade de Barreiras, Bahia, vivenciei diversos desafios e as transformações resultantes do período pandêmico de COVID-19, as quais, exigiram uma reconfiguração completa do meu papel como educadora, forçaram-me a refletir sobre minha prática docente e sobre o papel da Educação em tempos de crise. Essas reflexões têm sido fundamentais para a construção de uma prática mais consciente e inclusiva, que leva em consideração as dificuldades enfrentadas pelos(as) estudantes e busca formas de superá-las coletivamente.

O ensino remoto, implementado de forma emergencial durante a pandemia, expôs de maneira evidente as desigualdades e limitações que já vinham sendo discutidas de forma pontual, mas que se tornaram inegavelmente claras para a sociedade em geral. A primeira e mais evidente dificul-

dade enfrentada foi a falta de acesso adequado às tecnologias digitais por parte dos(as) estudantes, uma realidade que impediu muitos de acompanharem as aulas remotas de forma satisfatória. Entende-se por tecnologia digital, segundo Ribeiro, 2017):

Tecnologia digital é um conjunto de tecnologias que permite, principalmente, a transformação de qualquer linguagem ou dado em números [...]. Uma imagem, um som, um texto, ou a convergência de todos eles, que aparecem para nós na forma final da tela de um dispositivo digital na linguagem que conhecemos [...] são traduzidos em números, que são lidos por dispositivos variados, que podemos chamar, genericamente, de computadores. [...] Nesse sentido, *tablets* e celulares são microcomputadores (Ribeiro, 2017, p. 1).

Além da carência de dispositivos tecnológicos, como computadores e smartphones, a ausência de um ambiente adequado para o estudo em casa foi um obstáculo significativo. Muitos estudantes não tinham um espaço silencioso e organizado onde pudessem se concentrar, o que afetou diretamente a qualidade do aprendizado. Essa falta de estrutura, combinada com o acesso limitado ou inexistente à internet de qualidade, dificultou ainda mais a participação dos (as) estudantes nas atividades escolares remotas.

A tecnologia disponível também se mostrou insuficiente ou inadequada em muitos casos. Ferramentas digitais e plataformas de ensino, que se tornaram o principal meio de comunicação entre professores e alunos, nem sempre funcionaram como esperado. A falta de familiaridade com essas tecnologias por parte de ambos os lados, professores e estudantes, criou uma barreira adicional, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais complicado e menos eficaz.

Além dos desafios estruturais e tecnológicos, as questões psicológicas se tornaram um fator crítico durante o ensino remoto. O isolamento social e a pressão para adaptar-se rapidamente a um novo modelo de aprendizado geraram crises de ansiedade, depressão e até mesmo síndrome do pânico em muitos (as) estudantes, o que foi relatado tanto nas aulas remotas quanto nas aulas presenciais pós-pandemia pelos (as) mesmos (as). A ausência do convívio social e da rotina escolar tradicional exacerbou esses problemas, criando um ambiente instável e preocupante.

O impacto do ensino remoto foi profundo e multifacetado, revelando não apenas as desigualdades já presentes no sistema educacional, mas também a necessidade urgente de um suporte mais robusto tanto tecnológico quanto emocional para os (as) estudantes. As experiências vividas durante este período ressaltam a importância de repensar as práticas educacionais, garantindo que todos tenham acesso igualitário a uma educação de qualidade, independentemente das circunstâncias.

Além das dificuldades tecnológicas, o ensino remoto impôs desafios pedagógicos consideráveis, especialmente no que se refere ao planejamento e ao domínio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) por parte dos (as) professores (as). A súbita necessidade de migrar para um ambiente virtual de ensino revelou que, ao contrário da percepção generalizada de que todos possuíam um bom domínio das TICs, muitos educadores enfrentaram grandes dificuldades ao lidar com essas ferramentas. Nesse contexto:

Com desafios inéditos, as exigências aos professores foram estendidas. Foi necessário rever o planejamento, buscar alternativas, ampliar o conhecimento, aprender novos conteúdos e métodos, ressignificar a didática, desenvolver estudos mais dinâmicos, trabalhar com a realidade apresentada pelos estudantes, transformar em sala de aula os cômodos de casa, antes ambientes privados (Soares; Andrade; Carvalho, 2020, p. 59).

Considerando o cenário antes da pandemia, onde havia uma sensação de que todos dominavam as TICs rapidamente se dissipou, à medida que a realidade do ensino remoto se impôs. Muitos (as) educadores (as) e estudantes se depararam com a necessidade de aprender a usar novas plataformas, softwares de videoconferência, ambientes virtuais de aprendizagem e outras ferramentas digitais sem o suporte adequado ou tempo suficiente para uma formação eficaz. O planejamento das aulas, que antes seguia uma lógica presencial e mais linear, precisou ser completamente repensado.

Além disso, em muitos casos essa dinâmica acarretou uma sobrecarga de trabalho a mais para os (as) professores (as), visto que, nesse período desenvolvíamos várias funções ao mesmo tempo. Como todos estávamos

em casa, ao mesmo tempo, tínhamos que preparar as aulas e acompanhar os (as) estudantes, éramos pais, mães, tínhamos que cuidar dos afazeres de casa e cuidar da saúde física e mental. Sendo assim, as dificuldades no manuseio das TICs, aliadas à pressão para manter a qualidade do ensino em um formato completamente novo, e as questões pessoais, tornaram o período de ensino remoto um desafio sem precedentes para a classe docente.

Os (as) professores se viram desafiados (as) a transformar suas práticas pedagógicas, adaptando conteúdos e metodologias para um formato digital, o que exigiu um domínio técnico que nem todos possuíam. Aqueles que já tinham alguma familiaridade com tecnologias digitais se adaptaram mais rapidamente, enquanto outros, que nunca haviam utilizado plataformas online ou recursos interativos, encontraram barreiras significativas, o que gerou frustração e ansiedade, já que o domínio das TICs se tornou um pré-requisito para a continuidade do processo de ensino. Na escola a qual leciono, os (as) professores (as) que tinham mais habilidade com as TICs, fizeram oficinas, no formato de tutoriais para os (as) demais docentes, ação importante e exitosa na coletividade.

Nos organizamos de forma a ministrar aulas com horário semanal definido. As aulas ocorriam através da plataforma do Google Meet, desenvolvíamos atividades síncronas e assíncronas. Neste formato, conseguimos ministrar aulas interdisciplinares. Realizamos também aulas em formato de lives, desenvolvemos projetos estruturantes como, por exemplo: Feira de ciências e Projeto da Consciência Negra. E para finalizar cada unidade, os (as) estudantes realizavam um teste objetivo interdisciplinar, através do Google Forms. E para aqueles(as) estudantes que não possuíam celular, tablet ou computador, foram disponibilizadas na escola atividades programadas impressas, onde eles (as) poderiam levar para casa, respondê-las e posteriormente devolvê-las para correção.

Essa experiência revelou a necessidade urgente de políticas de formação continuada e suporte técnico para os professores, para poderem não apenas dominar as TICs, mas também integrá-las de forma eficaz e criativa em suas práticas pedagógicas. O que só veio acontecer na Rede Estadual da Bahia na metade do ano de 2023, com uma formação continuada disponibilizada pela própria Secretária de Educação do Estado. A pandemia expôs

as fragilidades do sistema educacional em relação ao uso das tecnologias e destacou a importância de capacitar os (as) educadores (as) no enfrentamento dos desafios de um mundo cada vez mais digital.

A transição do ensino presencial para o remoto e do ensino remoto para o presencial, demandou uma rápida adaptação por parte dos (as) professores (as), pois tivemos que reaprender a ensinar em um ambiente completamente diferente, para jovens completamente diferentes, com déficits de aprendizagem. Muitos estudantes relataram após a volta das aulas presenciais sentimentos de desmotivação, confusão e frustração, gerados pela nova realidade educacional e pela falta de estrutura para o ensino à distância. A ausência do contato físico e da interação em sala de aula dificultou a criação de um ambiente de aprendizado eficaz.

Apesar dos inúmeros desafios, o ensino remoto também trouxe benefícios pedagógicos. A necessidade de adaptação e inovação fez com que tanto os (as) professores quanto os (as) estudantes desenvolvessem novas habilidades. No meu caso, fui demandada a me familiarizar rapidamente com diversas ferramentas digitais e a explorar novos métodos de ensino que poderiam engajar os (as) estudantes em um contexto virtual. Essa experiência expandiu minhas competências digitais e me fez repensar a prática pedagógica, incorporando elementos que foram úteis mesmo após o retorno ao ensino presencial.

Os(as) professores (as) também relataram ganhos significativos. Muitos aprenderam a utilizar programas e aplicativos que antes desconheciam, desenvolvendo novas habilidades e aprimorando as já existentes. Esse aprendizado tecnológico pode ser um legado positivo da pandemia, preparando os (as) estudantes para um mundo cada vez mais digital e interconectado.

O período da pandemia foi, sem dúvida, um dos mais desafiadores da minha carreira como educadora. No entanto, também foi um período de profundo aprendizado e crescimento pessoal. A experiência me ensinou a importância da resiliência, da empatia e da adaptabilidade. Em meio a tantas incertezas, fui obrigada a encontrar novas formas de ministrar as aulas, de conseguir a atenção e engajamento dos (as) estudantes, garantindo que o processo de ensino-aprendizagem continuasse, mesmo que de forma remota e com inúmeras limitações.

Como ser humano, a pandemia reforçou em mim a importância da conexão humana e da solidariedade. A distância física não impediu que eu procurasse estar próxima dos (as) estudantes, oferecendo, da maneira que era possível, suporte emocional e pedagógico. A situação também me fez refletir sobre as desigualdades estruturais que permeiam a nossa sociedade e como elas afetam a Educação.

O abismo entre as escolas públicas e privadas, assim como as diferenças regionais e entre os diversos níveis e modalidades de ensino, ficou ainda mais evidente durante a pandemia. Essa realidade gerou efeitos significativos na aprendizagem dos(as) estudantes, impactando diretamente a qualidade da Educação. Como educadora, essa reflexão tem sido fundamental para minha atuação, impulsionando-me a buscar sempre formas mais inclusivas e justas de ensinar.

Dessa forma, o ensino remoto durante a pandemia de COVID-19 trouxe desafios sem precedentes para a Educação pública no Brasil. As dificuldades estruturais e pedagógicas foram enormes, porém também proporcionaram valiosos aprendizados e avanços. Como professora, sai dessa experiência com uma nova perspectiva sobre o ato de ensinar e a integração das tecnologias na Educação, consciente de que essa inserção é um caminho sem volta. Acima de tudo, reafirmei a convicção de que a Educação é uma prática de adaptação e resistência.

Nessa direção afirma Paulo Freire: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Freire, ressalta a importância fundamental da Educação como agente de transformação social, mesmo que ela, por si só, não seja suficiente para provocar mudanças profundas. No contexto do ensino remoto durante a pandemia de COVID-19, essa citação ganha ainda mais relevância. A experiência demonstrou que, apesar das imensas dificuldades estruturais e pedagógicas, a Educação continuou sendo um espaço de adaptação, resistência e inovação.

O que aprendemos durante esse período vai muito além das questões tecnológicas; aprendemos a valorizar a flexibilidade, a criatividade e a humanidade no processo educacional. E, sobretudo, aprendemos que, mesmo diante das maiores adversidades, é possível encontrar caminhos para continuar a ensinar e a aprender.

A pandemia nos revelou de forma incontestável que a sociedade não pode progredir sem um compromisso profundo e sério com a Educação. Este compromisso precisa ir além das reformas superficiais, alcançando tanto as práticas pedagógicas quanto as estruturas que sustentam o sistema educacional. É imperativo que se invista em mudanças significativas, que envolvam não apenas a atualização de metodologias de ensino e a ampliação do acesso às tecnologias, mas também uma reavaliação da formação e valorização dos profissionais da Educação.

Nós professores, fomos cobrados a nos adaptarmos rapidamente ao ensino remoto, muitas vezes sem o suporte necessário, com investimento pessoal em tecnologias e cursos, mostramos uma incrível capacidade de resiliência e inovação. No entanto, essa experiência também expôs a falta de preparo e apoio que muitos enfrentam em suas carreiras. A formação continuada, que deveria ser um pilar do desenvolvimento profissional, revelou-se insuficiente para atender às demandas emergentes de um mundo cada vez mais digital e conectado. Pela lógica, a formação deve anteceder as mudanças, no entanto, durante mais de uma década que leciono na rede estadual da Bahia, todas as formações que tive foram posteriores a efetivação das mudanças.

Portanto, um verdadeiro compromisso com a Educação deve englobar a criação de condições que permitam aos professores exercerem plenamente seu papel de agentes de mudança, garantindo que a sociedade possa, de fato, avançar.

Em suma, a experiência do ensino remoto durante a pandemia trouxe oportunidades de crescimento e inovação. Que as lições aprendidas durante esse período sirvam para fortalecer a Educação e preparar tanto professores(as) quanto estudantes para os desafios de um mundo cada vez mais digital e interconectado.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

RIBEIRO, Ana Elisa. Tecnologia Digital. **Glossário Ceale**. Belo Horizonte: Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) | Faculdade de Educação da UFMG. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/tecnologia-digital>> Acesso em 13 ago. 2024.

SOARES; ANDRADE; CARVALHO, **Tecnologias educativas e as novas perspectivas sobre o ensino e a aprendizagem**. Kawo-Kabiyesile, 2020.

COMPARTILHAMENTO DE MEMÓRIAS EM TEMPO DE ISOLAMENTO PANDÊMICO

Lucileide Barbosa Dantas Moreira

Ensino Híbrido, carteiras vazias
Cuidado com o Covid-19 estamos numa pandemia
Tanto álcool gel ressecando minhas mãos
Positivou? Tem que ficar isolado meus irmãos
Máscaras e meus óculos embaçados
Vídeo aula e os alunos tem que ficar conectados
Não pegue no papel! Mande as atividades!
Como nessa distância haverá aprendizagem?

Autoria própria

A introdução desse poema por mim composto, pincela alguns detalhes e momentos por todos vividos após 11 de março de 2020. A Organização Mundial de Saúde (OMS) caracteriza a COVID-19 como uma pandemia, ou seja, a doença estava distribuída em todos os aspectos geográficos mundiais, existiam surtos dessa em vários países e regiões do mundo.

Era notícia em todos os telejornais, não se falava em outra coisa e, aqui no oeste da Bahia na cidade de Formosa do Rio Preto, imaginávamos que só iríamos ver essa situação de longe, como essa doença poderia nos afetar, nós vivemos longe de tudo e com certeza só seríamos os espectadores. Mas não foi dessa forma, a pandemia não dispensou nenhum lugar e chegou até aqui.

Tivemos que nos afastar de nosso alunado, dobrar os cuidados e reaprender metodologias que muitos, devido a precariedade do ensino, ainda se encontravam acomodados com seus métodos desatualizados

onde muitos sem saber ligar um computador. Dias difíceis que isolou, assombrou, matou um povo que não tinha nenhum recurso ou estratégia.

Vidas ceifadas, famílias enlutadas, escolas fechadas, comunidades isoladas, hospitais com leitos superlotados, tudo parecia um filme de terror onde voltas eram dadas e não chegava a lugar algum.

Aqui na minha cidade naquela época, eu estava lecionando na Escola Municipal Benedito Araújo em dois turnos nas turmas do 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, turmas C e D com as disciplinas de matemática, ciências, arte e Ensino Religioso. Meus alunos eram de classe baixa e moravam em regiões periféricas de bairros nos arredores da cidade. Na casa só havia um celular, ou era da mãe ou era do pai. E agora como lidar com esse tipo de cenário? O que antes parecia só espectadores havia se tornado protagonismo de um vírus que às ocultas nos atacava e nos afastava das nossas atividades laborais na docência.

Era permitido pensar, imaginar que tudo iria acabar bem. Que nada a doença aqui se espalhou e, a primeira vítima de caso de *Covid-19* de Formosa do Rio Preto foi Idalina Moreira que era mulher do tio de meu marido. Uma mãe que tinha dois filhos enfermeiros que estavam trabalhando na área de Unidade do *Covid-19* no Hospital do Oeste na cidade de Barreiras. Fomos vítimas de preconceito de toda a cidade, pois pensavam que todos tínhamos a doença. Tudo foi triste e muito doloroso, pessoas passavam para o outro lado da rua.

E diante de tudo isso, como professora do Fundamental I do 5º ano tive que “me virar” para aplicar os conteúdos para os alunos que ansiavam por uma resposta minha, a professora alegre e divertida que adorava aquele abraço coletivo quando adentrava na sua sala e, naquele momento se encontrava triste, sozinha e distante das crianças que já faziam parte da sua história.

Primeiro tive que criar o grupo de pais e responsáveis das duas turmas e eram tantas mensagens que não dava conta e meu celular que era razoável, não aguentou e acabou pifando de tanta coisa armazenada. Desse modo, precisei comprar um celular novo mais potente e, novamente, criar grupos, sem contar que havia mães que tinham que dividir um único celular com três ou cinco filhos. E a internet que não colabora e acabava prejudicando as aulas.

Em meio a tantas pesquisas e estudos, descobrir uma professora do Espírito Santo que lecionava nas mesmas turmas e utilizava os mesmos livros didáticos dos Anos Iniciais, coisa de Deus, pois ela também gravava outras aulas de outras turmas e eu passei para meus colegas que comigo compartilhavam da mesma dificuldade. Comecei a baixar as vídeo-aulas e dessa forma meus alunos quando a internet estava melhor podiam baixar e assistir às explicações dos conteúdos propostos à unidade temática.

A partir daí as coisas foram clareando e a dinâmica utilizada por nós da Escola Benedicto Araújo foram apresentando resultados que tornavam esses momentos menos distantes e isolados. Era gostoso ver os rostinhos de cada um nos vídeos gravados para as aulas de Ensino Religioso e Arte, cada detalhe, cada gesto compartilhado pela tela do celular amenizava a situação que estava do portão pra fora, que estava nos hospitais quando uma vaga não era encontrada.

A pandemia veio nos ensinar que é muito bom estarmos perto um do outro, é muito bom estar sempre podendo ajudar o outro. Nos ensinou que não sabemos nada e que devemos nos despertar sempre ao novo ao inacabado, pois eu algumas vezes me senti inútil diante de algumas situações vividas.

Hoje se coloca a culpa de tudo que dá errado na área da educação na pandemia. Será que a pandemia é culpada ou nós estávamos com a mesmice de tudo. Não seria mais fácil procurar os nossos erros de muitos anos que foram descobertos nesse período pandêmico? Que as nossas ações estavam precisando ser repensadas e inovadoras diante desse novo mundo do nosso alunado? Todavia devo admitir que enquanto estivermos procurando os culpados jamais conseguiremos atingir o IDEB almejado.

REFERÊNCIA

<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>.

MEMÓRIAS DE DESAFIOS NO ACOMPANHAMENTO ESCOLAR DURANTE A QUARENTENA

Mailde Viana Pereira

Desde criança, cultivei o hábito da leitura, ao passo que crescendo, fui compreendendo que a educação seria a minha área de trabalho. A intimidade com os livros me rendeu boa oralidade e conhecimento com facilidades em grande parte das matérias escolares. Assim como muitas meninas negras, compartilhava memórias de discriminação e racismo, e encontrava nos livros o acolhimento que me faltava. Não guardo boas lembranças dos meus tempos de escola e não me sinto na obrigação de romantizá-los. Somente eu sei o sofrimento, a tristeza e o sentimento de rejeição que me foi causado. Sou uma pessoa bastante “entendida” e problematizo muito os discursos pacifistas em relação às violências a determinados grupos da sociedade.

No entanto, não é esse o ponto desta memória, mas sim o meu papel como educadora em formação e a imagem social que se criou ao meu entorno durante a quarentena pandêmica do Covid-19. Naquele momento de isolamento social, as escolas se fecharam e as crianças ficaram sem aulas, criando-se aí o contexto para o início das minhas atividades. Minha vizinha de nove anos ficou sem aulas e eu fui chamada para lhe dar aulas particulares, ela foi minha primeira aluna e a mais duradoura, três anos. Ao todo, tive quatro alunos: Maria Eduarda, Enzo, Gabriel e Anthony. O último, uma criança que cuidei desde que tinha um ano de idade e que por motivos de saúde em 2018 deixei de cuidar. Todas essas crianças estudavam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental Anos Iniciais.

A avó de minha primeira aluna, providenciou um quadro branco e alguns pincéis e a cozinha da casa dela se tornou uma sala de aula. Enquan-

to a escola não mandava as atividades, fui dando continuidade aos conteúdos dos livros. Ela apresentava dificuldades, era tímida, mas uma menina muito especial e carinhosa. Tenho muito carinho por ela. Ao final de 2020 a escola começou a enviar as tarefas via WhatsApp, aí o nosso formato de aula mudou e passamos a responder as tarefas enviadas. As crianças não recebiam explicações da escola, recebiam alguns vídeos que não eram suficientes. Naquele contexto, a minha presença fez muita diferença pois os familiares nada ou pouco sabiam.

Depois conheci o pequeno Enzo por indicação da família de Maria Eduarda. Ele era inquieto, estudava educação infantil e era muito difícil manter sua concentração, sua mãe era quem me auxiliava, onde com muita dificuldade eu conseguia que ele fizesse as tarefas. Ao fim da aula ele posava para uma foto segurando a tarefa. Fizemos muitos trabalhos de Arte, confeccionamos brinquedos, fizemos brincadeiras. Ele era mais uma criança que tinha um ritmo próprio, assim como todas as outras.

Com o Gabriel não tive dificuldades. Também meu vizinho, estudava na mesma série que Maria Eduarda recebendo as mesmas atividades. Era alegre, gostava de conversar, tinha fácil aprendizagem, assim terminava rapidamente as atividades. Era um menino que gostava de jogos e desenhar, suas maiores habilidades.

O Anthony, já era meu conhecido fora do contexto de quarentena. Com 8 anos de idade, estudava o Ensino Fundamental Anos Iniciais. Também muito inquieto, porém, como toda criança com muita energia. No entanto, pela proximidade comigo, por já me conhecer, foi mais fácil tentar que de fato ele se comportasse de forma adequada no momento de realizar as tarefas. É uma criança pela qual tenho muito afeto, cuidei dele ainda bebê e há muita reciprocidade entre a gente.

Vale ressaltar que, a forma como as crianças recebiam as tarefas e orientações era pelo celular, uma tela muito pequena, eu tinha acabado de comprar um tablet simples com tela de 8 polegadas e utilizei como ferramenta de trabalho para desenvolver as atividades com as crianças. Inclusive tinha o contato dos professores das crianças, fazia parte dos grupos da escola, o que facilitou muito, pois sabia o que as professoras passavam e com isso orientava as crianças.

Não foi uma tarefa fácil sentir a pressão dos pais que não percebiam resultados satisfatórios, além disso, muito cansaço psicológico, ‘quase fiquei doida’, as crianças tinham muitas tarefas atrasadas, eram inquietas, também estavam cansadas e a escola não pensava nesse tipo de situação. Nunca nos foi pedido um diagnóstico de como estávamos seguindo durante esses momentos.

Portanto, foi uma experiência com muitos aprendizados e reflexões, dar aulas de reforço na quarentena não é como em períodos normais, não havia ninguém além de mim, a escola estava distante, eu era a pessoa mais próxima para orientar naquele momento. Tive que trabalhar a paciência pois eram muitas as dificuldades com crianças inquietas e sem concentração, insatisfeitas por não ter horário de descanso para brincar, pois não tinham uma rotina para delimitar a hora de estudar e a hora de brincar. Essas memórias não são de salas de aula tradicionais, são de cozinhas, quartos, mesas de jantar, que foram transformadas e serviram de lugar de aprendizado.

VÁRIAS LIÇÕES: VÁRIOS DEDOS DE PROSA

Márcia Rasia Figueiredo

“Não há educação fora da relação com os outros e, por isso, é tão importante preservar as escolas como Lugares de educação”

(Nóvoa, 2022)

Tudo começou em março de 2020. A pandemia do coronavírus chegou ao Brasil e a quarentena se fechou sobre o país. As escolas fecharam, as faculdades e universidades também e o mundo a partir dali mudou completamente. E a cada dia novas incertezas. Eu como coordenadora de um Colégio Municipal Público e aluna na época no Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Oeste da Bahia, tive que me adaptar ao trabalho *home office* e logo após iniciar via *WhatsApp* atividades remotas com os alunos e orientação com os professores online. Não tínhamos nenhum outro recurso a não ser esta via, o aparelho celular.

Foi um momento crítico e difícil, precisava me adaptar e reinventar, como dizia naquele momento o educador português Antônio Nóvoa, “A palavra de ordem do momento é Reinventar” (Nóvoa, 2020) e, não podíamos ficar parados. Acredito que o mais importante naquele momento não era a situação em que estávamos, mas a direção para qual a movimentávamos. Hoje, já se passaram vários anos, continuamos numa travessia difícil pelas marcas das perdas, pela não aprendizagem, pelo atraso pedagógico nas escolas. Mesmo num momento de incertezas, não fiquei parada. Tive que enfrentar. Tive que escrever. Sinalizo nesta memória uma travessia histórica, social, cultural e educacional pela qual passamos. Meu lugar de fala é como coordenadora pedagógica de uma escola pública, a qual até hoje trabalho.

Naquele momento, meu 1º texto escrito e publicado no jornal local de Barreiras, “Novoeste”, n.º 797, de 16/03/20, tinha como título “A carona com o Coronavírus nos leva a termos e darmos mais amor”. Nossa primeira lição: aprendemos a conviver mais com o outro, a dar mais amor e receber. Um amor, como diz Bell Hooks (2000), não apenas como amor/afeição, mas como ela mesma sinaliza no seu livro “Tudo sobre amor: novas perspectivas” (Hooks, 2000), mas um amor como ação.

Vivemos numa sociedade onde não se enaltece a importância do amor. Isto é fato. Fica evidente no seu livro em questão, que estamos falando de um amor não apenas pontual, momentâneo e assistencialista, mas um amor que precisa de limites, e que se responsabiliza pelos seus atos. Falar de amor na contemporaneidade pode ser sim um ato revolucionário e de denúncias, já que o desamor é a ordem do dia.

Como coordenadora pedagógica numa escola pública municipal, convivo diariamente com as mazelas, as indisciplinas, as dores emocionais, as histórias de vida com lacunas irreparáveis da falta de um pai, da falta de uma mãe e sobretudo da falta de amor. A pandemia, de alguma forma, ou melhor, de todas as formas, nos ensinou a amar.

Não vemos o amor numa construção coletiva. E sim num processo individualista, autoritário, de poder e não inclusivo. Numa identidade racional. E não como potência alavancadora de uma nova sociedade.

Meu 2º texto, escrito e publicado no jornal local de Barreiras “Novoeste”, n.º 798 de 29/04/20, com o título “Reinventar... esta é a palavra de ordem para o ensino”, esta foi a nossa segunda lição: na escola, o educador e a sociedade precisavam sair da UTI, sobretudo nas mídias tecnológicas. A narrativa é que todos sem exceção, terão que aprender com a crise que o coronavírus nos impôs para que pudéssemos de alguma forma não sermos os mesmos, inclusive a educação. A escola sempre procrastinou na tecnologia, então reinventar era preciso. Uma pena que a escola continue a mesma na questão tecnológica. Precisamos dela urgentemente. Mas continuamos os mesmos. Mesmo assim, aprendemos mais com as ferramentas digitais.

O grande desafio desta segunda lição foram as atividades remotas e as aulas online, que numa efervescência, os docentes precisaram se ajustar para sobreviver. Naquele momento, li um texto de Edgar Morin

(2020), “Festival de Incertezas”, que me inspirou para escrever um poema publicado no meu terceiro livro, “Aos quatro ventos”. “O que não é certo. O que não é provável. O que é inesperado. Um novo normal? O que é ser normal? Não se pode mais ser normal. Tudo é incerto. Tudo é irrupção” (Rasia, 2024).

Como diz Foucault (1979), Encarar a vida como uma obra de arte”. É evidente que na pandemia as linguagens artísticas nos salvaram da solidão e da angústia, lives dos artistas nos alegravam, assim como os vários textos tanto na educação quanto em todas as áreas. Não esquecer que a arte pode tirar jovens da vulnerabilidade. Temos agora um incentivo maior para a cultura e a literatura com os vários editais de fomento às áreas artísticas.

Nossa terceira lição se remete à nossa saúde mental. Na pandemia, sofremos depressão, perdas de amigos, familiares, filhos, companheiros e brasileiros. A imagem de caixões, hospitais lotados, imagens de leitos nos deixaram com autoestima baixa e mentes atordoadas. Nunca se falou tanto em saúde mental e inteligência emocional. Em terapias. Em cuidar da mente. Isso tudo se refletiu nas escolas e continua atormentando nossas crianças e jovens.

Nesta lição, pelo menos a educação deu uma melhorada. Tímida, mas com entendimento melhor com a saúde mental. Mais atendimentos psicológicos nas escolas, profissionais nestas áreas dando suporte a nossos professores, nossos professores entendendo e dando mais amparo aos nossos alunos. Lembrando sem políticas públicas. Com amparo coletivo. Com ajuda mútua.

Em síntese, sofremos muito, aprendemos pouco. Poderíamos ter aprendido mais. Bem mais. Porém, as incertezas continuam. Parfraseando Cortela, num vídeo, num mundo que muda com velocidade, se nós não olharmos o outro como fonte de conhecimento, independentemente de onde ele veio, de como ele faz e atua, perdemos uma grande chance de renovação. (Num mundo [...], 2022).

Muitos perderam, mas com certeza alguns aprenderam. Eu sou uma delas!

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

MORIN, E. **Um festival de incertezas**. Espiral, v. 4, p. 5-12, 2020.

NÓVOA, A. Reinventar a formação docente. *In*. CARVALHO, C. M. N; SOARES, I. B; COSTA, M. L. R. (org.). **Veredas e (re)configurações da formação docente** [livro eletrônico]. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2022. P. 17-35. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/km8wy/pdf/carvalho-9786586832372.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2024.

NÓVOA, António. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Colaboração de Yara Alvin. Salvador: SEC/IAT, 2022

NUM MUNDO de mudanças e velocidade o grande risco é ficar velho. [*S. l.: s. n.*], 2022. 1 vídeo (11 min). Publicado pelo canal **Resiliência Humana**. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=7E9wjOgL2SA&t=548s>. Acesso em 8 de ago. 2024.

RASIA, Márcia. **Aos quatro ventos**. Salvador: Editora Cogito, 2024.

“UM JEITO NOVO DE APRENDER EM TEMPO DE COVID-19”: UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NA REDE MUNICIPAL DE FORMOSA DO RIO PRETO-BA

Maria Augusta da Silva Serpa

“Partamos da experiência de aprender, de conhecer, por parte de quem se prepara para a tarefa docente, que envolve necessariamente estudar”

(Paulo Freire, 2021)

Vivenciar uma pandemia foi um desafio para toda a humanidade, pois só em pensar se sobreviveríamos ou não já era algo desafiador e angustiante. Foram perceptíveis para todos e todas nós as dificuldades enfrentadas em todas as atividades econômicas. Para os professores, o desafio foi ainda maior e por isso, nesse momento compartilho com vocês minhas memórias desse contexto pandêmico, enquanto profissional da educação.

Quando a pandemia começou em março de 2020, eu estava no município de Formosa do Rio Preto-BA, assumindo a função de coordenadora pedagógica geral da Rede municipal de ensino. Gostaria de ressaltar que, desde o início da pandemia, a equipe pedagógica e as diretorias de ensino da zona urbana e rural ficaram preocupadas com o que fazer com os estudantes daquela cidade. Várias ideias surgiram, mas a maior preocupação era atingir todos os estudantes, uma vez que a extensão territorial do município é a maior da Bahia.

Então, ao assistir a live da UNDIME-BA com os relatos de Licínio de Almeida e de América Dourada, veio a sensação de que aquilo que havíamos pensado poderia dar certo: desenvolver atividades remotas para alcance de todos os alunos. Era a inspiração que faltava e a injeção de ânimo que a nossa equipe precisava.

No primeiro momento, aconteceu uma conversa com a secretária municipal de educação, Luzinete Dias, para saber se a equipe pedagógica e diretorias de ensino poderiam elaborar um plano de ação nesse sentido. Após o aval dela, realizamos uma reunião com todos os técnicos que participariam dessa elaboração, já que o objetivo seria contemplar todos os estudantes da Rede municipal de ensino. A equipe teve apenas três dias para elencar tais ações, do dia 22 a 24 de abril do referido ano. Formamos grupos de trabalho para dinamizar essa atividade.

No dia 27 de abril, o Plano de Ação foi socializado para todos os grupos de trabalho. Após ajustes necessários, foi realizada uma reunião no dia 28 de abril com os representantes das secretarias parceiras, Conselho Municipal de Saúde, Conselho Municipal de Educação e Vigilância Sanitária e Epidemiológica para saber se poderíamos levar a proposta adiante. Todos os participantes elogiaram a iniciativa e deram total apoio para sua execução, cujo plano foi encaminhado para apreciação e aprovação do Conselho Municipal de Educação que deu parecer favorável.

Em 29 de abril, apresentamos o Plano de Ação para os representantes da gestão e coordenação escolar, que enfatizaram a importância da autonomia de cada unidade escolar em elaborar seu próprio planejamento, uma vez que cada escola possui suas peculiaridades.

No dia 30 de abril, aconteceu a sensibilização com os profissionais das unidades escolares. Já a semana seguinte ficou destinada à elaboração do planejamento das atividades que seriam desenvolvidas de forma remota. A maior parte das unidades escolares optou por entregar atividades impressas, mantendo todos os cuidados de higiene desde a digitação até o momento da entrega. Algumas escolas criaram grupo de WhatsApp para facilitar a comunicação com as famílias.

Vale ressaltar que, o Colégio Municipal Joaquim Alexandre optou por enviar as atividades por meio das redes sociais, entregando material impresso apenas para aqueles alunos que não possuíam o acesso à internet.

As escolas que optaram pela entrega de atividades impressas às famílias iniciaram os trabalhos a partir do dia 11 de maio, com todas as medidas de higiene necessárias, tanto na zona urbana quanto para parte das escolas da zona rural, no caso as independentes. Já a entrega para as escolas dependentes teve início no dia 18 de maio.

O desenvolvimento desse plano de ação foi possível graças ao empenho de muitos profissionais da educação e da parceria entre as várias instituições. O Conviva também nos auxiliou registrando experiências de outros municípios, principalmente a experiência de América Dourada. Além disso, as “lives” proporcionadas pela UNDIME-BA ajudaram bastante a nossa equipe na elaboração das estratégias pedagógicas presentes no referido plano.

A parceria família-escola durante o processo da pandemia foi muito relevante. Os resultados foram positivos para aquele momento, praticamente todos os estudantes da Rede municipal receberam as atividades para a concretização do ensino de forma remota. Mas é necessário deixar claro que, somente a entrega das atividades não foi suficiente diante das dificuldades enfrentadas pelos estudantes, pois nem todas as famílias conseguiram orientá-los de forma adequada,

A experiência vivenciada em Formosa do Rio Preto-BA chamou a atenção dos representantes da UNDIME-BA, fato que resultou em um convite para a participação em uma live que aconteceu no dia 29 de outubro de 2020, na presença de profissionais de Alagoas, Minas Gerais e da Bahia. Vale ressaltar que, do estado da Bahia apenas os municípios de Formosa do Rio Preto e Dom Basílio foram convidados.

Mesmo diante de um cenário desolador vivenciado mundo afora, eu me senti grata por representar meu município, fazendo o relato das ações que desenvolvemos, sem saber se estávamos acertando ou não. O fato é que tínhamos a certeza de que nossos estudantes de alguma forma não foram esquecidos.

Organizamos ainda um curso de formação tecnológica com o objetivo de orientar os professores e demais profissionais em relação ao uso dos inúmeros recursos que a internet poderia oferecer. Durante os encontros, foi possível observar o entusiasmo dos participantes tentando aprender para ensinar, cujo fato me fez lembrar Paulo Freire, quando ressalta a importância de sermos sujeitos aprendentes. É importante salientar que, mesmo vivenciando todos esses desafios, ainda reelaboramos o Documento curricular da rede municipal com o protagonismo desses profissionais.

Ao final do ano 2020, ainda no contexto da pandemia, meu convênio com o município de Formosa do Rio Preto-BA foi encerrado. Retor-

nei para cidade de Barreiras-BA com a sensação de que tinha contribuído um pouco com a educação daquele lugar. O sentimento era de gratidão por ter sobrevivido até aquele momento e por presenciar tantos profissionais empenhados em não deixar “seus estudantes” esquecidos durante uma pandemia.

A pandemia passou, mas tenho certeza de que as aprendizagens adquiridas nesse período ficarão para toda a vida. As lições de solidariedade, amor e carinho em cada atividade elaborada, em cada atividade recebida e realizada continuam presentes na minha memória e, porque não dizer, nas memórias, pois durante esse tempo eu e os demais profissionais da Rede vivenciamos um jeito novo de aprender e ensinar em tempo de Covid-19.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, v. 15, p. 259-268, 2001.

MEMÓRIAS DE UMA GESTORA ESCOLAR SOBRE DESAFIOS IMPOSTOS PELA PANDEMIA

Maria de Fátima Oliveira

As memórias sobre as dificuldades do período da pandemia Covid-19 que serão relatadas nesse texto com o máximo de clareza possível, foram vivenciadas por mim. Foi um período de muitas tribulações em que uma doença desconhecida e assustadora, provocou muitos desafios à humanidade.

No nosso contexto não foi diferente. Em 2019, final de ano, comemoramos a passagem para 2020, já ciente da doença em países asiáticos. As mortes já eram veiculadas e em volume intenso, o vírus se expandia. Em poucos dias, já se configurava como uma pandemia.

Particularmente naquele momento, eu assumia a gestão da Escola Estadual Augusto Severo, na cidade do Natal-RN, juntamente com o professor Dalton Ivo de Medeiros (vice-diretor), triênio 2020-2022. Iniciamos o ano letivo no mês de fevereiro, mais precisamente dia 17/2/2020. Passamos 30 dias de aulas pois em 17/3/2020 foi decretada a suspensão das aulas pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte. O Decreto Nº 31.308 de 14 de março de 2020 estabeleceu medidas de prevenção e enfrentamento do novo Coronavírus no âmbito do Estado. As escolas ficaram abertas na responsabilidade de gestores e terceirizadas até meado daquele ano, quando mais Decretos no total de 51 eram oficializados pela Governadora, Fátima Bezerra.

Foi iniciada a fase da distribuição dos kits alimentação para as famílias dos alunos no semestre seguinte. As escolas recebiam e distribuía em dois dias ou ao longo da semana. Estávamos sempre ao dispor para entrega daqueles kits. Todo protocolo era cumprido com álcool 70, termômetro,

máscaras e distanciamento entre as pessoas. Para além da entrega de kits alimentação e atividades, fazíamos ligações para as famílias e reuniões com pais e responsáveis pelo *google meet*. As reuniões tinham boa participação dos representantes familiares e corpo docente.

A dinâmica da escola através da coordenação pedagógica, tendo como responsável Elisângela Gurgel Rocha Lima (Coordenadora), Jarlene Carla de Azevedo Santos (Apoio Pedagógico) e Jaqueline França Fonseca (Apoio Pedagógico), consistia no encaminhamento das diretrizes aos corpos docente e discente, como também alimentavam o Sistema Integrado de Gestão da Educação do RN com os planos de aulas enviados pelos educadores, além dos relatórios dos alunos com necessidades educacionais especiais. Essas atividades eram também validadas pela assessora pedagógica, senhora Rejane Álvares de Medeiros (1ª DIREC). Cinco professores, num total de vinte e cinco aderiram às aulas remotas, que eram acordadas os horários com os estudantes por meio dos grupos de *WhatsApp*.

No ano de 2021, ainda com a pandemia acentuada, continuávamos com o mesmo ritmo de 2020, porém, ventilava-se a possibilidade da vacina para mitigar o número de mortos e amenizar a doença. O Governo do Estado, através da Secretaria de Estado da Saúde Pública do Rio Grande do Norte, emitiu um protocolo para as repartições públicas, em que as instituições teriam que adquirir EPI (Equipamento de Proteção Individual), totem de álcool gel, tapete, bebedouro com torneiras, borrifadores, pulverizador e máscaras. A luta contra o vírus era intensa e responsabilizava toda sociedade no combate ao mal. Conhecidos, parentes, população em geral perdiam suas vidas sem sequer ter o direito de um sepultamento digno.

Vivenciando tantas adversidades, era mês de abril do ano 2021, quando fui diagnosticada com câncer de mama. Mais um dilema a ser enfrentado. Assumi a direção da escola, o vice gestor, o professor Dalton Medeiros. Necessário seria colocar a cabeça em equilíbrio, a fé, a esperança, as orações e toda energia positiva deveriam ser evidenciadas para aquele momento que antecipava o tratamento, o qual seria a partir da cirurgia e, por conseguinte, a quimioterapia e a radioterapia. O plano de saúde UNIMED garantiu todo o tratamento, que a princípio se realizou numa unidade da Liga Contra o câncer, a Policlínica (cirurgia), sequenciado pela

quimioterapia (Clínica São Marcos) e radioterapia (Centro Avançado de Oncologia). É importante ressaltar a humanização dos profissionais que tratam os pacientes com câncer. Sentia-me em casa, principalmente na fase da radioterapia.

Tive o apoio das filhas, que revezavam no acompanhar do tratamento, Cecília, filha do meio, foi a mais presente porque não tinha filho(s), dispendo assim seu tempo para me acompanhar. Foram sete meses de tratamento com direito a cabeça pelada, em que com estilo, usava toucas e turbantes. Não aderi às perucas porque escolhi viver aquele difícil momento sem cabelos. As unhas também ficaram roxas, mas sabia que elas limpariam quando o tratamento mais pesado fosse concluído.

Todas as dúvidas foram trabalhadas com fé e esperança na cura. Em minhas orações, pedia conformidade para a família e para mim, se fosse para fazer a viagem. Se tivesse mais uma chance nesse plano, pedi a Deus, que me apresentasse às missões e possibilitasse o cumprimento. Já estou cumprindo algumas. As companhias que eu tinha diariamente eram Deus, dois gatos e duas gatas. E foi assim, o ano de 2021 e início de 2022 de licença para tratamento de saúde, sem exercer o ofício.

O ano letivo referido acima teve o retorno das aulas presenciais no mês de agosto de maneira parcial, tendo como limite para o retorno total, outubro, período máximo para a vacinação de todos os professores. Os pais que confiavam nas medidas preventivas adotadas pela escola, enviavam seus filhos e filhas. Para os pais que não aderiram o retorno parcial, eram fornecidas as atividades impressas ou encaminhadas pelo *classroom*.

Chegamos ao ano de 2022. Voltei para assumir a gestão em 12 de janeiro após a luta contra o câncer e o restabelecimento de minha saúde. O tratamento com hormonioterapia com previsão para 2026 continua. Andando com fé, creio na cura total. Atravessamos o ano com uma rotina intensa e difícil, principalmente porque muitos estudantes e professores voltaram estressados do pós-pandemia. Foi necessária muita paciência, a fim de prosseguirmos com a proposta da escola, que mesmo com projetos individuais dos professores, se ancorava na leitura e estudo da matemática com duas ações pedagógicas: Melhor Leitor(a) e Aluno(a) Destaque de cada turma por bimestre, com direito a certificado. Os critérios para as

avaliações foram a frequente procura pelos empréstimos de livros e valores quantitativo e qualitativo dos discentes, a contar com a participação dos professores nas avaliações. Lamentamos por não adotarmos uma proposta pedagógica que envolvesse a escola em um só projeto. Mesmo assim, ressaltamos que a aprovação foi mais satisfatória em relação aos anos anteriores.

Enfim, ousamos salientar que sobrevivemos aos desafios impostos pela pandemia. As máculas dificilmente se apagarão, mas servirão como aprendizado. Dessa forma, observamos o quanto somos solidários, empáticos e acolhedores. Esses valores nos animam e permitem sonhar com uma perspectiva de colher bons frutos, mesmo que demorem. Afinal, acredito no ser humano como a espécie que tem a capacidade de intervir no seu contexto, através do pertencimento, do zelo e da sensibilidade.

MEMÓRIAS DE UMA ESTUDANTE DE DIREITO EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19

Maria Eduarda Pereira dos Santos

A pandemia do COVID-19 marcou um momento histórico e singular para toda a humanidade, e para mim, como estudante de Direito, essa fase trouxe desafios que jamais imaginaria enfrentar. A súbita mudança na rotina acadêmica, a adaptação ao ensino remoto e o impacto emocional foram elementos que definiram minha trajetória nesses anos de formação. O isolamento social, as incertezas quanto ao futuro e a sobrecarga emocional se tornaram parte do cotidiano, exigindo resiliência e uma nova perspectiva sobre o que significa estudar e se preparar para o mundo jurídico.

Quando a pandemia foi declarada, em março de 2020, lembro-me do sentimento de incerteza que tomou conta de todos. As aulas presenciais foram abruptamente interrompidas, e de repente, nos vimos obrigados a nos adaptar ao ensino remoto. No início, havia a esperança de que essa mudança fosse temporária, talvez durante algumas semanas, mas logo ficou claro que a pandemia traria um novo normal.

A transição para as aulas e *on-line* foi difícil. A universidade, assim como muitos de nós, não estava preparada para a digitalização do ensino em tão pouco tempo. Havia problemas técnicos, como instabilidade nas plataformas de videoconferência e a falta de um ambiente adequado para estudar em casa. Como muitos colegas, eu enfrentava dificuldades para

manter a concentração em um ambiente doméstico repleto de distrações. A ausência do contato presencial com professores e colegas também fez com que o aprendizado se tornasse mais solitário e menos interativo.

Além disso, a carga de leitura e estudos aumentou, uma vez que os professores tentavam compensar a falta de aulas presenciais com mais conteúdo e tarefas. Isso resultou em uma sobrecarga, tanto intelectual quanto emocional. O sentimento de isolamento, somado à pressão acadêmica, trouxe um novo tipo de estresse que nunca havia experimentado antes na minha vida acadêmica.

A pandemia não impactou apenas minha rotina de estudos; ela afetou profundamente minha saúde mental. O medo constante de contrair o vírus, a preocupação com a saúde da família e amigos, e a incerteza sobre o futuro foram fatores que contribuíram para o aumento da ansiedade e do estresse. A sensação de estarmos vivendo em uma espécie de limbo, onde o tempo parecia não avançar e os planos eram continuamente adiados, tornou-se cada vez mais avassaladora.

Lembro-me de muitas noites mal dormidas, onde a ansiedade me impedia de descansar. A pressão para manter um bom desempenho acadêmico em meio a um cenário tão incerto gerou um esgotamento mental significativo. Em alguns momentos, era difícil encontrar motivação para continuar, mas o apoio de colegas e professores, ainda que à distância, foi essencial para que não desistíssemos.

Apesar de todas as dificuldades, a pandemia também trouxe lições valiosas. A experiência de estudar Direito durante esse período me fez refletir sobre o papel do jurista em tempos de crise. Os desafios impostos pela COVID-19 evidenciaram a importância de um sistema jurídico adaptável e resiliente, capaz de responder às emergências de saúde pública e às questões sociais decorrentes de uma pandemia.

O direito à saúde, a proteção dos vulneráveis e a garantia de liberdades individuais se tornaram temas centrais nos debates acadêmicos. O apren-

dizado teórico foi profundamente enriquecido pela observação prática de como as normas jurídicas eram aplicadas ou adaptadas em um contexto tão extraordinário. Como estudante de Direito, senti que estava vivenciando um momento histórico que moldou as futuras gerações de juristas.

Além disso, a pandemia nos forçou a repensar o próprio exercício da advocacia e a administração da justiça. A digitalização dos processos judiciais e o uso de audiências virtuais são exemplos de mudanças que vieram para ficar. O contato com essas novas ferramentas tecnológicas nos preparou para um futuro em que o Direito será cada vez mais digital, exigindo de nós, futuros advogados, uma nova abordagem para lidar com a prática jurídica.

Portanto, as memórias que guardo desse período são de resiliência e aprendizado. A pandemia do COVID-19, embora marcada por desafios e adversidades, também trouxe a oportunidade de crescimento pessoal e acadêmico. Como estudante de Direito, vivi um período de transição e adaptação, que me preparou para enfrentar as complexidades do mundo jurídico com mais flexibilidade e empatia. Esse capítulo da minha vida acadêmica será sempre lembrado como um tempo de superação, mas também como um momento em que pude reavaliar meus valores e meu papel como futura profissional do Direito.

UMA PONTE EM TEMPOS DE ADVERSIDADE

Marilene Xavier Cerqueira

Durante o período pandêmico, as incertezas e os desafios se multiplicaram de uma maneira que jamais imaginei enfrentar na minha trajetória como professora. Quando as escolas fecharam suas portas e as aulas presenciais foram suspensas, fui tomada por uma sensação de desamparo, e às vezes, de desespero. A conexão que sempre estabeleci com meus alunos dentro da sala de aula parecia estar por um fio, ameaçada pela distância e pela falta de recursos tecnológicos adequados.

Lidar com um cenário de ensino virtual, com novas tecnologias e nenhuma formação em metodologia a distância foi um enorme desafio, pois tive que aprender na prática e apesar de parecer fácil, esse processo de adaptação foi árduo tanto para mim, quanto para muitos colegas, pois nos momentos de conversas e de apoio muitos relataram suas dificuldades. O desafio era o mesmo tanto na rede municipal quanto na rede estadual, onde atuei nesse período, sendo o trabalho na EJA (Educação de Jovens e Adultos) mais difícil. Muitos estudantes eram mais familiarizados com a tecnologia, mas não estavam acostumados a esse novo formato de ensino e aprendizagem e muitos não possuíam as tecnologias necessárias para uma participação efetiva do ensino remoto.

Na escola estadual decidimos usar a plataforma *Classroom*, do Google, que facilitou muito meu trabalho como professora, mas muitos alunos, especialmente, da EJA tiveram dificuldade em usar a plataforma, já que era necessário um certo protagonismo e autonomia dos estudantes e uma das especificidades desse alunado é a necessidade de mais atenção e assessoria por parte do professor na realização das atividades propostas. Embora a administração escolar tenha buscado outras formas de garantir a permanência desses estudantes na escola, como a retirada de blocos de atividades, muitos ficaram evadidos.

Lembro-me que mesmo alunos sempre participativos e dedicados nas aulas presenciais, nas primeiras semanas de ensino remoto não estavam comparecendo às aulas online, nem entregando as atividades propostas. A preocupação me fez buscar alternativas para contatá-los, como mandar recados e orientações pelos colegas que moravam mais próximos, conversar com os pais, mas a cada tentativa, o silêncio era a resposta. Constatei também que durante as aulas online, os estudantes da rede municipal, Ensino Fundamental II, interagem mais durante as aulas, ao tempo que com os alunos do Ensino Médio, a interação além de ser menor, muitos continuavam conectados e sem interagir mesmo após o fim dos encontros, revelando além da falta de interação, pouco interesse nesse novo modelo de aprendizagem.

Em uma ocasião encontrei uma mãe – de um desses alunos - que, com os olhos cheios de preocupação, me contou que o filho estava desmotivado, sem acesso adequado à internet e, por isso, havia se afastado das atividades escolares. Naquele momento, a distância física entre professor e aluno revelou-se muito maior do que eu imaginava.

Voltei para casa com o coração apertado, determinada a não deixar que esse aluno e outros na mesma situação ficassem para trás. Organizei um sistema de entrega de atividades, impressas e materiais de apoio, que os alunos podiam retirar semanalmente na secretaria escolar. Estabeleci uma rotina de telefonemas e envio de mensagens, onde, além de discutir as atividades, eu os ouvia, conversávamos sobre como estavam lidando com aquele momento tão difícil, além de estar à disposição em qualquer dia e horário para interagir, tirar dúvidas acerca das atividades propostas. Era o meu jeito de manter viva a chama do aprendizado, mesmo quando tudo ao nosso redor parecia desmoronar.

Além das dificuldades tecnológicas, outro fator que dificultou a aprendizagem foi a constante preocupação com a saúde de todos. Muitos de nós, alunos e colegas de trabalho tivemos parentes que contraíram a Covid-19, quando não, nós mesmos, e essa realidade trouxe um peso emocional que tornou o meu trabalho e o aprendizado dos estudantes ainda mais desafiador. Não podemos esquecer do número de mortos que só aumentava em uma escala mundial, causando preocupação e pavor a todos.

Como professora de língua portuguesa, uma das minhas maiores preocupações era garantir que os alunos continuassem desenvolvendo as

habilidades de leitura e escrita, mesmo em meio a tantas dificuldades. Um dos temas que abordamos durante aquele período foi leitura, análise, compreensão e interpretação de textos literários com temáticas que abordavam esperança e resiliência.

Lembro-me de uma aula em que trabalhamos a crônica “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector. A ideia era que os alunos não só lessem o texto, mas também refletissem sobre as emoções e os sentimentos dos personagens, conectando-os com suas próprias vivências durante a pandemia. No entanto, trabalhar literatura a distância foi ainda mais desafiador. O que deveria ser um momento de imersão e introspecção frequentemente se transformava em uma luta contra distrações e a falta de interações.

Para contornar essas dificuldades, criei uma série de atividades que incentivavam os alunos a escreverem suas próprias crônicas relatando episódios marcantes daquele período. Essas produções revelaram um universo de sentimentos reprimidos, experiências únicas que muitas vezes não eram verbalizadas durante as aulas. Um dos alunos que, inicialmente relutou em participar das atividades, acabou escrevendo uma crônica sobre a saudade que sentia de seus avós, pois não podia visitá-los por estar cumprindo o isolamento social. Foi uma experiência marcante para ele e, quando compartilhou o texto, sentimos uma conexão imediata, mesmo que virtual.

No entanto, por mais que nos esforçássemos para nos aproximar dos alunos, nada substituíria o contato presencial. A ausência da interação face a face revelou-se uma barreira insuperável em muitos aspectos. A empatia, a troca de olhares, o apoio imediato em momentos de dúvidas, tudo isso faz parte da riqueza do ensino presencial, algo que a distância, por mais que tentássemos, não conseguia reproduzir integralmente.

Foram meses de muito esforço e superação, tanto para mim quanto para os estudantes. Quando, finalmente, voltamos ao ensino presencial, o reencontro foi emocionante. Um estudante da EJA que havia reencontrado seu caminho através do material impresso e das conversas, me disse: “professora, foi a senhora que não me deixou desistir”. Aquelas palavras selaram o que já estava gravado no meu coração: o ensino vai além dos conteúdos, ele é, acima de tudo, uma ponte que nos une, mesmo em tempos de adversidade.

A INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, PERSPECTIVAS E INDAGAÇÕES SOBRE O ISOLAMENTO PROFUNDO

Milena Lima de Souza

A pandemia apresentou-se como um período histórico que fomentou um contexto obrigatório de isolamento imenso, tanto pessoal com relação à convivência em sociedade, quanto no que concerne ao viés psicológico. A partir dessa perspectiva, toma-se por consideração que os diferentes segmentos da sociedade foram afetados, neste relato, o enfoque principal está para como a minha experiência com a docência perpassou algumas características de formação específicas devido ao fato.

Nesse sentido, a área do ensino em Letras, trabalha a língua portuguesa em seus contextos de comunicação. Os falantes, nesse espaço de aprendizagem, alguns vêm elementos já conhecidos por eles, ou seja, os já utilizados em falas cotidianas. Ou apreendem outros, nunca visualizados e reconhecidos, devido a padronização da língua. A outra parte da linguagem, está para a área da Literatura, nesta o discente irá continuar seu processo leitor, o que seria o contato com as obras literárias, diluídas no ensino de processos históricos e autores canonizados, nesse sentido, é preciso que o professor (a) implique em sua prática, uma forma de pensar diferente do padronizado pela estrutura histórica circundante.

Ademais, por meio deste breve percurso introdutório, cabe citar, que em acréscimo aos primeiros desafios educacionais, o de participar do desenvolvimento integral dos estudantes que cursam esse componente curricular: Língua Portuguesa, houve o período pandêmico. Minha primeira prática pedagógica como estagiária no curso de Letras, aconteceu de forma remota mediada pelo componente curricular Prática Pedagógica II, nela foram formados grupos de estagiários para trabalhar o conteúdo de figuras

de linguagem, em uma turma de 7º ano, Fundamental II, de um segmento de ensino de uma cidade circunvizinha. O contexto, mesmo mediado a todo tempo por uma professora excelente, gerou alguns desafios: Como lidar com o novo? Como esse contexto remoto afetou as relações entre professor e aluno? Quais seriam as consequências pedagógicas da aprendizagem após a pandemia?

Após, algumas indagações iniciais, as oficinas aconteceram de forma remota, nelas, meu grupo a todo momento foi acompanhado pela professora, que mediava indagações aos alunos, sobre seus contextos de vida e a importância deste conteúdo para a correlação aos contextos de comunicação vividos por eles. Bem como, tivemos o espaço de produção efetiva de uma prática de ensino, de início os estudantes apresentavam-se de maneira receosa para abrirem os microfones e falarem e responderem as perguntas. Neste ponto, fica a indagação na mente do profissional, será que está acontecendo a aprendizagem? Porque diferentemente do contexto da sala de aula, em que a todo momento o professor pode olhar para seus alunos e perceber através de gestos, feições, algumas emoções e comportamentos que muitos tiveram dificuldades. O espaço virtual, com câmeras desligadas e microfones silenciados remetem a um isolamento profundo. É nesse ponto, que o espaço escolar influencia de maneira positiva o ensino, afinal a escola é um espaço de socialização para a aprendizagem. Muito além de conteúdos obrigatórios, este contato que ocorre na sala de aula entre professor/aluno fomenta a aprendizagem de forma significativa, caracterizando uma prática pedagógica efetiva.

Com relação ao conteúdo ministrado, percebeu-se que a escolha propiciou uma melhora a esse isolamento já citado anteriormente, trabalhamos as figuras de linguagem: Metáfora e comparação. Elas muito usadas no cotidiano da linguagem, foram contextualizadas ao processo de intertextualidade, que consiste na utilização de outros tipos de linguagem: imagens, outros textos e afins. Alguns memes foram selecionados, bem como figurinhas de bom dia, utilizadas por familiares nos grupos de *WhatsApp*, a intenção principal era impulsionar os comentários: “Minha tia me mandou um desses” ou “Quem nunca recebeu?” A ideia foi bem aceita por alguns que puderam comentar algo nesse sentido, aos demais, apenas foi

pensado pelos docentes em atividade que a “missão” foi concluída. Grande parte do que é aprendido no contexto de aprendizagem da faculdade, creio que não ensina o professor a lidar com esta indagação, será que a mensagem realmente aconteceu de forma efetiva? Assim, no decorrer da aula, foi percebido, também, que muitos estudantes precisam apenas de um olhar mais atento para contextualizações aos seus contextos de vida, é aqui que o profissional docente efetivamente irá cativar seus discentes, mediando o conhecimento de forma lúdica e interessante.

Por fim, através da escrita deste relato, revivi algumas memórias tão importantes para o meu eu professora de hoje, enquanto estagiária aprendemos em muitas situações de sala de aula, o exercício da docência. Muitas delas, penso que difíceis devido ao contexto de ser tudo muito novo, uma nova perspectiva sobre algo gera mais insegurança ao ser, foi tal premissa que norteou minhas experiências iniciais a docência, turmas desconhecidas, contexto remoto, câmeras desligadas e microfones silenciados, o detalhamento deste percurso parece ser desesperador. Mas, foi ele que proporcionou uma experiência excepcional, por mais que o momento tenha sido uma situação complicada. São nesses, em que o professor consolida seu eu docente, sua identidade, categoria que está a todo tempo sendo fragmentada pelas vivências.

Assim, percebe-se também, que ensinar um conteúdo, passa primeiramente, pelo contato com o outro, conhecer seu discente, é partilhar uma história, é fazer-se presente a alguém, no meu caso, na área de Letras, através da linguagem. Nessa perspectiva, o silêncio do isolamento profundo deixa de fazer sentido pleno e passa para uma categoria apenas de pensamento, e alguns casos de contexto. Por síntese, pondera-se que a pandemia modificou vários segmentos, e fragmentou diversas relações sociais, muitas são as consequências desse período histórico para os estudantes e professores que por ele passaram. Muitos deles, até na atualidade, possuem algumas dificuldades com relação à aprendizagem, falta de socialização, interpretação, a conteúdos específicos. A realidade da sala de aula, vem sendo discutida em muitos segmentos de ensino, no que consiste a educação brasileira, se percebe que levará muito tempo para conseguir reverter o atraso que já vinha sendo materializado nas aulas. Porém, através desse contexto, o im-

pulsionamento da tríade educacional: Escola, Família e Professor, devem estar em harmonia constante para atenuar os efeitos danosos do período pandêmico. Assim, adequar-se ao novo normal foi infinitamente difícil, mas foi preciso e sempre será esperar, é essa perspectiva que o professor deve ter para proporcionar um contexto de sua prática social aos bem afetados pelo seu caminho.

A PANDEMIA DO COVID-19, AS MUDANÇAS NA VIDA ACADÊMICA E AS PERSPECTIVAS FUTURAS

Odilon Leston Júnior

Em decorrência da pandemia do Covid-19, iniciada em dezembro de 2019, a educação global teve que se articular de uma nova maneira, na qual países desenvolvidos se adequaram rapidamente com as novas demandas sanitárias e voltaram suas aulas em poucos meses e até semanas. Todavia, um país desigual e sem interesse pela educação, obteve diversas maneiras de voltar às aulas. Alguns locais foram rápidos e se adaptaram em poucos meses, já em outros, deixaram instituições fechadas por quase um ano, demonstrando a falta de preparo e de vontade de agentes públicos e seus funcionários durante a pandemia, além da baixa remuneração que os professores recebem em nosso país.

No Brasil, as memórias da Educação sempre nos trazem à tona que atualmente a profissão de professor de Ensino Fundamental e Ensino Médio recebe R\$ 4.580,57 para o piso da categoria profissional quando o mesmo é cumprido, enquanto uma bolsa de doutorado não ultrapassa R\$ 3.100,00, uma vez que o salário mínimo nacional é em torno de R\$ 1.412,00, sendo estes valores fixados para uma jornada de trabalho de 40 horas semanais. Sabendo destas condições do mercado de trabalho para a docência, ao ingressar em determinadas carreiras, muitos jovens percebem que a jornada ocupacional trabalhista no Brasil está difícil, e que os índices de desempregados, desalentados e subempregos afligem um terço da população no país.

As bolsas de pós-graduação exigem dedicação exclusiva, logo não é permitido qualquer tipo de trabalho, não podendo ser cumulativo com esta bolsa. Ao nos depararmos com estes valores, imaginemos as condi-

ções que os estudantes brasileiros possuem para realizar suas pesquisas, demonstrando o altruísmo dos pesquisadores para desenvolverem bons artigos acadêmicos, participarem de eventos da comunidade científica e conseguirem subsistir. Lembremos também dessas realidades quando da pandemia do Covid-19 e estes valores de investimento em formação em nível de Pós-graduação, estavam há muito tempo defasados em função do descaso com a Educação que só se aprofundou entre meados de 2016 a dezembro de 2022.

Ao se deparar com esta dura realidade do mercado de trabalho, grande parcela dos jovens brasileiros busca pós-graduação com bolsas de estudos para sua subsistência e, assim, pleitear melhores cargos e salários na sua área de formação:

A questão da formação docente ao lado da reflexão sobre a prática educativo-progressiva em favor da autonomia do ser dos educandos é a temática central em torno de que gira este texto. Temática a que se incorpora a análise de saberes fundamentais àquela prática e aos quais espero que o leitor crítico acrescente alguns que me tenham escapado ou cuja importância não tenha percebido (Freire, 2007, p. 10).

Atualmente muitos jovens adultos, procurando empregos em universidades, centros de pesquisas, concursos públicos e demais áreas realizam cursos de stricto sensu de mestrado e doutorado. Ao observar a competitividade e a escassez no mercado de trabalho, potencializam sua formação, finalizando as etapas acadêmicas stricto sensu com idade aproximada ou inferior de 30 anos de idade, obtendo o maior título acadêmico no país, o Doutorado, onde percebe-se geralmente uma latente inexperiência como docente, sobretudo, quando da falta de oportunidades durante o recente período pandêmico:

A responsabilidade de sua formação contínua pelos interessados é um dos mais seguros sinais de profissionalização de um ofício. Do mesmo modo que a instalação de dispositivos que permitem a cada um prestar contas de seu trabalho a seus pares, assim como a uma hierarquia (Perrenoud, 2000, p. 179).

No Brasil, o pós-doutoramento é um estágio que pode ser realizado com diferentes prazos, podendo ser realizado em 3 três meses, 6 seis meses, um ano ou a depender das prorrogações destes estágios, pode se obter num período de 4 quatro anos. Esta realidade, assim como do tempo para cursar mestrado e doutorado, foi prorrogada para todos os discentes de pós-graduação, tendo em vista o conjunto de dificuldades psicológicas, tecnológicas, econômicas etc, em decorrência da respectiva pandemia do Covid-19.

Notadamente, desde 2017, mas em especial nos últimos anos, ocorreu a diminuição das oportunidades de emprego em universidades e redução no número das bolsas de pós-graduação, além da falta de recursos para o desenvolvimento de pesquisas, impossibilitando que muitos projetos fossem adiante ou que tivessem um tempo considerável em sua duração ou ampliação de estágio. Certamente que essa falta de valorização do profissional da docência também foi adensada por toda a pressão psicológica em cumprir determinadas responsabilidades quando de um momento singular em que a comunidade mundial foi acometida sanitariamente por tal pandemia.

A minha memória não deixa faltar que no momento em que estava vivendo, um dos nossos pontos principais foi destacar a importância do estágio de pós-doutorado e a sua interligação com o ambiente da pós-graduação *stricto sensu*, onde enquanto pós-doutorando realizei, junto ao supervisor, atividades vinculadas à prática docente, pesquisa e extensão.

No Brasil, conforme a Constituição Federal, as universidades têm como princípio para o seu funcionamento: “Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (Brasil, 1988).

De maneira evidente, o estágio permite ao discente vivenciar as experiências e dilemas de um professor universitário que necessita estar presente no curso de graduação e pós-graduação, onde algumas atividades podem ser realizadas em conjunto com alunos dos diferentes níveis, egressos ou não, que estão vinculados à instituição. Estes espaços, geralmente, são compartilhados em grupos de pesquisa e projetos de extensão, sendo todos eles afetados pelo isolamento pandêmico e, igualmente, por muitas mudanças sociais:

A profissionalização é uma transformação estrutural que ninguém pode dominar sozinho. Por isso, ela não se decreta, mesmo que as leis, os estatutos, as políticas da educação possam facilitar ou frear o processo. O que significa que a profissionalização de um ofício é uma aventura coletiva, mas que se desenrola também, largamente, através de opções pessoais dos professores, de seus projetos, de suas estratégias de formação. Tal é a complexidade das mudanças sociais: elas não são a simples soma de iniciativas individuais, nem a simples consequência de uma política centralizada (Perrenoud, 2000, p. 178).

Ao analisarmos as questões vinculadas ao ensino, os professores dos PPG's propõem discussões de textos bases atuais para realizarem suas provas e trabalhos elaborados, nos quais podemos evidenciar a qualidade e aprofundamento dos textos e das questões elaboradas nas atividades avaliativas, bem como, os trabalhos finais de algumas disciplinas, que são em formato de artigos que podem ser publicados em revistas acadêmicas ou que perfazem as dissertações e teses dos discentes. Porém, mesmo com o uso de novas tecnologias, nem todas as pessoas estavam preparadas psicologicamente ou tiveram condições materiais para conseguir acompanhar/suprir as demandas daquele triste momento mundial.

Esta memória formativa, é também composta pelos projetos de extensão que servem para aproximar as universidades da comunidade, possibilitando egressos, futuros alunos e toda a comunidade que deseja conhecer a universidade a participar de eventos que promovam o contato desta com o público em geral. Os minicursos, seminários, jornadas e oficinas promulgam o conhecimento pesquisado e elaborado nas universidades. Tendo em vista a necessidade do isolamento social, todas essas atividades de extensão, foram em sua maioria, substituídas por um número excessivo de lives sobre os mais diversos temas.

Estando do outro lado da mesa, acompanhando a rotina de um supervisor de pós-doutorado é possível observar os percalços e o excesso de trabalho destes profissionais. As universidades federais possuem a modalidade laboral de 40 horas com dedicação exclusiva. Todavia, ao analisarmos a existência dos projetos de pesquisa, de extensão, publicações acadêmicas, orientação de graduação e pós-graduação, observamos que,

facilmente, estes docentes orientam mais de oito trabalhos de mestrado e doutorado, além da docência na graduação e pós-graduação. Logo, quando analisamos esta rotina de trabalho no Brasil, percebemos que os professores sérios, dedicados e comprometidos com a educação, vão muito além das 40 horas contratadas, perpassando os três turnos diários, o que os obriga a fazer uso de seus finais de semana em prol do trabalho. Agora, vocês imaginem ter de dar conta de todo de forma remota de todo esse conjunto de demandas de trabalho e ainda sem valorização profissional. Ademais, esta foi a dura realidade que constatamos de perto quando da pandemia do Covid-19.

Assim, percebemos que a memória de nossa experiência do estágio de Pós-doutoramento torna-se cada vez mais relevante naquele contexto pandêmico, devido ao fato de muitos jovens doutores não conseguirem ingressar no mercado de trabalho universitário, gerando uma possibilidade de vivenciar as experiências universitárias que acontecem nos cursos de PPG's *stricto sensu*.

Podemos ter sobrevivido à pandemia, contudo, a educação brasileira ruiu com o despreparo institucional e pessoal, falta de vontade e interesse de muitos profissionais que comandavam a educação naquele período histórico e que pouco se importavam com os discentes. Agradeço por ter estudado na UnB (Universidade de Brasília), que desenvolveu métodos rápidos e primou pela educação pública, gratuita e de excelente qualidade.

Infelizmente, é necessário dizer que, caso não haja uma revisão e suporte financeiro em curto prazo, da política orçamentária e revisão dos cortes que ocorreram nos últimos anos, que afligiram as áreas da Educação, Ciência e Tecnologia, iremos perder excelentes pesquisadores e futuros professores universitários para outras profissões, onde o seu potencial não será aproveitado de forma plena e muitos destes pesquisadores se dirigirão ao embarque internacional dos aeroportos que estiverem geograficamente mais próximos de suas residências. Desta forma, a memória de ensino/educação que teremos do Brasil é que o mesmo irá exportar mão-de-obra qualificada por não conseguir pagar bolsas e salários dignos aos seus pesquisadores e docentes.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm acessado em: 22/01/2024
- BRASIL. **LEI Nº 11.645, de 10 Março de 2008**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm?msckid=0c0d30 acessado em: 05/08/2024[
- BRASIL. **Divulgado novo valor do piso salarial dos professores**. Piso Salarial Profissional Nacional do magistério público da educação básica para o exercício de 2024 terá reajuste de 3,6%. Novo valor mínimo é de R\$ 4.580,57. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/fevereiro/divulgado-novo-valor-do-piso-salarial-dos-professores> acessado em 07/08/2024
- BRASIL. **Tabela de valor de bolsas no país**. Disponível em: https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/bolsas-e-auxilios/copy_of_modalidades/tabela-de-valores-no-pais acessado em: 10/02/2023.
- CASTRO, Andrey Pereira de; MARINHO, Cíntia Andrade; SILVA, Maria Eneida da. A formação de professores de Pedagogia: discussões da indissociabilidade Pesquisa-Ensino-Extensão para o letramento. **Anais da VII Semana de Integração**. ISSN: 2359-7038 Inhumas: UEG, 2018, p. 189-199.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 6ª ed. Campinas: Autores Associados, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à pratica educativa**. 36ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- MERCIER, Alain. Didática e Pedagogia. In: ZANTEN, Agnès Van. **Dicionário de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

O VALOR DE UMA MEMÓRIA

Raquel de Souza Silva

Antes de iniciar meu relato de memória educacional em tempo de pandemia, enquanto estudante recém-ingressa na Universidade, é importante destacar as atribuições de valor de determinadas memórias individuais. No meu caso, percebo que só há quatro anos que atribui valor a algumas memórias em minha vida, lembro que antes da pandemia a memória não tinha valor, a exemplo do sorvete da feira ou a viagem de final de ano, era só uma lembrança, sem importância ou significado. Com o isolamento social, as placas, as instruções, as orientações, as conversas, os abraços e as pessoas ganharam outro sentido de valor, antes do confinamento eram só uma memória viva, depois desse período o significado dessas memórias foi redimensionado.

Demarcando uma temporalidade histórica em minha vida estudantil, relato aos leitores que o ano de 2020 se torna o início de uma nova temporada, em que me sinto preparada para uma nova jornada, direto do Ensino Médio para a faculdade, começa um novo ciclo em minha trajetória. Logo após meu ingresso na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), no campus Barreiras, cerca de um mês depois, tive que voltar para minha cidade natal, devido ao alastramento da pandemia de Covid-19, em março de 2020. A nova fase que minha vida estava prestes a entrar não era só da universidade, mas educacional, digo, uma educação filosófica, que culminou em um novo jeito de aprender e ensinar.

Exponho aqui, a minha primeira memória educacional em tempo de pandemia, exemplificada nas atividades remotas, no qual tudo era novo. Para mim, essas memórias hoje têm valor, a educação se transformou numa experiência que virou lição. Rememoro uma das primeiras aulas online que assisti durante esse período, minha câmera ficou ligada todo tempo,

até finalizar a aula. Era um ambiente novo, eu não sabia ao certo se deveria entender o conteúdo da disciplina da faculdade ou se deveria entender como seria o Ensino Remoto. Então eu vivi numa expectativa de felicidade futura, se a pandemia estava no presente e não me proporcionava estar fisicamente na faculdade, conhecer pessoas, participar de projetos, debater ciência, entendia que a felicidade estava no amanhã, no pós-pandemia, com retorno das aulas presenciais, depois na formatura, na aprovação em concursos, na seleção de mestrado, dentre outras possibilidades que um diploma universitário nos oferece.

Ao realizar esse exercício de escrita, descobri que, com o confinamento no período pandêmico, as minhas memórias do ensino ficaram confusas e confinadas também. Era tudo novo, era um ambiente de ensino, mas de confusão e insegurança. Como me tornaria uma profissional em casa?

Essa crise humanitária vivida por nós recentemente me propôs uma possibilidade: antes de mudar o mundo, mude a si. Então, compreendi o motivo do isolamento social e, por isso, a minha memória educacional surge primeiramente de um diálogo interno. Cada situação no Ensino Remoto se transformava em algo de valor tempos depois.

Me lembro que sempre que começava as aulas eram um motivo de expectativa de escutar um: amanhã retornaremos à universidade, então fui aprendendo a viver cada momento com muita expectativa.

A pandemia apagou parte das memórias que existiam, um tipo de reset, de pensar em reiniciar. Precisava reiniciar a forma de estudar, o modo de acessar as plataformas de aula, os *links* com os materiais das aulas, as provas de projetos na universidade. Tudo era muito novo, e havia muita insegurança em relação ao amanhã. A tríade passado-presente-futuro naquele momento era mediada pelos acontecimentos antes, durante e após a pandemia de Covid-19. Em que a esperança de dias melhores, para mim e para toda a humanidade, estava na erradicação dessa doença que dizimou milhares de vidas.

Assim, a memória de ensino que me remete a essa temporalidade histórica foi de muita dor, insegurança, novidade e necessidade de recomeçar e aprender, escutar mais e falar menos. Por trás de uma tela, todos que-

riam se expressar, falar seus anseios, suas dúvidas, suas dores e memórias. Muitos queriam falar, saber, ouvir e se comunicar, poucos sabiam ao certo até onde aquele cenário iria parar.

O confinamento proporcionou não apenas um espaço de isolamento, mas de reflexão. No contexto educacional, os professores ganham um papel de destaque, na medida que lideram, mediam e organizam as estratégias de ensino, mesmo em meio às dificuldades, da melhor forma possível. As especificidades da função de ser professor não puderam ser substituídas pelas famílias, pois nem todos os pais e familiares estavam aptos a orientar. Os professores estavam à frente de uma grande situação, liderar a ciência e os futuros cientistas no meio de uma pandemia. Eles não só deveriam ensinar, como também aprender e recomeçar. Mesmo sendo uma memória de 4 (quatro) anos atrás, lembro-me da boa orientação dos meus professores, da maestria no que faziam e no domínio pelo saber e sua divulgação.

Apesar de não ser a tal felicidade que esperava encontrar no tal futuro, era uma nova fase em minha vida, que ao escrever hoje sobre as memórias desta época pandêmica, pude destacar com precisão, e por esta razão, atribuir valor à memória. No período de pandemia, não ensinei, mas fui ensinada. Através da observação e das experiências, pude chegar na etapa de “lições aprendidas”. Destaco a atuação de alguns professores que se empenhavam muito, eles estudaram mais e solucionavam problemas relacionados ao aprendizado no formato remoto, visto que foi um cenário novo e incerto.

Certo dia, apresentei um trabalho online de uma determinada disciplina e pude colocar um efeito incrível e diferente, como se estivesse em outro lugar, o fundo era sensacional e eu estava mais bonita no efeito, a memória que tenho, é sobre sensação de conforto e felicidade imediata, com esse recurso digital, porém tudo dependia da conexão de internet da minha casa, outra possibilidade é que eu poderia falar com a câmera desligada, sem ficar nervosa pela exposição pública. No entanto, essa situação me gerou uma dúvida constante: depois, no formato presencial de ensino, qual imagem uso? Essa descaracterização do meu eu, proporcionada por esses recursos de apresentação, também nos fazem refletir sobre o uso das

tecnologias digitais na educação. Lembro-me da preocupação quando pensava que, ao encontrar os professores presencialmente, se teria uma avaliação do meu desempenho, além de uma tela, às vezes desligada.

No dia do seminário apresentado virtualmente, percebi a importância da imagem. No campo da insegurança que citei antes, seria pensando justamente no depois. Qual imagem uso? Pode ter efeito na vida real? Quando não estiver bem para apresentar um seminário ou fazer uma prova, devo desligar a câmara da vida real? São instigações simples, mas recorrentes, e que só chegaram na minha memória depois do cenário da pandemia.

Registro também que houve outras memórias que receberam determinada atribuição de valor, nas minhas vivências educacionais em tempos de pandemia, e são frutos hoje desse relato “*o valor de uma memória*”.

Nesta época recordo-me de uma entrevista que participei para seleção de um dos programas oferecidos pela universidade que eu estudo, o edital era composto por duas fases (prova escrita e entrevista), destaco como foi difícil me organizar para participar desta etapa, não pelo fato de manusear a tecnologia, esse não era o problema, mas ter a segurança de acessar o *link*, entrar na sala, fazer o que fosse solicitado e terminar a apresentação sem falha na conexão, que poderia ser um grande problema, ao ponto de provocar a minha desclassificação. O mundo acabaria naquele momento, era o que pensava. Se algo desse errado, se o planejamento não fosse cumprido, se tivesse instabilidade na rede, eu seria eliminada das aulas, dos projetos, da prova. Lembro que a redação foi feita com a câmera ligada, todos os olhos estavam atentos a qualquer sinal de erro e de consulta, e, além disso, atentos à falha. Se algo falhasse, qual justificativa poderia comprovar minha palavra?

O momento era instável, desorganizado e incoerente, cheio de novidades e mudanças. Estudar no período pandêmico era desafiador e complicado. Se o ambiente era inédito para nós, que jamais sonhamos em viver uma pandemia, esse se constituía também como caótico e representado por instabilidades, em diversos aspectos. Haja vista, que não era em todo lar que tinha um especialista em casa, não era todo jovem que tinha suporte necessário. As memórias educacionais em tempos de pandemia receberam valor e significado, bem como são passíveis de reflexão.

Havia uma margem de erro possível, de instabilidade e de insegurança. Todavia, se o cenário me ensinasse, e porventura, observasse com cautela e paciência poderia transformar as memórias negativas e das adversidades em situações de aprendizagens.

O reflexo do histórico escolar e dos impactos da pandemia na memória é evidente. E toda vez que aparece as consequências há dois caminhos que gostaria de relatar: transformar memória em relato ou não estar mais presente para relatar. De qualquer forma ainda estou relatando.

A memória do final da formatura do Ensino Médio é vivida, com o ingresso na universidade em 2020. As malas e o retorno para casa ainda estão vivos em minha mente. Todas as memórias relatadas estão relacionadas ao ensino, ou a busca por ele. O pensamento educacional serviu como base de sustentação para os sonhos, e o professor atua na linha de frente do cenário.

A organização, resultados e respostas prontas não surgiram em seguida, foram dias de dúvidas. Os especialistas são importantes, a juventude e a sociedade deveriam saber. Quem pode responder tais questões? Levantar tais dados ou análises? Orientar e mostrar qual a melhor rota a seguir? Nem todo lar mora um especialista, e nem em toda a casa tem um professor. A desistência educacional não parte só da falta de esforço individual e coletivo, mas às vezes do excesso dele.

Hoje a memória tem valor, porque um dia, para mim, ela nunca teve significado algum. Ver uma sala de aula, um livro e um professor era um costume, nunca antes, em meu caso, quebrado. Não havia necessidade de se preocupar com questões além do meu seio familiar, já que os problemas eles resolviam ou pediam ajuda. Todavia, quando todos estávamos confinados e não tínhamos respostas precisas, quem iria responder tais problemáticas?

Há memórias de ensino e/ou de educação que são importantes e que não relatei. Mas há conclusão que tenho da memória, de seu valor e que elas existem e marcaram por muito tempo minha vida.

VIVÊNCIAS DE UMA LICENCIANDA EM HISTÓRIA DURANTE A PANDEMIA: DESAFIOS E DESCOBERTAS

Rayane Catiuce Vilastro Alves

A chegada da COVID-19 foi um momento histórico e desafiador para o mundo. Os primeiros casos foram identificados no final de 2019, na cidade de Wuhan, na China, chegando oficialmente ao Brasil em fevereiro de 2020. No dia 11 de março do mesmo ano, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou oficialmente que estávamos vivendo uma pandemia, dada a rápida disseminação e gravidade da doença no contexto mundial.

A vida mudou de uma hora para outra, escolas e universidades fecharam suas portas, era preciso que quase todas as pessoas ficassem em suas casas, as máscaras e o álcool em gel se tornaram acessórios indispensáveis e os sistemas de saúde começaram a ficar sobrecarregados. Iniciaram os estudos para a produção de futuras vacinas, mas os testes demoraram até que conseguissem uma realidade de eficácia. As mortes aumentavam a cada dia de 2020, pois a doença não espera a produção de uma vacina e a angústia só continuava nos corações da população. Também começaram a surgir muitos questionamentos e poucas respostas sobre como seria dali em diante. Muitas pessoas nos leitos de hospitais, sem saber se iriam voltar para casa. Quantas vidas foram perdidas, caixões lacrados sem despedidas.

A pandemia também levou a grandes mudanças na educação. Naquele 11 de março de 2020, quando iniciava meu terceiro semestre no Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste da Bahia, tudo parou. E foi preciso que o sistema educacional do país se reinventasse, que os professores dominassem as novas tecnologias, já que o momento pedia que continuássemos isolados. Então, as instituições de ensino, cada uma ao seu tempo, foram se adaptando às atividades remotas.

Na UFOB, esse início se deu em setembro de 2020, depois de seis meses sem aulas. Para esse novo começo, foi preciso colocar wi-fi em casa, e mesmo sem nunca ter tido aula de informática, fui aprendendo aos poucos como um notebook funcionava. Para acompanhar as aulas da graduação, durante a semana eu ficava na zona urbana para ter acesso à internet e no final de semana eu andava cerca de doze quilômetros para ir para a zona rural, ficar junto da minha família. E assim, aconteceu por cerca de um ano, até que eu me casei e passei a morar de vez na cidade.

Diferente de uma graduação à distância, felizmente as aulas eram ao vivo (síncronas), sendo possível tirar dúvidas com os professores, porém, estávamos suscetíveis à queda de conexão da internet e distrações, o que diminuía o aproveitamento das aulas. E assim as atividades remotas seguiram até agosto de 2022.

Durante esse período, não cursei estágios supervisionados, como foi o caso de alguns colegas. Tive como experiência docente apenas as atividades desenvolvidas em duas Práticas de Ensino, sendo elas voltadas a História Moderna e à História Contemporânea, ambas ofertadas pelo Professor Anderson Dantas, que mesmo no período pandêmico, zelou por uma formação de professores voltada para a prática. Infelizmente, o momento nos impedia de estar no chão da sala de aula. O “chão” da sala virtual era bem diferente, em vez de um pincel e um apagador na mão, tínhamos um notebook, em vez de uma escola estávamos em casa e o nosso quarto virou uma sala de aula. Diante disso, aponto aqui que a experiência que mais me marcou durante a pandemia ocorreu no dia 29 de julho de 2021 e foi desenvolvida juntamente com o colega de licenciatura Gabriel Carneiro.

Naquela respectiva aula que correspondia à uma atividade de Prática de Ensino de História Moderna, voltada para a aquisição de experiência profissional, trabalhamos os objetos de conhecimento Renascimento Cultural e Humanismo em uma turma de 7º ano de uma escola pública. Até aí tudo normal, mas aquele momento foi muito especial e me marcou muito, além de ser a primeira vez que eu adentrava uma “sala de aula” como professora, eu nunca havia visto aqueles alunos pessoalmente e talvez nunca os veja, já que a tecnologia nos possibilitou “ir a diversos lugares” sem sair de casa. Os nossos alunos estudavam no Colégio Municipal Rita Juventina de

Souza, situado em uma pequena cidade do Rio Grande do Norte chamada Rui Barbosa. A turma foi cedida pela professora AluÍzia Freire, conterrânea de Estado de nosso professor.

Os alunos eram bem simpáticos e, mesmo a atividade sendo no turno oposto às suas aulas, alguns saíram de suas casas para ir assistir às nossas aulas na escola, já que não tinham acesso à internet. Esse empenho deles em assistir à aula de pessoas que eles nem conheciam, deixou o nosso coração quentinho. Mas, ao mesmo tempo, nos mostrou o quanto a nossa sociedade é desigual, já que um dos principais desafios do ensino à distância foi a falta de acesso a tecnologias. Nem todos os alunos tinham acesso à internet de qualidade ou a dispositivos adequados (como computadores ou tablets), especialmente em regiões mais pobres ou em áreas rurais. Essa desigualdade, gerou impactos no aprendizado e na educação de milhões de estudantes. Enquanto a Base Nacional Comum Curricular (2017) nos traz uma proposta de ensino igual para todos, acontecimentos como esse nos mostram o quanto isso está distante da realidade.

Retomando a minha experiência docente, a aula iniciou às 7h40 da manhã e contava com a presença de seis alunos. Nos apresentamos e, a partir daquele momento, buscamos desenvolver uma aula expositiva e dialogada, ou seja, instigamos a participação dos discentes por meio de questões norteadoras com o uso de slides para que os alunos compreendessem melhor o tema. Esse recurso didático nos permitiu fazer a exposição de ilustrações de obras renascentistas para que os alunos pudessem conhecê-las e, acima de tudo, que compreendessem suas características e conseguissem diferenciá-las das obras medievais. Contudo, no decorrer da aula percebemos que o slide e até mesmo nossa performance pessoal carecia de ajustes.

O próprio ato de trabalhar de forma remota tinha seus pontos negativos. Normalmente, os estudantes não queriam ligar suas câmeras, dessa forma não era possível saber se realmente eles estavam ali ou se estávamos conversando sozinhos. Falo isso do meu lugar de fala enquanto docente e estudante, tendo em vista que quantas vezes não assisti à aula completamente, pois paralelamente às vezes, me ocupava com atividades domésticas ou acabei dormindo durante a explanação dos professores, já que às vezes o cansaço chegava e me dominava. Fora a exaustão física,

tínhamos ainda o desgaste mental, visto estarmos em total isolamento do mundo. Essa sobrecarga, impactou diretamente a vida dos estudantes.

Ainda falando sobre a Prática de Ensino no formato remoto, lembro-me que, inicialmente, os estudantes da escola, assim como a atual professora que aqui descreve sua memória, compartilhavam uma certa timidez e nervosismo. Percebemos uma maior interação (pelo chat) quando se levantavam algumas questões norteadoras, uma vez que isso incluía o aluno na aula e fazia com que eles refletissem sobre algumas questões. Essa participação aumentou de forma significativa no momento final da aula, quando utilizamos um jogo didático para fixação do objeto de conhecimento pelos alunos, que compreendia um caça-palavras, em que eles deveriam encontrar doze termos sobre o Renascimento (todas as palavras foram abordadas em sala). Inicialmente, demos quinze minutos para que eles procurassem as palavras. Como não foi suficiente, demos um acréscimo de cinco minutos, mas mesmo assim eles não conseguiram resolver todo o jogo, mostrando que nossa explanação do conteúdo teve alguns déficits que precisavam ser trabalhados posteriormente.

Era algo simples, que apesar de não obter o resultado esperado, despertou a competitividade daqueles alunos. Como o passar da aula, todos estavam sorrindo, se divertindo e, no fim, os participantes queriam que aquele momento se repetisse. No chat eles diziam: “queremos vocês na próxima aula”. Infelizmente não tivemos esse “bis”. Hoje, aqueles alunos já estão no Ensino Médio, alguns até passaram em provas para estudar em institutos federais dos quais fiquei sabendo por postagens nas redes sociais.

Ao fim daquela aula nos reunimos para fazer um feedback, constatando que cometemos muitos erros, coisas que pareciam tão bem elaboradas na teoria, foram insuficientes na prática, todavia, também tivemos êxitos, fazendo com que houvesse uma maior participação dos alunos. Nesse sentido, este trabalho veio para me tirar da zona de conforto, uma vez que eu tive que sair dos bastidores e estreiar na sala de aula, mesmo que virtualmente. O nervosismo e a insegurança bateram forte, afinal, a primeira vez sempre vem recheada de emoções, mas no fim foi algo ímpar com muitas aprendizagens significativas para a minha formação como professora de História.

Por fim, a melhor parte foi vê-los pedindo para que voltássemos. Passei o dia todo sorrindo à toa. Foi uma experiência extraordinária, um motivacional para permanecer firme no meu Curso, pois ser uma docente sempre foi meu sonho, porém, até aquele momento eu ainda não tinha experienciado o ensino. São momentos como esse que nos dão forças para superar os obstáculos que surgem pelo caminho.

MINHAS MEMÓRIAS NO PERÍODO DA PANDEMIA

Renata Silva Sousa

Recordo que tudo começou para mim quando os noticiários comentavam a respeito de um vírus que contaminava as pessoas. Recordo quando eu e minha família estávamos viajando de férias em janeiro e algumas pessoas próximas comentavam sobre o assunto do vírus que estava circulando em outros países. As notícias diziam que era uma epidemia que iniciou na cidade de Wuhan, na China, e uma teoria se alarmou: um animal infectado por um vírus, transmitindo a doença para os seres humanos. Era um vírus criado em um laboratório. Porém, naquele período constataram que a transmissão acontecia também entre seres humanos.

Assistimos os jornais, mas sem dar muita credibilidade que a doença do coronavírus atingiria o Brasil. Até então tudo tranquilo, essa pandemia não iria interferir na nossa vida, afinal de contas, eu, amigos e familiares, acreditávamos que essa terrível doença não chegaria na nossa cidade de Barreiras-BA.

Em fevereiro, o carnaval no Rio de Janeiro e em Salvador acontecia com alegria, muita festa, mas os noticiários começaram a evidenciar o que já acontecia na pandemia em outros países. Não tínhamos ideia do que estava por vir ou de quão grave seria essa pandemia. A doença começou a se disseminar de forma rápida, até que a Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020 decretou a pandemia. A doença se disseminou de forma rápida em um curto espaço de tempo.

Essa recordação jamais esquecerei, exatamente no dia 18 de março e lembro muito bem desse dia!! Uma quarta-feira dia 18 de março, eu trabalhava no turno vespertino, a aula ocorria de forma natural como se nada estivesse ocorrendo quando o inspetor chegou na sala com orientação da diretora na época para liberar os alunos, não recordo o horário correto, mas

enfim, fiquei sem entender. A escola recebeu um comunicado da Secretaria de Educação e nós professores também fomos orientados a ir para casa.

Parecia mentira e ao mesmo tempo surgia um sentimento de medo e aflição para com uma doença misteriosa. As dúvidas surgiam e sem muita certeza do que estava ocorrendo nos levava a ficar atentos aos telejornais. Daí em diante, as recomendações oficiais da Secretaria de Saúde de Barreiras era a de que não deveríamos sair. O comércio de modo geral, as escolas pararam de funcionar, o isolamento social cada dia mais intenso, o isolamento entre os familiares também causou um grande impacto.

Lembro que, com o passar dos dias e meses sem recordar datas específicas, as roupas e sapatos deveriam ser retirados antes de entrar em casa. As máscaras deveriam ser trocadas a cada uso. As frutas e verduras deveriam ser lavadas rigorosamente. As recomendações para ficar em casa, sem festa, sem lazer, permanecia ao longo de alguns meses. A ansiedade e o medo se desenvolviam no isolamento social.

Diante desse quadro, começou a liberar de forma parcial a abertura do comércio. A partir desse momento, ainda sem trabalhar nas escolas de modo presencial, para não ficar em casa o tempo todo, decidi fazer um curso de bolos confeitados e salgados, o que foi uma grande aprendizagem que valeu a pena. Talvez não teria feito se não fosse a pandemia! A minha vida mudou, então precisava me ocupar com alguma atividade extra. Essa parte influenciou de forma positiva o meu dia a dia por ter causado um aprendizado que enriqueceu o meu tempo ocioso. Foram muitos doces e salgados feitos para minha família! Esposo e filhos em casa sempre conectados com o celular para passar o tempo.

Não demorou muito, no tempo de pandemia as aulas precisavam retornar de forma não presencial, as chamadas aulas remotas mediadas pela tecnologia. Precisei então ter um celular compatível para atender ao novo contexto das aulas. Começou desse modo a surgir as dificuldades tanto por professores, quanto por alunos. Inicialmente não sabíamos como utilizar as ferramentas *google forms*, ou *google meet* para fazer uso das aulas gravadas ou até mesmo presencial perante a tela do computador. Não houve orientação técnica por parte da Secretaria de Educação e as consultas para tirar as dúvidas ocorriam entre professores e coordenação.

As demandas começaram a aumentar a cada semana e a rotina seguia com compromisso e também muita exaustão. Assim como nas aulas presenciais, os planos, a frequência, as fichas com o preenchimento de conteúdos, eram quinzenalmente enviadas à coordenação das escolas do município as quais trabalhava. Recordo que as atividades eram enviadas para os alunos por meio do *WhatsApp* e os alunos registravam suas respostas através de fotos no caderno. Penso como foi difícil para os estudantes realizarem na disciplina de Língua Inglesa sem uma mediação do professor de forma presencial.

Muitas vezes as aulas com a minha explicação eram gravadas para que eles se sentissem seguros para responder as tarefas com êxito. Outra maneira de correção das atividades, era o uso do pincel colorido do próprio aplicativo do celular com a finalidade de dar o *feedback* aos alunos, e eram muitas atividades para correção diariamente. Além desses desafios, havia ainda os incômodos tarde da noite e os finais de semana de pais e alunos retirando dúvidas ou enviando as atividades para o *WhatsApp*, precisávamos colocar as regras de horários para o envio das atividades propostas.

As semanas de provas também passaram a ser uma exigência essencial e obrigatória, o google forms foi uma ferramenta que facilitou o meu trabalho, as provas eram corrigidas com mais facilidade, porém, não sabíamos até que ponto essas avaliações garantiam a aprendizagem dos alunos pois esses estudantes tinham acesso a internet e podiam obter as respostas consultando outras fontes de pesquisa. Mas, independentemente de qualquer nota ou conceito, eram aprovados automaticamente.

Estamos falando sobre os alunos que tinham acesso aos recursos tecnológicos, tinha um celular dos pais, ou aqueles pais que fizeram sacrifícios para a compra de celular por conta das aulas *on-line*. Mas não eram todos os participantes desse processo que tinham condições financeiras, apesar da era digital, os alunos da zona rural não estavam presentes nas aulas para a nova modalidade, pois a maioria não tinha os recursos tecnológicos e apoio ou suporte das instituições de ensino do município para adaptar a vida escolar do discente, onde o cenário não era acolhedor, cada um se orientava da maneira que podia.

Alguns alunos relataram que para assistir às aulas era preciso caminhar até o morro mais alto para alcançar a *internet*, outros pediam senha

de *wi-fi* do vizinho. Outra situação, os pais tinham um celular para dois ou três filhos, isso quando estavam em casa no período da noite, porque durante o dia os pais precisavam sair para trabalhar.

Com o passar dos meses, presenciemos a ausência de alunos com mais frequência nas aulas remotas, se escondiam atrás das telas ou nem mesmo estavam por ali para interagir com o professor e a aula era concluída com uma sala virtual vazia. Mesmo com o modo semipresencial, muitos alunos não frequentavam as aulas por medo da pandemia, e assim a evasão era notória no nosso ambiente escolar. Lembro que nós professores precisávamos ir em busca dos alunos ausentes, fazíamos as buscas através do *WhatsApp* para recuperar nossos alunos que estavam em casa.

Aos poucos, as aulas no modo presencial foram se concretizando, porém, com o uso obrigatório de máscaras, álcool em gel, distanciamento entre as carteiras e professores. Aqueles rostos se escondiam e não se manifestavam, não interagiam com os professores, parecia um monólogo que dirigia a mim, e somente nossos olhares falavam. Percebemos muitos alunos com depressão e ansiedade diante de uma pandemia que causou medo, angústia e insegurança de maneira incontrollável e que repercute em nossa realidade escolar até hoje nos estudantes e também na vida do professor.

Mas não foi só os sentimentos ruins gerados, mas o déficit de alfabetização se estendeu com um número elevado de crianças sem saber ler e escrever, e hoje percebemos o grau de dificuldade que esses alunos estão tendo durante as aulas. Os alunos não estavam prontos para conduzir seus estudos de forma autônoma, muitos deles não tinham autonomia própria para aprender os objetos de conhecimento mesmo aqueles que sabiam lidar com os jogos eletrônicos no celular. As dúvidas eram sanadas pelo professor, era só o professor que naquele momento com seu conhecimento poderia acolher, significar, solucionar as dificuldades dos estudantes, os quais se encontravam isolados daquele período pandêmico.

O acontecimento pandêmico no nosso meio político, no trabalho, na cultura e principalmente na saúde e educação impactou a todos em diversas situações negativas, desde o fator financeiro até a vida psicológica do ser humano.

Não esqueceremos, no entanto, de tantos momentos ruins, das mortes dos nossos entes queridos e amigos que deixaram saudades por causa deste triste vírus que nos causou muito mal, porém, não devemos deixar de mencionar nós professores durante a pandemia, apesar de uma situação assustadora, nos proporcionou como educadora novos aprendizados, me ensinou a transpor desafios e enfrentar os obstáculos.

MINHAS MEMÓRIAS DA PANDEMIA COVID-19

Rosenilta Barbosa de Oliveira

Este é um recorte relevante da minha trajetória como profissional da Educação durante a pandemia da Covid-19. Como sujeito que faz parte da história e constrói sua própria caminhada, vivenciei uma experiência que jamais esquecerei, dona de uma memória seletiva, tenho o dom de guardar somente memórias felizes, afetivas e que me remetam a bons momentos. Contudo, vou tentar buscar nas minhas poucas lacunas um momento da minha história que para mim e para o mundo foi uma experiência inédita e impactante.

Assim, quero iniciar minha linha do tempo. Era início de janeiro de 2020, passando minhas férias com minha irmã, meu cunhado e meus dois sobrinhos, desbravamos as praias remotas ainda preservadas da pequena e cativante cidade de Luís Correia, no Piauí, e depois seguimos para Jericoacoara (paraíso tropical Cearense), em Jijoca-CE. Guardarei para sempre boas e deliciosas memórias dessas férias, viagem maravilhosa por terras distantes, em que me senti relaxada e revigorada por adentrar as águas do mar em um descanso merecido. Após 15 (quinze) dias, já era hora de voltar para casa, “Home sweet home”.

Finalmente, de volta para nossa calorosa Barreiras de “açúcar”, do meu agrado, otimista que sou, era hora de me preparar para mais um ano letivo. Agora, faltavam poucos dias para o início de um novo ano letivo. Com a energia de sempre, me preparei para mais um ano... Me chamo Rosenilta, mas para alguns simplesmente Rose, coordenadora da etapa Educação Infantil de uma escola municipal, na cidade de Luís Eduardo Magalhães-BA, a 90 km de Barreiras-BA, cidade onde resido.

Iniciamos o ano letivo em fevereiro de 2020 com grandes expectativas, esperança e entusiasmo. Era mais um ano em que havíamos planejado nosso calendário interno, no qual nosso trabalho como docentes e gestores estava todo preparado e organizado para começar com o acolhimento dos nossos estudantes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental (Anos Iniciais) e prosseguir normalmente com nossas atividades para alcançar aprendizagens significativas.

Eu, como de costume, viajo 90 km todos os dias para meu trabalho, essa é minha rotina diária normal. Recordo que naquele ano quando começou a veicular as primeiras notícias de um vírus desconhecido e de pessoas infectadas na China, foram muitos os rumores, burburinhos e especulações em nossa região, especialmente a partir das primeiras contaminações no Brasil, inclusive, fiquei sabendo da real situação entre os passageiros da van (transporte utilizado por mim e por muitos colegas de profissão) sobre o possível fechamento das estradas, suspensão de transporte intermunicipal e também da paralisação das aulas.

Lembro como se fosse hoje, era 17 de março de 2020, eu dentro do ônibus voltando para Barreiras, por volta de 17:45 da tarde recebi a mensagem no grupo de WhatsApp da escola, o 1º decreto do Ministério da Educação sobre a suspensão das aulas, que dizia: “Em 17 de março de 2020, o Ministério da Educação do Brasil emitiu a Portaria n.º 343, que autorizou a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais durante a pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19)”.

Sinal de que dias difíceis estavam por vir, um inimigo invisível e desconhecido estava entre nós e o mundo. O que fazer? Questionavam-se governantes, cientistas, médicos, educadores e todos os povos da terra. O mundo estava prestes a colapsar. Os tementes a Deus se perguntavam “será o apocalipse”? Será o fim dos tempos? Dessa forma, iniciou-se a corrida e a busca incessante e incansável pela cura. Eram tempos difíceis, incertos, tudo era caos, o mundo colapsou, todos dentro de casa em isolamento social, ninguém saía, ninguém entrava... Uso de máscaras descartáveis, álcool em gel, centenas de milhares de mortos pelo mundo, no Brasil, no Estado, em Barreiras e nas cidades vizinhas, perdemos amigos, colegas e familiares. O inimigo era mortal e havia chegado para ficar. Até hoje, viajo com máscaras e álcool gel na minha bolsa (jamais esquecerei esses dias de incertezas).

Desses dias temerosos, lembro-me com tristeza da difícil decisão de não retornar para casa de meus pais, que na ocasião já eram idosos e com comorbidades. Tive que passar uma longa temporada sem eles por amor e para protegê-los da contaminação. Fui praticamente obrigada a me mudar de forma antecipada para meu novo e temporário lar, e me adaptar a outra realidade. Filha de mãe fervorosa e temente a Deus, comecei juntamente com meus irmãos de fé a rezar pela minha família e pela humanidade, isso tudo de forma remota, digital... Continuei confiante e otimista, trabalhando remotamente e também, de forma presencial (por ocupar um cargo de gestão), a divisão do trabalho se deu por meio de escalas, afinal, era necessário que permanecesse um grupo reduzido de pessoas nas escolas para entregar e receber as atividades assíncronas. Assim, continuei seguindo os meus dias durante o período pandêmico com fé e esperança.

No trabalho como coordenadora, tive que lidar com colegas ansiosos, analógicos e despreparados para lidar com as tecnologias. Tive que proteger minhas emoções e mergulhar nas profundezas de águas nunca antes navegadas. Naquele momento de dor e tristeza, tive que ser “psicóloga” de muitos colegas que não conseguiam lidar com o turbilhão de coisas, as quais fomos apresentados inesperadamente e tivemos que nos reinventar de novo. O *Novo Normal* chegou e veio para ficar. Só me restava dar as “boas-vindas ao novo tempo”. Lembro muitas vezes de dizer para os meus colegas professores “você conseguem! Peçam aos seus filhos, netos ou sobrinhos para baixarem os aplicativos”. O meu discurso para animá-los a seguir em frente era: “Eu estou aqui. Ninguém larga a mão de ninguém. Vamos aprender juntos”. Sempre tive resiliência, fé e otimismo diante das diversidades, principalmente para lidar com os pais e as crianças ansiosas para voltar para a escola, desabafos nos grupos de WhatsApp etc. Outros diziam: “Como você consegue se manter motivada e paciente diante de tudo isso?” Nos dias em que era preciso trabalhar de forma presencial, quando estava de volta para casa, dentro da van, no íntimo da minha alma, mentalizava: “Querido Deus, mais um dia vencido, tenha misericórdia de mim, da minha família e do mundo inteiro” e assim foram se passando os dias. Eu, além de correr o risco de me contaminar com o vírus, também corria riscos na estrada, no trajeto, no trânsito.

Durante a pandemia, tive que desenvolver e aprimorar muitas habilidades e aprender a preencher o tempo com coisas que eu nunca tive tempo de fazer, “cuidar das plantas, decorar minha casa e assistir aos filmes favoritos”. No meu lar temporário, aprendi muitas coisas, uma delas foi a se aventurar “na culinária”. Tempos difíceis sim. Mas, de muito aprendizado.

Finalmente, voltamos às aulas presenciais, dois longos anos sem os colegas, sem os alunos... Vestidos de esperança, recomeçaram timidamente e gradativamente mais confiantes, vacinados e agora era correr atrás dos prejuízos, pois tínhamos de recuperar os dois anos perdidos e segundo especialistas agora “serão cinco anos ou mais” não tenho muita certeza dessa informação para reconstruir tudo que ficou para atrás, estamos seguindo em frente. Pois, apesar das perdas, dos lutos, da tristeza e dor, é preciso ter resiliência e coragem para seguir com a vida. Como diz o ditado popular: “não há mal que dure para sempre, nem bem que nunca se acabe”.

Eu defino essa experiência, como um grande *Ensaio reflexivo* para a humanidade, em que devemos rever conceitos e aprender com o caos. Independentemente da cor, etnia, credo ou classe social, a certeza que temos é que somos todos vulneráveis. Eu sobrevivi ao caos, penso que nesses momentos difíceis é preciso ter alguém ou algo em que acreditar. Deus, Ciência ou os dois juntos. Precisamos evoluir e a cada dia, sermos pessoas melhores do que ontem. E assim, termino essa escrita de memórias sobre a minha trajetória durante a pandemia. Tenho certeza de uma premissa: “Pobre mortal, é o que sou”.

REFERÊNCIA

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Brasília, 2020.

MINHAS MEMÓRIAS DE ENSINO EM TEMPO DE PANDEMIA: O ENSINO REMOTO MARCADO PELO MEDO E INCERTEZAS

Rosimaria Barbosa de Oliveira Moura

Com uma estrutura microscópica, um poderoso “gigante” alastrou-se pela terra, interferindo drasticamente na vida humana ao causar dor, pânico, medo, terror e morte. Esse pequeno organismo acelular, formado basicamente por proteínas e ácido nucléico, surgiu de forma preocupante em dezembro de 2019. Denominado pela ciência como SARS-CoV-2, que é um vírus da família do coronavírus, ocasionou a doença chamada Covid-19, cujo principal sintoma é a síndrome respiratória aguda grave, a qual rapidamente se espalhou pelo mundo, provocando a morte de milhares de pessoas de diferentes faixas etárias.

Essa definição assustadora refere-se à Pandemia da Covid-19, vivenciada pelos seres humanos entre os anos 2019 a 2022, alterando repentinamente a rotina das pessoas. A proliferação do vírus e o alastramento da doença, impulsionou autoridades do Brasil e do Mundo a estabelecerem medidas de segurança de combate ao novo coronavírus. Termos como quarentena, isolamento, *lockdown*, distanciamento social se tornaram parte do nosso cotidiano naquele período.

Todos os setores da sociedade sofreram interrupções em seu funcionamento, exceto os considerados serviços essenciais. Vale lembrar que, essa definição de essencialidade era determinada por decretos nacionais, estaduais e municipais conforme aumento ou diminuição de casos.

Ao descrever esse momento, um mister de dor e indignação tomou conta do meu ser, pois são memórias tristes e dolorosas que muitas vezes preferimos esquecer, no entanto, concordamos com o antropólogo Jöel Candau que diz “sem memória o sujeito esvazia, vive unicamente o mo-

mento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece” (Candau, 2011, p. 60). Não podemos esquecer desse momento da nossa história, pois trouxe muitas reflexões sobre nossa atuação no mundo, sobretudo no sentido de pensar estratégias e soluções para o enfrentamento de uma das maiores crises sanitárias que o mundo presenciou recentemente com a pandemia da Covid-19.

É salutar dizer que, a presença viva dessas memórias pode salvar vidas, nosso “bem mais precioso”, a exemplo dos protocolos de segurança para evitar a contaminação, a busca do conhecimento científico que fora construído nesse momento de dor e desespero. Nesse sentido, é pertinente lembrar que “[...] memória é a reflexão do homem sobre sua vida e seu tempo” (Delgado, 2010, p. 48).

Em meio às incertezas, dúvidas e incompreensões produzidas na época, é impossível não refletirmos sobre esse período, pois não podemos esquecer as ações negacionistas que direta ou indiretamente causaram milhares de mortes, em especial no Brasil, em que a negação da própria doença e também da eficácia da vacina impediram e prorrogaram as medidas de enfrentamento da pandemia por parte do Governo Federal a ponto das lideranças de muitos Estados brasileiros atuarem de forma independente e contrária ao negacionismo do então presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022). Essa situação nos faz lembrar as tentativas institucionais de manipulação da memória, que na definição do antropólogo francês Candau “[...] memória sempre é um instrumento político de primeira grandeza cuja utilização sistemática para fins de falsificação geralmente leva à assinatura dos regimes autoritários, propensos a adotar lógicas orwellianas” (Candau, 2012, p. 852).

Portanto, discutir e refletir sobre o período pandêmico vivido recentemente é reativar inúmeras memórias a exemplo daquelas tristes e dolorosas (falecimento de entes queridos, contaminação pelo vírus, uso diário de máscara facial, isolamento social etc.); memórias de indignação e revoltas (morosidade de políticas públicas para contenção da doença); memórias de resistência e solidariedade (atuação dos profissionais da saúde, apoio familiar); memórias de fé e esperança (crença em dias melhores, criação da vacina) dentre outras lembranças que permearam nossas vidas.

Contudo, a principal memória que esse texto pretende trazer são as minhas vivências educacionais em tempo de pandemia enquanto professora da Educação Básica em um município baiano, haja vista que a área educacional também sofreu alterações em seu funcionamento, com o fechamento das escolas em março de 2020, por tempo indeterminado. Vivenciamos situações inéditas em nossa trajetória escolar, seja na condição de discentes, docentes, gestores, enfim, toda a comunidade educacional foi abruptamente encaminhada a um universo desconhecido, inaugurando-se naquele momento o que condicionamos chamar de novo normal ao abandonar o formato presencial de estudo e aprendizagem estabelecido e organizado há séculos para emergirmos nos meandros do Ensino Remoto (ER).

Essa modificação na *Cultura Escolar*, descrita por Dominique Julia (2001, p. 09) “como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, é um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”, estabeleceu as novas regras nas relações de ensino-aprendizado, cujos dispositivos eletrônicos (celulares, computadores, *tablets*) e o acesso à internet foram, naquela nefasta situação, os únicos meios possíveis de alcançar os discentes em seus lares na tentativa de ensinar e aprender. Tudo isso confirma a ideia de que “normas e práticas coordenadas a finalidades podem variar segundo as épocas” (Julia, 2001, p. 10).

Assim, em uma situação emergencial como a que vivenciamos no período pandêmico, instituir o Ensino Remoto não foi tarefa fácil para a escola, talvez tenha sido a equação mais difícil de resolver, pois não estávamos acostumados com as especificidades dessa nova modalidade e tivemos que nos reinventar, desdobrar em meio ao medo que nos assolava. Nesse sentido, é pertinente trazer a definição desse novo formato de ensino que passou a fazer parte de nossos dias no período da pandemia:

O ensino remoto (ER) não é sinônimo de aulas gravadas e transmitidas online, mas é caracterizado por aulas em que as interações com o professor se dão por meio de recursos com TDIC como videoconferências, lives² etc. As aulas, nesse caso, ocorrem em tempo real, baseadas em princípios da educação presencial como a manutenção do horário de aulas do professor da disciplina (Fernandes *et al.*, 2020).

O fechamento das escolas no município em que residio e trabalho, deu-se no dia 20 de março de 2020, logo após a expedição do decreto do governo baiano, representado pelo então governador Rui Costa (PT), em que determinava a adoção dessa medida como meio de impedir a disseminação da doença entre a comunidade escolar da rede estadual, cuja orientação foi seguida pela esfera municipal que interrompeu as aulas nas unidades escolares públicas e privadas. A princípio, não houve nenhuma recomendação, reunião ou planejamento para implementação do Ensino Remoto (ER) na rede municipal em que trabalho, pois a situação era de incerteza e medo.

À medida que os casos foram aumentando no primeiro ano da pandemia, ficou evidente que essa situação iria perdurar por mais tempo do que imaginávamos, sendo assim, a Secretaria Municipal de Educação instituiu algumas orientações para dar prosseguimento ao ano letivo de 2020. A Unidade escolar da qual fazia parte e ainda hoje nela trabalho, expediu um comunicado via grupo de *WhatsApp* solicitando aos professores que fizessem uma busca ativa dos alunos por meio de uma lista com os números telefônicos das famílias para estabelecermos a comunicação necessária. Nós, professores, coordenação e gestão, nos empenhados em manter contato com os estudantes, formamos grupos nas redes sociais para as turmas do Ensino Fundamental – Anos Finais (do 6º ao 9º ano), etapa que atuo como professora de História.

Após esse reordenamento, ficou mais fácil a comunicação entre docentes, famílias e discentes. Cada professor foi instruído a planejar suas tarefas de forma escrita e com orientações bem detalhadas, haja vista que as atividades eram assíncronas e muitos não tinham a oportunidade de retirar dúvidas devido aos problemas de acesso à internet. Por meses, essa foi a dinâmica na minha escola com organização semanal de bloco de atividades e distribuição aos estudantes por parte da equipe gestora, quando fosse possível. Vale lembrar que, o nível das questões das tarefas era bem simples, por dois motivos: primeiro, a escola não ofertou aulas on-line inicialmente, apenas retirávamos as dúvidas por meio de mensagens de texto, via *WhatsApp*, tanto no privado como nos grupos das turmas. E segundo, não queríamos desencorajar os alunos com atividades complicadas, com receio da sua não realização ou desistência.

Outra ação na busca ativa pelos estudantes ocorreu por meio de comunicados veiculados em carro de som (pago pelos professores) e *cards* divulgados nas redes sociais convocando as famílias a se dirigirem à escola para pegarem os blocos com as atividades remotas. Todas as tentativas não foram suficientes para impedir a gritante evasão escolar que atingiu nossa escola naquele ano. Um dos fatores que justifica essa taxa ter sido tão alta foi a questão da espacialidade geográfica em que a escola está inserida, em meio a bairros de zona periférica e ser um ambiente acometido pela vulnerabilidade social, cuja desigualdade se acentuou ainda mais com a pandemia. Muitas dessas famílias, de baixa renda, estavam mais preocupadas com a forma de garantir o alimento em sua mesa do que investir na compra de dispositivos para assistir às aulas.

A falta de recursos financeiros e tecnológicos enfrentada por nós professores e alunos foi um empecilho na execução das aulas e, consequentemente, na garantia da aprendizagem. A gestão municipal não ofertou aparelhos eletrônicos para os educandos que necessitavam. Essa realidade foi um pouco amenizada com a política pública do auxílio emergencial destinado às pessoas de baixa renda, das quais o nosso público faz parte.

Com a impossibilidade de realização das aulas em ambientes virtuais resolvi, por iniciativa própria, criar um canal no *YouTube* para postar vídeo aulas. Recordo-me que imprimia um esforço enorme para organizar as gravações e depois a edição, cuja atividade tomava muito tempo, embora não me faltasse devido ao isolamento social. Tudo isso era bom, pois precisava preencher o vazio que ficou pela ausência do chão da escola. Contudo, reconheço que, apesar da dedicação e empenho, essa também foi uma ação malsucedida, o canal teve pouquíssimos acessos por parte dos estudantes e não atingiu o objetivo para o qual fora criado.

Meses se passaram nessa situação. A preocupação e a ansiedade aumentavam a cada dia. Uma reunião pedagógica com a gestão escolar foi necessária para a realização de novos encaminhamentos. Diante disso, o corpo docente resolveu implementar a prática das aulas *on-line* que, aos poucos, foram sendo aderidas pelos nossos educandos. Tínhamos um cronograma especial de aulas distribuídas semanalmente, que aconteciam apenas em um horário específico e atendiam aos dois turnos de funcionamento, ou

seja, estudantes do matutino e vespertino de um mesmo segmento assistiam às aulas em um mesmo ambiente virtual. Essa dinâmica permaneceu até o retorno das aulas presenciais. Sobre essa alteração no ensino, Malton Fuckner (2020) comenta:

A disposição dos estudantes na sala foi alterada, a interação dos estudantes entre si e com o professor também. Da tradicional posição em filas, passou-se para videoconferências e trilhas educacionais, formas de interação modificadas, incluindo-se a opinião individual ao vivo ou em particular (Fuckner, 2020, p. 134).

Mesmo com o estabelecimento das atividades síncronas por meio das aulas virtuais, não podemos dizer que houve a aprendizagem esperada de acordo com nossos planejamentos e intencionalidades, porém a decisão de manter o contato com os alunos foi acertada evitando que os poucos participantes do ensino remoto evadissem da escola. Ademais, reencontrá-los, mesmo que virtualmente, foi bastante significativo naquele momento em que todos estavam abalados psicologicamente. Aqui, o ato de ensinar ganha um outro sentido, transcende a mera função conteudística e passa a exercer sua função social, na qual nos preocupamos uns com os outros mesmo sendo via tela, afastados fisicamente. O mais valioso é que passamos informações relevantes, conhecimento, a exemplo de como se proteger do vírus, da necessidade do isolamento social, mensagens de esperança e solidariedade.

Na esteira das dificuldades encontradas no período pandêmico, deparamo-nos também com a falta de formação dos professores para o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC). Era comum colegas não dominarem-nas, ao passo que tivemos que criar redes de apoio para dar suporte por meio de tutoriais, telefonemas ou mensagens de textos ensinando a usar determinada ferramenta. E com essa dinâmica fomos, aos poucos, incorporando as tecnologias em nossa rotina escolar. Nesse sentido, Fuckner (2020) explicita:

Assim, o ensino remoto necessita de uma mediação didático-pedagógica que faz uso das TDIC entre professores e estudantes, promovendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (aulas assíncronas), o que é reafirmado

no decreto 5.622 de 19 de dezembro de 2005, artigo 1º; ressalta-se que esta característica está presente também na EAD (Fuckner, 2020, p. 131).

Com o relaxamento das medidas de segurança devido à diminuição dos casos, o Decreto n.º 281, de 30 de novembro de 2020, publicado pela Prefeitura de Barreiras-BA, trouxe novas medidas sobre as atividades educacionais e esportivas durante o período de enfrentamento à pandemia do novo Coronavírus. O documento oficial estabeleceu os cuidados que deveriam ser tomados e os prazos para apresentação do Plano de Segurança Sanitária Escolar que toda unidade de ensino precisava elaborar para a retomada das aulas presenciais.

Conforme estabelecido no Artigo 3º, as aulas presenciais poderiam ser retomadas a partir do dia 4 (quatro) de janeiro de 2021, mas os pais ou responsáveis pelos alunos também poderiam optar pela continuidade do modelo de ensino híbrido com atividades à distância. A rotina dentro do espaço escolar foi readaptada com grupos menores de 50% (cinquenta por cento) estudantes em dias alternados, considerando o distanciamento social em sala.

Finalizamos o ano letivo de 2020, no ano seguinte, em que a Medida Provisória 934 flexibilizou a distribuição da carga horária da Educação Básica e Superior em um período diferente aos 200 (duzentos) dias letivos previstos em lei. Na rede municipal, cumprimos as 800h/aulas com atividades remotas síncronas e assíncronas, no formato de ensino híbrido.

O ano letivo de 2021 também foi conturbado. Ora reabria as escolas, ora fechava, e seguimos assim até o efeito da vacina imunizar mais e mais pessoas, visando controlar a situação. Diante disso, o retorno do ensino presencial foi reestabelecido em sua integridade só no ano de 2022, sem interrupções.

Ainda hoje, sentimos os efeitos negativos causados pela pandemia na área educacional quando nos deparamos com o baixo rendimento escolar, crianças desestimuladas e com sérias dificuldades relacionadas à leitura e escrita, interpretação, raciocínio lógico, capacidade analítica, dentre outras habilidades não adquiridas naquele período e que até agora não foram sanadas. Além disso, o uso do celular se tornou viciante, parece uma célula que faz parte do corpo dos discentes. Outro problema à vista.

Tudo isso nos faz perceber as fragilidades da educação escolar no Brasil e como esse setor é deixado de lado em tempos de crises por falta de investimento, planejamento e formação continuada dos professores. É um descaso a forma como os problemas educacionais são tratados, gerando a sensação desconfortante de abandono, instabilidade e incertezas. Algumas ações descritas no papel, muitas vezes, são apenas para mascarar o descomprometimento de muitos governos para com a Educação. Contudo, resta-nos reacender a esperança de dias melhores, acreditando no nosso fazer pedagógico. Esperamos então, muitas coisas dentre elas a valorização da escola pública e de seus profissionais.

REFERÊNCIAS

BARREIRAS-BA. **Decreto municipal nº 281**, de 30 de novembro de 2020. Diário Oficial prefeitura municipal de Barreiras, poder executivo, BA, 30 de nov. 2020. Disponível em: <https://www.barreiras.ba.gov.br/diario/pdf/2020/diario3328.pdf>. Acesso em: 30 de jul. 2024.

BRASIL. **Medida provisória nº 934**, de 1º de abril de 2020. Diário Oficial [da] República federativa do Brasil, poder executivo, Brasília, DF, 1º de abr. 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/mpv/mpv934.htm. Acesso em: 30 de jul. 2024.

CANDAU, J. A memória e o princípio de perda. **Diálogos**, v. 16, n. 3, p. 843-872, set.-dez. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/36074/18680>>. Acesso em 03 de maio de 2024.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

DELGADO, L. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERNANDES, A. F.; MAGALHÃES, T. M.; MAGALHÃES, L. H.; FERNANDES, A. F. Aulas remotas: os desafios e potenciais de um novo modo de ensinar utilizando tecnologia. In: **Congresso Internacional de Tecnologias (CIET)** - Encontro de Pesquisadores Em Educação a Distância (ENPED). Anais... São Carlos, 2020.

FUCKNER, M. O. Prós e contras do ensino remoto: um estudo de caso do projeto conexão. **Revista Docent Discunt**, Engenheiro Coelho, SP, vol. 01, número 2, p. 128-145, 2º semestre de 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19141/docentdiscunt.v.1n2.p128-145>. Acesso em 20 de jul. 2024.

JULIA, D. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 1, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS – LIBRAS, NO PERÍODO DA PANDEMIA: UM TEMPO DE LIMITAÇÃO DO CAMPO VISUAL E GRANDE PREJUÍZO PARA O ESTUDANTE SURDO

Simone Nunes da Rocha Santos

Atuar na área da educação inclusiva com foco nos estudantes surdos é uma demanda desafiadora e muito delicada em razão das inúmeras deficiências nas questões estruturais, de acessibilidade e para uma inclusão em sua totalidade. Enfrentamos dia após dia muitas situações que são necessárias um olhar minucioso para compreender a realidade e as dificuldades que nos envolvem no atendimento aos estudantes com surdez.

Situações essas que no momento de calamidade que assolou todas as nações, da pandemia da *COVID-19*, o trabalho na área educação nunca viveu situação atípica com essa e para a educação inclusiva, pode-se dizer que foi um dos momentos mais caóticos e deficitários ao perceber a fragilidade de nossas ações, a fragilidade estrutural das instituições de ensino, a precariedade do serviço que é ofertado pelos governantes, a falta de visão para uma realidade que deveria ter sido pensada há muito tempo.

Considerando que a oportunidade de ensino, da qualidade e do que é ofertado de recursos para os educadores terem condições de prestar melhores serviços advém da conjuntura dos entes governamentais, podemos compreender o quanto foi difícil enfrentar, em especial para nós, e com esse recorte, abordo esse ponto para mim, na experiência que tive no período da pandemia de *COVID-19*, pelos tradutores e intérpretes de Libras, ao qual enfrentei desafios significativos ao adaptar minhas práticas de ensino e suporte a estudantes surdos para o ambiente remoto, onde as dificuldades foram diversas, abrangendo desde questões tecnológicas até a adaptação de metodologias de ensino.

Acesso à Tecnologia, foi uma das primeiras barreiras uma vez que assim como os demais colegas intérpretes e estudantes surdos, tivemos dificuldades em acessar equipamentos adequados e conexões de internet estáveis. Sem esses recursos, a comunicação em Libras se tornou instável, dificultando o entendimento e a participação dos estudantes nas atividades educacionais.

A qualidade da comunicação visual, é outro fator chave que impulsiona esse trabalho e que para a comunicação em Libras que depende muito da clareza visual, qualidade da imagem nas plataformas de videoconferência muitas vezes era insuficiente, prejudicando a interpretação correta dos sinais o que acabava por inviabilizar todo o entendimento por parte do surdo.

Essas situações iniciais se transformaram em um grande obstáculo pois a cada passo percebia o declínio dos estudantes surdos nas aulas, na interação com o professor, com os colegas, com a falta de suporte pedagógico das escolas e professores. Uma angústia que sobreveio de tal modo me questionando mais ainda sobre meu papel profissional e sobre a inércia não apenas da rede de ensino, governos, de professores. De um modo geral, de todos envolvidos na educação, o que me fez entender, que, essa educação, não foi pensada para todos os públicos, para a inclusão, para a diversidade dos povos.

A falta de capacitação e suporte, nesse período, mostrou que a transição repentina para o ensino remoto revelou uma lacuna na capacitação dos intérpretes para o uso de ferramentas digitais.

O fator mais intrigante para mim, foi perceber o pouco isolamento dos estudantes surdos que acompanhava, em razão da falta de interação social e a dificuldade de acompanhar as aulas online, onde muitos desses estudantes se sentissem desamparados, isolados e desmotivados, impactando diretamente seu processo de aprendizagem.

As mudanças eram necessárias e urgentes, não apenas da minha parte como meio direto de elo na comunicação desse estudante bem como com a escola, docentes, coordenação e todo apoio possível, para criarmos estratégias que auxiliassem nossos estudantes. Mas trabalhos assim nunca são fáceis. Atrair a atenção e empatia para mais um, “problema”, como

alguns docentes consideravam a presença de um estudante surdo, em aulas remotas, fazendo com que, além de toda a adaptação que já estão tendo que fazer, ter que pensar também em estratégias para estudantes surdos, era mais um trabalho que eles não teriam tempo para realizar.

Mas isso não é novidade: até hoje, a maioria dos professores não enxergam na presença do tradutor intérprete de libras, um profissional apoiador importante no seu contexto, para a assimilação do conhecimento assim como eles e não compartilha conosco os conteúdos antecipadamente.

As estratégias adotadas, como por exemplo, tive que correr, mas correr mesmo em busca de meios como capacitação autodidata e em grupos de apoio com os colegas para entender melhor o uso de ferramentas digitais, como *Zoom* e *Google Meet*, otimizando a qualidade das interpretações. E em altas cobranças de suporte aos professores, consegui eu e alguns colegas, parcerias com professores para adaptar o conteúdo didático de forma a ser mais acessível visualmente, utilizando recursos como vídeos pré-gravados e apresentações visuais com maior contraste e clareza.

O uso de gravações e vídeos, foi compensatório em relação aos problemas de comunicação ao vivo, pois comecei a gravar as aulas e explicações em Libras e disponibilizá-las para os estudantes, permitindo que eles pudessem rever o conteúdo quantas vezes fosse necessário. Apesar das dificuldades, foi possível desenvolver novas habilidades e estratégias que enriqueceram meu trabalho, garantindo que os estudantes surdos pudessem continuar aprendendo em um ambiente acessível e inclusivo, mesmo à distância. Mas não posso dizer que foi o melhor, de todas as partes. Eu, os professores, toda a escola, nem de perto estava preparada ou ofereceu um atendimento que propicia um aprendizado a esses estudantes surdos.

Soma-se a esse fato, a questão de muitos surdos na fase inicial dos estudos, nas séries iniciais não dominarem sua língua materna, a libras. O que acontece em sala de aula, presencialmente, nós ensinamos novos sinais, adaptamos, mudamos, contextualizamos naquele momento da aula, tirando várias dúvidas dos estudantes. O que não é possível fazer e não foi possível em nenhum momento de aulas remotas no período da pandemia.

Atrelado a todas essas dificuldades apontadas, ainda vivenciei uma das fragilidades junto a meus estudantes surdos, em suas carências e condi-

ções financeiras, em que assim como a maioria dos estudantes não surdos, temos as dificuldades de equipamentos inadequados, com qualidade do dispositivo precário, simples, assim como alguns intérpretes que também não possuíam dispositivos tecnológicos apropriados para realizar videoconferências com boa qualidade.

A falta de computadores com câmeras de alta resolução e telas grandes dificultava a visualização clara dos sinais em Libras, com seus smartphones, que possuem telas pequenas e não permitem a visualização detalhada dos sinais, prejudicando a compreensão, os microfones e câmeras de baixa qualidade, com qualidade do áudio e da imagem transmitida sendo frequentemente prejudicada, comprometendo a clareza da comunicação e tornando mais difícil a interpretação precisa dos sinais. E na internet, nem preciso comentar que muitas vezes não havia, sinal e tantos outros problemas.

E um dos pontos mais cruciais, assim como antes e até hoje vivenciamos, é a falta de preparo de docentes, que não sabem se comunicar em libras, o básico que seja, a falta de preparos deste município, onde os cursos de capacitação continuada há muito tempo não tem mais, denotando falta de compromisso e responsabilidade com os diversos dispositivos legais que asseguram a acessibilidade dos estudantes surdos em sala de aula e que para que isso seja cumprido, o mínimo que se pode esperar, são docentes qualificados para atender a todos os públicos de estudantes que chegam para eles.

Isso é muito importante pois a cada dia, percebo a falta de conhecimento sobre as necessidades dos estudantes surdos, o que remete ao desconhecimento das especificidades educacionais tão importantes e que muitos professores não estavam familiarizados com mesmas, como a necessidade de materiais didáticos visuais, a importância da contextualização visual de conceitos, ou a forma como os estudantes surdos processam a informação.

As dificuldades em planejar aulas inclusivas são gritantes aos olhos de cada um, mas entender quem eram os docentes naquele momento, se tornou pior do que se esperava, pois acabei, como de se esperar, em adaptar todas as aulas, e ou quase toda as aulas, em vídeos que elaborava, para que o estudante tivesse acesso, como se fosse, o meu papel. O mínimo de legendas, era de se esperar, mas não foi possível perceber.

Sem ter o entendimento claro das dificuldades enfrentadas pelos estudantes surdos, os professores frequentemente planejaram suas aulas e atividades que não eram acessíveis, como uso excessivo de conteúdos auditivos sem suporte visual adequado, ou a falta de adaptações para garantir que os estudantes surdos pudessem participar plenamente.

Por fim, entre tantos entraves vividos por mim no momento pandêmico, junto aos estudantes surdos, ter uma avaliação qualitativa ou quantitativa, trouxe mais desafios a que se pensar quanto a avaliação de aprendizagem, uma vez que os professores tiveram dificuldades em adaptar métodos de avaliação que levassem em consideração as necessidades dos estudantes surdos.

Os testes e avaliações padrão, que dependiam de compreensão auditiva ou escrita, frequentemente não eram justos e eficazes para medir o real aprendizado desses estudantes. E com isso, o feedback se mostrava ineficaz, uma vez que a comunicação era limitada e apresentava dificuldade na oferta de feedback eficaz aos estudantes surdos.

Afirmo sentir um nó na garganta pois, assim como vivenciar a realidade em sala de aula com esses alunos e seus colegas, compartilhando da dificuldade de cada um, sei plenamente que para o estudante surdo, suas dificuldades se acentuaram muito mais, suas fragilidades foram expostas e não foram apresentadas soluções, suas demandas na maioria não foram atendidas. Seus anseios não foram considerados e com isso, seu aprendizado significativamente foi comprometido, foi prejudicado.

Como resultado dos meus trabalhos, dos anseios que tenho por uma educação inclusiva que de fato aconteça, que acolha todos os estudantes, que faça o melhor para cada um, me sentir muitas vezes em impotência de não poder fazer muita coisa, fazer o mínimo e ver o quanto pouco se fez por esses estudantes. O quanto é uma área do meu coração e como eu gostaria que a inclusão saísse das folhas do papel e da demagogia institucional.

CAMINHOS TRILHADOS POR UMA GESTORA ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA

Sônia Maria Escobar de Matos Ferreira

A realidade pela qual o Brasil e o mundo viveu, provocada pela Covid-19, doença contagiosa causada pelo coronavírus tem impactado no comportamento social, na economia e, principalmente, na saúde, visto que o debate não se limita apenas nessas áreas, mas se estende em vários campos, principalmente da educação. Assim, surge a necessidade de ações inovadoras e flexíveis por parte da gestão escolar, no intuito de garantir a acessibilidade e qualidade mínima da educação prestada através do ensino remoto nesse contexto pandêmico. O Ministério da Educação publicou no Diário Oficial, a Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020, que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por ensino remoto, enquanto durar a situação de pandemia de Covid-19 (Brasil, 2020).

Essa realidade descortinou para a população em geral um cenário desafiador, na educação clarificou a certeza do quão difícil é ser professor das redes públicas em um país que investe na educação pública muito menos do que deveria. O isolamento social compulsório, necessário ao controle da pandemia, impôs mudanças radicais em todas as atividades interacionais das sociedades, causando forte e direto impacto na educação, no desenvolvimento imediato de novos modos de ensinar, muito dependentes do uso intensivo das tecnologias, plataformas e aplicativos digitais. Essa cena, que tinha como protagonistas os professores, mostrou a dura realidade das muitas fragilidades e lacunas existentes no trabalho destes, além das enormes disparidades encontradas entre escolas de regiões e contextos distintos no país, no tocante ao acesso às tecnologias da informação e ao letramento digital.

Mediante a falta de investimentos do poder público para fazer frente às demandas inerentes ao cenário pandêmico, refletido em ações muito incipientes para facilitar acesso a equipamentos tecnológicos e a serviços de conexão com a internet por parte de estudantes e professores, coube mais uma vez a estes, de maneira autônoma e individualizada, procurarem se aperfeiçoar no uso das mídias e programas necessários para conseguirem ministrar suas aulas.

Nesse ínterim, recaiu sobre muitos professores a responsabilidade de fazer investimentos em aparelhos tecnológicos e serviços de acesso à internet compatíveis com o novo modelo de trabalho que lhes era exigido, assumindo o ônus que deveria caber naturalmente ao mantenedor das redes educacionais. Nessa conjuntura, presenciou-se ainda mais a precarização do trabalho docente, o descaso por parte do Estado com a qualidade do ensino que oferta e que é diretamente dependente da formação profissional docente e de investimentos em melhorias das condições de trabalho.

Retrato aqui a realidade vivida enquanto gestora da Escola Municipal Iazinha Pamplona (EMIP) localizada no município de Barreiras-BA, ainda no período pandêmico nos anos de 2020-2022. Diante dos novos desafios nesse contexto pandêmico, recebemos o ensino remoto o qual trouxe consigo diversas lições, as quais surgiam a partir de desafios a serem superados e da busca por soluções imediatas, que visavam manter a comunicação entre escola e alunos. Dessa forma, buscou-se garantir que o conhecimento fosse disseminado de maneira clara, diversificada e acessível a um maior público.

Nesse contexto, não foi uma tarefa fácil, pois foi preciso reinventar uma nova escola, um novo professor para assistir um novo aluno, visto que no cenário educacional que se encontrava, infelizmente não tivemos muito apoio da Secretaria Municipal de Educação (SEDUC), percebemos mais cobranças em oferecer um ensino de “qualidade” do que apoio pedagógico, emocional, material e demais necessários para aquele momento que melhor cabia, tanto para os profissionais de educação, quanto para os alunos.

Segundo Campos (2010), o fortalecimento do ensino público perpassa por um maior interesse por parte do Estado e da sociedade, priorizando a oferta da educação, como um dos serviços básicos essenciais.

E esse serviço deve ser ofertado de forma qualificada ao cidadão, com um padrão de desenvolvimento estrutural e administrativo compatível com o que a contemporaneidade exige dos gestores da política pública relacionada à educação.

Vale salientar, que em meio à situação de crise sanitária e à interrupção das atividades presenciais, a priorização da igualdade de acesso, embora muito difícil nessas condições, se torna essencial para compreender cada realidade, passa a ser crucial para assegurar o aprendizado de todos, por isso assim que detectada a questão da falta de participação dos alunos nas aulas remotas, ficou evidente a urgência de mapear as condições de acesso e, com base nas informações coletadas, estruturar o ensino de acordo com os diferentes perfis identificados.

Diante disso, buscou-se da melhor forma adaptar à realidade da comunidade escolar. Destarte, organizamos uma estrutura por grupos com base na realidade de cada perfil dos alunos. No grupo 01 estavam os que possuíam conexão à internet, igualmente, foram incluídos no Google Sala de Aula, já os alunos com acesso restrito, denominamos de grupo 02, portanto foram atendidos através do aplicativo de mensagens de texto via WhatsApp, enquanto, os estudantes sem acesso à internet fizeram parte do grupo 03, de tal modo, recebiam o material impresso de forma quinzenal. Essa iniciativa permitiu uma pronta resposta possível frente às demandas exigidas naquele momento para atender cada estudante, conforme as suas possibilidades de acesso.

Silva, Bezerra e Adrião, (2020) mencionam que o modelo de ensino remoto emergencial expõe uma situação em que os estudantes enfrentaram obstáculos ao tentar acessar as aulas, devido à falta de acesso à internet e a dispositivos móveis, o que impede que participem ativamente do processo de ensino. Enquanto isso, os professores, que já estão sobrecarregados, estão procurando maneiras de proporcionar aos alunos as atividades planejadas, incluindo a disponibilização de materiais impressos pelas escolas para garantir que não fiquem para trás em relação aos conteúdos previstos.

Outro desafio significativo durante esse período, foi às questões emocionais, pois tanto alunos, quanto profissionais da escola foram afetados pelo desenvolvimento de medos, ansiedade, depressão e outros pro-

blemas emocionais devido à pandemia. O medo é uma resposta adaptativa importante para a sobrevivência, envolvendo diversos processos biológicos de preparação para lidar com situações ameaçadoras. No entanto, quando se torna crônico ou excessivo, pode ser prejudicial e contribuir para o surgimento de vários distúrbios psicológicos.

No entanto, em meio a tantas adversidades, houve um impacto significativo na estabilidade da escola e das famílias, visto que muitos de nossos alunos e colegas de trabalho perderam familiares em detrimento do COVID. O desemprego foi outro aspecto que teve grande destaque, prejudicando muitas famílias e levando alguns alunos em meados da pandemia, já na adolescência a abandonarem os estudos para trabalhar e ajudar nas despesas de casa. Mesmo com a escola oferecendo diversas alternativas para manter esses alunos envolvidos no processo de aprendizagem, infelizmente não foi possível naquele momento, reverter essa situação.

Diante disso, a escola apostando acertar, mas, por outro lado, sentiu-se muitas vezes incapaz de lidar com tantos problemas vivenciados nesse contexto, visto que não houve por parte do poder público deste município, apoio emocional, tecnológico, formação com os profissionais da educação de como lidar com o cenário pandêmico no panorama educacional.

Apesar do cenário caótico da pandemia, a volta às aulas presenciais trouxe a esperança de algo novo, de reviver momentos e reencontrar pessoas, mesmo que estejam próximas e distantes ao mesmo tempo, devido à falta de contato físico, à ambiência da escola. A sensação é estranha, mas parece que vencemos uma batalha e, a partir de agora, a morte parece estar mais distante. Nesse sentido, faz refletir que “[...] um lembrete sempre presente de que os homens, embora tenham de morrer, não nasceram para morrer, mas para iniciar algo novo” (Arendt, 2005, p. 194).

A narrativa desta experiência não foi simples, entretanto, a determinação da equipe gestora, pedagógica e dos profissionais de apoio deste espaço de ensino foi crucial, em especial os professores que, com cuidado e empenho, superaram limites com esse novo modo de educar. Não obstante, além do difícil desafio de engajar os alunos e incentivá-los a se adaptarem à nova realidade escolar de ensino remoto, os professores também eram pressionados pelos órgãos fiscalizadores e pelas famílias a manter um

padrão de qualidade em suas aulas. Em algumas situações, os professores desta instituição foram criticados por alguns pais, sendo rotulados como “preguiçosos” e “negligentes” por nem sempre conseguirem corresponder às expectativas dos alunos e suas famílias, sendo essa responsabilidade pensada pelos pais atribuída ao papel docente.

Assim, é fundamental que os profissionais que trabalham na área da educação não ignorem as aspirações e anseios dos alunos, especialmente em momentos de dificuldade, quando a escola se torna crucial para combater as disparidades sociais e promover o conhecimento essencial para desenvolver o ensino e aprendizagem. Para superar os desafios no espaço da escola, é necessário construir conexões que ultrapassem as barreiras que nos separam e que tendem a se agravar em períodos de intensificação das desigualdades, como temos visto durante a propagação da pandemia da COVID-19. Entretanto, é necessário cobrar dos órgãos responsáveis para propor políticas públicas que preparem as escolas para essas intercorrências, visto que os programas de governo, de modo geral, têm sido inoperantes para cobrir as necessidades da escola pública.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, M. A. V.; ARAÚJO, R. W. A.; PINHEIRO, C. S. Investigar/dialogar a respeito da educação básica pública em tempos de quarentena. *In: encontro nacional perspectivas do ensino de história - perspectivas web 2020*, 11. 2020, Ponta Grossa. *Anais [...]*. Ponta Grossa: ABEH, p. 1-11.

ARENDT, H. Trabalho, Obra e Ação. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, São Paulo, v. 2, n. 7, p. 175-202, 2005. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/edreal/a/Zbk8kmDw88D3SvTJhh64Q3k/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 de ago. 2024.

CAMPOS, C. M. *Gestão escolar e docência*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

RESILIÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: MEMÓRIAS DE UMA JORNADA DE SUPERAÇÃO E APRENDIZADO

Suzana Serpa da Silva

O período pandêmico foi inesperado, forçando milhares de pessoas a abdicarem de seu livre-arbítrio em prol da sobrevivência. A humanidade percebeu que a saúde é o bem mais valioso que se pode ter, sendo necessário adaptar a vida para continuar produzindo com o mínimo risco de contágio possível.

Para os estudantes pré-vestibulandos, a situação não foi diferente. Na verdade, manter a rotina pré-pandemia foi ainda mais desafiador, já que não tínhamos um chefe cobrando resultados incessantemente. Considerando esse panorama, compartilho com vocês minhas memórias enquanto pré-vestibulanda de medicina.

Quando a pandemia começou em março de 2020, eu estava em Barreiras-Bahia. Lembro-me, como se fosse hoje, dos primeiros casos relatados na China e das medidas de isolamento por lá. Embora fosse algo preocupante, não imaginava que se estenderia a nosso país. Em 2020, estava começando meu terceiro ano de cursinho e havia adotado um método de estudo mais autodidata ao participar de uma categoria chamada “salinha”, na qual tinha o direito de estudar, fazer simulados e ter as redações corrigidas.

Quando o município de Barreiras decretou isolamento, atitude que a população esperava, várias cidades do estado já haviam adotado essa medida. No entanto, eu não pensava que iria durar tanto tempo. Com o isolamento decretado, voltei a morar com meus pais em Formosa do Rio Preto- Bahia. Foi difícil adaptar-me a uma nova rotina e a um novo local, pois já morava sozinha há três anos.

No primeiro momento, meu principal desafio foi manter a disciplina. Sempre tive dificuldade em estudar em casa e seguir horários, ou seja, acordar para estudar sem ter ninguém cobrando, como em um cursinho presencial. Foi realmente uma grande batalha diária. Lembro que eu e um grupo de amigas do cursinho tentávamos nos motivar de todas as formas, então decidimos estudar via Meet com a câmera ligada para fazermos companhia umas às outras, mostrando que não estávamos sozinhas. Isso nos ajudou bastante a manter o ritmo, na companhia e nos momentos de descontração, porque querendo ou não estávamos presas dentro de casa, sem saber se estaríamos vivas no dia seguinte. Elas me ajudaram muito, especialmente na questão da saúde mental.

Naquela época, meus estudos foram através de plataformas online. Fui descobrindo bons professores em várias áreas e adquiri cursos que achava que iriam ajudar na minha preparação. Basicamente, eu assistia às aulas, anotava e fazia questões. Como em 2018 eu já havia feito resumo de quase todos os assuntos, em algumas aulas nem anotava muita coisa, apenas certos detalhes que faltavam.

Entretanto, quando chegou a época do Enem, apesar de todos os esforços, senti que meu rendimento nos estudos não foi nem de perto o que havia conseguido em 2019. Fiz as provas com o que assimilei e meu resultado não foi muito bom. Não fiquei tão abatida porque sabia que tinha feito o possível dentro daquelas condições.

Chegou 2021, mais um ano pandêmico. Eu e minha família retornamos a Barreiras. Continuei estudando em casa, pois estava esgotada com o tempo dedicado ao cursinho. Quase todas as minhas amigas tentaram o FIES. No entanto, apostei em uma faculdade considerando que minha nota seria suficiente, mas não foi. A maioria das minhas amigas e companheiras de estudos foi aprovada. Foi um ano bem difícil. Apesar de ser inteligente, simplesmente não tinha mais forças e resolvi parar de estudar. Fiquei aguardando o FIES do segundo semestre, pois estava ciente de que a universidade federal não era para mim.

Abriram as inscrições do processo seletivo, inscrevi-me, mas de novo não passei na universidade que tinha escolhido. Fiquei pensando: “Meu Deus, e agora? O que eu faço?”, porque na minha cabeça já estava certo

que eu passaria. Somente em agosto ou setembro caiu a ficha de que eu não havia conseguido. Decidi reerguer-me e voltei a estudar para o Enem e outros vestibulares. Minha grande aposta era o vestibular da UFT já que em 2018, mesmo sem estudar especificamente para a prova, obtive resultados muito bons.

Juntei meus cacos e resolvi investir em matemática que, apesar de não ser um bicho de sete cabeças para mim, eu não tinha tantos macetes. Por muito tempo, achei que sendo boa nas outras matérias compensaria a deficiência em matemática. Enfim, investi pesado nesse componente curricular.

Fiz o Enem e dois vestibulares no estado de Tocantins: o da UFT e o da UNITINS. Realmente dei uma atenção maior para os vestibulares. Usando máscara, treinei bastante respondendo provas antigas, estudei história regional, foquei mais na gramática e revisei os temas mais recorrentes. Realizei as provas e não corrigi o gabarito. Sempre tive essa mania, acho que mais por medo de ter outra decepção.

Em relação às provas, senti mais segurança na UFT. Para mim, foi mais fácil gerir o tempo e as questões, até porque tinha me dedicado mais a ela. Já a prova da UNITINS foi um caos: o tempo, a prova... errei uma questão na hora de marcar no gabarito e cheguei a pensar: “Não vai ser esta questão que vai me tirar a aprovação”. Passaram-se as provas e, acho que em janeiro, do nada, no meio da noite me veio uma vontade de corrigi-la. E assim o fiz. Obtive cerca de 83% de acertos na prova da UFT, mas sabia que não era suficiente para medicina. Já na UNITINS, apesar de todo o caos, atingi a nota corte do ano anterior. Fiquei esperançosa porque menos pessoas haviam se submetido à prova, na minha cabeça ia dar certo. Até contei para meus pais que ficaram esperançosos junto comigo.

Ao sair o resultado, infelizmente não deu. Fiquei como suplente. Nunca tinha sentido que estava tão perto. Minha redação teve uma nota abaixo do esperado, e aquela questão que rasurei fez falta. O resultado saiu na primeira semana de fevereiro e, de certa forma, ainda fiquei esperançosa de ser chamada. Porém, terminou o mês e nada aconteceu. Aí, a ficha foi caindo aos poucos que, mais uma vez, não tinha dado certo.

Sou persistente em meus objetivos, novamente me inscrevi para o vestibular da UFT do segundo semestre, mas não tinha iniciado os estudos

porque ainda estava abatida. Lembro que, na semana do dia 18 de março, encarei a realidade e resolvi tentar mais uma vez. Era um tempo curto, pois a prova seria no final de abril, e tinha que ser certa. Como já conhecia o tempo de prova, as questões e os assuntos que caíam, disse a mim mesma que faria revisão. Fiz um cronograma: um dia revisava tudo de ciências humanas, no outro ciências da natureza, depois português, matemática e redação. Só fazia as questões modelo que havia colocado nas fichas de revisão, priorizando o que mais caía. Estudei todos os conteúdos que estavam no edital, pois sabia que precisava estar preparada para tudo.

Comecei meus estudos. Digitalizei todos os materiais de resumo para ter fácil acesso no tablete, isso facilitou muito porque podia estudar em qualquer lugar da casa sem carregar muito papel. Enfim, chegou a data da prova. Fui pela primeira vez sozinha, geralmente ia com amigas. Fiz a prova, não senti nada diferente. Sabia que tinha feito o melhor dentro das condições que eu tinha. No dia seguinte, corrigi o gabarito. Perdi o medo, sabia que era necessário, pois se houvesse alguma questão digna de recurso, era o momento. Ao final da correção, fiquei surpresa por ter acertado cerca de 94% da prova. Tive dúvida se contava ou não para os meus pais. Resolvi contar.

Depois disso, mesmo sabendo que tinha muita chance de ser aprovada, ainda fiz uma prova de vestibular em Vitória da Conquista-BA. Chegou o dia e recebi a ligação de uma colega dizendo que eu tinha sido aprovada em 1º lugar em Medicina na Universidade Federal do Tocantins. Confesso que eu não esperava tudo isso. Fiquei bastante surpresa e muito emocionada. Meus pais ficaram radiantes. Devido à Covid-19, estávamos todos em casa na hora da notícia e foi difícil respeitar o distanciamento nesse momento.

Passada a euforia do resultado, fui buscar informações sobre a faculdade. Eu tinha jogado minha nota para Araguaína, mas não conhecia a cidade. Descobri depois, que a faculdade em que tinha sido aprovada estava em processo de desmembramento da UFT e se tornaria a Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Além disso, minha turma seria a primeira a ter o ensino 100% presencial pós-pandemia.

O percurso foi tortuoso e a pandemia um tempo muito difícil que me obrigou a lidar com dificuldades que nem sabia que tinha. No en-

tanto, considere esse período essencial para meu autoconhecimento, pois aprendi a ser resiliente e disciplinada. Embora tenha sido um tempo triste para a humanidade como um todo, com muitos desenlaces, acredito que os desafios enfrentados nos ensinaram lições valiosas sobre superação de obstáculos, as quais levaremos para nossa vida pessoal e profissional, independentemente da carreira que escolhemos seguir.

MEMÓRIAS DE ENSINO NA GESTÃO ESCOLAR DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO RN NO PERÍODO DA PANDEMIA

Tatimara da Guia Medeiros

O ano letivo era 2020, iniciamos com muitas perspectivas para o desenvolvimento do ensino e do aprendizado. Eu, Tatimara da Guia Medeiros, ia para o meu segundo ano de gestão escolar na Escola Municipal Professora Terezinha de Lourdes Galvão, no município de Acari-RN, na qual estudei, fui professora, meus filhos estudaram e fui gestora escolar até dezembro de 2024 com grande satisfação e entusiasmo de ofertar uma educação pública de qualidade, na qual já somos referência a nível de estado com bom índice nas avaliações do SAEB, tendo em vista um trabalho focado em leitura, interpretação, compromisso e responsabilidade social e com a parceria com as famílias.

Sendo assim, realizamos o planejamento anual, com muitas ideias e expectativas de avanços significativos na aprendizagem dos nossos estudantes. Estávamos felizes com um prêmio de um projeto que fomos contemplados pela Lei Aldir Blanc onde escrevemos o Projeto Cultural do Arraiá da Terezinha, que valoriza e destaca a cultura do local, associando a dança, o canto a literatura infantil, em que envolvemos os clássicos literários nos festejos juninos e trabalhamos um enredo para desenvolver a apresentação cultural da quadrilha escolar que já é tradição há muito tempo. Com a boa verba que recebemos, demos ênfase a esse projeto cultural da escola. Dessa forma, outras expectativas e atividades estavam sendo planejadas e já articuladas para seu desenvolvimento.

Em meados do mês de março, algo inesperado aconteceu e assustou o mundo todo, uma doença – uma pandemia, nunca vista por nós na realidade, só estudada nos livros de História. Uma vivência educacional

agora que não estava em nosso planejamento, nem em nossos rascunhos, esboços, rabiscos - algo que tivemos que aprender realmente, na prática, sem formação, muitas vezes sem material pedagógico e humano. E agora, o que fazer, como fazer, onde, eis a questão. A primeira atitude foi isolar-se e aguardar. Mas o tempo passava, os casos de Covid-19 só aumentavam e as recomendações eram ficar em casa. As cobranças aumentavam para os profissionais, e como ofertar uma educação à distância para nossas crianças. Foram aparecendo as primeiras ações, atitudes, exemplos e sendo analisadas por cada localidade, estudando as possibilidades, dificuldades e planejando. Como uma gestora ativa, gosto de desempenhar minha função como democrática e participativa, por estar sempre em diálogo com a comunidade escolar.

Como nos diz Paulo Freire é preciso diminuir a distância entre o que falamos e o que fazemos, na gestão democrática isto não é diferente, é necessário rever certas atitudes e decisões que são adotadas no ambiente escolar, apontando sempre o trabalho em equipe - no coletivo, que melhor dispõe a escola.

Nesse sentido, a respeito da gestão democrática do ensino público, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9394/96, em seu Artigo 14, define:

Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público da educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I- participação dos profissionais da educação no projeto pedagógico da escola;

II- participação da comunidade escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (Brasil, 1996).

Sendo assim, fica claro que a organização e as normas da gestão ficam sob responsabilidade do sistema de ensino, devendo estar incluída nele a participação de todos os envolvidos nesse processo. Tendo em vista esse embasamento, a equipe da nossa instituição começou a agir e planejar ações de adequações ao ensino remoto.

Inicialmente tínhamos que manter toda a comunidade escolar em sintonia, então realizamos um levantamento com os professores, tendo

como base outras instituições educacionais, foi criado o grupo do *WhatsApp*, turma por turma. Houve resistências por parte de algumas famílias, devido a dificuldade de ter só um aparelho celular na residência para muitos filhos. No decorrer do tempo a gente foi observando, analisando e avaliando a oferta das atividades que estavam sendo desenvolvidas, visando o melhor aproveitamento dos alunos. Alguns professores, gravavam vídeos, outros só áudios, e nas turmas dos alunos maiores, com faixa etária de 9 a 10 anos, realizava-se aulas pelo *Google Meet*, que é um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google, podendo conectar os usuários de maneira instantânea com uma pessoa ou um grupo. Muitas dificuldades foram aparecendo com os profissionais, onde constatamos a falta de formação na área digital, limitações que foram sendo superadas, questionadas e realmente foi aprendida na prática o seu manuseio. Se com os profissionais tivemos esse ponto negativo, com as famílias essa situação se ampliava, pois a falta de orientações para o manuseio e falta dos equipamentos eram as maiores reclamações, além de questões de horários das atividades, inclusive as *on-line*, como também os *feedbacks* das atividades que os professores solicitavam. Inicialmente, as equipes das escolas foram se reunindo semanalmente, depois quinzenalmente, até adquirir confiança em seu trabalho nesse período.

Enquanto gestora, juntamente com a equipe pedagógica da escola, nos reunimos para analisar e avaliar a oferta do ensino híbrido que, no momento, estávamos ofertando à comunidade escolar. Logo no início, vimos a necessidade de realizar a impressão de atividades nas folhas e criar uma forma de realizar a entrega, tendo em vista que alguns alunos estavam sem acesso às aulas *on-line*, e tínhamos que ofertar o ensino a todos. Promovemos um dia D, para a disponibilização de atividades remotas na escola, organizadas em mesas, na parte externa da escola e, com todo cuidado que nos era orientado (uso de máscaras, álcool), íamos realizar a entrega. Cada mesinha tinha sua plaquinha com a identificação da turma e os responsáveis vinham buscar a sacolinha das atividades escolares para um mês – muitas famílias trouxeram as crianças dentro do transporte e alegavam que elas estavam com saudades do ambiente escolar, das vivências sociais, dos professores, dos colegas. Foi uma atividade bem positiva, pois obtivemos

um resultado muito satisfatório, em que 90% das nossas crianças estavam com as atividades escolares do mês. Em um esforço coletivo, os professores iriam ajustar essas atividades, e planejar, qual dia era a realização da atividade impressa de tal disciplina, que dia era um vídeo que complementava aquela atividade, qual dia era da aula no *Google Meet* e assim a criatividade dos nossos educadores foram aflorando, e mês a mês a gente ia realizando esse tipo de atividades, e tentando complementar com outras. Quanto às crianças que não vinham buscar o bloco de atividades, a nossa equipe escolar se organizava e articulava a entrega do material dos faltosos, para cumprir o objetivo de incluir todos os estudantes, vale lembrar que isso foi possível devido morarmos em uma cidade pequena de aproximadamente 11.000 habitantes.

Ao término do ano de 2020, concluímos um período e não o ano letivo. Houve, aqui no meu município, o período das férias, mas a pandemia continuava e todos aguardavam a vacinação. É importante ressaltar, que mesmo diante da situação pandêmica que vivíamos, esse período de pausa das atividades escolares (férias), nos permitiu um maior contato com nossas famílias, todos tiveram tempo de valorizar os seus, amar, conversar e rever atitudes, muitas vezes esquecidas, abandonadas em nosso cotidiano por falta de tempo.

No Início do ano de 2021, tínhamos ainda que concluir o ano letivo de 2020 e foi orientado seguir uns períodos, invés de bimestre. Inicialmente, tivemos que rever a forma de ensinar e avaliar nossos estudantes. Algo que achei positivo foi a questão do registro, esse hábito que fortalece nossa prática. Em diálogo com os profissionais no início do ciclo em 2021, a maior necessidade era trabalhar o psicológico, diagnosticamos logo esse déficit e buscamos promover ações, projetos que nos dessem subsídios para cuidar da mente, do eu e de nós enquanto pessoa, enquanto escola, enquanto sociedade. A palavra empatia foi colocada em pauta, em todos os encontros, formações e estudos. Ano complicado, mas que as soluções foram aparecendo junto com a vacinação que aos poucos foi chegando à comunidade brasileira. Realizamos algumas atividades diversificadas, como *lives*, com *shows*, promovemos palestras para os profissionais, reunião com as famílias pelo *Google Meet*, e promovemos até a apresentação

de um grupo de crianças, onde adaptamos a dança da quadrilha tradicional com o período da pandemia, utilizamos parte da verba que tínhamos sido contemplados e gravamos um documentário marcando a história do nosso “Projeto – Arraiá da Terezinha”, que teve boa repercussão e alegrou a todos naquele período atípico que vivenciamos.

A solicitação das famílias foi aumentando em relação ao retorno das aulas presenciais, e ainda em 2021, retornamos de forma híbrida, com muita insegurança, em relação à pandemia, bem como também a parte financeira do nosso país. E foi se adequando aqui na nossa realidade, o ensino híbrido onde houve formações para os profissionais, compras de alguns equipamentos tecnológicos para nossa escola, como *notebooks*, *webcam*, caixa de som, microfones – que simultaneamente desse para dar aula aos que estavam em casa e a outra parte dos alunos que estavam na escola. Uma semana era um grupo em casa e outro na escola, na semana seguinte esse processo se invertia. Realidade essa que na nossa instituição foi muito bem aceita e apenas uns 10% dos alunos que tinham alguma comorbidade não aderiram ao ensino híbrido e permanecendo com as aulas virtuais. Ao término do ano letivo de 2021, conseguimos retomar com a turma completa, exceto os que os pais não autorizaram e preferiram permanecer no ensino remoto, se comprometendo com as realizações das atividades.

A primeira impressão dos professores era de muita preocupação quanto ao déficit na aprendizagem, e foi onde tivemos que aprofundar os estudos em questão a avaliação, ao reforço, a retomada dos conteúdos, sem a “legitimidade” de cumprir o currículo daquela série, e sim valorizar o processo de aprendizagem, de evolução de cada turma, o processo de cada discente. A recomposição da aprendizagem está sendo realizada até os dias atuais. É importante frisar que aprendemos algo com esse triste período, em relação ao uso de algumas tecnologias digitais, à flexibilização de atividades e demais temas que nos foram oportunizados para estudo. Mas muitas foram as perdas dos estudantes quanto ao processo de aprendizagem e ao convívio social. Atualmente, ainda convivemos com essa problemática, cujos governantes atuais estão ofertando, enfim, programas e políticas públicas para que o direito à aprendizagem seja garantido a todos.

REFERÊNCIA

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

SOBRE OS AUTORES

ALESSANDRA OLIVEIRA MENDES DE SOUZA

Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste da Bahia; foi Bolsista do PIBID/UFOB através do Subprojeto de História (2022-2024).

ALUIZIA DO NASCIMENTO FREIRE

Doutora em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); professora de História da Educação Básica (Ensino Fundamental - Anos Finais) no município de Rui Barbosa-RN; pesquisa sobre História das Mulheres, política e questões de gênero.

ANANDA LIMA SILVA ARRUDA

Mestranda em Ensino pela UFOB; graduada em Pedagogia pela UNEB; professora e coordenadora pedagógica nas redes municipais de Barreiras e Riachão das Neves-BA; Membro da Academia Barreirense de Letras - ABL, desde 2016. Tem dois livros de literatura infantil publicados: Fred, uma aventura na floresta; e Julia e Letícia, vivendo com as diferenças. É autora do livro de mensagens “Bálsamos para a existência” e do livro de memórias, 2020 - Partindo para alto mar: um câncer e uma pandemia na rota. Foi uma das organizadoras de duas obras coletivas: Fraternidade em Movimento – 365 dias e Contos dos Cerrados.

ANDERSON DANTAS DA SILVA BRITO

Graduado em História (Licenciatura e Bacharelado) - CERES/UFRN; graduado em Educação Física (Licenciatura) - UERN; Mestre em História - PPGH/UFRN e Doutor em Educação PPGED/UFRN, com experiência na Educação Básica (Ensino Fundamental, Ensino Médio) e Ensino Superior. Desenvolve pesquisas nas áreas/temas: Ensino de História e Estágio Supervisionado; Ensino de História, Diversidade e Currículo; Ensino de História e História Regional e Local; Práticas de Ensino; For-

mação de Professores-pesquisadores. É Professor Adjunto de Ensino de História do Centro das Humanidades da UFOB; Professor no Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE) - UFOB, desenvolvendo atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão na Linha de Pesquisa: Ensino, Memória e Identidade, com orientações concluídas e em andamento em torno de discussões sobre Ensino, Identidade, Memória, Diversidade e Interculturalidade através de temáticas que envolvem os currículos, os livros didáticos e outros documentos e materiais que fazem parte do contexto da formação docente; tem experiência na Coordenação do Curso de Licenciatura em História; atualmente é Coordenador de área no Subprojeto de História do PIBID/UFOB ciclos 2022-2024 e 2024-2026; autor/organizador das obras Corografia e Produção Espaço-Identitária do Rio Grande do Norte; Entre museus e arquivos: contribuições para pesquisas e práticas sobre ensino; Memórias de Ensino: Identificações com o lugar de fala docente; Memórias de Ensino: Experiências com o lugar de fala docente; Objetos da Cultura Material Escolar: memórias, identidades e pertencimentos. Associado ANPUH e ABEH.

ANDERSON PEREIRA DOS SANTOS

Estudante do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia.

ANGELA PAIVA DE JESUS

Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Universidade Serrana do Espírito Santo; Mestranda em Ensino pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB); Professora da Educação Infantil na rede particular de ensino.

BETY JAKELINY MENDES ÁLVARES

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo (PPGTUR/UFRN); Mestra em Turismo e Desenvolvimento Regional (PPGTUR/UFRN); Especialista em Gestão Ambiental Urbana (Departamento de Geografia/UFRN); Graduada em Turismo (UFRN). Tem experiência na

área de Turismo, com atuação nos seguintes temas: Turismo, Atuação Profissional, Planejamento, Cidadania, Educação e Meio Ambiente. Como Consultora tem atuado em planejamento e gestão do Turismo, do Território e do Meio Ambiente.

BRUNO HENRIQUE NUNES DA SILVA

Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA); foi bolsista CAPES do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de 2022 a 2024, tendo a primeira experiência como docente do Ensino de História a partir do referido Programa. Também foi bolsista do Centro de Documentação História do Baixo Amazonas (CDHBA) de junho a outubro de 2022, tendo experiência com catalogação, transcrição, digitalização e preservação de documentos históricos da Comarca de Santarém-PA, sediados na UFOPA.

CARLA TARTARI LEÃO

Graduada em Pedagogia e Psicologia; Especialista em: Educação Infantil; Supervisão e Administração Escolar; Psicopedagogia; Neuropsicopedagogia. Professora da Educação Básica há 28 anos; professora do Ensino Superior (graduação e pós-graduação).

CLÉBERSON FONSECA SILVA

Acadêmico do Curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) através do Programa Forma-Pará, Campus Óbidos.

CRISTIANE ALVES FERREIRA

Graduada em Letras e em Pedagogia ambas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Especialista em Estudos Linguísticos e Produção de Texto.

DANIELLE LIMA ALMEIDA

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCHS/UFOB); Licenciada em História pela Universidade Federal da Bahia (UFOB); Especialista em Gênero e Sexualidade na Educação (UFBA).

DEIJANETE PEREIRA DA SILVEIRA SANTOS

Mestra em Educação e Diversidade pelo MPED e atualmente Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE/UFOB); Especialista em Docência do Ensino Superior pela FJC; Especialista em Gestão Educacional pela UFSM-RS; Especialista em Mídias na Educação pela UESB; Especialista em Gênero e Sexualidade na Educação pela UFBA. Graduada em Pedagogia: Docência e Gestão dos Processos Educativos pela Universidade do Estado da Bahia; Licenciada em História pela UFBA; e Bacharela em Direito pela UNIFASB.

DIEGO MARINHO DE GOIS

Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, na linha de pesquisa Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pós-graduado pelas Faculdades Integradas de Patos, onde recebeu o título de Especialista em Geopolítica e História. Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, instituição que lhe conferiu os títulos de Bacharel e Licenciatura Plena. Professor Adjunto II do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação da UFOPA, Santarém-PA, onde atua na área de Ensino de História, com as disciplinas: Metodologia do Ensino de História e Estágios Supervisionados em História. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Sociedade (PPGSC-UFOPA). Coordenou o Subprojeto de História, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID - História - UFOPA, de 2016 a 2018 e 2022 a 2024.

DILZA SANTOS TORRES

Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB); Bolsista do PIBID/UFOB através do Subprojeto de História.

EDNA ARAÚJO LIRA LOPES

Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste da Bahia; foi Bolsista do PIBID/UFOB através do Subprojeto de História (2022-2024); Coordenadora de Esportes no município de Catolândia-BA.

EZEQUIEL JAIRO DOS SANTOS LIMA PINTO

Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste da Bahia; Bolsista do PIBID/UFOB através do Subprojeto de História.

FRANCISCA RODRIGUES FERNANDES NETA

Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste da Bahia; foi bolsista do PIBID/UFOB (2022-2024) através do Subprojeto de História.

GABRIEL OLIVEIRA DE SOUSA

Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste da Bahia; Bolsista do PIBID/UFOB através do Subprojeto de História. Pesquisa sobre livros didáticos e História do Japão.

GABRIEL FILGUEIRAS CINTRA

Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste da Bahia; tem experiência como professor no Projeto Pré-Enem ofertado pela UFOB; Bolsista do PIBID/UFOB através do Subprojeto de História.

GIVAÉDINA MOREIRA DE SOUZA

Mestra em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia (PPGE-UFOB); Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Interamericana Asunción/PY; Especialista em Administração e Supervisão Escolar pelas Faculdades Integradas de Amparo-SP; Especialista em Formação de Gestores da Educação Básica pela Universidade Federal da Bahia; Graduada em Pedagogia com Habilitação em Magistério; e Licenciatura em Biologia pela UNEB; Funcionária Públi-

ca da Secretaria Estadual de Educação do Estado da Bahia, Coordenadora do Polo de Apoio Presencial da Universidade Aberta do Brasil na Bahia – (Polo EaD UAB Barreiras); atua no grupo de pesquisa Políticas Educacionais, Trabalho Escolar e Profissionalização Docente; tem como área de interesse: Formação Continuada, Alfabetização e o Ensino de Ciências.

GLAUBER ROCHA SANTOS

Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste da Bahia; Bolsista do PIBID/UFOB através do Subprojeto de História.

IVY CHRISTINNI DE OLIVEIRA MOURA

Graduanda do Curso de Direito da Universidade Federal do Oeste da Bahia; Técnica em Informática pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA).

JACIEL CARVALHO DOS SANTOS

Licenciado em História pela Universidade Federal do Oeste da Bahia; atualmente exerce a docência no Centro Educacional de Ensino Fundamental II “Patronos Integrados Antônio P. da Rocha e Olavo P. dos Santos”, rede municipal de São Desidério-BA.

JAIANE KÉCIA VILASTRO ALVES

Graduanda no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal do Oeste da Bahia.

JAIR SARDEIRO GRINALDO

Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Pós-graduado em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Mestrando em Ensino pelo PPGE da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB); Coordenador Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Cotegipe-BA; Realiza pesquisa em Educação Ambiental.

JENILZA RODRIGUES DOS SANTOS

Mestra em Ensino (PPGE/UFOB); Pedagoga; Especialista em Coordenação Pedagógica e Gestão Escolar; Atualmente é Coordenadora Pedagógica efetiva do Ensino Fundamental II e da Educação de Jovens e Adultos na rede municipal de Barreiras-BA.

JOSIANE ALVES FERREIRA

Mestranda em Ensino no PPGE/UFOB; Professora de Arte na Rede Pública Municipal de Ensino de Barreiras-BA.

JUCILEA LOPES DA SILVA AGUIAR

Metra em Ensino pela Programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia (PPGE-UFOB), Linha de pesquisa: Ensino, Memória e Identidade; Professora de Língua Portuguesa da rede estadual da Bahia; Autora/Organizadora da 1ª edição dos *e-books*, “Memórias de Ensino: identificações com o lugar de fala docente” e “Memórias de Ensino: experiências com o lugar de fala docente” (2023).

KEILA NERES CUNHA

Graduada em Letras Inglês pela Faculdade Arnaldo Horácio Ferreira (FAAHF - 2015); Especialista em Revisão Textual e em Língua, Linguística e Literatura pela Faculdade Dynames de Campinas (FADYC - 2022). Atuou na rede pública municipal de Luís Eduardo Magalhães-BA como professora dos anos finais (2015-2022). Atualmente, é professora efetiva da Rede Estadual de Ensino da Bahia, ministrando aulas de Língua Portuguesa no mesmo município.

LETÍCIA PEREIRA DOS SANTOS

Formada em Pedagogia pela UNEB; Pós-graduada em Gestão e Planejamento Educacional pela UNEB; tem 2.ª graduação em Língua Inglesa e Letras pela IESM; e é graduanda de Matemática pela UESB; Graduanda de Neuropedagogia pela faculdade Don Alberto; Professora alfabetizadora há 16 anos; Servidora pública.

LÍGIA DOS SANTOS SOUZA

Graduanda do Curso de Bacharelado em História pela Universidade Federal do Oeste da Bahia e Licencianda em História pela Universidade do Cruzeiro do Sul.

LUANA OLIVEIRA DE CARVALHO

Possui pós-graduação em Gestão e Supervisão Escolar pelo INTA em 2012 e graduação em Pedagogia pela UFPI em 2011; além de Licenciatura Plena em Filosofia pela FACIBA em 2015; atualmente, é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino na (PPGE-UFOB) e professora efetiva desde 2019 na Rede Estadual de Ensino da Bahia, no Colégio Estadual Antônio Geraldo.

LUCILEIDE BARBOSA DANTAS MOREIRA

Graduada em Letras/Português e Licenciada em Gestão Escolar, Orientação e Supervisão do Trabalho Pedagógico; Professora no Colégio Municipal Joaquim Alexandre da Silva Filho (Formosa do Rio Preto-BA).

MAILDE VIANA PEREIRA

Bacharela em História (2024) e atualmente Licencianda em História pela Universidade Federal do Oeste da Bahia; Bolsista do PIBID/UFOB através do Subprojeto de História.

MÁRCIA RASIA FIGUEIREDO

Pedagoga; Especialista em Planejamento e Gestão, e em Psicopedagoga; Mestre em Ciências Humanas e Sociais pela UFOB. É escritora e poeta com três livros publicados e membro da Academia Barreirense de Letras. Atualmente é coordenadora pedagógica do Colégio Municipal Padre Vieira (Barreiras-BA).

MARIA AUGUSTA DA SILVA SERPA

Mestra em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia (PPGE/UFOB) – Linha de pesquisa: Ensino, Memória e Identidade; Especialista em Educação Profissional Integrada na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Bahia; Especialista em Educa-

ção Infantil e Letramento: jogos e brincadeiras; Tecnologia Educacional: Ênfase em Comunicação e Educação e Multimídia; Arte e Educação com ênfase em musicoterapia, pela Faculdade Vale do Gorutuba. Professora dos Anos Iniciais e de Arte (Anos Finais) da Rede Municipal de Ensino de Barreiras-BA; Autora/Organizadora da 1ª edição dos *e-books*, “Memórias de Ensino: identificações com o lugar de fala docente” e “Memórias de Ensino: experiências com o lugar de fala docente” (2023).

MARIA DE FÁTIMA OLIVEIRA

Graduada em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Tem experiência como professora nos anos finais do Ensino Fundamental e gestora escolar.

MARIA EDUARDA PEREIRA DOS SANTOS

Acadêmica do 10º Semestre do Curso de Direito da UNINASSAU – Polo Barreiras-BA. Estagiária do Ministério Público Estadual.

MARILENE XAVIER CERQUEIRA

Especialista em Linguística e Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Professora de Língua Portuguesa da Educação Básica (Ensino Fundamental e Ensino Médio), tem interesse na área de pesquisa Literatura e Ensino de Língua Portuguesa.

MILENA LIMA DE SOUZA

Graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); atua como Professora de Língua Portuguesa e Redação no Colégio Adventista de Barreira-BA. Possui interesse de pesquisa na área da Literatura Brasileira e Infantil, bem como no Ensino de Língua Portuguesa.

ODILON LESTON JÚNIOR

Licenciado em História pela Universidade Federal de Pelotas (2010); Graduado em Pedagogia pela Universidade Cesumar (2020); Mestre em Política Social pela Universidade Católica de Pelotas (2013); Doutor em Educação

pela Universidade Federal de Pelotas (2019) e estágio de Pós-doutoramento em Educação pela Universidade de Brasília (2020); Professor da rede municipal de Barreiras-BA; Pesquisa principalmente sobre os seguintes temas: Brasil, Educação, jornais, livro didático, transferência de renda e América Latina.

RAQUEL DE SOUZA SILVA

Graduanda do Curso de História (Bacharelado) – 8º período, pela Universidade Federal do Oeste da Bahia. Participa do Programa de Educação Tutorial (PET/UFOB).

RAYANE CATTUCE VILASTRO ALVES

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE-UFOB) e Licenciada em História pela Universidade Federal do Oeste da Bahia. Tem como interesses de pesquisa: Ensino de História Local, Currículo e Formação de Professores.

RENATA SILVA SOUSA

Mestranda em Ensino (PPGE/UFOB); Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia e em Letras-Inglês pela Universidade Cruzeiro do Sul; Professora de Língua Inglesa dos Anos Finais (Ensino Fundamental) há 16 anos na rede municipal de Barreiras-BA.

ROSENILTA BARBOSA DE OLIVEIRA

Possui Licenciatura em Pedagogia pela UNEB-BA e graduação em Arte Visual pela UNIJALES-SP; é Especialista em Língua Inglesa, Educação Infantil e Coordenação Pedagógica. Atualmente é Coordenadora Pedagógica no município de Luís Eduardo Magalhães-BA.

ROSIMARIA BARBOSA DE OLIVEIRA MOURA

Mestra em Ensino pelo PPGE/UFOB – Linha de Pesquisa: Ensino, Memória e Identidade; Especialista em Metodologia do Ensino de História (FAVENI) e em História e Cultura Afro-brasileira (FINOM); Licenciada em Pedagogia e em História (UNEB); Professora de História na Educação Básica na rede pública municipal de Ensino de Barreiras-BA; Supervisora

no Subprojeto de História do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UFOB); Pesquisa Ensino de História Local; Currículo e Identidade.

SIMONE NUNES DA ROCHA SANTOS

Mestranda do PPGE-UFOB; Especialista em Língua Brasileira de Sinais, Especialista em AEE, Especialista em Formação de Professores para Letras Libras; Bacharel em Direito; Licenciada em Letras Libras; Licenciada em Pedagogia; Cursando Educação Inclusiva; Professora na rede municipal de Barreiras-BA (Anos Iniciais do Ensino Fundamental); Intérprete de Libras na Universidade Federal do Oeste da Bahia. Pesquisa sobre inclusão e permanência de estudantes surdos no Ensino Superior.

SÓNIA MARIA ESCOBAR DE MATOS FERREIRA

Mestra em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS-UFOB); Professora dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Barreiras-BA; Supervisora no Subprojeto de História do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UFOB); Pesquisadora da área de Formação de Professores de História.

SUZANA SERPA DA SILVA

Graduanda do 5º período de Medicina pela Universidade Federal do Norte do Tocantins. Atualmente, além de integrar o Centro Acadêmico da universidade, atua como representante de turma e participa do projeto “Universidade Aberta à Comunidade”, que visa levar informações sobre o ENEM e Vestibulares a jovens do ensino público de Araguaína e região.

TATIMARA DA GUIA MEDEIROS

Professora da Educação Básica; Pedagogia; Especialista em Gestão Escolar e Especialista em Educação Infantil. Exerceu a função de Gestora Escolar por 11 anos (Escola Municipal Cantídia Galvão e Escola Municipal Professora Terezinha de Lourdes Galvão, ambas em Acari-RN). É atualmente Coordenadora Pedagógica na Secretaria Municipal de Educação de Acari-RN.



[2025]
EDITORA CABANA
Trav. WE 11, N° 41 (Conj. Cidade Nova I)
67130-130 — Ananindeua — PA
Telefone: (91) 99998-2193
contato@editoracabana.com
www.editoracabana.com

